

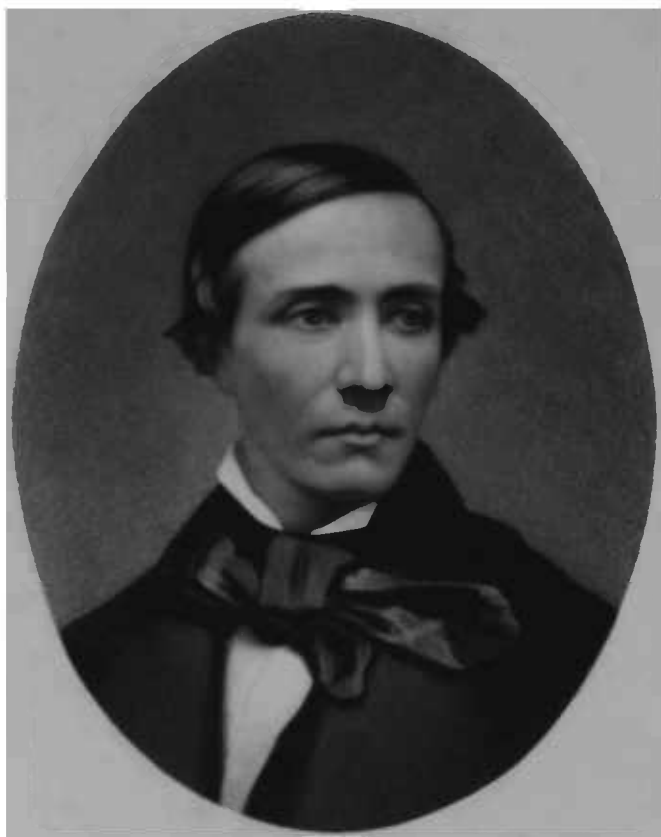


le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Obras Poeticas

DE

J. DE SOUZA-ANDRADE.

Primeiro Volume.

New-York :

MDCCCLXXIV.

Neste volume reuni tudo que em diversas epochas eu havia publicado.

Dei a *Memorabilia* da critica benevola com que foram saudados os *Impressos*, formando os trez primeiros cantos do Guesa-Errante e as Eolias livros distinctos de diferentes numerações pór terem de ser continuados em outros.

Nas *Harpas Selvagens* fiz as alterações que me pareceram necessarias, e eri tornar mais comprehensíveis as *Noites* — trevas do espirito humano na sua gradação sombria, da duvida á descrença, da descrença á impiedade — philosophia do desespero em que delira a mocidade sem bussola no meio da confusão do XIX seculo.

Memorabilia.

. . et vos idées sont empreintes de la plus gracieuse fraîcheur: ces descriptions relatives à votre voyage, que l'on regrette de voir seulement ébauchées, ces expressions où se peint si bien votre âme, ce caractère d'originalité que portent presque toutes vos phrases, me prouvent que vous pouviez très bien écrire. (Carta do professor L. DELESTRÉE; Pariz, 1857.)

Em 1858 foram escritos os trez primeiros cantos do Guesa, impressos dez annos depois. Hoje alevanto as minhas corôas, que sejam ellas a pagina de oiro do meu livro. Nem por vãgloria o faço, mas pelo muito que as eu quero e amo, e pelo que de beneficas me foram, vindas da imprensa popular como vieram.

“A modestia reunida ao verdadeiro talento, é hoje a *avis rara* de Horacio.

Não ha mais violetas litterarias, ou *lates*, não é possivel encontral-as em tão grande numero, que se forme um ramalhete.

Hoje, quem tem o seu talentosinho mais ou menos problematico, proclama-o em altos brados, tral-o desenrolado à *quatre épingles*, arranja uma nieia duzia de caudatarios, e sonha com a posteridade.

É por isso que me causa entranhavel contentamento a descoberta de um moço taentoso, e que occulta nas sombras o seu merito, como que envergonhado de não parecer-se com tanta gente parva ou empalhada de elogios.—

Esta impertinencia de velho anachoreta, sirva de exordio ao pouco que pretendo dizer relativamente a um livro de versos, que acabo de reler.

O livro é firmado por tres iniciaes (J. S. A.), tem por titulo — *Impressos* — e mais nada.

ii.

Delle se fez uma tiragem limitadíssima, que foi distribuída entre amigos, sem que haja no mercado um único exemplar da obra.

Vindo do Maranhão, o berço dos nossos melhores litteratos, de antemão o livro trazia para mim uma grande consagração.

O autor dos *Impressos*, cujo nome eu poderla declinar, se não soubesse respeitar as susceptibilidades de uma verdadeira modestia, é moço, e não precisa ter-se o conhecimento pessoal do homem, para concluir tal depois da leitura de qualquer verso do seu livro.

Algumas poesias lyricas, intimas e muito sentidas; dous cantos de um poema americano, intitulado *Guesa Errante*, eis as materias que formam a collecção.

O *Guesa* é um poema ao gosto do *Childe*, com a differença de apegar-se a uma lenda indiana, o que de alguma fórma limita-lhe a acção.

Quanto ao mais, é a perigrinação de um poeta, que desabafa as suas mágoas em viagem, descreve as paisagens que observa, e assimila o seu estado interior aos quadros mais ou menos melancolicos que o rodeiam.

Bellissimas descripções dos Andes, do Amazonas, do nascer e pôr do sol; sentidissimas queixas arrancadas de uma alma atribulada e sedenta de affectos, tudo isso se vê á farta nos dous cantos do poema indiano. Por essa pequena amostra avalia-se bem da substancia desse trabalho, e fica aguçado o desejo para ler o resto delle.

Sem pertencer á escola satânica, a esse byronismo de convenção, e que já esteve tanto em moda, o autor do *Guesa*, tem o mesmo modo de poetar do *lord* perigrino, e espontaneamente sabe arrancar de sua lyra aquelles sons lacerantes e magoados do cantor de *Parísina*.

Muita finura de observação; delicadissimo manejo do pincel, sempre que pinta as pittorescas ribas do grande rio; sensibilidade exquisita, quando memora a destruição e atraso das tribus aborigenes; sarcasmo pelo mentido oropel da civilisação; e dominando tudo isso, o desalento intimo, o vago aspirar de um coração apaixonado, taes são as characteristics feições do fragmento intitulado — *Guesa Errante*. —

Deprehende-se, dos primeiros harpejos do cantor, e tambem da epigraphé de Ferdinand Denis inscripta no alto do poema, que este se prende a um desses episodios sombrios da indiana theogonia, rico manancial da boa poesia americana.

Entre as poesias soltas do volume, faremos especial menção das que se intitulam—*Flor das ruínas*, *Crescente*, *Morta de amor*, *Flores do ar* e traducção de Byron á *Ignez*.

São todas ellas de extrema simplicidade, frescas e unguidas de suavissimo perfume.

iii.

Não direi que o autor dos *Impressos* seja um poeta já na plena posse de si mesmo, não. Elle tem alguns defeitos, mas desses que não fazem retardar a affirmativa conscienciosa dos que nelle reconhecem um talento muito rico e promettedor.

Se eu não desconfiasse dos meus conselhos em materia de poesia, pediria ao poeta que se aproximasse mais das formas sobrias de Lamartine do que das exuberancias indomitas de V. Hugo. Dir-lhe-hia mais, que o *enjambement*, ou transbordamento de um verso em outro, é recurso que não deve ser posto em pratica com muita frequencia, não só porque torna mais difficullosa a leitura do verso, como porque fal-o perder em harmonia.

Poucas são as quadras do poema, nas quaes o pensamento finalise com o ultimo verso: indica isso muita promptidão na enunciação do pensamento, e que o poeta não quiz demorar um pouco o impeto da inspiração, por isso que com pequenos retoques as estancias ficariam escoimadas desses transbordamentos.

Em conclusão, o Sr. J. S. A. é um talento real, cheio de futuro e de modestia, e o seu livro é uma delicada joia, de cujo primor poderá o leitor avaliar por esses trechos destacados que cito e com quaes fecho esta rapida noticia:” Algumas estancias do II canto do Guesa Errante e da poesia *Donde vens?* (DIARIO DO POVO. Rio de Janeiro, 1869.)

“Honra-se a litteratura brasileira com mais um cultor talentoso e distincto. E’ filho do Maranhão, a terra que nos deu Gonsalves Dias, J. Lisboa e Sotero, a terra que conta hoje uma mocidade cheia de talento, illustração e actividade, á cuja frente se acham Joaquim Serra, Gentil Homem de Almeida Braga, Tavares Belfort e tantos outros.

O novo poeta, levado por uma modestia rara neste tempo, não publicou o nome na frente do livro com que brindou as letras; consentiu apenas em pôr as iniciaes. Mas se não temos o nome, temos o livro, cujo rosto, por completar a modestia do auctor, traz o simplissimo titulo de *Impressos*.

Lemos o livro todo, desde o episodio do *Guesa Errante* até ás ultimas estrophes vertidas de lord Byron. De principio a fim respira a alma de um verdadeiro poeta.

Tem o auctor dos *Impressos* boa e alentada inspiração, apurado sentimento poetico, colorido e originalidade de imagens. Não são dotes estes que andem a rodo. Falta-lhe apenas aquillo que se não adquire logo, falta-lhe o dominio da fórma. A fórma é tão necessaria á poesia como a idéa; pelos bellos pedaços que nos dá o auctor dos *Impressos*, vê-se

que lhe sobram os meios de aperfeiçoar os seus versos inspirados e sentidos.

Para mencionar as poesias que nos parecem superiores no livro, teríamos de fazer uma longa lista; limitamo-nos a mencionar *Flor das ruínas* e *Morta de amor*, dous mimos litterarios.

Não é preciso ser grande propheta para dizer que o auctor dos *Impressos* tem um bello futuro: deve trabalhar para elle; é dever de quem recebeu do céu tão legitimo talento.

Ha de ser difficil a um homem verdadeiramente modesto entrar affouto nesta carreira das lettras, tão espinhosa e tão mal compensada; mas o Sr. J. S. A. não deve esquivar-se, ainda que isto lhe custe. Não lhe importe a indifferença de uns; menos ainda, a inveja de outros. Sirvam-lhe ambas de estimulo para o trabalho. A indifferença não mata; a inveja é homenagem prestada ao merito. Quando a admiração bate palmas, a inveja faz uma careta: a careta da inveja é um applauso involuntario. Não se rejeita o obolo de ninguém." (SEMANA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro.)

"Os versos de S. A. traduzem taes como se apresentam os sentimentos que lhe agitam a alma; o poeta deixa correr livre a imaginação, independente das regras e convenções artisticas; é a natureza e não a arte o que dá vida ás suas composições. E d'ahi certo tom de originalidade que se nota nas suas poesias." (PAIZ. Maranhão.)

"O *Diario do Povo*, em um dos seus ultimos numeros, deu noticia do apparecimento dos primeiros cantos de um poema americano intitulado — *Guesa Errante*.

Recebemos hoje o terceiro canto do poema, impresso em um pouco volumoso folheto, e folgamos de confirmar o mesmo juizo, proferido por todos aquelles que leram os dous primeiros.

O autor d'essas lindas strophes é poeta de muita imaginação, e sabe impressionar o leitor tanto na vibração das cordas do sentimento, como fazendo a descripção de lindissimas paisagens.

O poema *Guesa Errante* só poderá ser definitivamente julgado, quando seu autor tiver escripto a ultima palavra; por agora somente se pode dizer que são dignos de subido apreço os fragmentos entregues á luz da publicidade." (REFORMA. Rio de Janeiro.)

“Este canto recommenda-se pela belleza de alguns quadros descriptivos, pela verdade do colorido nas pinturas, e por um tom exquisito de profunda melancolia intima em recordações e episodios apenas esboçados, mas que deixam á imaginação do leitor espaço e occasião para as mais gratas meditações.” (LIBERAL. Maranhão.)

Na ausencia da patria, outros periodicos ainda, que não menos balsamos derramaram em minha alma, faltam-me para completar esta pagina. Que outros sintam ou digam o contrario, muito embora; nós, os da solidão e do deserto, com immodestia chistã nós abençoamos taes nardos que de outros corações vêm aos nossos — e os rehalentam.

JOAQUIM DE SOUZA-ANDRADE,

New York, 1872.

GUESA ERRANTE.

“La victime était un enfant enlevé de force à la maison paternelle, dans un village du pays connu aujourd'hui sous le nom de SAN JUAN DE LOS LLANOS. C'était le GUESA, ou l'errant, c'est-à-dire la créature sans asile ; et cependant on l'élevait avec un grand soin dans le temple du soleil jusqu'à ce qu'il eût atteint l'âge de quinze ans. Cette période de quinze années forme l'indiction dite des Muyscas.

Alors le GUESA était promené processionnellement par le SUNA, nom donné à la route que Bochica avait suivie à l'époque où il vivait parmi les hommes, et arrivait ainsi à la colonne qui servait à mesurer les ombres équinoxiales. Les XÈQUES, ou prêtres, masqués à la manière des Égyptiens, figuraient le soleil, la lune, les symboles du bien et du mal, les grands reptiles, les eaux et les montagnes.

Arrivée à l'extrémité du SUNA, la victime était liée à une petite colonne, et tuée à coups de flèches. LES XÈQUES recueillaient son sang dans des vases sacrés et lui arrachaient le cœur pour l'offrir au soleil.”

(L'Univers, *Colombie.*)

CANTO PRIMEIRO.

Eia, imaginação divina!

Os Andes

Vulcanicos elevam cumes calvos,
Circundados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens fluctuando — que espectac'los grandes!

Lá, onde o ponto do condor negreja,
Scintillando no espaço como brilhos
D'olhos, e cae a prumo sobre os filhos
Do lhama descuidado; onde lampeja

Da tempestade o raio; onde deserto,
O azul sertão formoso e deslumbrante,
Arde do sol o incendio, delirante
Coração vivo em céu profundo aberto!

“Nos aureos tempos, nos jardins da America
Infante adoração dobrando a crença
Ante o bello signal, nuvem iberica
Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.

“Candidos Incas! Quando já campeiam
Os heroes vencedores do innocente
Indio nú; quando os templos s'incendeiam,
Já sem virgens, sem oiro reluzente,

“Sem as sombras dos reis filhos de Manco,
Viu-se. (que tinham feito? e pouco havia
A fazer-se.) n'um leito puro e branco
A corrupção, que os braços estendia!

“E da existencia meiga, afortunada,
O roseo fio nesse albor ameno
Foi destruido. Como ensanguentada
A terra fez sorrir ao céu sereno!

“Foi tal a maldição dos que caídos
Morderam dessa mãe querida o seio,
A contrahir-se aos beijos, denegridos,
O desespero se imprimil-os veiu,

“Que resentiu-se, verdejante e válido,
O floripondio em flôr; e quando o vento
Mugindo estorce-o doloroso, pallido,
Gemidos se ouvem no amplo firmamento!

“E o Sol que resplandece na montanha
As noivas não encontra, não se abraçam
No puro amor; e os fanfarrões d'Hespanha,
Em sangue edeneo os pés lavando, passam.

“Caiu a noite da nação formosa;
Cervaes romperam por nevado armento,
Quando com a ave a côrte deliciosa
Festejava o purpureo nascimento.”

Assim volvia a olhar o Guesa Errante
As meneiadas cimas como altares
Do genio patrio, que a ficar distante
Se eleva a alma beijando-o além dos ares.

E enfraquecido o coração, perdôa
Pungentes males que lhe estão dos seus —
Talvez feridas settas abençoã
Na hora saudosa, murmurando adeus.

* * *

Porém, não s'interrompa esta paisagem
Do sol no espaço! mysteriosa calma
No horizonte; na luz, bella miragem
Errando, sonhos de doirada palma!

Vôa, imaginação divina! Sobre
As ondas do Pacifico azulado
O phantasma da Serra projectado
Aspero cinto de nevoeiros cobre:

Donde as torrentes espumando saltam
E o lago anila seus lengôes d'espelho,
E as columnas dos picos d'um vermelho
Clarão ao longe as solidões esmaltam.

A fórma os Andes tomam solitaria
Da eternidade em roto vendaval
E compellindo os mares procellaria,
Condensa, altiva, indomita, infernal!

(Ao que do oceano sobe, avista a curva
Perdendo-se lá do ether no infinito,
Treme-lhe o coração; a mente turva
S'inclina e beija a terra — Deus bemdito!)

Ou a da noite austral, co'a flor do prado
Communicando o astro; ou a do bronco
E convulsivo se annellar d'um tronco
De constrictor, o páramo abrasado!

* * *

E o deus no espaço, em fulgorosas vagas
Repercutida a luz no céu profundo,
Dos Andes a descer fugia as plagas
Da morte o filho. O encontrareis no mundo:

Ora sorrindo o riso dos amores,
Que ao peregrino encantam corações;
Ora chorando as tão saudosas dores,
No tum'lo debruçado das nações.

* * *

Elle entrega-se á grande natureza;
Ama as tribus; rodeiam-no os selvagens;
Tremulo o Amazonas corre; as margens
Ruem; os echos a distancia os pésa.

Ama, accesa a planicie, em lentejoilas
Luzindo as florezinhas verticaes;
Dorme á sombra de mysticas papoilas,
Úivo o vento volvendo os florestaes.

Escuta hymnos d'além; vôa á corrente
Dos pongos, que retumbam no deserto;
Do calix pende ao rir d'enlevo aberto
Da flor, que se desata enrubecente —

.

“Flor solar! Susurrantes ao meio dia
As abelhas na selva, na espessura
Reina o viver — Oh! bella creatura!
A luz dos olhos teus é tão sombria! . . .

“Se comprimem-se os membros palpitantes,
A passal-os em si, ou são delirios
Dos encantos, ou candidos martyrios
Dos desejos instando co’os instantes,

“Não sei. Mas, tinto de coral o rosto,
Em doce encarnação, qual se se abrissem
No coração jardins e que florissem
Do matiz vivo, puro e não composto,

“Desce o vago dos céus, desce no enlevo
Crepuscular e á doce transparencia
Das rosas namoradas da innocencia .
— Ser e não ser.” — Adeuses eu descrevo:

Adeuses, co’a gentil philosophia,
Com toda a metaphysica inspirada
De Platão o divino, que em poesia
Possa caber nesta soidão sagrada.

Descrevo a embriaguez d’elyseos sonhos
E as tão formosas coisas, de tal sorte
Das mãos dos céus seraphicos risonhos,
Caindo meigas entre a origem e a morte.

* * *

Nossa alma eterna pelas rayas erra
Dos desterros da vida se extinguindo;
Depois, como o estou vendo estar luzindo,
Vem ver-se o sol; depois, ao diabo, á terra.

Oh! de amor quantas c’rôas delirantes!
Flor chammeja das mattas o docel,
Doiram-se frutos, fendem-se, brilhantes
Gottas vertendo d’ambrosiado mel!

Concertam passarinhos na ramagem
Co’os rumores, que ouviram no paraíso
Os primeiros amantes — mansa aragem,
Ondas frescas, a sombra, o amor, o riso,

Saudosa séssta, no iris da corrente
Visagens, a que perde-se e desalma
Bella fórma compondo a adolescente,
Sons na ribeira, no deserto a calma,

Quando se acorda á voz da natureza,
Do beija-flor nas azas, que a solteira
Co'o mavioso langor desta palmeira
Derrama em torno á magica belleza!

Os assombrados olhos lhe branqueiam
Como o voar da borboleta, errantes
Entre cilios umbrosos, que os diamantes
Em al centelha ignivoma incendeiam;

E param, meigos da fatal meiguice
De Vesper em seu centro de vapores.
Ella entrega-se e exhala como as flores,
E, de a colherem na soidão, bem diz-se.

Ella é como a baunilha, seus cabellos
Trescalam luze-negros aromosos,
Rosam-lhe os risos flor, e os braços bellos
Penetram em laçando-se viçosos!

Aqui não são as nuvens, que desmaiam
Nas auroras de amor vãs outomnaes;
Aqui dardeando os raios, onde cáiam
Levam a morte ou gosos perennaes:

Que olhos tão puros não, nunca entornaram
Do fogo interno tantas claridades,
Iris de tanta luz, que se geraram
No amor do sol co'as bellas tempestades:

Móveis noites d'estrellas que fagulham
Toda existencia, o reino dos sentidos
Passando ao coração, e nos ouvidos
O fracasso dos pongos que marulham!

*

*

*

Seguide-a: luta brava, mimos — hoje
Se ella vôa veloz e peregrina,
Corça esbelta espantada na campina,
Persegui — que amanha já menos foge:

Volta o ágil pescoço, n'um pé lindo
Balanceia confusa, e sorridente
Ireis vel-a; mas, quando obediente,
Aconselho-vos, dai tudo por findo.

Ou morrereis! que são divinas faces
Onde alvorecem as mais puras rosas:
Não ha na varzea acacias tão cheirosas,
Nem frechas tão brilhantes, tão fugaces!

Oh! precisa-se ver como, rendida
Ao grande amor, a Brasileira esquiva
Tem extremos! e como enternecida
Estende a pomba o collo compassiva!

Bella como este sol dos grandes climas
Do seu paiz, ella é fiel e nobre:
Mas irradia e luz — coriscos sobre
Nossa ilha verde de florentes cimas,

Se mal suspeita uma rival! em zelos
As vaporosas roupas desampara,
E com lividas faces olha e encara
O tyranno! se embrulham seus cabellos,

Abandona-se á dor. Accesa quanto
Inflamavel, simelha de vingança
Furiazinha ferida, na esperança
Do coração, na fonte do seu pranto.

Irada sem ser féra, como a bella
Garça offensiva pelas azas, rudas
Na doce alvura, as horas suas mudas
Começam de ir. Então não ha mais vel-a:

Porque nas sombras pela noite, occulta
Como o foi para amor, ella sozinha

Comprime a fronte d'anjo, se amesquinha
E na rede embalada se sepulta:

Que bem se julga envilecer chorando
Ante o que a roubou de uma existencia
De paz, lançando-a na fatal demencia
Em que ella está, perdida. Então cantando

A vereis, se passardes sem ser visto,
Beijando o filho caro; e no seu canto,
Nessas notas finaes, longas do pranto,
Se ella se queixa, apenas diz: existo.

* * *

E ella tem razão. Mas, vingativa
Nos serpentinos impetos, ainda
E nunca se deshonra. A noiva finda,
Começa a viuvez meditativa.

A viuvez do amor desesperado
Da que cedeu, que fez dos braços leito
De sonhos, e que vê sobre seu peito
Altar de um deus por *outra* derribado:

Da que solta correu, virgem, menina
Do páramo e do val, como o perfume
Sobre os raios do sol, na adamantina
Fonte mirou-se. e como se resume!

A viuvez da que desperta e cerra
Os olhos de vergonha — na fraqueza
Em que os seios s'inflamam da belleza,
E o desencanto que encontrou na terra.

* * *

Tal bonina quereis, pura, cheirosa?
Solemnes calmas — quando se desmaia
O areial vasto de deserta praia,
Vede-a banhar-se, esplendida, donosa,

Nas ondas d'ouro e luz Uyara bella!
 Rosea a tarde — da porta no batente,
 O dia pelos montes decrescente
 Trazendo mil saudades á donzella!

Quem a não ama! se ella é tão suave
 Na indolencia dessa hora! a luz que emana
 Dos céus nella reflecte, o trino da ave
 E o brando olor da terra americana.

E no silencio esváem-se-lhe enfermos
 Lentos olhares seus, meiga violeta
 Inspirações da vária borboleta
 Do bosque a anoitecer nos fundos ermos.

Ou inda, ainda mais bella, se enlanguece
 Rindo-se ás nuvens-sonhos lhe adejando
 Do cachimbo doirado, e se embalando
 Em lascivos quebrantos adormece!

* * *

Realça mais o quadro a sombra escura ;
 Aproximai-vos pois, que nos ardores
 Da sêsta é doce a inclinação das flores
 Do aroma ao peso e á somnolenta alvura.

N'um abandono voluptuoso dorme
 A bella natural do clima ardente,
 Uma alva perna a lhe pender luzente
 Da varanda de plumas multiforme:

Tonteia a fronte, em raptos remontam
 Pensamentos aos céus. olhai, que seio
 Almo e tão branco entumecendo ao meio
 D'um corpo a viçar lírios, que despontam

Ao fogo eterno! larvas d'outros mundos,
 De que neste vos dão tremenda idéa
 Os danteos tratos com que amor se ateia
 Na alma, vedando os pomos rubicundos!

* * *

Se fruta preferis de travo agreste,
 Ou peixe-electrico a lampear nas aguas,
 Ou d'ave, andando ao sol que a punge e veste,
 Altivo collo e longe ouvidas mágoas:

Dos festins funebres, ritual piedoso
 A sombra circular dos arvoredos,
 Fogosa Indiana, manitô saudoso,
 Suspira e escuta ao zephyro os segredos;

A florea margem renovando as tranças,
 Luzindo o olhar de lago puro e morno,
 Das cruas provas, em ruidosas dansas
 A *apresentada*, roda a amor em torno;

A flor colhei dos troncos, tão selvagem,
 Tão vagabunda, que nos galhos mora,
 Que assalta as brenhas, que anda em ciganagem,
 E co'o ramo espriguiça-se na aurora;

Vogai nas balsas co'a Purí boyante;
 Co'a Miranha no monte ide fugindo
 Do anthropophago Umáua se partindo
 Espectro.—

*

*

*

Meia noite! O Guesa Errante,

Na selva os berros do jaguar fragueiros,
 Nas plumbeas praias da deserta Ronda
 Colhendo o lança os ledos marinheiros,
 Do seu banho nocturno agora da onda

Se separava. Assobiando os ventos
 Nas encostas sonoras, lhé enxugavam
 Os seus negros cabellos, que agitavam
 Como ondulam sombrios movimentos

Sobre o Solimões pallido. Elle escuta:
 Auras surdas; diaphanas alfombras

No espaço; o resomnar da pedra bruta;
E entristeceu.

Contemplação nas sombras:

“Não foste ainda o Lethes. . . Aqui, donde
Veloz gavião-real, prendendo a cobra
Que esfusia e debate-se, desdobra
No ar as azas serenas e responde

“Com grita ovante ao s’escorjar violento
Do reptil, sobre o espaço ora o soltando
Em convulsão brilhante, ora sedento
E livido o seguindo e o retomando;

“A dor sua abraçado, no martyrio
Do que dobra ao bater do pensamento
E não presente vir-lhe o esquecimento
Nem dos céus, nem da morte ou do delirio,

“O homem descança. Uma ave se desata
E desdenha o rochedo; elle ali, preso
Pelas cadeias do seu proprio peso,
Une-se á terra. . . condição ingrata!

“Oh ironia! o fazem miseravel
E abrem-lhe os olhos! para que? —

Estrellas,

Scintillai! scintillai! — Passando as vélas
Vermelhas pela sombra permeavel,

“O pescador, ficando mudo, as toma
Pelo vulto phantastico descendo
Da mãe do rio, flúida estendendo
As fôrmas na onda móvel. Puro aroma

“Exhalam os seios naturaes! se cria
Um filho nelles. A maior aurora
Que precedeu ao sol, foi nesta hora
Que se encarnou nos braços de Maria!

“Descei, raios da noite! O dia é claro,
E pode mesmo ser talvez mais bello;
Porém a noite etherea traz o sello
Do coração ao sentimento caro.

“Quanta angusta mudez! Oh! é verdade,
Não é uma illusão, que está-se ouvindo,
Penoso deus, ao tempo dividindo
Lento o horario fatal da eternidade!

“Apagam-se no mundo agora as luzes,
Rompem-se as masc’ras e das vãs paixões
Os crimes se erguem co’as exalações
Do impuro estagno. Como tu seduzes,

“Deshonra! que os abysmos dos teus olhos
Da alma innocente as esperanças bebem!
Mudam as scenas dos jasmims a abrolhos,
E os amores resistem, porém cedem:

“*Doce degradação* do Bardo eterno —
Qual andorinha alegre que esvoaça
Por sobre o Paulo-Affonso, e passa e passa
Mirando-se gentil á flor do inferno:

“A onda estúa, o turbilhão resôa
Pelo abysmo, o nevoeiro são bandeiras
De iris d’ouro brilhante, feiticeiras
Bellas azas de Lucifer; revôa,

“E passa, passa, e vòa já mais rasa;
Nessa fascinação da quédá e as vozes
Já sente o palpitar d’aguas atrozés
A sorrir-lhe, a beijar-lhe as pontas da aza —

“Ai adeus! e somiu-se. N’um tormento
Vai das ondas levada. Mais uma hora,
Lá no fim da corrente eis que a devora,
Só, o abutre da dor. — Neste momento

“Os meus prazeres são co’a natureza,
É nas plagas inhospitas, co’a vaga

Que são as minhas festas, na tristeza
São as brisas da noite quem me afaga:

“Porque o destino e a dor do pensamento
Encontram sempre aqui alguma infinda
Consolação . . . mais dolorosa ainda —
Nossa alma é dupla sobre o isolamento!

“Os gosos seus aqui são solitarios
Como o passado; mas então as rosas
Não se esfolham, tão murchas, tão penosas,
Da face púdica; os vestaes sacrarios

“Não penetram-se; o somno socegado,
Como um sonho do mal, não se perturba
Sitibundo de amor e embriagado
Na rosea taça, que se eleva á turba.

“Mas, quanta dor no amor! e que afflictivos
Dos outros corações não se alevantam
Prantos d’em torno ao meu! que o desencantam
Da luz, o apartam do bailar dos vivos.

“E fujo em vão: cá dentro, dentro escuto
Solugar fundo . . . e não desagradeço;
Vê-se, como tão rapido anoiteço,
Como de sombra e solidão me enluto.

“Entretanto horas ha, como as que expiram
Neste instante através da minha vida,
Em que sinto correr grata e querida
Lagryma, orvalho do passado.

Giram,

“Talvez, sentem-se os circulos divinos
De azas no ar ineffaveis — Santo Espirito!
Sobre o raio diaphano e sopito
Descei da noite de formosos hymnos! .

“Do mundo despedi-me, está despido
O manto social que me trajava:

Eu direi a razão porque hei partido
Para longe de quanto eu mais amava.

“Esta alma acostumando-se ás estrellas,
Ás soidões aniladas, a exilar-se
Nas montanhas umbrosas, a embalar-se
Como as aves do céu nas vascas bellas

“Do oceano a torcer os puros musculos
De seus hombros profundos, — que se riam
Os fátuos meteóros que desfiam
Á face de noctambulos crepusculos,

“Rompem-se as relações e (não odeio
Que não possam ouvir-me) discordante
Só não fica esta voz de eterna amante,
Que dá soffrer e amar co’o mesmo enleio.

“Anda-se como eu ando, sem conforto,
Vendo a verdade nas divinas dores,
E nestes astros, neste abril de flores,
Sómente espinhos — como no Mar-Morto

“Cingiam a onda e a desmaiada fronte,
Corôa unica . . . Eu que sou? quem era?
Ramo estalado ao sol da primavera,
Olhando os cumes do teu sacro monte,

“Filha eterna dos céus! Oh! ninguém queira
Saber o quanto pode ter passado
Um mudo coração que chega ao estado
Solitario, em que estou nesta ribeira!

“Eu não conheço as affeições queridas
Da familia e do lar: as minhas mágoas,
Como os sons destes rios, destas fraguas
Neste silencio morrem, vão perdidas,

“Sem a tão doce inclinação que leva,
Como a veia dos valles, aos ouvidos
O puro mel de labios conhecidos —
A noite eu sou, consumo a minha treva.

“Mas, qual no exílio d'alma o vão suspiro
Parte-se, e as illusões abandonando
Do mundo sae, direito ao seu retiro
O jogador suicida, praguejando

“Contra os deuses e os homens, não me queixo
Da Fortuna e do Amor . . . candida presa
Que um filho d'aguia no doidar despreza
Dos delirios ao sol — em que inda o deixo.

“Porém, vós, que não tendes a serpente
Escamosa a morder-vos enrolada
No coração em sangue, quanto amada
Não será vossa vida de innocente!

“Tambem frui no engano destes sonhos
De alvejantes visões — azas radiosas
Velando em meu abysmo, mariposas
Nortes no errado mar . . . Dias risonhos,

“Que não fazem senão que se resinta
Mais do negrume a sombra ! Ainda eu amo :
Bem vês que ao meu inferno te não chamo ;
Deixa-me só, na lagryma retinta

“Banhar a bella tarde, que se apaga
Dos olhos meus. — Atrás ficava a França,
Como um lume saudoso ; de esperança
Novo lume eu seguia sobre a vaga,

“Onde eu era a tormenta ! Eis o passado.
Quanto ao presente . . . o gelo, a morte existe
Fria entre mim e o mais, e mudo e triste
O céu, qual de minha alma repassado.

“Porém, que importa tudo isso ? — quando
A acção divina desce, e com o que erra
Sêr orgulhoso, vem se unir na terra,
Sempre é infeliz o mixto resultando.

“Corro ao tumulto ; as crenças namoradas
Venho esquecer aqui . . . nunca se esquecem !

Surgem neste horizonte interno aladas
As formosas saudades, apparecem

“Bem como as aves d’Ossian voltejando
Sobre o escudo sonoro do guerreiro
Que seguiam ao valle. O desespero,
A alma livre immortal dilacerando,

“A indifferença cria, irmã da morte,
Cega a esses lizes de que amores falam
Com saudosa magia, em que se exalam
Os seios das paixões da virgem forte

“E a tarde sideral . . cinza deixei-os,
Sem s’inflammar, nem dos ventos serem;
Da saciedade livida a se erguerem
N’um presente isolado, os bellos seios!

“Tremulos eram, eram travesseiros
Magos do sonho, e solidões formosas
Dos bem-queridos crimes feiticeiros
Do coração, que ás chammass enganosas

“Endoidece. Dos céus que então se digam
Os mil romances de virtude, clamam
As voragens por estes seios que amam,
Que eternisam desejos, que se ligam

“Ao sacrificio, e dos anhelos ternos
Se desencantam, no aborrecimento
Deste desgosto e frio tédio, infernos!
Do que nos deram de melhor . . ”

O vento

Murmurou, qual satanica risada
Que estalasse na treva.

“Então, se geram
Subtil remorso e a saudade amada —
Tal por divertimento nos fizeram . . ”

Ora o Guesa, talvez supersticioso
Do deserto, das sombras, dessas vozes

Formidaveis da noite além nas fozes,
Estremeceu e despertou medroso:

Que é n'um lucido somno que as idéas
Se prolongam mais fundas em nossa alma.

“Quem se está rindo ? ! . . . eu devo com mais calma
Pensar . . . não são tão sós mesmo as areias . . .

“E eu verguei ao peso dos meus males —
Céus, quanto soffro ! tenho consumido
Gotta por gotta do meu negro calix
O fel, de que acabei por ser nutrido”

Força da solidão, eterna imagem
Contemplada nos céus, alma em acção,
Oh ! sê divina ! e vós, musas da aragem,
Vibrai as harpas da meditação!

“Eu falava nas coisas em que nunca
Devera de eu falar : é resignado
Que devemos sentir ser-nos quebrado
O coração, como onda amára, adunca.

“Elemento de amor, dor, que devoras
Os que nutres, nos labios de um maldito
O verbo teu será sempre bemdito . .
— Eis o risonho grupo das auroras!

“Não ; foi rara neblina quando move
De seu vapor as alvas fraldas bellas;
Ainda o grito das aves, sentinellas
Das horas do deserto, ao longe se ouve.

“Não esperei de viver tanto ! ha muito
Que está contado o numero sombrio
Dos dias meus. Á beira deste rio
Preso ás minhas ruinas se inda nuto,

“ É porque tenho de pagar favores
De muitas mãos, que foram recebidos
Por um prazo, que julgam-se perdidos
Talvez, e são as sempre-vivas dores.

“ Nunca os agradeçi, como ha costume
D'em cortezia agradecer-se a offerta:
Os reconheço, crêde e tende certa,
Além da gratidão, que é flor do cume,

“ A lettra — juros, capital. — Um dia,
Lembro-me agora, naufrago e perdido,
Porém só, na mudez minha e sombria
Fui á audiencia dos reis ; fui recebido.

“ Meu rosto juvenil tinha a belleza
Da morte prematura, uma lembrança
O silencio dos olhos e a tristeza,
Vago destino ou de algum dia esp'rança.

“ Eram os paes dos povos, fui. Sómente
Nessa divida d'honra, a salvação
Do suicida e dos Afros mui dolentes,
Quizera eu bem sagrada discrição.

“ Minha mãe virtuosa, ó liberdade,
Do coração amor! voltei mais nobre!
Tal reservado offende á magestade,
Os reis não correspondem-se co'o pobre.

• “ O que é de Cesar, pela grande porta;
Na pequena e suspeita, o que é de Christo
Rev'lucionario eterno. — Um véu sobre isto,
Cuja antiga lembrança punge e corta.

“ Bénçãos aos reis, e maldição aos réus,
Qual bem podiam d'oiro ser as rosas.
— Não se apaguem da vida as tão formosas,
Mais rescendentes, os encantos meus,

“ Sempre que nos libertam!

Quanto amarga
Teu fruto, impuro, doce amor! se a amante

Com purpurino rir nos cinge adiante
Dos deuses ; se na adolescencia a carga

“Do coração é leve, — oh! como é leve!
Se as volúvolas horas desaparecem
Na fuga esperançosa e nos parecem
As coisas rindo-se, esperai: em breve

“A sonda tóca ao fundo da existencia:
A lia a tolda ; de encantados mares
As fadas vão-se, e vêm os negros ares;
E vem de scorpio o dardo de violencia —

“Emmudecei! perpetuas de virtude,
Onde o astro caiu da mocidade,
Por sobre a relva, mantos de ataúde,
Rôxas corôas teçam da saudade!

“Foi Chatterton, meu Deus, que encontrou negra
A aurora do viver, na luz doirada!
E então, sabeis o quanto é desgraçada
A dor sem causa! nunca mais se alegra;

“Faz-se o deserto dentro aqui, profundo,
Onde fluctua o coração sem norte;
Em torno, outro deserto, em todo o mundo,
Por onde, como um vivo com sua morte,

“Passa-se ; e como funebre corrente,
De eternidade humilde tributaria
Rolando ao mar a onda solitaria,
Já da velhice o frio se presente,

“E que tudo ha passado, e nada falta,
Ou . . . é o mesmo . . . porque quando gosa
Do repouso o mortal, se elle repousa,
Logo a implacavel voz o sobressalta !

“Mas, ao sem rumo delirar dos passos
Em que, mau grado seu, lá vai descendo,
Afeição-se em fim, ama os espaços,
Como a nuvem de outomno os percorrendo —

“Será pela leviana, quão formosa
Do amor e da discórdia estrella, entrando
No céu, que se alvoroa a harmoniosa
Ordem dos astros, que me está turbando? . . .

“É com tácito horror que á noite mádida
Contempla-se esta morta, pelos póros
A vida transsudando em lindos, louros
Vermes, em que se transfigura esqualida;

“Sublimes Prometheus encadeiados
Dos rochedos no throno, ao largo olhando,
E o pensamento em vôos desvairados
Glorias vãs da existencia reclamando!

“E eu tambem nasci, e emquanto queres,
Meu negro fio tece — ai! desconcerta
Teu manto vivo, que se andraja e esperta
Neste mysterio eterno — *reverteris*.

“Lei dolorosa . . . terra! terra! fôra
Tua esta divindade! mas te vejo
Brinco das mãos de um sol, que em mudo beijo
No teu berço de sombras te devora :

“E a mosca, o sabio, a virgem planta altiva
Servindo nas delicias execradas,
Ó terra! umbroso e unico conviva,
Do banquete infinito! degradadas

• “São tuas criações! quando as consomes,
Nesse teu desespero revolvida
Triste e no proprio seio a faltar fomes,
Dize, não sentes fundo a dor da vida?

“Mas, esqueço; me perco em meus pensares,
E eu não posso parar: a voz me brada
— Não é hi tua pallida poisada! —
De toda parte, de através dos mares,

“De através dos desertos! E que importa
A Ashavero acenar, negro de poeira,



A vereis, se passardes sem ser visto,
Beijando o filho caro —

Guesa Errante, Canto I, pag. 9.

Que suspirando passa e não aporta,
A rama de pacifica oliveira,

“Correr a fonte limpida? Entretanto,
Quero ainda, Senhor, ver sobre a terra
Os sóes que acompanhavam-me na serra.
Que eu já subi, que já *subimos* tanto! —

“E gottejam as lagrymas profundas,
Tambem a noite chora —

Que amanheça!

Perfez-se da diabolica cabeça
A rotação sombria : as sombras mudas

“Movem-se com o embalo fluctuoso
De seus mantos ethereos. Bellas brisas!
Assim se expande de innocencia e goso
O céu nascente de umas faces lisas.”



Ao meu companheiro de melhores dias
V. C. F. DE SABOYA.

CANTO SEGUNDO.

Opalecem os céus — clarões de prata —
Beatífica luz pelo ar mimoso
Dos nimbos d'alva exhala-se, tão grata
Acariciando o coração gostoso!

Oh! doce enlevo e bemaventurança!
Paradiseas manhãs! riso dos céus!
Innocencia do amor e da esperança
Da natureza estremecida em Deus!

Visão celeste! angelica encarnada
Co'a nitente humidez d'hombros de leite,
Onde encontra amor brando, almo deleite,
E da infancia do tempo a hora foi náda!

A claridade augmenta, a onda desliza,
Scintilla co'o mais puro luzimento;
De purpura, de oiro, a c'rôa se matiza
Do tropical formoso firmamento!

Qual um vaso de fina porcelana
Que de através o sol alumiasse,
Qual os relevos de pintura indiana
É o oriente do dia quando nasce.

Uma por uma todas se apagaram
As estrellas, tamanhas e tão vivas,
Como olhos que languidas cativas,
Mal nutridas de amores, abaixaram.

Aclaram-se as encostas viridantes,
A espriguiçar-se a palma soberana;
Remonta a Deus a vida, á origem d'antes,
Amiga e matinal, donde dimana.

Acorda a terra; as flores da alegria
Abrem, fazem do leito de seus ramos
Sua gloria infantil; alcyon em clamor
Passa cantando sobre o cedro ao dia

Lindas lôas boyantes; o selvagem
Cala-se, evôca d'outro tempo um sonho,
E curva a fronte. . . Deus, como é tristonho
Seu vulto sem porvir em pé na margem!

Talvez a amante, a filha haja descido,
Como esse tronco, para sempre o rio —
Elle abana a cabeça co'o sombrio
Riso do iris da noite entristecido.

“Vagas eternas, se escondeis no seio
Alguma coisa que, de mim, procuro
Neste afan mudo, solitario, obscuro,
Embalançai, adormecei, — já creio. .

“Cante o nauta a partida na alvorada,
Retina á amarra o cabrestante oppresso,
Rujam chammas fornalhas abrasadas,
Erga-se e trema o carro do progresso!”

E como o corvo taciturno vôa
Atravessando o rio sobre o vento,
O vapor fumegando, n'um momento
Rente á riba direita alveja a prôa:

Caminha ousado nas vermelhas rodas
 Que espanejam ao longe: aos sons ruidentes
 Saem da brenha ás alterosas bordas,
 Ficam olhando os Indios innocentes.

Além, do rio se encobriu na volta
 O balcão idéal, onde altas fronte
 Duas nações debruçam! não são montes,
 É Tabatinga que ao Imperio escolta:

Presidio imaginario! taes aurora
 Miragens pinta por um céu de amores —
 Já da terra, que afasta-se e descora,
 Ao movimento se encobriu co'as flores.

“Desço a corrente mais profunda e larga
 Que se ha visto rasgar de pranto a face
 Da terra de miserias! outra nasce
 Na dor dos homens, porém negra, amarga:

“Quando, voltando dos festins culpados
 A alma vã, prostituta arrependida,
 Só traços da fortuna que é partida
 São, dos olhos que choram, encontrados;

“Ou quando a que nasceu para ser nossa
 Vemos em braços d'outrem delirando;
 Ou meiga patria, esperançosa e moça,
 Do seu tumulto ás bordas soluçando.”

*

*

*

Gela na Cordilheira; hartas costellas
 Descarnam ribas; á corrente afoita
 Chamaloteiam ondas lédas, bellas,
 Amplas de sombras largas. Sobre a moita,

Nestas noites alvissimas de estio,
 Felizes nos desertos, encostada

A montaria do Indio, abandonada,
Na indolencia cantando desce o rio.

O Eden alli vai naquella errante
Ilhinha verde — portos venturosos
Cantando á tona d'agua, os tão mimosos
Simplices corações, o amado, o amante.

Esta é a região das bellas aves,
Da borboleta azul, dos reluzentes
Tavões d'oiro, e as cantilenas suaves
Das tardes de verão mornas e olentes;

A região formosa dos amores
Da arañaranea flor, por quem doudeia,
Fulge ao sol o rubí dos beija-flores,
E ao luar perfumado a ema vagueia.

* * *

Ao longe as praias de crystal se espaçam,
Vibrando a luz, e os bosques s'emmaranham,
Cabelleiras do vento que se assanham ...
— As feitorias os seus tectos traçam:

São muitos arrayaes, nações diversas,
São filhos do ocio, que ora despertaram
Na ambição vária (as multidões dispersas
Do arrau medroso ás aguas se arrojaram);

Tumultuados volvem as areias,
Esquadrinham, revolvem, amontôam,
Com a sede dos que da terra as veias
De suor não regam, vozes não entôam

Na socegada lavra, esperançosas
Tangendo o boi do arado. O povo infante
O coração ao estupro abre ignorante
Como ás leis dos Christãos as mais formosas.

Mas o egoismo, a indifferença estendem
As éras do gentio; e dos passados

Perdendo a origem cara estes coitados,
Restos de um mundo, os dias tristes rendem.

Quanta degradação ! Razão tiveram
Vendo, os filhos de Roma, todos barbaros
Os que na patria os olhos não ergueram,
Nem marcharam á sombra dos seus labaros.

O estrangeiro passa: que lhe importa
A magnolia murchar, se elle carece
Tão só de algumas flores? . . . Anoitece
N'um somno afflicto a natureza morta!

Julgai do que dois sec'los embrutecem —
El lá estão a dansar (que a mais não podem)
Porque do sol que nasce ainda lhes sobem,
No sangue os raios — amo-os . . . me entristecem . . .

Que mentirosos genios predestinam,
Deus clemente! nos quadros do Amazonas,
Tanta miseria ao filho destas zonas
Onde em psalmos os dias matutinâm!

* * *

Mas, que dansas! não são mais as da guerra,
Sacras dansas dos fortes, rodeiando
A fogueira que estala, e a que inda aterra
Victoria os hymnos triumphaes cantando:

Quando os olhos altivos lhe não choram
Ao prisioneiro, enfurecido aos gritos
Do vencedor que insulta seus avitos
Mânes, que para além das Serras foram.

Crepitante cauim girava ardente
E os guerreiros na gloria deliravam,
Solemne e vasto o circulo cadente
Onde valor os chefes assopravam

No sacro fumo, rebramando o espaço —
Oh, como eram selvagens os seus gritos

Lá no meio da noite dos recitos,
Sombrio a balançar pendente o braço!

* * *

Selvagens — mas tão bellos, que se sente
Um barbaro prazer nessa memoria
Dos grandes tempos, recordando a historia
Dos formosos guerreiros reluzentes:

Em cruentos festins, na vária festa,
Nas lédas caças ao romper da aurora;
E á voz profunda que a ribeira chora
Enlanguecer, dormir saudosa sésta...

A voz das fontes celebrava amores!
As aves em fagueira direcção
Alevantando os vôos, trovadores
Cantavam a partir o coração!

Selvagens, sim; porém tendo uma crença;
De erros ou bôa, acreditando nella:
Hoje, se riem com fatal descrença
E a luz apagam de Tupana-estrella.

* * *

Destino das nações! um povo erguido
Dos virgens seios desta natureza,
Antes de haver coberto da nudeza
O cinto e o coração, foi destruido:

E nem pelos combates tão feridos,
Tão sanguinarias, barbaras usanças;
Por esta religião falsa de esp'ranças
Nos apostolos seus, falsos, mentidos.

Ai! vinde ver a transição dolente
Do passado ao porvir, neste presente!
Vinde ver do Amazonas o thesoiro,
A onda vasta, os grandes valles de oiro!

Immensa solidão vedada ao mundo,
Nas chammas do equador, longe da luz!
Donde fugiu o tabernac'lo immundo,
Mas onde inda não abre o braço a cruz!

“Vejo, oppresso de um mau presentimento,
A lanterna, os quatro olhos á noitinha
Fazendo esgares funebres, sózinha
Da verga a olhar e a se mover co'o vento...

“Olá! que apaguem! temos bellos astros
Que os caminhos alvejam sobre o rio,
É vigilante o practico gentio,
E falam rodas pela luz dos mastros!”

* * *

Abalrôam a noite sonora
Longas vozes ondeando nas soidões;
Resôa a margem, taciturna, umbrosa,
De alvoradas cantadas nos serões.

Amava o Guesa Errante esses cantares
Longinquos a deshoras nas aldeias;
Se aproximava, triste, dos logares
Tão saudosos—

“Saltemos nas areias. —

“Porém, que é isto?! peste! que descoras,
Depravas d'alma o instincto, que os perfumes
Divinizam, alegam sobre os cumes
Das trescalantes flores destas horas!

“E eu vi, longe daqui, a morte o seio
Da familia feliz despedaçando,
Rotos os laços do mais puro enleio,
A virtude, a belleza soluçando.

“O silencio caiu, fez-se a tapéra
 Na Concordia dos cantos e os amores.
 Magalhães, Magalhães, na primavera
 Partiste — e em teus jardins já murcham flores.”

* * *

Na matta de mil annos o crescente,
 Como errante caipóra que divaga
 Pelas sombras dos troncos, docemente
 Seus infantes clarões recolhe e apaga.

Ardem os fogos no areial de milhas
 Ondulando nos ares, espalhados
 Por entre acervos d'ovos e as vasilhas
 Em que aos raios do sol são depurados.

Vão e vêm os caboclos vagabundos,
 Bebados riem-se diante das fogueiras
 Ou balançam-se em lubricas maquêras,
 Nestes odores podres-nauseabundos.

Penetremos aqui nesta barraca —
 Da candeia d'argilla uma luz morta
 Través da nuvem de poeira opaca
 As claridades lobregas aborta.

Ora o Guesa, que sempre se sentia
 Revestido do *signo*, e sem do insano
 Zenon ser filho, então lhe acontecia
 Deixar o manto ethereo e ser humano.

Elle attendeu. Mas, breve, lobrigando
 Das armas e do altar a melhor gente,
 Foi levado da electrica corrente,
 Flor de lotus ante ella relutando:

E lá perdeu-se no pegão-pampeiro,
 Quando os Indios mais vários doidejavam
 E este canto veridico e grosseiro
 Em toada monotona alternavam:

(MUXURANA:)

— Os primeiros fizeram
As escravas de nós;
Nossas filhas roubavam,
Logravam
E vendiam após.

(TECUNA:)

— Carimbavam as faces
Bocetadas em flor,
Altos seios carnudos,
Pontudos,
Onde ha séstas de amor.

(MURA:)

— Por gentil mocetona
Onze tostões em prata,
Ou a saya de chita
Bonita,
El-rei dava *pro-rata*.

(TUPINAMBÁ:)

— Currupiras os cansem
Nos caminhos abertos,
Parinthins orelhudos,
Trombudos,
Feio horror dos desertos!

(Coro dos Índios:)

— Mas os tempos mudaram,
Não se anda mais nú:
Hoje o padre que folga,
Que empolga,
Vem connosco ao *tatú*.

Do agudo ao grave, *mémichió* destôa
 Com frei Neptuno entrando ventania:
 Siu! macaca veloz, Macú-Sophia,
 Medindo-lhe o capuz, de um salto vôa!

E lá vão! e lá vão! pernas e braços
 A *revirar* Macú, que solavancos
 Que o frade leva, aos trancos e barrancos,
 Entre applausos geraes, palmas, fracassos!

Olha o vigario! a face da Tecuna
 Com que mãos carinhosas afagando!
 Guai! como a vestia santa abre-se e enfuna
 Lasciva evolução, se desfraldando!

Uma torceu o pé; junto á candeia
 Sentada está, cantando o seu propheta;
 Outra ao Guesa arrebatada, enlaça, enleia
 Em voltas scintillantes como a setta!

(*Frei NEPTUNO, entrando:*)

— *Introibo*, senhoras,
 Templos meus, minhas flores!
 São-vos olhos quebrados,
 Damnados
 Nesta noite de amores!

(*Padre EXCELSIOR, respondendo:*)

— *Indorum libertate*
Salva, ferva *cauim*
 Que nas veias titilla,
 Scintilla
 No prazer do festim!

(*Coro das Índias:*)

— A grinalda tegamos
 Às cabeças de lua:

Oáca! yaci-tútá!
Tútá-yrá,
 Glorias da carne crua!

(*Velho UMÁUA:*)

— Senhor padre c'roadado,
 Faça roda com todas:
 A catinga já fede!
 De séde
 Suçuaranas 'stão doudas!

(*NEPTUNO:*)

— Quero o fogo assanhado
 Das Indias semvergonhas,
 Que não coram de pejo
 Co'o beijo,
 Nem co'as dansas medonhas!

(*EXCELSIOR:*)

— Amo a baba risonha
 Da formosa loucura,
 Mais que o *sangue* que trava,
 Que lava
 Plumbeo pé de gordura.

(*Coro dos vigarios:*)

— *Macachera! Oucha! Quaqual*
Coraci! que perder
 Nestes tons tão nocturnos!
 Alburnos
 Do olho morto sem ver!

(*A que torceu o pé:*)

— Geme em Venezuela
 Alexandre-Sumé;

Voz dos ermos, andando,
 Ensinando,
 Era um canto de fé.

(*Vate d'EGAS e NEPTUNO, caretas e trocadilhos:*)

— Repartia São Pedro
 Os thesoiros da Sé:
 — *Deo date* quem pode,
 Promode
 Dilatação da Fé.

(*Regatões negociando á margem:*)

— Hade dar o compadre
 Pelo espelho 'aruá
 Trinta libras de gomma
 Na somma . . .
 — Não, *Cariua*, não dá.

(*Desconsolados agiotas e commendadores:*)

— De uns arrotos do demo,
 No *revira* se haver . . .
 — Venha a nós papelorio
 Do emporio,
 E de Congo o saber.

(*Voz dogmatica de fóra:*)

— Luzo-hispano-brazilio
 Antro de Belzebubs!
 Lacio em fim! . . Reis, da raça
 Da graça;
 Réis, dos antros . . da luz!

(*KONIAN-BEBE rugindo:*)

— Missionario barbado,
 Que vens lá da missão,

GUESA ERRANTE.

Tu não vais á taberna,
Que interna
Tens-na em teu coração!

(*Novo coro, enternecendo:*)

— Nos rochedos ululam,
Na sasão dos cajús,
Amazonas: fagueiros
Guerreiros
Vão pintados e nós.

(GUESA:)

— Eu nasci no deserto,
Sob o sol do equador:
As saudades do mundo,
Do mundo . . .

(*Rodando*) Diabos levem a dor!

Das guardas nacionaes os commandantes,
O nobre escravocrata, que é barão,
E os poetas do amor, mimos de amantes,
Alli rendiam preitos á função.

Abria aza o juiz do Sorimáua
As donzelinhas não *apresentadas*:
Como pois, ao signal que deu Tucháua,
A amor fugirem tão amedrontadas!

Dá fóra um promotor republicano
Vil *caçuma* aos mutuns e jacamins,
Que se elevam gritando n'um insano
Desnorteado saltar; mas, nobres fins.

E a multidão apinha-se ao em torno
Amostrando as cabeças nos ubís,
Range abalado o fumarento forno,
A algazarra infernal tóca os zeniths!

(*Coro das Indias:*)

— *Stsioei*, rei de flores,
Lindo Temandaré,
Ruge-ruge estas azas
De brasas —
Cuidarú, cerêré.

(*WAYANORICKENS, fumando:*)

— No cachimbo-conselho,
Como porco a roncar,
Enroscava olho e rabo
O diabo
Em cornudo sonhar.

(*UMÁUA, grave:*)

— Melindrosas *potyras*
Fujam Juruparí!
Tão malino, são estas
As festas
Do autor do *urari*!

(*Alviçareiras no areial:*)

— Aos céus sobem estréllas,
Tupan-Caramurú!
É Lindoya, Moema,
Coema,
É a Paraguassú;

— Sobem céus as estréllas,
Do festim rosicler!
Idalinas, Verbenas
De Athenas,
Corações de mulher;

— Moreninhas, Consuelos,

Olho-azul Marabás,
 Pallidez, Juvenílias,
 Marílias
 Sem Gonzaga Thomaz!

(*Nautas no rio:*)

— Contradições do Eterno:
 Luzes, do pantanal;
 Do lodo, o homem; do guano,
 O britano;
 De Stercucio, o rosal.

(*Velho UMÁUA, profundo:*)

— Foge de Jurupá,
 Caraiababé-tim,
 Que malino faz festas
 Como estas
 E *urari* fez assim!

(*Vate d'EGAS e MURUCUTUTÚ-GUASSÚ:*)

(1º) — Pae Humboldt o bebia
 Com piedoso sorrir;
 (2º, arredondando os olhos) — Mas, se hervada taquara
 Dispara,
 Cai tremendo o tapi . . . i . . . ir! (*Risadas.*)

(*Políticos:*)

(*Fóra*) — Viva, povo, a republica
 De Colombo feliz!
 (*Dentro*) — Cadellinha querida,
 Rendida,
 Sou monarcho-jui . . . i . . . iz. (*Risadas.*)

(*Fóra*) — Prole, subdito, herança
 De senhor Affonsim;

D'el rei religião,
 Servidão
 E o rabicho do Chim.

(*Dentro*) — Referenda o ministro,
 Moderando o poder:
 Toma, assigna a meu rogo,
 Diogo,
Por yo no saber leer.

(*Um delegado em scismas:*)

— Reina a paz em Varsovia;
 Mas, a guerra a chegar,
 Recrutamos arraus,
 Picapaus,
 Quando a luz se apagar.

(*Vate:*)

— São as Negras-Agulhas,
 São, *secundum Matheum*,
 (Tupungatos trez tombos)
 Colombos,
 Tamoyosque *que-meum*.

(NEPTUNO:)

— Os poetas plagiam,
 Desde rei Salomão:
 Se Deus crea — procream,
 Transcream —
 Mafamed e Sultão.

(*Coro dos beatos pasmados:*)

— Setecentas mulheres,
 Mais trezentas, milhar!
 Ao ar livre, nos montes,
 Nas fontes,
 Ou á beira do mar! (*Risadas.*)

(Vate:)

— Hade o mundo curvar-se
 Ante a trina razão:
 Sol fecundo p'r'as palmas,
 P'r'as almas
 Jesu-Christo e Platão.

(Titulares:)

— Roda, *ipy!* tyranna,
 Do governo central
 Como c'rôa ao em torno
 Do corno —
 Apis-deus, carnaval!

(EXCELSIOR:)

— Lêem destinos dos povos?
 — Dom Aguirre os conduz
 Mephistós justigados,
 Tornados
 Dos homens de Jesus!

(Beatos pasmadores:)

— Branca estatua de Byron
 Faz cegueira de luz?
 — Breu e brocha á criada!
 E borrada —
 Ô, ô, ô, Ferraguz! (*Risadas.*)

(Cunhãmucús e Cunnâtans:)

— Lamartine é sagrado?
 — Se não tem maracás,
 Ô, ô, ô! — vibram arcos
 Macacos,
 Tatús-Tupinambás.

(*Guerreiros brancos:*)

— Sobre os montes d'incenso
Dois obuzes estão,
Meio do Eden os gomos
Dos pomos,
Fome d'Eva em Adão

(UMÁVA:)

— Indios corsos, *potyras!*
Fujam Juruparí!
'Xcommungado Victorio,
Infusorio
Do senhor do *urará*.

(*Major JONATHAS:*)

— Ora . . acacias recendam,
Meia noite dormente!
Quiaui! o gallo da serra!
Hu! berra
Sapo-boi na cor . . ren . . ente! (*Susurro.*)

(*Meiga MUNDRUCÚ, convidando á ordem:*)

— Coitadinha Banfua,
Novo cactus de amor,
Chora aos brados da festa
Molesta
Seu noivado de dor.

(*NEPTUNO e EXCELSIOR:*)

— Hieroglyphos-mosaicos
São, do papa-maná;
— Altas lucubrações,
Barracões;
Guaraní, guaraná

(PUTIPHAR-CATÚ:)

— Tem José rota capa,
Tonto cerebro o sol,
No mar brincam estrellas
Tão bellas
Como o peixe no anzol.

(Pagé mundrucú, instruindo:)

— As escravas da lua,
Irmãzinhas do mar,
Callipygias Cytheras . . .
(Bailando) Devéras,
Anda o Olympo a bailar!

(Sombra de rei THEODORO errando pelo tecto:)

— Vede, cinco de oitubro,
Negro mar em furor,
Sobrenada, nesta arca
Da Parca,
Do Abyssinio o amor!

(Voz d'outro principe por baixo da terra:)

— Dos amigos preserva
Teus mimosos tajás;
Ou o amor, fogo-ardido,
Perdido
Co'os amigos terás.

(Admirado grupo de virtuosas à porta — coro:)

— O' maridos, o' virgens,
Que honra tendes n'um triz,
Sois da carne e do osso
Do nosso
Franco rei São Luiz!!

(*Cunhãmucús, respondendo ás virtuosas:*)

— Vibram bifidas linguas,
Caninana, goaimém;
 Fazem coro pistillos
Sybillos,
 As commadres de bem.

(*Doutos pensativos:*)

(1º) — *Marám nhan'* desproposito
 A correr; *tátá-oçú,*
Tacon' morepotára,
Iby-quara .
Berá berab, Macú!

(2º) — *Paraná* defluindo
 Fez a voz *maranhã . . .*
 Raia o sol qual commenda,
 Resplenda
 Sobr'o imperio da ran!

(3º) — *Musa paradisiaca*
 Já no Eden floriu,
 Bananeira-sciencia,
 Sapiencia
 Que o Senhor prohibiu.

(*SPIX e MARTIUS:*)

(*Um*) — Dos seis dias genesicos
 Vem toda esta funcção.

(*Outro*) — Fez-se luz, mar e mundo
 Rotundo;
 Criador, criação.

(*MACÚ:*)

— Se o amor, vice-versa
 Logro do ar, me cançou,

Esse, que inda descança
 Da dança,
 Quanto o tal não gosou! (*Susurro e confusão.*)

(*Doctor PURÚPURÚ, doctor BORÓRÓ:*)

— Mais valera castrato,
 Nem haver candirú:
 — Oh! tremei dessa ondina
 Que ensina
 Ao *toryua-tatú!*

(*Titulares em grande galla:*)

(1º) — De ema o beijo, trombejo;
 (2º, 3º) — No agro, o flagro, o barão;
 Toirarias no globo,
 Do lobo,
 Da onça, o cabro, o cabrão!

(*BANÍUA tristinha:*)

— Lá na foz do Madeira
 Os velhinhos são réus,
 Toda a taba cantando,
 Dansando,
 Alvejando trophéus .

(*Coro das cabeças:*)

— Escanchada nos galhos
 Dorme agora Macú,
 Porque os sonhos de Flora
 Na aurora
 Floresencham-lhe o urú . . . ú . . . ú. (*Risadas.*)

(*UMÁUA a grandes brados:*)

— Sonhos, flores e fructos,
 Chammas do *urucarí!*

Já se fez *cáe-á-ré*,
Jacaré!
Viva Juruparí! (*Escuridão. Silencio.*)

Canicular delirio! paroxysmos
Do amazoneo sarau! pulavam, suavam,
Na cintura phantastica brandiavam
Qual magnetisação ante os abysmos!

E se contorce o satyro e se alteia
Aos tangeres finaes, na india avena
Carpindo a se finar, e dansa e acena
De amor, vampiro em volta da candeia!

Dissolução do inferno em movimento!
Como as fozes, mugindo as aguas bellas,
Volvem-se em laivas negras e amarellas,
Despojos de onça. Foi um só momento!

— Viva Juruparí! — Tem-se apagado
A luz. Caiu a treva. Então se escuta
Na densidão da sombra, em que se occulta,
Fungar, gemer o escandalo espojado.

Porque se a voz a amor está sujeita,
É lei por uso do *tatuturema*
Que, onde poz-se a mão, a presa feita,
Ninguem se fuja ou se conheça ou tema.

Então, então praticam-se do incesto
Os mais leonilios, mais brutaes horrores!
Como repercussão no imperio infesto,
De Gomorrha novissima os amores.—

E estale a corda que feriu taes sons!
— Eu deixo o meu assumpto depravado:
Que desculpem-me o triste recitado
Do que ás bordas se vê do Solimões.

*

*

*

Os derradeiros fogos do occidente
Jorram laminas d'oiro sobre a massa
Da viva treva, liquida, luzente —
O Rio-Negro susurrando passa.

Em luzeiros rebenta a espuma errante
Qual moitas de rubís por sobre as cristas
Negras da vaga tremula, oscillante,
Vistoso kanitar de mil conquistas.

É meigo e doce o olhar, meiga a saudade
Que do throno de sombras vaporosas,
Dos altos montes e as ethereas rosas
Contemplativa nos despede a tarde.

De collina em collina a Cachoeira,
Como serpente de coral ruidosa,
Desce ao valle, onde a tribu já repousa
Livre em seios de mãe hospitaleira.

As filhas de Manára os membros leves
Na onda estão, convulsos, bronzeiados
À luz violacea dos crepusc'los breves,
Ondulando co'os peixes esmaltados:

Lédas lá vão batendo em roda a vaga
E cantando em seus jogos innocentes:
— Dansam á flor da abençoada plaga;
Voltam ás chógas da montanha ausentes.

*

*

*

Oh! como as noites de Manaus são tristes
Às scismas na soidão dos infelizes!
Quando tu, esperança, não existes
Com teu bello horizonte de matizes,

Saudade minha. . . — Estão, densa a ribeira,
Fogueiras longe os Indios accendendo;
Ruge ao lado, dos gremios da palmeira,
A ran selvagem, maracá tremendo

Das mãos d'ignoto piága alli detido
 Ante os destinos seus, da tribu extincta
 Do egoismo ao contacto, co'o gemido
 Que geme o innocente, e a dor lhe pinta.

* * *

Não é a cobra, que descendo estronda,
 Ou da agua o genio, que do Solimões
 Ao Branco se dirija á noite, a onda
 Percorrendo . . . pavor dos corações . .

Falam do rio . . . como voz das chammas
 De uns labios, que beijar a patria areia
 Vém a deshoras . . . candida sereya,
 Quão formosas memorias não reclamas!

Talvez de Ajuricaba a sombra amada
 Que vem, deixando os tumulos do rio,
 Nas endechas da vaga soluçada
 Gemer ao vento dos desertos frio:

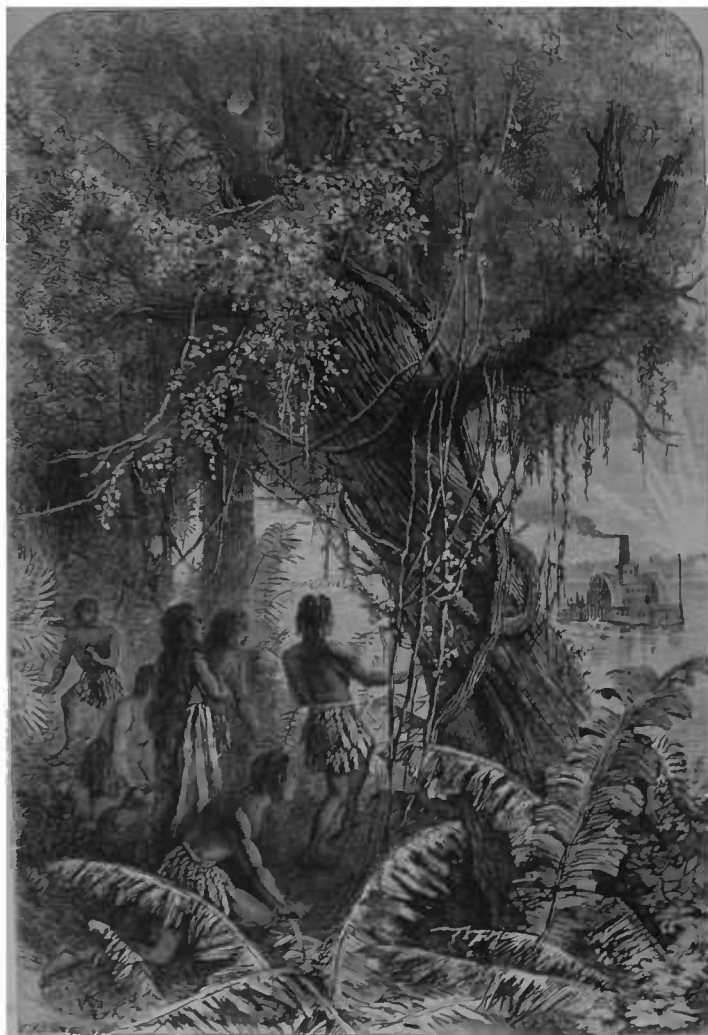
Onça exacta, erma planta do terreiro,
 Que inda acorda a bater os arredores
 Ao repouso da noite do guerreiro,
 Noite donde não mais surgem albores.

Talvez Lobo-d'Almada, o virtuoso
 Cidadão, que esta patria tanto amara,
 A chorar, das reliquias vergonhoso
 Que a ingratição ás trevas dispersara:

Foi a quéda do cedro da floresta
 Que faz nos céus o vácuo para as aves,
 Que não encontram na folhagem mesta
 Dos perfumes os ninhos ineffaveis. —

Ouçamos . . . o fervor de extranha prece,
 Que no silencio a natureza imita
 De nossos corações . . . aquem palpita . . .
 Além suspira . . . e no amor florece . . .

Porque eu venho, do mundo fugitivo,
No deserto escutar a voz da terra:
— Eu sou como este lirio, triste, esquivo,
Como esta brisa que nos ares erra.



Saem da brenha ás alterosas bordas,
Ficam olhando os Indios innocentes.

Guesa Errante, Canto II, pag. 24.

Tributo de gratidão ao presidente do Amazonas
DR. F. J. FURTADO.—1858.

CANTO TERCEIRO.

Tendes alto logar no Estado; a sorte
Invejo, que amanha vos dá seguro:
Mas, não faleis do turbido futuro
Aos que o não têm, que são filhos da morte.

O futuro é só vosso; nós . . . vivemos,
Como as aves do céu, de sol formoso,
De perfumes e de ar, canções e goso,
E a gloria — eis aspirações que temos.

E nem é do ocio, nem de uma fraqueza,
Que vem-nos esta calma indiferença
Aos poderes e á força: uns da descrença,
Outros de illusões falsas foram presa;

Outros, emfim, desse fatal orgulho
De uma pobreza nobre, ou da inconstancia
Com que jácina á flor pede fragrancia,
Beijos a brisa ao mar vivo e marulho.

Dahi as dores-mães, que os céus encaram
Pelo encanto do azul e não por Deus,
Que perguntam se um crime perpetraram —
Mas pezam-se do riso dos atheus.

“Passei a noite a vel-a! alma adorada
De minha mãe, ha tantos annos morta . . . ”
—Se não dormieis, junto á vossa porta
Tereis ringir ouvido á revoada

Da inspiração a penna vária e negra
Estalada alta noite, e visto a chamma . . .
Hebreu sem terra promettida, que ama,
E ao dom dos céus s'enturva e desalegra!

São horas do trabalho . . . e a taes horas
Contemplo os limos verdes como trança
D'Uyara, a encantadora, que embalança
Da selva a sombra, ondeando aguas sonoras.

Corre a estação do ardor — formoso clima!
Genios á sombra, o scentelhar das flores,
Quente o perfume do ar, vagos rumores
Nas calmas, no ermo — vozes no Parima! . . .

Nobre sois. Não lembrastes meus deveres,
E estou lembrando tudo ao coração;
Ao meu posto faltei, pelos lazeres
Do errar virgiliano da soidão.

*

*

*

Sobre a relva odorosa das lagoas
De onda azulada e florescidas bordas,
Que formam, desaguando no deserto,
O rio á pesca das selvagens hordas,
Dormindo o Guesa está. Virentes c'rôas
De palmeiras orlando cada lago,
Em cada leito azul luzente aberto
Brilha o ethereo fulgor de um sonho mago.

Oh! quem o visse alli ao desamparo,
Tão só! tão só! na terra adormecido,
Desarmado, sem medo, morto, ignaro,
Pallido, bello, candido, perdido!

Oh! quem o visse! — A lua, que esvoaça,
O vê; turgido o seio de splendores
Abrindo agucenaes, dos céus o enlaça,
Nelle alumia o sonho dos amores.

“Vejo — brincando ao longe
Por cima das lagoas
— Com a ardientia fúlgida
Dos lumes da onda a arder,
— Co’os raios, loiros, tremulos
Da lua formosissima,
— Co’os vívidos espiritos
Dos ares a correr —

“Dentro do umbroso bosque
Os cervos ruminando,
As flores debruçadas
No lago encantador;
A brisa nas insomnias
Da noite branca e bella,
O vago arfar das ilhas,
Os echos ao redor;

“E do palmar os ramos
Phantasticos no espaço,
E nos espelhos d’agua
A lua a esvoaçar;
Da natureza á calma,
Pelo silencio harmonico,
— Enlevo, amor — brincando
Vejo se aproximar . . .

“Genio risonho e candido,
De mim porque tremeste? . . .
Tens da mulher formosa
O magico poder!
Luz e mudez nos olhos,

Nos óndulos cabellos
Chammas, que verdes vòam
Nos lagos a correr!

“Não falas . . e é tão doce
À noite voz divina!
Tão doce de alva fronte
Fascinador clarão! . . .
Sonhando, eras a imagem
Do sonho meu, ó bella!
Porque te encontro, sinto
Perdido o coração.

“Vem, sobe ás floreas margens . . .
Vou, desço ás fundas aguas,
As grutas dos encantos,
Ao sempre-vivo amor!
Tu, do que a onda flúida
Mais crystallina e movel,
Dá que a teu lado eu possa
N'alma esquecer a dor . . .

“Nas ilhas fluctuantes,
Nas patrias encantadas
Dos sons e dos verdores,
Do roseo nenuphar;
Nas embaladas conchas
Das perolas luzentes,
Comtigo eu passe a vida
Nos lagos ao luar!

“— Do meigo cinto aereo,
Oh nua *Chasta!* aragens,
Antemanhans diaphanas
Rolam-te em fogo aos pés!
— Bella visão das luzes . . .
— Hymno dos horizontes . . .
— Um coração procuro . . .
— Quem és? mulher! quem és? . ”

Noite de alvares! — encantadas aguas
Nuvem dos céus uma hora escureceu;
Foram luares tenebrantes mágoas;
Na relva o moço Guesa estremeceu.

“Vejo — doirado raio
Da lua, além, brincando —
Sinto a paixão tomar-me,
N'alma a loucura a rir. . .
Não és tu, bello astro,
Que dos argenteos cumes
Levas amor saudoso
À flor do valle a abrir;

“Nem tu, onda luzente,
Que saís, pela alta noite
Do leito azul das aguas,
Ao rórido chorar ;
Que ficas esquecida
Na encosta verdejante,
Anjo, por quem suspiram,
Descem estrellas do ar;

“Nem vós, lindos espiritos
Dos zephyros ligeiros,
Aos beijos, aos susurros
Co'os risos da ardentia;
Nem vós, brandos halentos,
Mimos da flor balsamica,
Exhalação suavissima
Dos hombros da harmonia.

“Sitios de tanto enlevo!
De tanta alvura eterna!
Que pavorosa calma
No mármore luar!
Sómente a flor velando,
E os troncos solitarios

Como penadas sombras
Que o lago vão passar!

“E os lagos transparentes,
E os serros levantados —
Que solidão na terra!
Nos céus que solidão!
— As sombras . . . são piratas . . .
Ancoram . . . saltam . . . prendem . . .
Fogem co’a luz tão tímida,
Voando á viração! —

“Andam no fundo da água . . .
Um círculo constante
Espumas d’ouro férvidas
Traçam ao lume além;
Forma-se em flor o centro,
Alli se attrahem vagas,
Dalli revão-se ás margens,
Em languido vaivem:

“Como de mãe formosa,
Dos seios alvos, tumidos
Por doloroso anseio,
Nasce a divina flor

— Como, ao em torno olhando,
Percorre os seus dominios!
— Oh! como volve á lua
Saúdoso olhar de amor!

“No bosque uma ave canta —
Ella estremece, escuta,
Fica tão tristemente
Perdida em vão scismar!
Existe? ai! não existe . . .
Como echo dos silencios,
Como alvejante sonho
No seio azul do ar.

“ — A fronte ergue, illumina-a,
Agno mimoso e candido!

— Pois, nas princezas da onda
Ha tanta timidez?

— Não és tu a senhora
Destes undosos reinos?
Condão de amores, fala
De amor, fala uma vez!

“ Que tens? faltam-te acaso
Os mimos d’outra sombra?
Saudades tens? — nos lagos
Tão só, tão triste ser!
Oh! me endoideces! . . . Dá-me
Tua infantina, limpida
Mão alva — se acaloram
Beijos de amor . . . vais ver . . .

“ Eleva á lua os braços —
Do peito transparente
Ólho através — em chammas
Arder-lhe o coração!
E a lua desprendendo
Meigo sorrir celeste,
Resôam as espheras,
Preludios da canção.

“ E os braços estendidos,
E o leve corpo fléxil
De flóco reluzente
Vergando para traz . . .
— Lirio crystalleo, puro,
— Bello arco d’alliança,
— Lucida resistencia
Que harpa gemente faz!

“ Oh! encantados paços!
Oh! sons das harmonias!

Ar puro, trescalando
Perfume, riso, amor!
Nos ramos suspendidos
O jalde, as grans, as luzes,
Os frutos sasonados
No mel rindo e na cor!

“São de crystal radioso,
De cérulas saphiras,
São de incendida opala
As grutas, de rubís;
Ao fundo, o leito d’oiro,
As nuvens silenciosas,
Os sonhos namorados,
As camas carmezís.

“Das verdevivas moitas
De plantas melindrosas,
Em ondas, mansas, meigas,
Rosea se expande a luz;
E a gruta dos encantos
Se embala, se illumina,
Como á visão fagueira
De aurora que seduz.

“E á claridade rosea
Um grupo de alabastros
Sorrindo, doce virgem,
Esplendido donzel —
Fulgem os seios brancos
D’intenso amor pungidos;
Cobre as purpureas camas
Dos sonhos o docel.

“Dos gosos nos quebrantos
Os braços desenlaçam,
Como trementes cordas
Depois da vibração —
Dormem — são travesseiros

As cômas luminosas
Que d'alva fronte ondulam,
Aureo solar clarão. . ”

* * *

As balseiras na luz resplandeciam —
Oh! que formoso dia de verão!
Dragão dos mares, — na aza lhe rugiam
Vagas, no bojo indomito vulcão!

Sombrio, no convés, o Guesa Errante
De um para outro lado passeiava
Mudo, inquieto, rapido, inconstante,
E em desalinho o manto que o trajava.

A fronte mais que nunca afflicta, branca
E pallida, os cabellos em desordem,
Como o que sonhos alta noite espanca,
“Acordem, olhos meus, dizia, acordem!”

E de través, espavorido olhando
Com olhos chammejantes da loucura,
Propendia p'ra as bordas, se alegrando
Ante a espuma que rindo-se murmura:

Sorrindo, qual se da onda crystallina
Presentira a surgirem loiras filhas;
Fitando olhos no sol, que já se inclina,
E rindo, rindo ao perpassar das ilhas.

— Está elle assombrado? . . Porém, certo
Dentro lhe idéa vária tumultua:
Fala de aparições que ha no deserto,
Sobre as lagôas, ao clarão da lua.

* * *

Imagens do ar, suaves, fluctuantes,
Ou deliradas, do alcantil sonoro,

Cria nossa alma; imagens arrogantes,
Ou como esta, que tem de riso e chôrô:

Uma imagem fatal (para o occidente,
Para os campos formosos d'aureas gemmas,
O sol, cingida a fronte de diademas,
Indio e bello atravessa lentamente):

Estrella de carvão, astro apagado
Prende-se mal seguro, vivo e cego,
Na abobada dos céus, — negro morcego
Estende as azas no ar equilibrado.

E estende, abrindo-as, azas longas densas
(Alvar boquinha, os olhos de negroses,
Lumes de Sátan e os que são traidores,
De Luzbel morte, já sem luz, sem crenças),

Vibra, accelera a vibração de açoite
Da aza torva com que fustiga os ares;
Como palpitação vasta da noite,
Oscilla a esphera, vanzeiando os mares.

“A alvar boquinha, os olhos tão risonhos —
Taes vi sanguineo sol, undosas flores,
E uns piedosos amigos, mais uns sonhos
Onde era o inferno circulo de amores.

“E esses amigos meus, irmãos . . . vieram,
Seduziram-me, ás terras me levaram
Longes, da casa em que meus paes viveram,
E entre risos e festas me entregaram

“Ao baldão das miserias, á orphandade,
E á tristeza que vem cavando as faces,
Corroendo a existencia, na saudade
Funda do exilio — abutres meus vorazes!

“E já longe, eu ouvia ainda as risadas
Dos meus irmãos amigos piedosos;

E eu chorando auroras namoradas,
Que assim roubaram dos meus céus formosos.

“Quando á fome de crenças e virtudes
Tornar-se esteril o paiz maldito
Que seus prophetas mata, irmãos tão rudes
Ainda algum dia abraçarei no Egypto. . .

“Se em todo tempo, creio mesmo que antes
Da pomba mysteriosa, já tiveram
As azas culto (aos céus foram-se amantes
Que da terra no lodo as não perderam);

“Se á grande luz do dia tanto engenho
Trevas e trevas faz, ó lua maga!
Se o coração a ti votado tenho,
Hi tens noite, soidão, silencio, vaga

“Ao branco luar. . . são tão brancos lirios,
A cujo influxo candido conduzes
A alva filha das ondas e das luzes
Ao encanto, aos amores, aos delirios! . . .”

E roga a negridão nossas cabeças,
Roja encosta minaz, soberba montes
Onde passa o relampago, como essas
Idéas-Pallas por divinas fronteas.

E da sombra nos visos palpitantes
Cruzam-se fogos, fitas convulsivas,
Vergonteas longas, linguas sibilantes
Das de Milton serpentes doidas, vivas

Tranças, que ondeiam lumes fulgorosos
Ante a imaginação — amor. . . loucura. . .
— Pára e golfa o vapor bulções irosos
No meio do Amazonas. Noite escura.

Sem luz, no ar um funebre sudario;
Outro nas aguas, negros luzimentos;
E o qual vulto espectral, fero e nefario,
De um patibulo erguido aos elementos.

Ouve-se . . . que? — resfolego anciado
Das phalanges ethereas que desfilam. . .
Ó Martius, vem orar ao Ser sagrado,
Que a nau afundam raios que fuzilam!

Occulto o sol, simelha a Providencia
Sobre a revolução da natureza,
As massas populares na demencia
Das trevas, e uma luz na mente accesa!

À nave troncos dão d'encontro, giram
Nos vortices das aguas; fluctuantes
Andam moitas, soltando lacerantes
Pios o ninho, que ondas engoliram.

O céu descia á terra, tenebroso
Em seu amor de céu por esta estrella —
Profunda convulsão! logo a procella
Troou no espaço, estámpido horroroso!

— Misericordia! — timidas mulheres
Gritam; Indios estendem-se de bruços;
Abre-se o rio ao largo, os vagos seres
Enchem-n'ó, os echos lobregos, convulsos.

“Ha! ha! treva de sete de setembro,
Sol do Ypiranga crís no Solimões!
E o bello estoiro, rabbi! que inda alembro!
Fiat vosso, ó caros maranhões!”

Viste-o? Cham do escarnir! Pendido á prôa
Elle está meio louco, desde a noite
Que adormeceu á beira da lagôa:
Do triste estado seu, ai dóe-te! dóe-te!

Foi o sonhado amor; volta-se ao mundo,
Nos labios o sarcasmo, o olhar aberto,
Que para dentro vê . . . clarão jocundo
De irradiações no intimo deserto.

— Elle já se assentou, tranquillo olhando;
Porque, depois do procellar de fóra,
Desanuvia-se a alma e se melhora
Vendo as trevas se desencadeiando. —

Nas margens alevantam grandes brados
Infelizes, mugidos na caverna,
Da floresta os phantasmas varejados
Pela tormenta de urações eterna!

Ūiva o cahos, retumba! as sombras falam
Com as vagas! os ventos têm agoite!
A treva, dentes que rugindo estalam!
Granada, as chuvas! olhos d'aguia, a noite!

Dos céus lançam, vulcanicos diluvios,
Lavas d'agua e de fogo pelos ares!
— Mas aqui tudo é rapido; os effluvios
Rareiam do ar a oeste, aureos, solares.

Agora, a fronte erguei ante natura,
Vede a perturbação dos elementos:
Quem suscita esta guerra de loucura
Entre o fogo dos céus, a chuva e os ventos?

Nuvens fogem, retesam-se, bandeiras
Negras em funeral desenroladas,
Que se hasteiam nas cimas altaneiras
Do monte, e são do raio laceradas.

Em penedias rolam espumantes
As vagas do improviso cataclysmo,
No rio esparsas, tumidas, possantes,
De margem á margem, de abysmo a abysmo.

Triumph — a baixo, á cima — a procellaria
Flammivoma, a alegria, o amor dos portos!
E passam do combate, a grenha vária,
De agigantada selva os corpos mortos.

*

*

*

Porém, vai descansar a natureza;
Do fêbreo delirar volta ao repouso.
Apresenta-se o sol, com a pureza
Toda de um grande occaso luminoso!

Correm luzes do olhar do deus immenso
Por entre a terra e o céu ainda nublado,
Qual zona d'oiro em pó vivo e condense
Cobrindo os verdes bosques deste lado:

E de repente, o órgão das florestas,
Então aramambi formosos hymnos;
Pulsa de amor **o coração ás festas**
Da luz e os sons que se ouvem, tão divinos

Lá da umbrosa espessura, ao tão distante
Orvalhar do sertão! — O pensamento
Contempla a terra, puro o firmamento,
Como dentro de um globo deslumbrante.

Tremem as selvas, cobrem-se de flores;
Da flor tremendo, flores, por encanto,
N'um enxame de azitas multicores
Elevam-se pelo ar, ao beijo, ao canto.

Cada choupana branca entre ramagens
Convida á solidão, convida a amores
E diz, que na palhoça dos selvagens
Não mora a inveja; e os agros dissabores . . .

*

*

*

Vede-me o quadro do fugaz crepusculo,
Que não n'ó tendes mais formoso e ameno
Nem no floreo verdor de um prado tuscuro,
Nem nos golfos azues do mar helleno:

Morre e vasqueja o sol, chamma e saudade
No espadanar dos raios, como o genio
Que na gloria, caindo, á eternidade
Clarões envia — um lado do procenio.

Do outro — a lua se alevanta, exulta
Na ascensão maviosa da belleza!
Ao verdenegro da montanha inculta
Prende-se o solio azul da natureza.

Alli formam-se as névoas — uns vapores
De amarantos formosos — roxa e pura
Sombra — o enlevo de tristonhas cores
Que orla os olhos da branca formosura.

É donde a algente placida donzella
Na vida parte ao divagar do mundo:
Quem lhe dirá qual seja a sua estrella?
Florida a senda, ou de abrolhar profundo?

Mais o *ocaso* derrama sangue e fogo,
Mais o *levante* amores e perfumes:
Lá, tomba o heróe, das Parcas ao regougo;
Aqui, se erguem d'um rosto os brandos lumes.

Dos naturaes altares a balança,
São as conchas, a d'oiro e a d'alva prata:
Aquella, o dia leva da esperanza;
Traz esta a noite mysteriosa e grata.

É o sol posto, e a lua abandonada
Nestas ermas paragens, vago idyllio
Meiga escutando, a musica do exilio
Na solidão das aguas realçada:

Quando na harpa da terra, cujas cordas
São estes longos solitarios rios,
Resôa a natureza; quando ás bordas
Os jaguares a olhar pasmam sombrios.

E eu, como elles, venho acompanhar-te,
Deusa dos roçagantes véus doirados!
Se me aparto de ti, quantos cuidados,
Quantas saudades tenho de deixar-te!

Ó noites do Amazonas! ó formosas
Noites d'enlevos! tão enamoradas!

Alvas, tão alvas! e as canções saudosas,
Encantos do luar, sempre cantadas!

Foi este o prazo... Virjanûra a est'hora
Tambem te olhando está... muda e pendida.
A visão branca da montanha erguida,
Que longa noite espera, espera — a aurora.

Tal silencio... o dos seios de alabastros;
E o verde ethereo, o dos fulgentes olhos...
Onde os meus doces tempos? onde os astros
Que formavam parcéis dos meus abrolhos?.

E houve um tempo em que nos assentavamos,
Eu e ella, por entre os cafezeiros...
Os arroios corriam... nós amavamos...
E eram assim teus raios feiticeiros.

As vozes, eras tu que nos dizias
Tantas venturas, tantos mimos castos!
As ondas, eras tu que as incendias
Dos seus cabellos negrejantes bastos!

E o coração embriagado exaltas
Nos sentimentos puros; o arvoredado,
Do que vai pelas sombras em segredo
Malicioso a rir, de luz esmaltas;

De luz estendes, maga, ao navegante
Bella esteira de acacias, seus amores,
A onda, o luar — as seducções do amante,
Que vem nos seios teus chorar ás dores.

Ó lua! ó meus encantos e minha alma!
Lá do teu céu azul por onde vagas
Ouve a canção do trovador das aguas,
E ao rude canto seu concede a palma!

— Os ais ouvis da infortunada imagem
Desconcertando as solidões agora?
Os remos abandona, se apavora,
Emmudece, conturba-se o selvagem.

“ Á inundação marmorea dos luares,
Ai! no horizonte grita desgraçada
Alma que se lamenta, e tão penada
Nunca houve dor a se romper nos ares!

“ Quanta flagellação! — Antes soubessem
O inimigo vencer! Antes fugidos
Encontrados não fossem os vencidos,
E alvorotando o vencedor, morressem! —

“ É dos fracos o espirito, aos terrores
Do implacavel Anhangá; que o forte,
Nas campinas felizes dos amores
Afortunados, se alegrou na morte!”

* * *

As margens para os Andes vão correndo;
Nós vamos para o mar, em desfilada
Duas vezes veloz, ao vento erguendo
O pó da onda fulgida espumada.

Sucedem-se as bahias neste Sahara
Tão pallido, monotono, inclemente,
De sobre os Parinthis, nos Ituquaras
Reverberando o sol, o sol sómente!

Já na espessura, qual jaguar frechado
Negro olhar apagando, já na vaga
Como as aves de fogo, ou como a chaga
Nos seios do céu arido abrasado!

* * *

Quem hoje educas nos feras regaços,
Amazonas? Onde essas virgens d'oiro
Luzente, meio envoltas n'um thesoiro
De cabellos em vagas, aos abraços,

Ó Itacamiaba, como a nuvem
 Pelo corpo do sol? Hoje mesquinha,
 Resplendam dias luz, noites s'enturvem,
 Erra a triste cabocla e vai sozinha:

Sem patria ter, sem honra e sem defesa,
 Á immensidão de um céu perdido olhando,
 Quaes beija-flor outrora, lhos entesa,
 Lhos arranca hoje o vento assobiando,

Esses cabellos . . principia um canto
 De que não ha memoria: um mundo a exhorta,
 E no saudoso enleio gosa absorta,
 Das que a vêm rodeiar fórmãs do encanto.

*

*

*

Milhar de leguas d'aguas se percorrem
 Da cor dos filhos seus: e a só cabana
 Fumarenta, ínvia, a frecha americana,
 São tardos echos do que foi, que morrem.

Aqui sonoras tabas floresceram —
 Ai! os tristes logares da tapéra,
 Onde a ave, nêas dos que anoiteceram,
 Vem á tarde cantar — *rupí có c' uêra*. . .

Voz dos passados tempos, ao deserto
 E ás lividas campinas recordando
 O lar d'outrora, no eternal concerto
 Da saudade dos ermos suspirando:

À familia, o vagido de crianças,
 Os contos ao fogão, a doce voz,
 Os beijos maternas, as esperanças
 Nas tutelares bênçãos dos avós —

E passa-se. A carpir essa ave ainda
 Fica, se escuta a não ouvir-se mais. . .
 Sente-se então mortal tristeza infinda,
 Que na alma deixam desgraçados ais.

Aqui as mães cantavam natalícios
Do guerreiro, lançando nas correntes
Verdes ramos, que fossem-lhe propícios
Do rio os genios celeres frementes.

E eu jamais sinto o coração tão doce
Como dos idos tempos na memoria,
Quer falando do amor que já findou-se,
Quer em meigo sonhar da patria gloria.

Depois, quem sabe? aquella sympathia
Que para além dos Andes se elevava
E esta saudade . . . dizem que algum dia
O que livre os seus montes habitava,

Volvendo os sec'los voltará; voltando,
Então será como a andorinha errante
Dos mares . . . porque o ninho tem distante,
E vai de plaga em plaga o procurando.

*

*

*

Nas calmas outra voz mais afinada,
Profunda a óra, o sol perpendicular,
Ouvia-se: era a fonte? era a encantada
Virgem loira no fundo do palmar?

Longe, mais longe, e sempre se elevando —
O bruto que descança, os caçadores
À sombra, resguardados dos ardores,
Levantavam-se e iam acompanhando.

Transviados, perdidos pelos montes,
Jamais voltavam. Outras vezes, não:
Sustando a fera, emmudecendo as fontes,
Vinha . . . murchando a flor e a viração,

Vergava os bosques, retorcia a palma
Que deixava a gemer: se ia de lá,
N'um fremito ruidoso, a grande calma
Atravessando . . . os passos de Anhangá.

Aqui montavam seu corcel cerdoso
 Currupiras, com arcos de Maués:
 Hoje, gritando a sós, o alveo arenoso
 Descem, subindo os rastos de seus pés.

Juruparís os viram desmontados,
 E da palmeira os ramos entreabrindo,
 Cynicos gestos, fugitivos rindo
 Apontavam . — p'r'os Indios desolados —

*

*

*

Ao aceno christão estes contentes
 Desciam da montanha co'os vinhaticos:
 A cruz se alevantava; e os innocentes
 Adoraram então, mansões, sympathicos.

Acercavam dalli as pobres chóças
 E nunca mais podiam separar-se:
 Meiga sombra da cruz! esp'ranças nossas
 Convertidas da lagryma a chorar-se!

Das trevas compellido o novo mundo,
 Romper manhan de amores se diria,
 Na infancia a natureza e na alegria
 Das rosas santas de um porvir jocundo.

Rosas? — ardeu Guatimozin sobre ellas!
 As grinaldas do sol? — foram mysterios
 Dos diluvios de sangue nas estrellas,
 A guiarem depois novos imperios!

Fascinado o Europeu ante a magia,
 Viu-o Atahualpa, a delirar n'um sonho
 D'el-Dorado, a correr louco e medonho
 A través destas selvas de agonía!

Pallido espectro, horrivel, lacerado,
 Sem mais nunca encontrar o que buscava:
 — Amanhan . . . nós seremos no encantado
 Coração do oiro! — aos troncos se encostava.

Raiava o sol por entre os arvoredos,
Os tucanos cantavam nas alturas,
As correntinhas, mimo dos penedos
E prantos seus, andando na espessura —

Em Deus ninguém falava : embrutecidos,
Desesperados, esses homens iam
Com susurro feroz, vãos, inanidos,
Para o sul, para o norte — e se perdiam.

Aqui se obumbra a brenha e se embaralha ;
N'um côro florestal roucos guaribas
Ensurdam-n'os; as hervas são navalhas
Frias no exangue corpo; fundas ribas;

Deste lado desaba a cachoeira,
Do horizonte ou do céu; fragor profundo
O pantano estremece, a bóia inteira
Enlaça e esmaga o crocodilo immundo.

Ainda a noite vem; a alma fallece;
Ainda a sede a arder do oiro fallaz;
Ainda um novo dia resplandece,
E erguem-se, vão-se, e desfiguram mais.

Escutam . . . feras, que rastreiam perto,
Que também beber querem . . . pelos ramos
O riso dos saguís . . . — Atrás volvamos! —
Co' a maldição ficaram no deserto.

*

*

*

Mas, volveram — ao oiro vivo, ao homem
Natural, que algemam á escravidão,
O homem-criança, cujo ser consomem,
Deixando-lhe sem vida o coração.

Lá está Caigara e seu curral prosterno
Dos resgates, que a Deus e á lei desciam,
Ferradas *bellas peças*, que mugiam
Pasma, ignaras — alli foi o inferno!

Sem uma providencia e que soubessem
Por que martyrios — aves aterradas
Ante a fascinação da cobra. Ha quadras
Em que os peitos mais nobres endurecem.

“ Porque do nome teu não são chamadas
As flores tuas, mais que todas bellas
D’entre os mares, Colombo? Por que estrellas
Tão adversas do genio, tens murchadas

“ Da fronte ao de redor, c’rôas angelicas?
— Sendo do mundo teu bênção fagueira,
Raiou Colombia! anoiteceu Americas,
Quando lhe foste a maldição primeira!”

*

*

*

Era o rebate: escravos! mais escravos!
No bosque a liberdade estremecia,
Esplendida levava-se e rugia,
Na luta dos villões co’os nudos bravos!

Mais escravos! E as ondas deste rio
Contavam-se, ai! as ondas do oceano,
Por cabeças de pallido Gentio
E por cabeças pretas de Africano!

E desaparece o incola selvagem:
Se livre, bellicoso combatendo;
Se captivo, revel; e na voragem
Sempre — na paz, na guerra fenecendo.

Mas, ficou-nos o negro indifferente
Multiplicando-se, a cantar nos campos
E do tambor á voz: nos pyrilampos
Sem ver luz, ou veneno na serpente.

Sombrio seu aspecto, surdo-mudo
Andando, fitos olhos contra a terra,

Em quanto para o céu vasto e profundo
Sobem astros dos pincaros da serra.

Não . . . de perto, naquella indifferença,
Echo d'extranha compuncção se ouvira
Consumil-o; no canto a dor immensa,
Na dansa o convulsar do que delira.

Rotos andrajos lhe sacode o vento;
Mudo como o cadaver, seu estado
De homem, nem barb'ro, nem civilisado,
Revólta, ou prostra e abate o pensamento!

Assim em Gurupá, no lazareto
Da liberdade (e das sessões agora
Para que não houvesse desconcerto),
Encurvando-se o rio fundo chora.

“Quando no céu as nuvens endoidecem
De um para outro lado desgarradas,
Eu tremo por minha alma — lhe anoitecem
As memorias das coisas já passadas . .

“Traição dos céus! amostram-me no espaço
Os quadros do mysterio da inconstancia
De um coração miserrimo na infancia
Da vida que lhe foge, foge — e eu passo

“Com a minha alma, a nuvem delirante
Do céu interior . . . tambem formoso
De azul e rosas, de astros fulgorante,
Ou de tristeza e abysmos procelloso. . .

“*Raio de sol* entrando na choupana,
Boas novas, rugindo azas, trazia. . . .
— Não vos parece a sombra de Orellana,
Que se escôa através da ramaria?”

*

*

*

Eis Marajó, viçosa e redolente
Do equador filha, noiva estremecida
Do rio, que lhe abraça o cinto ardente
Suspirando em saudosa despedida!

É aqui, nestes ermos encantados,
Que os palacios estão da natureza
Verdejantes, nas aguas desenhados
Destas luzentes ruas de Veneza.

Que amenidade! que soidão de amores
Por onde eu vou! neste ar embalsamado
Que enlevos ha! que edenicos rumores,
Céus! em que mundos sinto-me embalado!

As indolentes ruas, laudanosas
Na onda pura, eternamente pura,
D'entre augustas muralhas magestosas
Quão longas se perdendo na espessura!

A bella onda e o fresco firmamento,
Que serpenteia em cima a acompanhando,
Vão as fitas azues do pensamento
Em deliciar de amor desenrolando.

Ambas vão-se nas curvas peregrinas,
Quão graciosas! vozes que modulam
A mesma letra de canções divinas,
Que nos céus vdam, que na terra ondulam.

*

*

*

Vastos salões se abrem solitarios
De architectura esplendida e phantastica:
São-lhes bromélias rubros lampadarios,
Portico os troncos da symphonia-elastica;

São-lhes aromas balsamos virtuosos,
Festiva musica os clarins do vento;
Enchem-n'os flores, cantos harmoniosos,
A cigarra pungindo o isolamento—

Condão de solidude, traz o canto
 Da cigarra este inverno ao coração;
 Umbrío o ar transparente, leva o encanto
 Aos mysterios da selva, á escuridão.

* * *

Brada o trocano. Estão deliberando
 Da tribu os chefes contra os Caraíbas —
 Pela sombra das mattas ondulando
 Passam guerreiras hostes Nheengafbas:

Dos ramos se elevando amedrontadas
 Olham as moças-aves refulgente
 O arco, as arasoyas fluctuadas,
 O alvar no peito sorridor *crescente*.

Embala-se, oscillante e sonora
 Aos cantares da guerra, toda a ilha!
 N'aquella direcção, muda, piedosa
 Sombra de fé, sangrando os passos, trilha—

A voz de Deus se escuta no evangelho!
 Que unção de amor nos labios do Jesuita!
 Qual limpido crystal de claro espelho
 Onde aurora reflecte-se infinita.

E como é doce o barbaro quebrando
 Os arcos seus, lançando-os na corrente!
 — O sol, que viu a paz, ficou guardando
 Do deserto a palavra, que não mente.

* * *

Descancemos. Á margem destes rios
 Ha sombra e esperança. Ó unica cidade,
 Em que a rama de platanos sombrios
 O viandante abriga e a liberdade!

Por isso, abençoada e florescente,
 Paraisal jardim frondoso no Norte,

Has de o oiro, em seu throno reluzente,
Do homem ver o cortezão e a còrte:

Que ás humildes Bethlens se estrellas guiam
Magos á adoração, da alva os cantores
Tambem aqui formosos annunciam
A vinda deste sol, cantando amores.

E por isso eu descanso neste templo
Da familia e da paz, e com meus olhos
Deshabituaados ao amor contemplo
A bonança na terra entre os escolhos.

Vem o anjo sorrindo no semblante,
No olhar o azul celeste da saphira
E o colibri no gesto scintillante —
O templo se illumina com Zaira:

Cantam-lhe auroras na alma que desponta;
Cecens da luz, nos risos emanados
Os contos populares, se ella os conta,
Ouvem-n'a todos, tornam-se encantados.

Bella criança, quando já crescida
Escutares dos céus melhores hymnos,
Seja adorada quem é tão querida
A flor do lar, o amor dos peregrinos.

*

*

*

Ao largo inda uma vez, e o Guesa Errante
Dos rios hoje mesmo se separa.

“Nos ramos a impressão leve, inconstante,
Embalde buscareis do que os vibrara —

“Adeus! adeus! — da grande natureza
Os echos não repitam mais meus cantos!”
O suspiro soltando de tristeza,
Olhava aos traços seus, e achava encantos.

Olhava sempre — e as vagas tão vermelhas
 No onduloso vaivem, como abrasadas
 Pelo incendio dos olhos das scintellas
 Do sol em bello esmalte derramadas!

Olhava co'a saudade harmoniosa
 Em que a vista nos scisma do passado
 Neste sonho de sombra dolorosa
 Pelo meio do tempo apressurado.

* * *

Quiz aqui o Poder que s'encontrassem,
 Com o Amazonas, alto o sol, o Oceano,
 Como duas corôas que brigassem
 Ao brandão do equador —

Deus soberano!

Como escurece a onda do horizonte!
 Da embocadura como as leguas tôam
 Vastas! — Os animaes fogem! o monte
 Se esfolha, as aves aos extremos vôam!

E os atitos nos ares, e a folhagem
 Ruidente, surda, e a fuga espavorida
 Desamparando repentino a margem,
 A natureza espera, suspendida!

Jaz attento o deserto! Se elevaram
 Alto ás nuvens selvagens cavalleiros;
 Se despenharam! macaréos fragueiros
 Em cratéras d' espumas abrolharam!

— Pela manhan formosa de setembro,
 Quando a sultana pallida dos mares
 Nas ondas banha os alvejantes membros,
 Que toda é luz natura e mansos ares,

Troveja ao longe! Vaga diluvial,
 Do oceano sphynge tragica partinde,

Ares e alveo abalados, rebramindo,
Qual do Illimani desce o vendaval,

O rio sobel as ondas pela róca
Vão co'o cedro e o regatão tardio,
Despedaçado — passa a poróróca . . .
Turvo, tremulo acorda, esplende o rio!

E nossa alma, das ondas e das margens
A musa perennal que a vida encanta,
Surgiu também do meio das voragens, —
E sobre ellas gentil mais bella canta.

.

“São os genios da foz, sobrelevando
A preamar tempestuosa enchente:
Volta a calma; vanzeia susurrando
Ao nivelar-se a placida corrente.”

*

*

*

Lá vai o sol, formoso vagabundo
Como a imaginação, como os condôres
Habitantes da Serra e do profundo
Espaço azul-dourado d' esplendores!

Cheio de vagas, amplo o movimento,
Tardo o Amazonas, os sertões deixando,
Entra no Atlantico elevado ao vento
Dos céus no fundo, ao longe verdejando:

Do Lauricocha ao mar tumultuoso
Ondula-lhe d' Huayna aurea corrente,
Qual Iris que lampeja e além vistoso
Desdobra o cinto, em torno ao continente.

E no solar abrasamento o cobrem
Das nuvens brancas, fulgidas ramagens,
As nódoas negras — donde se descobrem
Os páramos saudosos, onde aragens

Que alma aspira beber. Como é profundo
O céu azul! as nuvens deslumbrantes,
Sonhos do lago e vãos, deste mundo
Nos convidando, pallidos distantes!

*

*

*

Erram na calma peregrinas bellas,
Fórmãs de luz, Uyaras amorosas —
Porque são da mulher sempre as estrellas
Que nas luzes nos passam, enganosas . . .

Oh quanta luz no céu! que doce e vaga,
Que saudosa e divina sympathia
Pelos sonhos da nuvem na harmonia,
No eterno desejar que inspira a vaga!

Quem me dera trepar sobre os relevos
Da nuvem tropical! que sentimentos
Na aza livre viajante destes ventos
Foram a alma immortal banhar d'enlevos!

Não estás onde vulgarmente o pensam,
Celestial thesoiro; e o reprovado
Não tem nenhum direito a esse legado
Dos eleitos mimosos da tua bênção,

Felicidade santa! Eu nada espero;
Calo-me á voz terrível; eu me inclino
Humildemente á força do destino . . .
Tenho saudades — sinto o desespero. —

Doce e candida crença — oh! quem me desse,
A crença minha dos que são felizes!
(E nesta alma reflectem-se os matizes
Desse amor, que mais nunca reverdece)

Eu vi-a, — as forças ensaiou, do ninho
Se desprende a aza adolescente,
E partiu. Inda a vi, — meiga e luzente.
Depois — não mais voltou do descaminho.

“Nestes jardins, de *raymi* a onda brinca
 Por entre os lírios d’ oiro — o seio abrindo,
 Virgens do Sol, tão doces filhas do Inca,
 Dão culto aos raios seus, á fé sorrindo . . .

“Novos climas, as ondas de esmeralda,
 Já me embalam! o Sol no firmamento,
 Templos azues de *hanan*, fronte sagrada,
 Reclama um coração . . . Mugindo o vento,

“Nos ares se enlaçando o iris das vagas,
 O ultimo dia se ausentou das calmas. —
 Levanta-se do mar, percorre as plagas
 Rumor profundo, qual gemido d’ almas . . .’

*

*

*

Nas horas alvacentas das estrellas,
 Vogando sobre as ondas marulhosas
 Dos mares do equador, nas horas bellas
 Das puras sombras de jacintho e rosas,

Quando dos céus a terra está mais perto,
 Minha alma enamorada se alevanta
 Como o vapor das vagas, e se encanta
 Como a nota de amar — surdo o deserto . . .

Aqui, ó doce amante, é que se sente
 Esta falta de amor . . . e a que murmura
 Brisa das aguas vem, tão tristemente
 O coração gelar-me . . . ó Virjanúra!

Que a fronte afflictiva empallidece e pende
 Sobre o peito, que anseia de sandade;
 Que o sorriso lacera-se e desprende
 Do fundo o agror, da noite á claridade!

Tu és do rio a onda derradeira
 A acenar-me, és a flor adormecida

Dos astros na corôa e murchecida
Na do martyrio meu . . . triste . . . fagueira —

“Morenas vespervas! Ao cair da tarde
As faces, de encarnadas, são mais doces,
Mais puro o olhar vertendo luz; não arde
Da natureza o amor . . . se escutam vozes —

“As vozes da harmonia, que nos falam
Do passado e da terra, sobre os mares;
De alvoradas do amor echos, que estalam
No coração . . . nos céus crepusculares.

“E sente-se pela alma a transparencia
De uma esp’rança perdida, prolongada
Nos cantos vespervas, e da existencia
O amor findo nesta hora apaixonada.

“Nos enlevos da sombra se alevantam
Da branca flor dos mares os perfumes,
Os céus puros nevados se abrilhantam
Dos cabellos de *Chasta* aos vagalumes.

“Quanta meiguice nella, como um beijo
S’ encravando da face entre os rubores!
— Junto a segue o cometa, do desejo
Errante imagem livida de amores:

“Bello phantasma! emquanto ora interdicto
A esconjurar-te o vulgo, a palma bella
Meneiando no espaço, do infinito
Mostras a senda. Transviada estrella,

“Na tua gloria pára contemplando
O fulgido clarão da de loucura
Temeraria derrota! Os céus entrando,
Sobe mais. . sobe. . á mais profunda altura!

“Perturbador dos céus, qual fui da terra
Onde da infancia vi formosos annos —

Amo os traços de luz da Sombra, que erra
E que se perde em meio dos arcanos!

“Foi elle o companheiro do deserto,
Que tem-me ouvido e guardará meus ais:
Do crepusculo o meu amigo certo
Ainda verei . . oh! quem te verá mais!”



— A lua, que esvoaça,
Nelle alumia o sonho dos amores.
Guesa Errante, Canto III, pag. 49.

CANTO QUARTO.

Era o Guesa. o selvagem, puro, meigo
Ante a fé sacrosancta da amizade;
Vingativo implacavel, duro e cego
Aos que, irmãos seus, mentiam-lhe a verdade.

Vagabundo, inconstante, enamorado
Do céu azul, da onda e dos jardins:
Nos mares, como as vagas embalado;
E na terra — a *loucura* entre os *jasmins*.

Dos gozos era o escravo: onde as mulheres
Luzissem meigo olhar; onde os perfumes
Fossem berço do zephyro e prazeres
Da florea varzea e os levantados cumes,

Alli vivia o Guesa — entre os desmaios
Das brancas fórmãs, das visões ethereas
Que ao luar s'incantam, entre os raios
Que a amar derramam — celestiaes materias !

Do afago a flor entre auras de paraiso,
Era seu coração como um menino —
A lisonja mimosa, o honesto riso
Lhe eram doce alimento e o mais divino.

Tão vaidoso — a exigir da natureza
Como as virgens o incenso dos salões,
Ai! descaía em pallida tristeza,
N'um reino tal de amantes corações !

Tinha a trindade sua, se acurvava
Com a religião da infancia do homem
Á virtude, á belleza, á dor. E olhava
Como quando os remorsos nos consomem.

Tinha da fera os impetos selvagens,
Tinha a indolencia e os mimos da donzella;
Vencer sabendo as sociaes voragens,
Como em seios dormir por noite bella.

E angelical lucifera candura
De apparição d'olhar puro e sombrio,
A presa e a seducção da formosura,
Do homem foi veneno, mudo, frio.

E, mas nem são piedosos sentimentos
Na victima innocente da impiedade,
Levava a compaixão quasi aos tormentos
Pela infancia que brinca á luz da tarde

Co'os cirios funeraes velando accesos
Em torno do cadaver, n'esse incanto
Dos mortos aos seus filhos vivos presos —
Oh! não deixem brincar orphans do pranto !

Não sei — mudo encarava elle em seu pae
Como o auctor dos seus dias de amargura;
E era doido de amores por sua mãe,
Sempre, sempre, a beijar-lhe a sepultura:

E desfolhando flores sobre a pedra,
Dizia: “ não te esqueças da minha alma,
Crença unica viva, que inda medra
N'este deserto de abrazada calma ! ”

E fugia. Perdeu-os de pequeno,
Pae e mãe; e de então começa o drama:

Solitario na noite, o céu sereno,

“Oh! basta, Senhor Deus!” porque ora exclama?

Entanto os echos que na esphera passam,

E as estrellas, que velam acordadas

Pelos mortaes e seus destinos traçam,

Das fraguas não se dão que hi vão penadas!

“Soltai ancoras!”

No ar desenrolou-se

Do fumo espesso a nuvem tremulante.

“O sol raiando beija a onda brilhante

Onde Gonçalves-Dias sepultou-se!

“Da lyra d’oiro as musas lhe afinaram

Cordas, que foram raios das estrellas—

Choram-no as ondas crystallinas, bellas,

Que n’estas longas c’rôas o embalaram.

“Por toda parte formam-se grinaldas,

Sobre as espumas dos floridos mares,

Nas alvas azas dos atins nos ares—

Oh! os sonhos luzentes d’alvoradas!

“E elle vinha na esp’rança—d’este abysmo,

Que é tão formosa a senda para o Norte!

O oceano trazia-o com o egoismo

Do que lhe havia de cantar a morte.

“E canta. a voz ás noites incantada,

Não desperte ao que ouviu-a viajando

Talvez, pelo alto mar. . a naufragada

Alli perto, lá longe, além gritando,

“Como um gemido intimo e afflicto,

Como um riso infeliz em tom funereo

Que se escuta pungindo o ar ethereo,

Fechando os corações. n’um qual recito

“Da profundeza dos tumulos ondeantes,
Declamando ao pallor de sobre as aguas
Nocturnos monosyllabos de mágoas
Dos seus, aos solitarios navegantes;

“Dos seus, que jazem, sempre recostados
Ao travesseiro de coral — se formem
As horas, não acordam, embalados
Em seus berços profundos onde dormem

“E ha quem os inveje, que os ouvindo
Goze a sorrir-se com amor sombrio:
Diante d’estes os dias vão fugindo,
Quaes tormentadas ondas d’algum rio.

“Outros ha mais felizes, que, tomados
De indistincto terror, empallidecem,
Timidos oram, lagrymas lhes descem
Por doce esposa ou filhos adorados.—

“Não no despertem pela noite ermada
Tão desgraçados solitarios gritos !
Elle tambem foi triste como a pallida
Moradora das rochas de granitos.

“O genio da poesia americana
Á sombra dos palmares rugidores,
Ultima voz da extincta raça indiana,
Hymno de Deus, e canto dos amores.

“Vós, que pisardes n’esto chão florido,
Dizei se ao *canto* a mente não se eleva!”

* * *

O Guesa Errante penetrou na selva,
D’onde nunca devera ter saído.

Acompanhe-o quem possa ! O vall’ poento,
D’estivo sol fendido e devorado,
Estalava ao tropel desesperado
Do seu cavallo mais veloz que o vento.

Lampejam olhos co'o ranger da sella
Ao formoso animal, cedendo ás redeas
Dócil no collo d'ave, as ancas nedeas
A cauda a lhe açoiar ligeira e bella:

E corre, e passa, e além desaparece,
Com ledos rinchos atroando os montes.
—Já dos bosques tão seus, tão suas fontes
O cavalleiro as virações conhece.

Para as terras que viram-no innocente,
Trémulo o peito de esperança e gozos,
Elle seguia estrada do occidente
De poisos conhecidos e formosos —

Jesus! lá dobra o sino-da-floresta!
Ai! porque não resoam de alegria
Tantas aves ao que, do exilio, via
O amor aqui?—Talvez. já nada resta.

E tinha o Guesa desaparecido.
Pela alta noite os astros o encontraram,
E o bacurau da estrada a sós perdido,
E as frescas alvas, quando despertaram.

* * *

Elle parou sobre as collinas pallidas,
De murcha relva no verão cobertas:
Labaredas lavrando ao longe válidas,
Das entranhas da terra em fogo abertas,

Os seus corpos de virgens contorciam
Deliradas no espaço, e desgrenhando
Em volatas as cômas, lentas se iam
Dos sertões na devastação andando.

Ao arruinar dos delubros primevos
Mais os mares de chamma enfuriavam,
Do occaso vinham raios negros, sevos,
E pelo ar os tufões se condensavam.

Da grande sêcca flagellada a terra,
 Ardiam as florestas; solitarias
 Linguas de fogo viam-se na serra
 Á noite; ao sol calmoso as alimarias

Cegas de sede a habitação entravam
 Dos homens inoffensas, erradias —
 De um profanado templo se lançavam
 Os fundamentos n'esses tristes dias.

Ferozes, êneas, ameaçadoras
 Vinham cada manhan negras auroras;
 No mar a morte, em todos elementos,
 Fechando a porta o campones aos ventos.

* * *

Cessara vasto incendio, que em ventosa
 Tarde, depois de um dia abrazador,
 Destruira, n'essa hora dolorosa,
 Toda esperança ao rico lavrador.

As fabricas arderam, saccudiu-se
 A hala do fogo ás plantações virentes,
 O cannavial ennegrecido viu-se,
 Negro e sem onda o leito das correntes.

Dos tectos das senzalas defendidas
 Os escravos quaes sombras deslizavam;
 Á porta do casal tristes, pendidas
 Do lavrador as filhas soluçavam,

Como constellação d'astros brilhantes
 Posta a um lado de noite desgraçada —
 Mas. das cinzas do incendio palpitantes
 Ouviu-se ao longe rôta gargalhada:

'Que o leve Satanaz ! Dizem que, tendo
 De passar elle, accende taes lanternas:
 Sereis vós, cavalleiro que estais vendo ?'
 "Tambem as minhas queixas são eternas. "

(Pois sempre ao Guesa acontecia que ante
O espectac'lo do incendio lhe saltava
O pranto, móto o peito delirante)
E a gargalhada voz continuava:

‘Ha ha ! reconhecido !—Á mesa posta,
Ide vareda á casa de vivenda,
D’onde endoidecem flores pela encosta
Bellas como as senhoras da fazenda !

‘As rosas de Natal ! brandas, vermelhas
Como o riso do vinho nos crystaes !
Dão-vos mel as dulcissimas abelhas,
Ide ás aves ! fartai-vos nos pombaes !’

Dissereis ser a voz do desespero
N’aquelle semi-barbaro e tisonado
Vulto da terra erguido: e era sincero,
Moral infantecida, e pae e amado.

Senão, vêde-o á mesa: se os vizinhos
Accorridos ao incendio tristes falam,
Elle —‘a saude ao fogo !’— E ardentesinhos
Aureos jorrando, os cerebros estalam !

E ao rebentar do tronco ou das ruinas,
Que esmoronam depois que o fogo passa,
Entre os vivas dos homens e as meninas
Pelos ares voavam vinho e taça !

‘Quero a dança ! a loucura !’ E tão festivas
Nunca foram-lhe as salas prazenteiras.
Os escravos sómente, pensativas
As fronte abaixavam agouzeiras.

* * *

Pelo arredor os gallos já cantavam,
Quando os sons, como esfolham-se violetas,
Perderam-se da orchestra. Se embalavam
Ao em torno da luz as borboletas.

Se embalavam as redes na varanda
 Alvas, undosas, ao clarão da lua
 Que merencoria olhava a miseranda
 Casa e a veiga dos thesoiros nua.

Oh! quantas azas brancas, indolentes
 N'esses grupos de amor, como se formam
 Nas varandas ruraes, nos innocentes
 Edens — que em mundo vezes se transformam!

Quem não sentiu abertos lhe crescerem
 Os olhos sobre os alvos movimentos
 Dos brancos braços, brandos, longos, lentos
 Lampejados a amor, a alvorecerem?

Ou nas sombrias hibernosas tardes,
 Ou nas manhans vermelhas do equador,
 Ou do luar ás densas claridades,
 Lento o violão de meigo trovador?

Oh! quantas noivas *sanctas*! quão formosas
 Se enleando de amor aos seus amores!
 D'entre musgos e espinhos quantas *rosas*
 Nos corações haurindo os seus rubores!

* * *

Veiu o pavor, crescendo os aposentos
 Do silencio ao socego e á saudade;
 E a luz, que é toda brilho e movimentos
 Co'o vozeiar da alegre mocidade,

Tambem amorteceu, pallente e fria;
 Os perfumes porém, se desprendendo
 Das estrellas do campo, na harmonia
 Foram de manso os corações erguendo.

Uma rosa inclinou-se na alva rede,
 Longa vista espraçou pelo horizonte,
 Sentiu pranto no olhar, nos labios sede,
 Tremores n'alma: 'Deus! como arde o monte!

‘Como abraza-se além toda a montanha !
 Como as chammas animam-se volventes
 E velozes envolvem-na, co’a sanha
 Das rajadas do sul rubras, candentes !

‘Como horriveis ondulam no horizonte
 Alevantando a voz ! e os clarões ermos
 Banhando o céu e a terra, como fronte
 Ai ! da meiga tristeza dos infermos —

‘Oh ! não se apaga a maldicção das chammas !
 —Atravessam do golfo a onda ruidente ! .
 —Vingam margens oppostas, e das ramas
 Reflectem-se nas aguas ! . De repente

Ella tremeu; na fronte reflectidas
 Do moço Guesa, alli, vendo-as lavrando !
 Mas voltou-se ás planicies incendidas
 E ás palmeiras dos altos s’inflammando;

Que s’inflamavam no ar, sem que scentelha
 Fosse as tocar azul e luminosa,
 Por qual incanto a chamma d’esta á aquella
 Surdindo viva ! Suspirava a rosa:

‘Porque, meu Deus, a chamma existe occulta
 Entre o seio eternal da natureza,
 E darda então na esp’rança, que sepulta
 Do lavrador coitado ?’ — E amostra ao Guesa

A palma que resplande, como erguendo
 Nas labaredas convulsivas, braços
 Que penetram nos céus ! . longos, tremendo,
 Alvejaram-lhe os seus, formaram laços:

(Communicava o incendio) incendio a virgem,
 Seus braços nus ao seio lhe levaram
 A quem achou-se alli, com a vertigem
 Dos que no mar dos gozos sossobraram ! .

E a rede branca é nuvem onde os astros
 Escondem-se nos sonhos de ventura;

Onde d'entre clarões, rotos os nastos,
Surge de um anjo a deusa da loucura.

*

*

*

Durante o dia, espectros — das collinas
O cavalleiro, e o sol dos céus — olharam
As nuvens, que co'o fumo s'engrossaram,
Caindo em mangas d'agua purpurinas.

“A natureza é campo de batalhas
Em transluzir feroz de sangue e flores:
Ri-se aurora por trás de rubras malhas,
Choram as varzeas trémulas de amores.

“Ao interno calor que a terra agita,
Nos dilatados campos ondulado
Arredonda-se o monte que palpita,
Que em fogo irrompe, a lava espadanando:

“Tal nas veias o sangue a chammejar-te
O seio entumeceu-te, a luz formosa
Dos olhos entornou-te, e fez-te martyr
Na alvorada dos annos, Rosa, Rosa!”

E da chuva nas ondas se banhando,
Imagem branca, matutina e bella,
Nua, radiosa, das manhans estrella,
Viram, da trança os raios desatando,

Doidazinha a gyrar, tão delirante
Do sombrio casal em torno, e tanto,
Que fez-se o traço, claro, scintillante,
De um circulo de luz ! como no pranto,

Ou na loucura, os vinculos luzentes
Que importunam os cerebros perdidos —
Mas. . . não se vertam lagrymas candentes
Onde os incantos foram pervertidos:

Onde os paes em diabolicos mercados
 Vendem irmãs aos irmãos; onde os amigos
 Beijam-se traíçoeiros; e inimigos,
 Ferem sua hostia, amores condemnados.

* * *

Aonde vai ella desvairando ás côrtes,
 Em rodopio as sedas laceradas ?
 Linda Fortuna aventurando sortes,
 Filha do amor, da távola paradas ?

Esquecer. ‘ chôro, chôro de criança !
 E a cabeça apertando se envolvia
 No mundano prazer, e em doida dança
 Se atirava aos prostibulos da orgia !

Alma sem Deus, nubente depravada,
 Troca no orgulho, quão tremenda e bruta,
 O ser de mãe formosa abençoada,
 Pelo de moça bella e — prostituta.

A carne folga na devassidão !
 Amor soluça, amor que na decencia,
 Que na doçura honesta da innocencia
 Meigo sorri-se, abrindo o coração —

Feliz a que formosa desposada,
 Do leite singular na doce alvura
 Tomando o amado seu na hora aprazada,
 Volta ao púdico só da alcova pura !

Essa, noiva será sempre ditosa,
 Da modestia a violeta e do recato,
 Será da casa e dos jardins a rosa,
 Do esposo a mãe, a irmã do primonato.

A carne folga na devassidão !
 Triste a que não corando de vergonha,
 Da crapula lasciva sae risonha —
 Venus-cadella, irá de mão em mão.

Levaram-na d'alli para entre os mortos,
 Ai ! sem um pranto ! a face ennegrecida,
 E lhe saltando os seios — que aos abortos
 Surda, feriu natura á infantecida !

“Parando aqui, um dia os viajores
 Hão de estas noites recordar de Al-Longa:
 Mudo deserto na ara dos amores,
 No echo dos risos gritos da araponga.

“E crerão ver nas flores agrestias,
 Como nas aves que nos ares cantam,
 As risonhas imagens d'esses dias
 Que, qual da terra, n'alma se alevantam.”

E sobe o sol co'o dia. A noite desce
 E o cavalleiro, a pallidez na fronte.
 Undoso o palmeiral amplo escurece;
 Voa *aura* negra dentro do horizonte.

*

*

*

Noite,—noite.— Das trevas o phantasma
 Levantou-se no espaço. Brisa vária
 Chora em torno das grotas, e s'espasma
 Dos bosques no ar a rama solitaria.

Piam na serra as aves da tormenta;
 Toda estrondeia a lobrega floresta;
 O vento assopra, acalma; afflicta e mesta
 A terra ao largo, ao longe se lamenta.

Nas azas do tufão gralha e lufada
 Voa rôta folhagem; braço a braço
 Travam lucta feroz, dentro do espaço,
 O tronco secular co'a nuve' alada.

E o vegetal brandido ao vento corso
 É clava, é lança, é barbaro guerreiro;

D'entre o geral clamor, lascado dorso
Fulge na sombra electrico luzeiro !

O valle aneia á noitidão profunda;
Errica o cume a tempestade, o raio;
Em baixo vos attrahe, vos prende e inunda;
Seduz *em cima* o coração — soltai-o.

Desce a vaga deserta da montanha
E a torrente dos céus, turbando a fonte;
Remugidos trovões, abre-se e banha
O relampago os plainos do horizonte.

E o cavalleiro, clareiadas selvas
Como aos fulgores de byroneo verso,
Passa, qual fôra o coração das trevas
Agitado no meio do universo !

Passa co'os ventos estalando as azas
Aos vagabundos vôos ave incerta —
Jorrando espumas da guedelha inquieta,
Dos pés scintillas e dos olhos brazas,

Levam echos o assopro do cavallo
Pela estrada sonora e pelos campos ;
Nas barreiras profundas e nos vallos
Bordam fadas na luz dos pyrilampos.

Dos tropicos na noite tenebrosa
Phantasticas as mattas se illuminam,
Qual se abatesse a abobada estrellosa
Dos céus á terra — os genios peregrinam,

Vê-se — ao fundo dos quadros de negrume
Entreamostram-se as loiras hamadryadas,
Seus véus abrindo de madeixa e lume;
Luzeluzem de Pan ao peito as hyadas;

Da onda negra hibernal enormes vultos,
Qual mercurio nativo reluzidos,
Vão nos valles rolando — á treva occultos,
Aos clarões momentaneos estendidos.

E as pallidas visões dos cemiterios
Se apresentam, circulam, e se apagam;
Sobre os braços da cruz gemem psalterios;
Uivam 'spiritos que nas sombras vagam.

E os fogos-fatuos, como esp'ranças, tocam
O sagrado pavor das sepulturas;
Na montanha as espheras s'entrechocam
E povoam de pranto as espessuras.

* * *

Aos que, do abysmo, viram luz de Sestos
Gritando á vida, a amores delirante,
A esses direi se ao coração, distante
De ha muito, a vista dos queridos tectos,

Do muro antigo que se adora e beija,
Alvoroga — alegrias que são dores,
Entre o que se arreceia e se deseja —
Sorriso-dardos, corrupção-amores !

E levada onda intima a taes ventos,
Os joelhos se dobram silenciosos,
N'um extasis obscuro aos pensamentos
Conselho e luz pedindo, aos sons saudosos.

“Lirio branco das trevas ! onde o incanto
D'estes climas do amor abençoados ?
Reflectiam-te os bellos olhos pardos
O fogo da esmeralda, a luz do pranto. ”

Das sombras um clarão fez-se no centro :
No luminoso fóco sobre a ameia
Divina apparição lá se recreia —
E cerrou-se janella — os céus por dentro.

E phrenesis de beijos escutou-se,
De labios que deveram devorar-se !

Na grande voz da noite suffocou-se,
Pelo em torno o silencio a derramar-se.

*

*

*

Debaixo da mangueira, que saccode
Nos ares a alta copa enamorada,
Offegante corcel os freios morde,
Sem cavalleiro, ao tronco a redea atada.

Escallam-se as muralhas do paraíso
(O dom terreno a Lucifer deixado,
Pela piedade e o paternal sorriso
De Deus clemente ao filho rebellado;

Esgarçador nocturno de colmêas
Onde abelhas mimosas esvoaçam,
Da aza luzente nas doiradas teias
Prendendo amor, em que se despedaçam),

Do paraíso o arcano se revella
Ao leve aceno de mãozinha branca,
Como scintillação de meiga estrella,
Como aureo sonho que do inferno arranca.

— Toma as formosas lyras dos amores,
Canta, ó musa ! celeste divindade !
Dos ninhos odorantes entre flores
Ternos anceios — causas de saudade.

“Canta, embala-os a maga donzella
Na harpa d’oiro, á luz timida e bella
Quasi extincta da lampada azul:
Vivos olhos que aos fins dos amores
Minguam luz, bruxoleiam fulgores
Como os astros das noites do sul.

“Manso, manso, ferindo as pupillas,
Côm sombras auroras tranquillias,
Que na alcova roseiam. . . talvez

Castos véus de crepusculo brando,
Mãos cuidosas do pejo, occultando
Quanto esplende e descobre a nudez.

“Eis a branca visão incantada,
Que nas nuvens corria, levada
Pelas noites de edeneo luar!
Oh! quão bella! e mas fôra tão pura,
Não se ouvira esta vaga amargura
Sempre — na alma, no espaço, no lar. . .

“Mas, contigo as ruínas florescem;
De harmonias vibradas, se esquecem
As soidões do sepulchro a dormir.
Nem por ondas de amor e d'incantos
Ao passado verteram-se prantos
Do olhar meigo tremendo a luzir.

“Ante a imagem augusta e serena,
Eu contemplo, eu adoro a çucena
Em seu alvo e formoso esplendor:
Eu adoro humilhado, e proclamo
Este amor, que é minha alma e derramo,
Nardo sancto a teus pés, redemptor!”

Da luz os lírios tremulos cobriram
Esse encontro do amor, sagrado e certo,
Das columnas de fogo do deserto
Que, se apagando, para os céus subiram.

*

*

*

Sobre seu coração abandonada,
Branca estatua da grande formosura,
Mirava o Guesa Errante a namorada,
Como quem se temesse da ventura.

“Ó bella, ó bella terra de alabastro,
Formidável poder da natureza!

Dás paixão — como á refulgencia do astro
Eleva-se a crepuscular tristeza.

“ E a paixão cansa; do ideal a sede
Jamais saciada, cansa; muito embora
Punjam-se os seios na alvejante rede,
Viçosos, nus; na coifa luzidora

“ A fronte se mergulhe endoidecida
Embora, embora — apenas o desgosto
D'entre o desmaiamento alembra á vida
Que a onda ondula e a flor sécca do rosto.”

Nas mãos tinha-a, mirava-a, possuía,
Quão taciturno agora ! qual se os beijos
Esse altar profanassem dos desejos —
Uma aza negra esvôa na alegria.

Se aos céus escuta, os ares são gementes;
Se á terra, olvida os céus. E elle escutando
De purpura e de chammas as correntes,
Das doces fórmas através rolando,

Como vendo-as rolar, tão scintillantes
Do alvo corpo através — nas creadoras
(Que deuses são os avidos amantes),
Nas pudibundas incantadas horas !

E Virjanûra toda fulgurava,
Qual na risonha, angelica ardentia,
Flor de yucca ao luar — se illuminava
A grande flor, o grande luar ardia !

Porque do hombro mimoso d'açucena
Scintillação extranha se levanta,
Quando amor a vibrar na alma serena
Perturba-a, cega-a, e na cegueira a incanta:

E qual em cúus levantes se annunciam
Os fulgores divinos da manhan,
Desejos-c'rôas lhe resplandeciam
Que de si verte a fronte-talisman.

Via o Guesa a tez branca se erriçando,
 Velludosa e quão branca ! e luz-negros
 Mellifluas tranças se desannellando —
 ‘Oh ! consome e devora os teus amores !’

E elle a ouvindo, mudo co’o mysterio
 Dos que a si se desarmam no combate,
 Co’o pallor de clarão do cemiterio
 Quando erram sombras, quando o vento late :

Pallor de noite matinal do pólo,
 Noite e sendo manhan de meiga luz ;
 Mudez, de estatua candida de Apollo,
 Que desadora á dor e que seduz.

Era vencido o vencedor de abysmo,
 Do amor agora adiante e da piedade,
 Rosas do coração da mocidade
 Sempre florindo. Que fatal mutismo !

Que adoração ! que sacrificio eterno
 No desgraçado amor ! Pobres amantes,
 Não acordem ! se vai d’estes instantes
 O incantamento — e vem remorso, o inferno !

* * *

Harmonias de Deus — lá fóra, estalam
 Selvas á força funebre dos ventos ;
 Cás dentro, seios que em amor se exhalam
 Anciosos se erguendo e somnolentos.

E dos genios que estão na tempestade
 Se ouvem grandes risadas pelos ares ;
 Mais vigorosa a vida á noite tarde,
 Ha mais viver aos echos dos palmares.

E a morte além, com luctuosos mantos
 A miseria a cobrir do que suspira
 Por um raio de sol ; e o que tem prantos,
 Chorando-os pelo que tão cedo expira !

Harmonias de Deus — lá, ribombadas
Nuvens, tremulos céus; cá dentro, gritos
Dos que *frechados vêm* — descáncaradas
As gargantas de fogo e os olhos fitos

Da cobra, que vibrando está *magnética*,
Estendida luzente na *cumieira*,
Dos lares *protectora, hospitaleira*
Sobre a casa a *velar mansa, doméstica*;

E as flores tropicaes, rubras e ardentes,
Nos vasos se movendo, se animando
De sangue e luz, e as *alvas innocentes*
Nas sanefas das sombras se occultando;

E os genios varios, que lá vão nos ventos
Dando grandes risadas pelos ares —
Esses lá, porque os outros são mui lentos,
Custa-lhes muito a *alevantar os mares* —

Harmonias de Deus ! e a morte, e as flores,
E os brados *procellarios*, e os delirios
D'essa *lucta incessante dos amores*
Em que a vida se gera entre *martyrios*. .—

Tão branda, quasi dolorosa, olhando,
'Oh! consome e devora o teu amor !'
Perdida ella dizia, desmaiando
Como as *doiradas noites do equador*.

“Não, isento não fui nos doces annos
Da visão branca do luar formosa :
Phædra, que amor ! que amores tão insanos !
E eu, ao amparo da alma virtuosa,

“De quem sagrado leito compartias,
Sob estes mesmos tectos. a *vingança*
Tua pude soffrer. Que me querias,
Dizia-o teu olhar longo d'esp'rança.

“Volto da natureza, a só que ampara —
Escuta-a fóra ! Quando a sociedade
Pela pressão malevola separa,
A aza vermelha estende a tempestade,

“Que *reune*, que ao assassino enxota,
Que a ti. . . meiga scintilla das procellas,
Feiticeira, do céu colhendo estrellas.
Que a mim. . . como a vingança não se esgota !

“Eu volto do passado, e chego vivo;
Pelo deserto abraçador errante
Eu gemi, como os deuses vingativo
E como elles amando, ó minha amante !

“A trança mysteriosa que me déste
Susteve-me no abysmo e não caí ;
Infel ou perjura, a quem fizeste
Rival meu, perdoei quando te vi:

“Oh, praza aos céus, que lá da eternidade
Possa-o fazer á incestuosa bella
Quem mais do que eu te amou ! Vem a saudade. . .
Recolhe-te — adoremos d'alva a estrellla.”

*

*

*

Amor não ouve. E n'alma estremeceram,
Em seu principio as mágoas germinando !
A esperanza morreu nos que viveram
D'ella. Estava-se a lampada apagando.

Ninho odorante ! Á luz de firmamento
Não vieram espectros; brando somno,
Os olhos enrouxando e lento e lento,
Os corpos lhes deixara ao abandono:

Bem como dois cadaveres formosos,
Frescos, dos corvos ainda não tocados,
De adolescentes naufragos rojados
Dos mares sobre os bancos arenosos.

Oh quem pudera ser indifferente
A belleza dos anjos decaídos !
Quanta miseria candida, innocente
Nos membros alvos empallidecidos !

Ao silencio da noite abre-se á terra
O seio maternal, onde repousa
Quem ao raio solar levanta-se e erra
Da existencia ao labor — procrea e goza.

Pois se apascenta amor na formosura,
Mais bella e mais feliz quando vorada
Sente-se, alimentando da doçura
De si ou doce filho ou essencia amada.

Dorme abbrevado — porque amor se nutre
De fructo ingrato e fructos prohibidos,
Palmas do vencedor; ou vôa abutre,
Se os incantos s'esvaem pervertidos.

Que tem elle co'as lagrymas que ficam
Chorando corações ? á flor vermelha
De mel e aromas, quando os céus a indicam,
Desce, alimenta-se e além vôa a abelha.

Amor se nutre; e lá de longe quando
Olha, é um campo de devastação !
É vida e come; é chamma e vai lavrando,
Que não destróe — procura a nutrição.

*

*

*

Eram exhaustas do prazer as fontes;
Calado o ar, que á madrugada esfria;
Cessara a tempestade além; fazia
Brisa suave o circulo dos montes.

Qual d'umbrosa espessura na clareira
Raio estendido de luar, a imagem
De Virjanûra pavida se erguera
Toda n'um braço, esplendida e selvagem.

Das vozes do arvoredo, que bradavam
A Romeu e Julieta 'aurora ! aurora !'
As inda dubias notas se escutavam —
'Talvez — talvez — eu ouvi bem agora.

Separação ! é quando amor se alegre
Que és a hora triste e malaventurada !
— E os olhos pardos d'entre sombra negra
Co'os reflexos brilharam da esmeralda.

E como aos olhos o fulgor, a lua
Cheia de solidão aos céus voltara
Limpidos, como um seio que se ennuia,
Quando a noite d'hinverno trovejara.

E dos leitos medrosa (oh quanto bella
Nas puras dobras do roupão !) a dona
Alevantou-se — languida á janella,
Ao hombro amado pendente e se abandona.

E ficaram olhando. Ao oriente
Qual lagôa seraphica, luzia
A estrella d'alva, a mais resplandecente
Filha dos céus, que tem da noite e o dia.

“O luar matutino, o alvor-mysterio
Da antemanhan, transcôa-se em nossa alma
Co'o sentimento divinal ethereo
Que a força activa do viver acalma.

“Expande-se a memoria sobre a tella
Da vaga natural, de norte a sul,
E os doces tempos desenhados n'ella,
Como mares de rosas e de azul.

“Sente-se, vê-se na immortalidade
Dons, que da terra e já de nós se ergueram :
De lá descendo a eterna claridade
Aos mundos animar, que *esses* lhe deram.

“De lá descendo o Creador ao mundo,
D'aqui subindo a criação aos céus;
No amor gemendo o coração profundo,
Harpa suspensa d'entre o nada e Deus.”

Qual navio phantastico dos ares,
Era a colonial mansão á c'rôa
De montanha alterosa, dos palmares
No embalado horizonte — que resôa,

Que emmudece jamais aos sons, aos brados
Dos ventos de verão, dos de ternura
Cantos da zona torrida incantados
E os regatos errantes da espessura.

Da lua o disco, a meio luminoso
Diaphano crystal e a meio argento,
Sobre o horizonte fúlgido e frondoso
Linda lampada, um divo sentimento,

Luares d'anjos, o candor d'infancia
Exhalava ás fagueiras alvoradas —
Oh! n'esta hora dos sons e da fragrancia
Foram vozes queridas inspiradas!

Musa do Serra e o Dias! E em trez notas
Os cantos intertropicos romperam,
E em gemidos de farpas no ar ignotas
Qual de peitos que a amor enfureceram,

E em d'infelizes que desmaiam, brados
Perdidos ao luar — hymnos formosos,
Que ouviam, se abraçando os desposados
Da natureza, a sós, e silenciosos.

— Separação! ao morto pensamento,
Taça que foi de amantes exaurida,
Novo principio dás de crença e vida;
A face, que descora ao esquecimento,

Chamas ao brilho seu; os prantos geras,
Que não corriam mais; á tua sorte

Rendem-se os corações; tu és qual morte
Onde ficasse a esp'rança d'outras éras:

Tu és a mãe terrível da saudade,
Dos rotos laços reconciliadora;
Te ama o que na existencia desadora
Quando á lembrança vens, caindo a tarde:

Todos curvam-se á voz tua, do adeus
Isolador, que ao coração aberto
O vácuo, o frio, a noite do deserto
Leva. — E tristes olharam para os céus.

E viram d'alvas se aclarando os montes
Mais, mais distinctos, e as primeiras rosas
Viram d'aurora, e viram mesmas frentes
Suas de luz mais brancas, mais formosas.

Urgia o tempo, a solitaria imagem
Que em seu aereo tumulto descansa,
E onde do dia abria-se a voragem —
Guardam d'esta hora todos a lembrança.

“Porque me aparto e ás solidões me inclino,
Deixando o teu amor e a minha gloria,
Não sei dizer-te: nunca ao peregrino
O pranto escutes de perdida historia.

“Quando rompeu-se a lucta, e que mais nunca
Houve tregua aos meus dias e entre os meus —
Porque labios o inferno tem, que assopram
Na nossa luz e apagam-na, meu Deus !

“Bellos olhos da tarde ! . .”

E a bocca á bocca
Prendem no ultimo beijo, e a fronte á fronte !
N'esse tormento de saudade louca
Deixei-os eu no meio do horizonte.

*

*

*

— Lá estão na janella se beijando
 Duas pombas do ar (vozes diziam;
 Madrugadores do caminho ouviam):
 Certeira balla as fôra derribando! —

Já de assassinos o tropel formou-se
 Da montanha ao pendor, e se esvaiu,
 Relampago de laminas — e umbrou-se
 Quando o dos céus ao raio reluziu.

Pois como á guerra, a amor violentado
 D'armas cinge-se o altivo coração.
 — Não era o Guesa ? o manto ensanguentado
 Que fugia das alvas ao clarão ?

* * *

Atrás ficavam os muros grandiosos,
 Onde se via como um astro erguido,
 Desdobrados cabellos ondeosos,
 N'um alvo braço um rosto entristecido.

Oh ! a branca visão das manhans d'oiro !
 D'aurora os raios toda a illuminaram,
 Opala celestial, Deus ! O thesoiro
 Do amor passado e os sonhos que se amaram,

Como suspenso fica no horizonte
 Na doce eterna calma da distancia,
 Qual o estou vendo ! Após cáia ou desponte
 A luz, ou seja noite ou seja infancia,

Lá está sempre a visão ! que fica na alma
 N'esse abandono do acalmado mar —
 Mas, não fosse a lembrança, tua a palma
 Fôra do amor eterno e o doce amar !

* * *

Foi-se um dia — depois não houve termos
 Aos dias mais. Crepusculos caíram,

Vibraram harpas na soidão dos ermos —
E elle nunca voltou. Nunca se viram

Voltando o Suna victimas sagradas,
Que ao sacrificio por destino foram:
Voltam as multidões sobre as pégadas
Suas; os *guesas*, não. Já nem memoram

Que sombras vaporosas dos palmares
Os flancos rodeiavam da montanha,
Nem quaes traços mal fixos de jaguares
Feridos á traição, que o sangue assanha.

De dia, como o vento que volteia
Nas encostas sonoras, elle errando,
Dormia nas cavernas, sobre a areia,
Prisioneiro da luz; e suspirando

Elle esperava juncto da vertente
Cair a tarde, a noite. E no deserto
Do coração formou-se-lhe o concêrto
Da vingança e do amor eternamente.

E cada noite da Montanha ao cume,
Ao seios do luar subia a treva,
Na exactidão do odio e do ciume,
Ao silencio em que amor se occulta e eleva.

“Quero ser vencedor em campo aberto !”
Has de a perda chorar d’essa ventura
Nos mysterios gerada e perto, e perto
Das frescas bordas de uma sepultura !

E o doce amor, que foge e á cabeceira
Pode faltar de moribundos paes,
A horas tão más ás sombras da palmeira
Ao prazo dado não faltou jamais.

Oh! a ardente paixão da mocidade !
Do orvalho *ethereo* quéda fecundante

Na terra aberta em flor ! E o beijo amante
Recolhiam os céus — dando a saudade.

Porém, quem tanto amara não voltou —
E inda lá vê-se, como um astro erguido,
N'um alvo braço um rosto entristecido.
— Depois veio o passado, e além passou.

* * *

Foi um anno bem triste — os vivos creram
Toda uma inteira geração passando !
Os acontecimentos que se deram.
A natureza, ainda os está chorando.

Passaram recolhidas em seus lares
As familias durante todo o inverno;
A alegria de amor e dos folgaes
Das festas aldeias tornou-se o inferno —

Oh! essas festas ! quando os lavradores
Reunidos nos valles florescentes
Eram do quadro gloria a dos verdores
Campestre natureza ! Oh! innocentes

Dias d'Eden ! que á luz estas collinas
Nas manhans do equador tinham incantos !
Cem cavallos pasciam nas campinas,
Que dos escravos resoavam os cantos !

Um prazer puro no festim reinava
Dos copos de crystal; sobre a donzella
Descia linda afortunada estrella;
Em sangue amigo o coração nadava.

Eram as virgens como os brancos lirios
Do campo, á doce viração crescendo,
Tão brandas como as palmas, e martyrios
Nos roxos olhos, pranto e luz vertendo.

Pois bem, tudo acabou-se; a vida pesa
Ora alli, a onda d'oiro que entre rosas

E entre murtas correu —

Não era o Guesa

Que fugia através da noite umbrosa ? —

Por isso apenas, ao rumor do hinvverno
Sonorosa a espessura dos palmares,
Um canto se ouve solitario interno,
Que traz á alma doer, silencio aos ares:

Não no repetem echos namorados
As meigas solidões; são antes como
No ermo a calar, de céus abandonados
O echo talvez por melindroso assomo.

Gemer se escutam nos violões da aldeia
Cordas do coração, por mãos franzinas
D'espurio genio que invisivel crea
N'alma deserto amor; e as peregrinas,

As vibradas aragens levi-errantes
No saudoso bafejo; e das palmeiras
Saindo uns alvos anjos, mui distantes
Inclinando-se ás ondas das ribeiras —

*

*

*

Veiu o verão; passaram para os lagos
Roseos cordões de colhereira etherea,
A andorinha seus ledos vôos vagos
Já de ao em torno do casal erguera.

A baunilha espalhou, por toda a estrada
D'entre florestas, calidos perfumes
Como ínvia chamma errante, apaixonada,
Que a amar excita, e mata de ciumes.

Viu-se ao rio o seu curso enfraquecendo
E atalhar-se; e não viu-se á pescaria
Mais caravanas a cantar descendo,
Fugindo á lapa a lontra luzidia.

Os corvos sobre os campos abaixaram;
Nos montes não correram caçadores;

Rugiu negra a discordia entre os amores,
E os moços a rugir se separaram.

— E os céus alvecem na alegria pura
E dolorosa e doce e tão suave !
As terras ermam-se aos trinares da ave,
E o rosto tem pendido Virjanûra!

* * *

Ora abriam-se as alvas ao nascente,
Bem como um lirio immenso despontando
Em luz e alvura, que á jornada olente
Fosse ao viajor desperto convidando —

Vêde-o ! qual se o demonio da inconstancia
Guiasse a candidez de um seraphim,
Que ha de prostrar depois — a flor d'infancia
Cedo se esfolha, combanida assim.

Oh! eu o vi, tão nobre e se acurvando
Aos infimos amores ! os seus bellos
Olhos sombrios, vi-o altivo erguel-os —
E' do amor na degradação rojando !

Oh! quão triste ! e eu vi-o na innocencia,
Co'o repouso dos meigos melancholicos
Sorrindo-se aos rugidos tão diabolicos
D'homens, que condemnavam-lhe a existencia !

O vi, que não tremeu diante a miseria,
E mas foi qual no centro do deserto
O monte alevantado — e então mais perto
Das espheras que á luz ardem siderea !

Sublime como ao raio das desgraças,
Olhando eu vi-o á ideal belleza !
Na duvida depois, e na tristeza
Do oiro mundano e das mundanas graças


O vi descer penoso para o abysmo
Implacavel, hiante, e sobre a vida

Ai ! sem detel-o mão forte ou querida —
Como outr'ora ao archanjo d'egoismo,

Filho da dor, das trevas que escurecem
Por toda parte ! E afflictivo e invicto
Murchando o coração, puro e maldicto,
Dos infelizes, ai que inda adolecem !

Oh ! quão bello e quão triste ! O aproximavam,
E inimigos fugiam-no ! e então
Só o innocente e a virgem lhe ficavam,
Sem temerem ver nu seu coração.

— E nas palmas o Guesa se internara
Qual ao futuro vò a mocidade:
Sempre novos amores onde pára;
E sempre, donde vem, funda saudade.



EÓLIAS.

O CRESCENTE.

Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não têm.

G. DIAS.

Leve brisa susurrando
Move a folhagem do monte:
Vão as aves acordando,
Pela alva noite cantando,
Na espessura, no horizonte.

Noiva de bellos amores,
Que tens tão limpido véu!
Abre-o por estes pendores
Recamados de verdores
Fulgindo orvalhos do céu,
Noiva de bellos amores,
Que tens tão limpido véu!

À luz tua adamantina
Se entenece o coração
Da virgem, que inda menina
Para os amores se inclina
Por innocente afeição —
À luz tua adamantina
Se entenece o coração.

Já das sombras do arvoredo
Realça o violão do amante;
Aprende a noite o segredo,

Que mal entendera a medo
Suspirando a bella infante —
Já das sombras do arvoredo
Realça o violão do amante.

Lá do teu nimbo azulado
Nos mansos ares velando,
Como um pensamento alado
Na immensidade arrojado,
Os pés do Throno beijando,

Tu nos desertos conduzes
A leda tropa a cantar
Por que noites! Com que luzes
D'imagens tu não seduzes
Meigo o perdido a scismar!
Tu nos desertos conduzes
A leda tropa a cantar.

Aos teus nitentes candores,
Alva açucena do céu,
Enfeitigando-se as flores
Puras nos sonhos de olores
Vestem teu limpido véu —
Aos teus nitentes candores,
Alva açucena do céu.

Com a branda claridade,
Pendida fronte se eleva;
Teus raios fazem saudade,
Intima e doce a amizade,
Linda d'enlevos a treva —
Com a branda claridade,
Pendida fronte se eleva.

Sobre a prata da corrente,
Concha encantada do mar,
Teu semblante transparente
Vai da patria o que anda ausente
Mui saudoso contemplar:

Nos espelhos reflectidos,
Da luz no immenso fulgor,
Torna a ver dos céus perdidos
Os grandes astros luzidos
Dos grandes dias do amor —
Nos espelhos reflectidos,
Da luz no immenso fulgor.

Bella c'rôa, astro fagueiro,
Deusa da alma atribulada,
Sóla o manto de luzeiros,
Vôa aos braços do cruzeiro,
De setembro ó doce amada!

Eu aprendi a adorar-te
Das aguas no isolamento,
A querer-te, a namorar-te,
A ter ciumes de Marte,
Que eu vejo neste momento —
Eu aprendi a adorar-te
Das aguas no isolamento.

LILIUM CONVALLIUM.

Tem mel no aroma, dor
Na cor
O lirio.

G ARRETT.

Deus! como é bella esta terra!
Que saudade nos cantores!
Que de aromas nos vapores
D'entre o crepusc'lo e o luar!
Que sentir tão delicioso
Neste enlevo de pureza —
Nos seios da natureza
Tão alvo lirio a brilhar!

Innocente dos amores,
Meiga flor, candido lirio,

Que tão piedoso martyrio
 Levantas no coração:
 Porque, na alvura sem mancha,
 Nessa infantina alegria,
 Por feiticeira harmonia
 Inspiras tu compaixão?

Ai! agucena dos campos,
 Doce afagada menina
 Tão contente da aurea sina,
 Tão longe e alheia do mal,
 Porque? — Mimosa dos risos,
 És semelhante ao suspiro,
 Que se perde no retiro
 Como te inclinas no val.

AVE-MARIA.

— 't is the hour of love!
 BYRON.

Enamorado enlevo
 Da saudade maviosa diffundida
 Na solidão dos montes,
 Na pallidez morena enternecida
 Dos ermos horizontes!

Emmudecendo aquieta-se
 A menina, interrompe os seus brinquedos,
 Quando na ermida escuta
D'ave-Maria os sons piedoso-ledos
 Com que a campa nuta.

E lirio perfumado,
 As mãozinhas juntando á face bella,
 Religiosa a inclina,
 Enlevados os olhos para a estrella,
 Sua imagem divina.

Tremem-lhe os puros labios
 Na prece virginal — ouve-a, meu Deus!

Porque ella é sozinha
Na terra, porque são os mimos teus
A candida orphãzinha.

Com risonha meiguice,
Linda e contente qual se Deus a ouvira,
Beija a materna mão,
Retoíça no hombro amado, olha, suspira
Olhando a solidão. . .

Crepusculo sombrio,
Da natureza alma contemplada
Nos espelhos dos mares,
No semblante da virgem namorada
Prolongando os olhares —

CARMEN, A COLOMBIANA.

(Ao luar do Amazonas.)

Nous voguions en silence.

LAMARTINE.

E pois que me ouves, cala
A tanta dor amarga,
A dor que morde e larga
Nossa alma no deserto.
Aqui perdido, incerto,
A vida se me exhala
Como este mar, que estala
Na prôa do escaler:
Mas, como as ondas correm,
Se os dias vão-se e morrem,
Escuta e crê, mulher:

Não choro as lindas luas
Do Rio-de-Janeiro
Nas sombras alvas, nuas
Nos valles e no oiteiro . . .

Oh! como eram suaves
Alli nas espessuras
O doce amor, as aves
E a flor das hervas puras,
O vento os meus cabellos
Volvendo aos vãos bellos!

Um dia em Guanabara,
Scismando, em meu rochedo,
A noite muito cedo
Em mim se repassara . . .
Oh! meus amores! . . . Quando
As luzes scintillando
Vieram do nascente,
Em vão passasse a gente,
Que a sombra não achara.

Deixei as minhas rosas,
E ás praias arenosas
Té hoje por aqui . . . —
Alembram-me essas cousas,
Como alvas mariposas
Voassem dentro em mi

FLOR DAS RUINAS.

Eram as tristes ruinas
De uma cidade deserta
E uma rosa branca, branca
D'entre as ruinas aberta.

O cansado viandante
Parava no fim do dia,
Olhava em torno os destroços,
E á flor olhando, dizia:

“Sempre cresceis nestes climas,
Anjos da bênção dos céus.

Que sois luzes na agonia,
Risos no exilio dos réus.

“ Sois as bellas peregrinas
Visões de sombrio olhar,
Cujas fronte se illuminam
Como as espumas do mar;

“ Cujos cabellos escuros
Ondulados na alva mão
Scintillas vibram de luzes
Como os raios do verão.

“ Habitante enamorada
Destes ermos a alvejar,
Deixa que eu vá meu caminho
Emquanto aclara o luar.

“ E fugir não sei do encanto,
Das alvas sombras da flor —
Tumulos meus, tão formosos!
Mortas, que matam de amor!

“ Quem deu-vos, flor dolorosa,
Falar assim de paixão
Nessa magia do gelo,
Co'a frieza e a sedução?

“ Nessa *implacavel* brancura,
Que á mente o' siso arrebatá,
Que amor inspira e condemna,
Que é Deus, que cria e que mata?! ”

Porém, longe o viandante,
Se inda a flor das ruinas vê,
De amor tamanho delira,
Que já perdido se crê.

Pois como a cinza alvejante
No seio a brasa sepulta,
E como dentro das sombras
O lume eterno se occulta,

São da *imagem*, que encerramos
Na alma, a alvura da flor
E as sombras, que se derramam
Dos olhos cheios de amor.

CANÇÃO DE AMOR.

Aonde foram encantos divinos,
Aonde a crença de tanta magia,
Fonte meiga da luz e dos hymnos,
Onde estás? aonde foste, Maria?

Tens a fronte que tinhas na infancia,
Pura e branca, ainda toda harmonia;
Mas, da bella innocencia a fragrancia . . .
Onde estás? aonde foste, Maria?

Ter em ti eu pensava encontrado
Meu sublime ideal da poesia;
Encontrei a mulher em seu fado —
Onde estás? aonde foste, Maria?

Se hoje choro, aos que estavam descrentes
Já mostrei meu amor na alegria:
Terno orgulho dos dias contentes,
Onde estás? aonde foste, Maria?

Aonde foste? aonde foste? — procuro
O que na alma cantando te ouvia,
E já tremo de ouvir-te — e murmuro:
Onde estás? aonde foste, Maria?

Aonde foram divinos encantos,
Aonde o mundo em que eu d'antes vivia?
Porque a fonte do riso é dos prantos?
Onde estás? aonde foste, Maria?

DONDE VENS?

Gloria dos olhos, dor dos corações.

LUZIADAS.

Donde vens, triste formosa,
Que eu vejo sempre a me olhar?
Eu amei outrora . . . uns olhos
Que assim paravam a amar . .
Volta a quem deste os encantos;
Eu volto ás ondas do mar.
— Choras? — tem, oh Deus, piedade
Desta mulher a chorar!

Como estás! onde perdeste
Os mimos de tanto amor?
Em sonhos eu te tomara
Por branca estatua da dor.
Tinhas mais brilho, mais graças
E mais perfumes que a flor!
— Quem desbotou-te estas rosas?
Quem consumiu-te o fulgor?

Eu chorei, quando te rias;
Choras hoje, e não me ríó . . .
Para esquecer-te eu voava
Aos golfos do mar sombrio!
Todos me viram — passando
Solitario como o rio,
Como o vento quando geme
Pelas roseiras do estio!

Tudo em vão! Tinha os teus olhos
Aqui, nas chagas da dor!
Tinha-os n'alma, onde raiavam
Como um sol abrasador!
Me fascinavam no abysmo
De vivo-negro esplendor,
Vibravam sobre os meus dias
Raios do inferno e do amor!

Longa foi-me a vida, longa,
 Emquanto a morte eu busquei.
 Depois, mudando os destinos,
 Na terra os céus encontrei,
 Onde rostos peregrinos,
 E sem ser escravo, amei.
 — Se então chorando me viram . .
 Pranto de amores chorei.

TARDES NA ILHA.

A terra conheceis
 Onde as flores estão sempre brotando,
 Onde quaes suas rosas da grinalda
 São tão brandas as virgens, onde tudo,
 Salvo o espirito do homem, é divino?
 É a terra do Sol!

BYRON.

Cantam vozes d'em torno da ilha
 Aos rumores do mar a quebrar-se;
 Vão-se as mães acercando da filha
 Linda e nua na praia a banhar-se.
 Nas janellas, ao longe alvejantes
 Já s'encurvam, s'enlaçam, se alteiam
 De alvos cysnes os collos brilhantes,
 Negro o olhar, os cabellos que ondeiam.
 E nas sombras da tarde sandosas
 Mais langores os olhos derramam,
 Mais entumem-se os seios de rosas,
 Mais as rosas dos seios s'inflamam.
 Nesta ilha é chimera dos sonhos
 Quem a vida passar não sentiu,
 Se a menina dos olhos risonhos
 Como aurora corando os luziu?
 Quem ha hi que na lyra de Apollo,
 Na aurea patria do vento e da luz,

Lhe não teça grinaldas, ao collo
Que amor ergue, alevanta e seduz?

São da tarde madeixas a brisa
Que se enleia aos perfumes da flor,
Como a presa que ri-se e desliza
D'entre os braços do terno amador.

— Cae a noite. Às estrellas doiradas
Geme o piano com doce gemer,
Cordas d'alma, a mãozinha das fadas
Como sobre um destino a correr.

As boninas abertas recendem
Se inclinando e sorrindo no ar,
Ai as virgens, que a amores se rendem
Por seraphico e bello luar!

E quem ha que da lua aos enlevos
Nesta ilha não sinta de amor
Alma a abrir-se, ou os pesares mais sévos
A romperem-lhe as fontes da dor?

Cantam nautas no meio das vagas,
Rumorejam as brisas co'a flor,
Gira a voz de harmonias tão magas —
Oh! quem ha que o não sinta de amor?

MADEMOISELLE.

Rien de plus beau que Paris!

PROVERBIO.

Fujamos, vida e luz, riso da minha terra,
Sol do levante meu, lirio da negra serra,
Doce imagem de azues brandos formosos olhos
Dos roseos mares vinda á plaga dos abrolhos
Muita esp'rança trazer, muita consolação!
Virgem, do undoso Sena á margem vicejante
Crescendo qual violeta, amando qual errante
Formosa borboleta ás flores da estação!

Partamos para Auteuil, é lá que vivo agora:
Vê como o dia é bello! alli ha sempre aurora
Nas selvas, denso o umbror dos bosques de Bolonha.
—Ouve estrondar Pariz! Pariz delira e sonha
O que realisa lá voluptuar de amor —
Lá onde dorme a noite, acorda a natureza,
Reluz a flor na calma e os hymnos da devesa
Echoam dentro d'alma ais de pungido ardor.

Aos jogos nunca foste, ás aguas de Versailles?
Vamos, ha hoje! . . . alli, palacios e convalles
Do rei Luiz-quatorze alembram grande côrte:
Maria Antonieta alli previa a sorte
Dos seus cabellos d'oiro em ondas na *bergère*. —
Tu contarás, voltando . . . inventa muita cousa,
Prazer de velhos paes, — que viste a bella esposa
Das feras! com chacaes dansando La Barrère!

Oh! vamos, meu amor! costuras abandona;
Deixa por hoje o hotel, que eu . . . deixo a Sorbona —
E fugitivos, do ar contentes passarinhos,
Perdidos pela sombra e a moita dos caminhos
Até á verde em flor *villa Montmorency*!
De lá, és minha prima andando séria e grave;
Entramos no portão: eu dou-te a minha chave
E sobes, meu condão, ao quarto alvo e *joli*!

Hesitas? ou, senão, sigamos outra via;
Do trem que vai partir a valvula assobia,
O povo se accumula, aqui ninguem a ver-nos:
Fujamos para o céu! que fosse p'r'os infernos
Comtigo. . . — “*Oui*” — Não deixes estar teu collo nú!
Ha gente no wagon . . . sou furia do ciúme —
Desdobra o véu no rosto . . . olhos com tanto lume. . . —
Corria o mez de agosto; entramos em Sant' Cloud.

DESERTOS.

Acaso são estes
Os sitios formosos?

DIZEU.

Na balança de ouro dos destinos o dia
fatal de Heitor pendeu para os infernos,
e Phebo-Apollo o abandonou.

ILIADA.

Se és, ó beija-flor,
O genio dos logares
Por onde amei de amor —
Vôa aos mimosos ares!

Deus salve! as brisas bellas
Sómente hoje ficaram,
E as flores amarellas
Que o leito nos formaram;

E as calmas do deserto,
E a triste solidão,
Onde de dor aberto
Parte-se o coração.

Eram alli as festas
E a voz do meu amor;
Agora, as mudas sestas
De um sol desolador.

Esta alma o presentia
Quando, na luz brilhante,
A fronte entristecia
Ao doce olhar da amante:

Porque meiga tristeza
Está no amor profundo,
Na luz da natureza,
No florescer do mundo.

Oh! não desprezes nunca
As ruínas do passado!

— Esta corrente adunca,
Este casal deixado,
Onde o vago rumor,
Onde as saudades choram,
O paraíso foram,
Foram primeiro-amor.

LEILA.

Eu adoro a menina em verdes annos,
Da primavera aos sons e dos amores
Boyando os doces olhos soberanos
Na existencia dos limpídos albores.

Oh! formosa estação da flor que aponta!
Seios que nascem! coração que acorda!
— Das lyras de esmeralda afina a corda
A poesia da luz, que á Deus remonta!

Leila tinha dez annos, e tem treze;
É mais sisuda e grave em seus amores;
Adoro-a quando brinca, e que me peze,
Se ella das outras some-se entre as flores . . .

“ Ó Leila! Leila!” as companheiras gritam,
Ella volta a correr; e espantadiça,
Arde-lhe a face, os seios lhe palpitam,
E os desejos, mais bella, ateia, atíça!

Erra Leila os brinquedos; se se esconde,
Retarda-se nas moitas mais que todas;
Fica tão distrahida, andando ás rodas,
Que podem a chamar, que não responde.

Recosta-se á janella, olhando a lua
Ou seguindo na relva as veias d’agua;
Diz que a rolinha imita a mágoa sua.
Como se Leila já tivesse mágoa . . .

Tinha apenas dez annos; treze agora,
Se ella põe-se a contar, logo entristece:
Que no amor haja dor, mesmo na aurora,
Só pensar nestas coisas endoidece.

MORTA DE AMOR.

(Nos cemiterios.)

Eu venho visitar-te
Aqui na sepultura. . .
Rosa, que são dos dias
De tua formosura?

Tu eras como o astro
Fulgente das manhans,
A flor mais doce e linda
Do teu jardim de irmãs.

Amores te acabaram,
Mimos da mocidade. . .
E venho hoje trazer-te
Prantos d'esta saudade.

Ha quanto, quanto tempo
A terra te consome!
E sobre ella não ouço
Ninguem dizer teu nome. . .

Ai! dorme, dorme, n'alma
Eu tenho a imagem tua;
Da tua flor perfumes,
Aragens d'esta lua!

E quando, vinda a aurora
Tambem eu descansar,
Iremos, Rosa, iremos
Os pés de Deus beijar.

CREPUSCULARES.

Ao mar alto vogai, marinheiros,
Aos abysmos da noite e do mar
Onde, os céus apagando os luzeiros,
Só se escute a procella a roncar!

Quando o sol para os seios se inclina
Da alva tarde, este amor, que se sente,
Dos rochedos sombria menina
Canta na harpa da umbrosa corrente.

Seus cabellos pelo ar se espalhando
Fundo enlevo derramam nesta hora;
Vozes se ouvem da patria falando —
Na alma o pranto, o semblante descora.

Dos maiores as sombras nos passam
Sobre os lumes da vaga sombria,
Plumbeas fórmãs que sonhos nos traçam
Do passado, onde é tudo harmonia.

Nasce eterna saudade nas aguas
Ante as sombras da noite a cair,
Mal ditosas correntes de mágoas
Ao passado, onde é tudo a sorrir.

Canta o anjo dos altos rochedos
Do crepusculo ás sombras algentes,
Canta na harpa a saudade, os segredos
Que além morrem no umbror das correntes:

“Os dias formosos do amor se passaram,
Perderam-se affectos do teu coração:
Os olhos, que ardentes meus labios beijaram,
Adeus, os teus olhos não mais me verão!

“Nas sombras fagueiras que a tarde enamoram,
Nos fulgidos raios de um céu puro e meu,

Nas vozes errantes que á noite primoram —
Sonhava o meu sonho, que foi tambem teu.

“Encanto de luzes . . . perdida essa gloria,
Se hei tudo perdido no mundo por ti,
Eu venho co’a tarde, co’a triste memoria
Dos doces encantos, dos bens que perdi.”

Genio agora das noites dos astros,
No deserto dos ventos cheguei,
Triste c’rôa de muchos ennastros
Só trazendo, de tudo que amei.

Ermo e longe da esp’rança e do mundo,
Na alma eu sinto as tormentas do amor,
Que os vaivens do oceano profundo
Não venceram — mais deram-me a dor!

Fascinado da aurora nos risos,
Meus sombrios encantos logrei . . .
Os annéis dos cabellos mais lisos
Nos meus dedos, brincando, quebrei.

Genio impuro das noites dos astros,
Ora estou como o abysmo do mar,
Tendo a c’rôa de muchos ennastros,
E o amor sempre n’alma a bradar!

LIMBOS.

— Mas, o esquecimento poderia vir
por um destino melhor . . .

PINDARO.

No ermo dos mortos
Quem for passeiando
E houver meditando
De á noite parar,
Verá que se escutam
Trazidos nos ventos

Os doces accents
De um triste penar.

Se a noite for bella,
Se a lua for clara,
Que a noite juncara
De flores o chão,
Verá, como um sonho,
Nas luzes dos ares
Levado aos luares
O infante pagão.

Nos raios da lua
Se apegá o menino,
Tão puro, franzino,
Ethereo o matiz!
Nos brandos perfumes,
Nas camas de aragem
Reclina a imagem
Tristonha e feliz.

Se embala, se embala,
Tão leve, tão leve,
Quem berços não teve
No collo do amor!
Quem foi neste mundo
Maldito da sorte,
Nos braços da morte,
Da vida no albor!

Compraz-se brincando
Nos raios brilhantes
— Do céu de diamantes
As flores do val —
Porém, se uma nuvem
A lua escurece,
Do ar se esvaece
N'um grito fatal!
Seus labios não viram

As meigas delicias,
Que têm as caricias
De uns labios de mãe.
Seus olhos risonhos,
Que á noite reluzem
De azues, não seduzem.
Os olhos de um pae.

NOIVA.

Que vens-me a fronte com gentis desejos
Cobrir de beijos, que não são mais teus?
Que vens trazer ao trovador que sonha,
Dos céus risonha, lindo amor de Deus?

— Flores — as flores da querida infancia!
Sinto a fragrancia dos jardins do amor...
Troca-as, formosa, pela dos martyrios
C'rôa de cirios de mortal pallor.

Oh, nunca venhas acordar-me esta alma,
Onde eras palma e seductora luz!
Oh, antes, vem — meus somnos acalenta,
Meu passo alenta — e ao Calvario a cruz!

Vem! porque á noite, quando corre o pranto,
É doce o encanto do irraiar do albor.
Volta amanha — se tu voltares hoje...
Não voltes — foge! que inda sinto amor!

ESTANCIAS.

(Noites em Manaus.)

Quando, ó bella saudosa, a sós pensardes
Que sou longe, mui longe:
Escutai a vossa alma,
Onde existo vereis, senhora minha.

Porém, se a medo tremem vossos lábios
N'outros ouvidos — sim —
Se do amor os delirios,
Nas festas da alma o coração traindo,
Nelle traçam com fogo phrases mysticas,
Que só depois as dores interpretam
Longe da esp'rança. . .

Ante a imaginação meus sonhos erram,
Como no espaço as nuvens;
E o Rio-Negro n'um tormento ondula
Vos levando o meu nome.

Existo — me acompanha a imagem vossa,
E do amor esta imagem —
Como um iris das noites eclipsado
Na paixão solitaria.

Podessem noites, da felicidade
Esquecer as auroras. . .
Oh! meu preságo coração presinto,
Eu devera esquecer-vos!

Surda, surda aos reclamos de vossa alma
Heis de aos pés esmagar o meu retrato,
Pallida, em risos,
E enlouquecer depois —
No vasio implacavel, nesse inferno
Que susurrando fica
Do que passou-se, e do que ser devera.

Então é que se sente o que ha de amargo,
Senhora, em procurar-se uma alegria
A todo preço de viver: n'um baile,
Nos saraus do noivado, o pensamento
Pungir vem! — não se envolve nos prazeres
O coração que pende.

Então choram-se os prantos desolados
Da perdida esperança.

E tarde, tarde a sonhadora ha visto
Que mente o peito, que os sorrisos mentem
 À candidez dos anjos.

— Guarda a crença formosa,
A doce crença com que os nossos olhos
Do altar dos mares riam-se ás estrellas —
Com que . . . um dia . . . lembram-te essas cousas?
 Crês como outrora?..

Que não n'a vendam! que não haja um oiro
 Que a vá comprar! . . .
 Porém, que triste noite,
Donde auroras não raíam, donde luzes
Dentre montes de rosas e de aromas
 Já não trazem amor!

— Não ha, não ha fugir-nos
Quando o Oceano, a Natureza, o Eterno —
 De tudo sabem —
A nós nos amostraram! nós nos vimos
Em seus seios sonoros embalados.

VOAR.

(No album de D. . . .)

Qual vò a o negro corvo,
Quizera eu livre ser,
No seio azul do espaço
Voar e me perder.

Voar, voar, nos ventos
As azas estender;
Co'as nuvens embalar-me,
Voar e me perder.

Voar sempre, fugir-me,
No ether me esconder,

Fugir, fugir da terra,
Voar e me perder.

Direita ao sol dos trópicos
Soltar minh'alma — a arder
Nas chammas que a devoram --
Voar, voar, morrer.

SAUDADES NO PORVIR.

(Sobre as ribanceiras de Alcantara.)

Eu vou co'a noite
Pallida e fria
Na penedia
Me debruçar:
O promontorio
De negro dorso,
Qual nau de corso
Se alonga ao mar.

Dormem as horas,
A flor somente
Respira e sente
Na solidão;
A flor das rochas,
Franzina e leve,
Ao sopro breve
Da viração.

Cantando o nauta
Desdobra as vélas
Argentéas, bellas
Azas do mar;
Branqueia a prôa,
Partindo as vagas,
Que n'outras plagas
Se vão quebrar.

Eu ponho os olhos
No firmamento:
Que isolamento,
Oh, minha irmã!
Apenas o astro
Que luz duvida,
Promette a vida
Para amanha.

Naquella nuvem
Te vejo morta:
Meu peito corta
Cruel sentir!
Da lua o tumulto
Na onda ondula,
E o mar modula
Como um porvir...

SEDUÇÃO.

Vamos, ó bella, ao templo dos amores:
A c'rôa cinge; põe o véu de nuvens;
Traja alvas sedas, reluzentes, puras,
Como minha alma.

Vamos! que importa que entre mim e o mundo
A noite abysme-se, onde tudo acaba?
Que a mim d'em torno a solidão se faça
Como ao samûm?

Julgas acaso que de amor os beijos
Dardejam raios, como o sol deserto
Que a flor devora, consumindo a seiva
Do coração?

Minha alma é bella qual luar formoso,
Maga encantada, á luz dos céus esplendida,
Que o bruto e o homem, quanto aqui respira,
Ama e fascina.

O bruto e o homem, porque a virem força-os
 A luz sombria dos meus olhos negros —
 Cinge a corôa, ao templo dos amores
 Vamos, ó bella!

Oh, nada temas, quando as vês tão tristes
 Frontes altivas, que dominam a terra —
 Dobram-se aos pés da formosura Alcides,
 Beijam-lhe as mãos:

São os escravos das divinas fórmulas,
 Das virgens santas, da virtude eterna;
 Incensos queimam, sacro fogo accendem
 No altar de Vesta.

Porém te vejo sobre o meu sepulchro
 Triste e sozinha debruçada em prantos...
 O pranto meigo e o soluçar queixoso
 Ouçam-te os céus!

Por entre os negros dolorosos crepes,
 Pulsam-te os seios arquejantes, brancos,
 Vão-te em ondas os cabellos soltos
 Na aza dos ventos —

Colhe-os, entrança-os; das espádoas bellas,
 Vampirea sombra, o negro luto despe!
 Cinge a corôa, as sedas alvejantes
 Como minha alma!

ARREPENDIMENTO.

— λευχώλενος Ἥρη.

HOMEBO.

Cala-te... o quanto me queres,
 Não digas! deliras tanto,
 Que quasi aterra-me o encanto
 Que em ti meu ser produziu!
 Salamandra dos prazeres,

Nas chammas fui; da saudade
Nas sombras sou: e amizade
Tanta, nunca alma a sentiu!

Meu Deus, que dás á innocencia
Todo o riso dos amores,
Toda a graça, todas cores
Das azas do cherubim,
Dá que na luz da existencia
Ria-se á luz da esperança
A tão formosa criança,
Tão alva como o jasmim!

Nella firmava o futuro,
Na minha eterna tristeza . . .
Tanta nascente belleza
Todo um presente criou!
Então, no sonho mais puro
Que tu concedes á estrella,
Raiou-lhe a crença tão bella,
Que nunca mais a deixou!

Perdão, Senhor! foi loucura
No homem cego e mundano,
Fugir do amor soberano
Ao fulgor material . . .
— Mas, esta dor séva, escura,
Sempre a falar do passado,
Foi o pão amaldiçoado
De cada dia a meu mal!

CASUARINAS.

Venho ouvir os doces threnos,
Casuarinas,
Venho ouvir a voz do mar:
Dos cabellos nazarenos
As neblinas
Sacudi d'em torno ao ar!

Tão aereas, tão gementes,
 Sois tão bellas
Como o são virgens do céu,
Com almas tão transparentes
 E quando ellas
Desdobram de luz o véu.

Vem nas ondas dos luares,
 Na miragem
Da harpa ecclia a gemer,
Bellas virgens dos scismares,
 Grata imagem
Vem-vos a alma adormecer . . .

Quando a brisa suspirando
 Vos inclina —
Oh! a doce inspiração!
Vossas musas se embalando
 Vesperinas
Falam tanto ao coração!

As estrellas, que se accendem
 Scintillantes,
Vossas fronte matizaram;
As auras, que resplendem,
 Mil diamantes
Dos seios vos derramaram.

E venho ouvir vossos threnos,
 Casuarinas,
Venho ouvir a voz do mar —
Dos cabellos nazarenos
 As neblinas
Sacudí d'ém torno ao ar.

FLORES DO AR.

Ecce Deus fortior.

DANTE. *Vita Nuova.*

I.

Minh'alma se eleva
Nas flores do ar,
Que ás bordas s'inclinam
Das ondas do mar.
E as ondas são virgens
Que dão-nos vertigens,
Se nellas s'inclinam
As flores do ar.

Minh'alma fluctua
Nas auras de abril,
Na luz se embalança
De um céu puro anil.
Se como a violeta
A vês . . . borboleta
Dos céus s'embalança
Nas auras de abril.

Quem desce a collina?
Quem anda á soidão?
— Na fronte a tristeza,
No olhar a paixão . . .
Que faz a donzella
Tão pura e tão bella
Com tanta tristeza
Na rosea soidão?

Espalha na terra
As flores de abril,
E uns risos d'esp'ranças
Nos ares de anil —
Escuta: se amares
As flores dos ares,

Tu morres em 'sp'ranças,
Como ellas em abril.

II.

Ella ensinou-me a soletrar seu nome
Co'a gentil afeição da flor que odora
D'Helios o puro amor.
Quando a dor da existencia me consome,
Eu beijo a doce letra, e nova aurora
Vem afagar-me a dor.

Tu nunca o saberás . . . nunca a loucura
Desprenderá meus labios, que uma phrase
Te cubra de rubor:
Porém te adoro tanto, que a ventura
De ver-te é todo o sonho; e amar-te, quasi
O enlouquecer de amor.

Louco! á luz da belleza que resplende
Insecto eu fui, que cega e que delira
Das luzes ao redor;
Abelha d'embriaguez, que aos labios pende;
Serpente das paixões, que amor suspira
Envenenando amor.

Eram as brancas fórmãs, eram thronos
Onde reina o mais vário; onde amor dita,
Como um demonio — amor! —
Porém, á ardente noite voltam somnos
De mais brando sonhar, e a letra escrita
Beijo, afagando a dor.

III.

Bem sei que amar-te não posso;
Que és luz, eu trevas, bem sei.
Minha alma ardente de moço,
Se adora a virgem minha alma,

A fronte altiva com calma
Posso curvar — e curvei. . . .

Eu fui, qual sombra, escutar-te
Os hymnos da etherea voz
Como crystal que se parte
Das gottas fracas da fonte,
Que então não desceu do monte,
Deixando os echos a sós.

Fui, da divina fraqueza
Ao encanto e á seducção,
Sombra presa, sombra presa
Da miragem peregrina,
Que se eleva e se illumina
Aos raios do coração!

Nunca o destino te fira
Qual me feriste — que fiz?
Oh nunca a amor, que delira
Da luz ao meio e do riso,
Venha o anjo do paraíso
Dizer-lhe: pára, infeliz!

Olhaste-me toda a noite
Sem mais me apertar a mão!
Eu sentia fundo o açoite,
Na mudez dos infelizes —
Até tu também maldizes
Minha eterna solidão!

Ai! a razão me abandona!
Vai-se-me a vida estalar!
Densas trevas sobre a zona
Que eu percorria de luzes
Obumbram-se, e a não seduzes
Mais com teu vívido olhar!

Eu vi, que te admiravas
De mim; eu vi-te partir —

Ai! a vida que me davas
Era tão pura e tão bella,
Que podias ser a estrella
Sempre em minh'alma a luzir!

Te amava eu, do amor puro
Que a terra deve a seu Deus:
Como do vento o murmúro,
Da onda a canção saudosa,
Como a harmonia formosa
Que emana dos labios teus.

Oh! eu te amo! e tanto, tanto,
Que não sei senão te amar!
Os dias corram-me em pranto,
Corram-me os dias por flores,
Serás meu canto de amores
Ou minha musa a chorar.

Escreveste-me a sentença
De morte — emfim! mas, de ti
Venha a paz e a doce crença,
Venham horrores da sorte,
Na vida como na morte,
Beijo os pés onde caí.

Adeus! eu levo commigo
Todo o segredo do amor.
Da sombra eterna ao abrigo,
Sómente lá, com meu pranto,
Rompendo os labios o encanto,
Direi teu nome ao Senhor.

MYOSOTIS.

(Entre os rosas da Victoria.)

Não vás! escuta-me! eu irei contigo,
Não desesperes do destino meu! —
Do céu ás vezes cae um pranto amigo
Aos anjos tristes que perderam o céu.

Oh! não me esqueças! não me esqueças inda,
Que de saudades tuas morrerei!
Se eu amo as flores, és a flor mais linda;
Se amores queres, todo o amor te dei.

Não vás! espera, que o abysmo é fundo
Onde naufraga-se a existencia inteira!
Eterno o adeus, quando se foi do mundo
Deixando a crença candida e primeira!

Não vás! espera-me; eu irei contigo
Ao fim da vida! Do destino meu
Não desesperes, porque foi commigo
Que tu cresceste, que fui genio teu:

Porque se fores, como a flor marinha
Que o vento leva para extranho mar,
Quando vieres, já na ausencia minha,
Tão murcha na alma, quem tu has de achar?

Quem has de ver da suspirada aurora,
Se em teu caminho não existirei?
Oh! não me esqueças, bella seductora,
Porque não chores como já chorei!

Não vás! escuta! —quando fui maldito
Dos céus terríveis, que da esp'rança eu vim
Por sobre a terra, como a do proscrito
Errante sombra, pallido Caim,

Tu foste a unica estrellinha amiga
Que ao procellar das noites não fugiu!
Se vais, quem ha que, posto o sol, me siga,
Vesper formosa qual jámais luziu?

Tu foste a flor de amor, que não morreu-me
Da alma descrente ao sopro abrasador,
Que a debil hastea sobre mim pendeu-me —
Oh! não me deixes, seductora flor!

Oasis meu da atribulada vida,
Unica flor, que sobre o meu rochedo
Raio iracundo não tocou! — perdida
Vais? oh não vás! que fico só, tão cedo!

Aqui brincámos... e os jardins sem flores
As nossas brisas hoje encontrarão:
E as borboletas, já não tendo amores,
Ai! de saudades, mais não voltarão!

Mas, quando venha aos labios teus risonhos
Abelha extranha a doce flor chupar,
Serei na tua alma e nos mentidos sonhos
Ave-phantasma, que verás passar:

Como nas plagas onde muge o vento,
Se o fado ao nauta do seu mar lançou,
Revôa a aguia — que não toma assento
Sobre sua presa, que o chacal tomou.

SULTANA DO ROUXINOL.

Rosa, pensei que não virias hoje
A taes horas de amor;
As sombras se estenderam das limeiras,
Os fructos odorando.

Desceu do monte a viração da tarde,
Das nuvens d'ouro o sol;
Voaram aves aos sonoros ramos,
Erra a noite nos valles.

Doce filha das graças e os amores,
Intelligente flor,
Teu cinto é como o calice dos lírios
Aos zephyros brandindo.

Quando brincas no bando d'innocentes,
Es a mais lenta a andar.
Adolescem em ti sómente os annos,
Rindo-te a infancia na alma.

Simelhas com teus braços alvejantes
Visão crepuscular...
Dos regatos azues, que algures correm,
Escuta, escuta as vozes!

O coração resôa-me contigo,
N'um hymno perennal!
Teus labios são tão puros, que este beijo
Se evapora e se perde.

Não vás correr nas sombras das limeiras,
Deixa as outras brincar:
São as vivas boninas que despontam
Ao pôr do sol — escuta!...

Aqui nós voltejavamos d'em torno
Aos nossos corações;
Ella aqui se assentou:
Alegre estava o ar... — e como a terra
Entristeceu depois!

ELLOS QUEBRADOS.

Eu convalesço, o coração se agita
De novo na existencia enãmorada!
Doirando o rio azul, raia bemdita
Luz do céu... que me foi berço e morada.

Quanta luz! quanto amor! quanta esperança
Na estrella d'alva e aqui no coração!
Meiga perdida, magica lembrança
Do que hoje choro — e sem consolação.

Foi-se o tremendo deus, desses amores
Que elevavam minha alma... e a degradaram.
— Vem, minha filha, a ti todas as flores;
Vem, meu amigo, que ainda não murcharam.

— Não me deixem cair! sinto-me fraco
Para esta dor aos echos do passado —
Vascas sangrentas d'alma e olhar opaco
Da loucura a surgir do inferno odiado!

Oh! rasguem-me estas trevas, que me envolvem
E tiram-me da luz!... Anjos queridos,
Não é verdade? os céus p'ra mim se voltam,
E meus dias tereis, longos, floridos?...

VASCAS DO JUSTO.

O odioso destino, que presidiu ao meu
nascimento, devorou-me!

HOMERO.

Meu pae, nesta hora, quando os homens choram
Resignados, e abaixam a cabeça
 Á divina piedade;
Quando a vil cobardia do peccado
Leva á degradação — eu me alevanto
 E encaro a eternidade.

Mundo! mundo! se nunca me illudiste,
Eu deixo-te co' o mesmo desespero

Em que vivi:

Maldizendo a existencia, que me deram
Como uma grande coisa, que educaram,
E eu fui que a soffri.

Fere, aqui tens meu coração, ó morte!..

Obrigado... — Não foram doces laços,

E eu cá não fora!

Dê ha muito a vida eu vol-a entregara,
Pura e sem mancha, ao vosso pae celeste;

E o mais... embora.

Caio, rugiudo como as feras morrem,

Como quebra-se o mar... Vós sois mais forte,

Fatal Poder!

— Sinto o repouso da alma — sinto-a fria

Como gelam os pólos — tenho somno

E... — apodrecer.

AMO-TE.

Eu, que dobrei qual verde branda vara

Dos desertos ao vento, e da verdade

Do amor e desta doce liberdade

Sacrifiquei descrente á terra amára,

Amo-te! — Se soubesses a saudade

Que dos risos se tem... Oh! doce e cára,

Volve os teus verdes olhos com piedade,

Como a Virgem dos céus, consola e ampara!

Vem, como o anjo, que se vê descido

Sobre o tumulto alvar, nevi-luzentes

Meigas azas abrir! Vem, que é perdido

O veneno da flor! — Hoje innocentes

Perfumes solta o lirio anoitecido

As auras dos jardins frescas e olentes.

LIMÕES CHEIROSOS.

Limões cheirosos — quero nestes seios
Morrer d'enleios, elevar-me aos céus!
Sonhos risonhos, amorosos gosos
Lograr ditosos, meu amor, meu deus!

Deixa... não fujas... tenho acaso na alma
A ardente calma, que devora a flor?
— A flor de amor ao lírio do martyrio
Accenda o cirio, que illumina amor!

Amo os teus olhos, amo os teus cabellos
Nos hombros bellos... sobe neste altar!
Tua luz seduz! grinalda d'esmeralda
Tua fronte escalda... deixa-te adorar!

ESPERAR.

Quando eu subo os meus cumes floridos,
Quem será que me brada — esperar?
Oh! deixai-me ir adiante! ir adiante,
Que eu não posso um momento parar!

Esperar — se amanhã não existo,
Se estas flores não hão de existir;
Esperar — quando os céus, quando a infancia,
Quando o amor, tudo vejo a fugir?

Quando a mente referve e rebrama
Como o incendio da selva a estalar;
Quando o mundo nos deixa, e nos vemos
Do passado um sepulchro a alvejar?

Esperar — são as c'rôas de espinhos;
São as rosas de Guatimozin;
Esperar — são as portas sem 'spr'rança
Deste inferno implacavel, sem fim!

Esperar — são algemas candentes;
 São as vozes do amor sem cantar;
 São as dores sem pranto, rugidas
 Como ás gralhas dos ventos o mar!

São da febre o delirio, o phantasma
 Da alma eterna, do nada a surgir
 E a voltar; são da morte e da vida
 Somno e duvida, e o negro porvir!

Esperar — são as noites veladas,
 São as noites de afflicto penar —
 Noites, noites — ádiante! não posso,
 Oh! não posso um momento parar!

Mais de pressa! o sol posto, nos cumes
 Sombras negras se obumbram de horror!
 Mortas alvas são, mortos os astros
 De olhar meigo luzindo ao pastor.

E esperar! quando os céus não existem,
 Quando as flores presinto a murchar;
 Quando a luz de amanha, quando a esp'rança
 Não me espera — e esperar? esperar?...

DÁ MEIA NOITE.

Alb

Dá meia noite; em céu azul-ferrete
 Formosa espádoa a lua
 Alveja nua,
 E vòta sobre os templos da cidade.

Nos brancos muros se projectam sombras;
 Passeia a sentinella
 Á noite bella
 Opulenta da luz da divindade.

O silencio respira; almos frescores
 Meus cabellos afagam;

Genios vagam,
De alguma fada no ar andando á caça.
Adormeceu a virgem; dos espiritos
Jaz nos mundos risonhos —
Fôra eu os sonhos
Da bella virgem... uma nuvem passa.

EU VI A FLOR DO CEU.

Eu vi a flor do céu — meiga esperança
Sorrindo para mim, Deus verdadeiro!
Eu amei como um doido a formosura,
E eu não tinha dinheiro...
Então senti minha alma degradada,
Como á bandeira que hasteiou Tarquino,
Quando o fogo da febre lhe lavrava
Nas veias do assassino.
E do mundo aos applausos, minha fronte
Pallida entristeceu, mal resignada,
Como essas flores, cuja alvura indica
Floreia estação passada.

BEBER EU IA AS FONTES.

Beber eu ia ás fontes
Que por alli manavam,
Ás sombras assentar-me
Que alli s'embalçavam
Naquelles doces valles,
Naquelle céus de amor!
Em seus jardins correndo,
Brincando andava Anninhas
No bando susurrante

Das lindas irmãzinhas,
As borboletas lindas
Que vão de flor em flor.

Oh dias! dias d'oiro
Do Rio de Janeiro!
Noites cheias de vozes,
De genios feiticeiros,
Da brisa e das torrentes
Do valle na soidão!
Tardes enamoradas!
Formoso firmamento!
Onde em scismar tão fundo
Perde-se o pensamento
E estalam cordas da alma
Na dor do coração!

E no passado jazem
Todos os sonhos meus!
Eu era o lirio candido
Dos zephyros de Deus!
E sou o lirio negro
Do inferno, anjo do mal!
O mundo converteu-me
Da flor mais encantada
Na flor mais venenosa,
Dos nortes agoitada
Gemendo nas montanhas
À voz do vendaval!

MORRERES?

(Noites na Victoria.)

Que o meu amor nas lagrymas se banha,
Que soffrem os que amam-me, tu dizes?
Que um cortejo de mágoas me acompanha,
Que espalho espinhos onde quer que pizes?..

Tu és formosa, como a branca estrella
Nas trepidantes fontes crystallinas,
Tens na alvura do rosto alvas boninas
As noites perfumando, como és bella!

Como és formosa, marmore alvejante
D'estatua, que enamora a autora mão!
Quem me dera poder, ledó, anhelante
Nos seios accender-te o coração!

E dizes tu, que soffres, que endoidecees
Nesta flagellação de tanto amor?
— Choras, olhando aos céus, como quizessees
Dalli justiça eterna á tanta dor?

Antes vê aqui dentro . . . o sangue vivo
Dos elos mysteriosos com que prendes
O trino e santo amor, que mal comprehendes,
Que em mal devora ao trovador cativo!

E morreres em quanto a vida, isenta
Da mancha, é doce aroma aos pés de Deus?
Emquanto, a luz que o peito te adormenta,
Derramam onda azul os olhos teus? —

Antes do bello tumulo a brancura
Ardesse, incendiando-se os luares
De frigida ardentia, dos polares
Gelos formosos, que só dão loucura!

Antes da bella estatua de alabastro
O mundo visse a transfiguração,
Surgindo o sonho, illuminar-se o astro,
Morto louco de amor Pygmalião!

Mas, porque me despertam harmonias
A taes horas da noite em meu rochedo?
Não são da vaga em torno as agonias,
Nem do vento os gemidos no arvoredó.

Preludiam amores e saudade
 As vozes que eu escuto — alçai o canto! —
 São bellos corações de mocidade
 Que trazem-me talvez, a mim, seu pranto . . .

Cantai, cantai — o magico instrumento
 Tem segredos de amor na solidão!
 Vibrai, pungi tão fundo o isolamento,
 A arrebeitar as cordas ao violão!

Umbrosa noite, sombras encantadas,
 Fulgor nos astros, o exhalar da terra,
 “Minh'alma é triste,” endechas namoradas
 Que a noite embala — e a viração desterra . . .

SONS E AROMAS.

(Séttas no Marianno.)

—Ao meio dia, flor, quando adormece
 Da acacia á sombra meigo trovador;
 Quando ao cair da calma nos parece
 Sentir andando no Eden o Senhor,
 Sóto o mais doce canto — em que se esquece
 E entre imagens delira o sonhador —
 Nos desertos dormido, elle agradece
 Co'o sorriso do somno ao bom cantor!

Porém, tu, que só abres á noitinha,
 Quando já ninguém vês nem ha calor;
 Que só queres encantos da estrellinha,
 Que não te educa, nem te tem amor —
 Ai! flor ingrata, livida e mesquinha,
 Ao repouso o que dás do homem de dor?
 Que dás ao que te adora e te acarinha,
 Que, se morreres, morre o trovador?

Occultas-te do olhar de um bello dia,
Quando esguicham do sol vida e calor,
Quando toda ave trina de alegria
E sem sorrir não ha nenhuma flor!
E morres, sem o amor dessa poesia
Do triste desfolhar — não tens amor?
Freira egoista rezando *ave-Maria*,
Desconfio de ti, floreo primor.

Eu canto desde a aurora, e atravesso
Da calma sesta o fogo abrasador
Entre flores, entre essas que, de acceso
Esmalte, ostentam glorias de esplendor!
Entre as rosas, que fazem de travesso,
Ai! delirar um rouxinol de amor!
Tanta innocencia, a candidez em excesso,
Não vão bem co'a paixão que inspira a flor.

—Bonina do cair da tarde bella,
Nessa hora d'enlevos, que annuncia
Doce oração, a flor d'*ave-Maria*
Eu, estendo minha alva e fina téla,
Tão alva como a luz deste luar!
Como fraldas nitentes da donzella
Que adormeceu em sonhos de harmonia,
Envolvem-me visões do alvor do dia,
Que da virgem parecem se exhalar.

O astro do pastor no firmamento
Folga de amar-me e enamorar-me a sorte:
Anjo crepuscular, do nascimento;
Anjo da aurora, vem chorar-me a morte,
Quando as rosas do sol vão despontar:
Dou-lhe as doces primicias da consorte,
Na ausencia effluvios, que lhe leva o vento;
Ainda no matutino passamento
M'o verás do meu tumulto abraçar.

Perfumo a noite; o trovador scismando,
Triste asyla-se á sombra da alva imagem,

Beija a flor sua — sinto-o soluçando,
 Presa innocente de fatal miragem
 Do sol, das nuvens, da soidão, do mar.
 Amo os sons, estremeço á mansa aragem;
 O beija-flor nocturno delirando
 Aos aromas de mel. . . . vives cantando,
 Bella ave, eu dou motivos a cantar;
 Tórno a esp'rança formosa, aos céus voltando
 Do amor o sonho, lyras a afinar.

ISABEL D' HESPAÑHA.

(1868.)

Tanto agitaram o thuribulo, que
 esborracharam as ventas do idolo—

OP. LIBERAL.

Filha dos céus, dos reis, divina sobre a terra,
 Onde Isabel princeza? onde a rainha? onde erra?
 — Sombra do abysmo, escarneo do anjo decaído,
 Que ver não soffre um throno e nelle um rei erguido,
 Que tira-lhe primeiro o amor da humanidade,
 E pelo condão magico, aura da liberdade
 Que d'alma á fronte luz, cinge-lhe d'oiro a c'rôa
 E deixa-o meio a rir — miserrima *bourbôa*!

Vibras na esquerda mão os raios de Vulcano,
 Na dextra e mais sinistra o sceptro do tyranno;
 Das tranças ao silvar, serpentes de Meduza,
 Foste o inspirado ser — foi-te do inferno a musa!
 Passavas como astro por sobre a escuridão
 Das fronte, prosternada a angusta multidão;
 E a purpura colhendo, a não manchasse a blusa,
 Não viste que de Deus dormia esse vulcão!

Nos ares reina o vento, a vaga no oceano,
 Na terra a fronte livre, o povo soberano!
 Quando arrebenta o raio, ergueu-se a tempestade;

Ao povo quando geme, a santa liberdade
Arrancam-lhe do peito, arca de grande herança,
A gloria dos avós, dos filhos a esperança:
Mas, triste, soffredor, não ruge muitas vezes
E longos annos vai qual mugibundas rezes.

Mandam-no emmudecer os tresloucados reis,
Ebrios d'incensos vãos; a carta de suas leis
Rasgam-lhe á face alvar — que então muda de cor!
Se encaram desta vez, o povo, que é senhor,
E os reis, idolos seus — symbolo em seus altares,
Da paz ao cidadão e da virtude aos lares!
Encaram-se tremendo, a verde parasita
E a selva, que lhe dera amor, seiva, guarita.

“Quão pouco é, pouco, ai! flor do throno de Bourbon,
Ser nos destinos guia a um povo nobre e bom!”
Dizes olhando atrás, figueira amaldiçoada
Do Deus que a terra viu dictando a lei sagrada,
Aurora eterna da alma, o amor e a liberdade —
Deus, dos homens irmão, o raio da verdade,
Escravos, que olvidaes! esphinges mysteriosas,
Postos da patria ao meio, como mortuarias lousas!

E quando n'alva a Hespanha, aos vividos fulgores
Vires que volta o amor á patria dos amores,
Que do remorso então corra-lhe livre o pranto
A quem sorriu jamais da liberdade ao canto!
Catholica sem fé, no exilio magestade,
Da fronte a *rosa de oiro* esfolha triste, assim;
Filha de São Fernando, em horas da saudade,
Bemdize a Hespanha, a Torre, a Castellar, a Prim!

VINTE E OITO DE JULHO.

Os lábaros verdes nos ares ondulam,
Na gloria da patria, na crença de Deus!
Os peitos levantam-se, os hymnos modulam,
Na terra cantados, ouvidos nos céus!

Nas roseas torrentes que descem da aurora,
Nos ventos, nos mares convulsos de amor,
Os cantos formosos se sentôam d'outrora,
Que as fronteas incendem de eterno fulgor!

Os loiros não murcham na patria dos lirios!
Os cravos não tombam dos braços da cruz!
— Se pungem com sangue, com fundos martyrios,
Sabeis que transformam-se em astros de luz!

Dobrai os joelhos! beijai esta terra
De nobres passados! sabeis ter-lhe amor!
Sabei defendel-a nos campos da guerra —
Sois livres! sois filhos do sol do equador!

TO INEZ.

(BYRON.—Tradução.)

Oh! não sorrias para a fronte pallida
Que não pode sorrir. —
Nunca dêem-te os céus veres teu pranto
Em vão, em vão cair.

E perguntas, que dor punge-me occulta
Corroendo alegria e mocidade?
Envenenada dor — e que te importa,
Se a mitigar o teu amor não ha-de?

Não é amor, nem odio,
Nem de vãs ambições a honra perdida,
Que os dias meus aborrecer me fazem
E de tudo fugir que amei na vida.

Mas é a mágoa, que me vem de quanto
Eu tóco, eu ouço ou vejo:
Não me alegam encantos da belleza,
Nem esses olhos, que resplandem e beijo.

Mas é a dor constante, é a tristeza
Do fabuloso vagabundo Hebreu,

Que do tumulto além nada esperava,
Nem aquem descansar **martyrio** seu.

Qual fugir-se a si pode? o pensamento,
Esse demonio da alma ennegrecida,
Nos mais remotos climas segue-o, segue-o,
Agoite vivo da importuna vida!

E no emtanto outros vejo nos prazeres
Fruindo o que eu deixei:
Possam elles, dos sonhos nos arroubos,
Nunca acordar, assim como acordei!

Eu vou por toda parte,
Reprobo, do passado perseguido —
E o meu consolo é ver que, quanto eu soffra,
Nunca mais hade ser quanto hei soffrido.

Quanto hei soffrido? ai! não m'o perguntas,
Por piedade, anjo eterno!
Ri-te — desmascarar não queiras do homem
Um coração que te amostrara o inferno!

MEUS 100 ANNOS.

(Victoria, em 9 de Julho.)

F. R.

Que os cem annos na terra não vejas!
Porque é tempo de a terra deixar-se,
Porque os céus escurecem, e á meza
Não terás um conviva a assentar-se.

Terminei os meus dias de vivo —
Se me vires passando, eu não sou.
Mas é doce este enlevo da morte
Ao que amores na vida logrou.

Um pobre centenario,
No dia seu de festas,
As coisas aprontou:

Baixellas d'alva prata,
O vinho generoso,
As flores — e esperou.

O dia, é bem verdade,
Raiou sombrio, e tanto,
Que o velho entristeceu:
Era uma sombra viva
Perante as outras sombras,
Talvez mortas no céu.

“Ouvi rodar um carro...
Mais outro... escutem... longe...
Abre o portão! — quem vem?
— Espero os meus amigos...
Amores... ainda os tenho —
Todos virão...” Ninguém!

E o centenario viu-se
Tão só! — de manhanzinha,
Co'as flores de verão;
Co'a filha só, no almoço;
Teve ao jantar... seu vinho;
E á ceia — a solidão.

Oh! não queiras chegar aos cem annos,
Porque é tempo de a terra deixar-se!
Porque os céus escurecem, e á meza
Não terás um conviva a assentar-se!

AS DUNAS.

(Ponta d'Arcia; ao luar de setembro.)

A. C.

Nas costas sonoras, dos mares erguidas,
Dos ventos volvidas ao sol do equador,
Elevam-se as dunas — á noite alvejantes
Ao longe, ondulantes, edeneo o frescor:

São nuvens, são noivas, são genios jocundos,
Descendo errabundos dos céus, ao luar;
São focos luzentes, são brancas roupagens
Que enfunam aragens voando do mar:

São seios, são alvas espádoas, são hombros
Formosos, os combros de tremulo alvor;
Tém vida, palpitam, resudam magia,
Do mar á ardentia, da lua ao fulgor.

Tém vida, irradiam, se movem, fulguram,
Interno murmuram — desejo ao luar —
E o duro oceano, que do alto rebôa,
Lamentos entôa, seus pés a beijar:

Não ruge ás procellas, não torce a corrente
D'aurora ao occidente — suspira de amor;
Sombrio levanta-se, ao largo desmaia,
Se humilha na praia, o deus-trovador.

E as dunas, as fadas de fúlguros seios,
Se sentem d'enleios — mais vivo o brilhar,
Os cintos, os alvos contornos desnua
Dos véus que fluctuam de argenteo luar.

— Desnuam, desnuam nas plagas desertas,
Selvagens, cobertas de areia a tremer,
Desnuam os anjos das brancas areias,
As magas sereias, os collos a erguer.

Nas costas sonoras, dos ventos volvidas,
Dos mares erguidas, na branca soidão
As magas — eu vejo-as, escuto — as sirenas
Com vozes amenas pelo aureo verão:

As aguas florescem, exhalam perfumes,
Accendem-se em lumes, scentelha a ferir,
Dos mares á orchestra, dos sons á cadencia,
Na vivida ardencia da onda a sorrir.

E as ondas em chammas percorrem os mares;
Inundam-se os ares de ethereo crystal;

As ondas se encantam nas vastas espumas,
Encantam-se as dunas no immenso areial;

Encantam-se — as vélas de frota indolente
Subindo o oriente, o oceano a descer,—
As alvas manadas, a virgem das caças,
Do enlevo, das graças, dos céus a pascer.

Nas costas sonoras, dos mares erguidas,
Errantes perdidas, da lua ao clarão,
Da noite aos encantos — eu vejo as imagens
Do sonho, as miragens de eterna visão . . .

E os seios das dunas, por alva harmonia,
Resudam magia, thesciros a abrir:
Dos seios os lirios scintillam desejos,
Com manto de beijos a alvura a cobrir.

Com braços nevados aos mares acenam —
As vagas serenam que são vendaval,
Desdobram-se em flores d'espuma fagueira,
De luz feiticeira, de fulgido sal.

As dunas são alvas espádoas, são hombros
Formosos, são combros, são gelos a arder;
São perolas — luzem; são anjos — resplendem;
São seios — se rendem, — a terra, a mulher.

AOS AMERICANOS.

(Antes da republica franceza.)

Estão muito desanimados os republicanos.
[Correspondencia de Portugal.]

Eia, Estados-Unidos, alentai-os !
C'rôas de espinhos, redobrai de raios !
Sê tu por nós, Jesus !
Tu, que és o Deus e o revolucionario
De amor e liberdade — do Calvario,
Abraça-nos da Cruz !

Eia, Estados-Unidos! lá na Europa
A passagem dos reis ainda s'ensopa
Com sangue o pó do chão —
A França dá o exemplo, e de traidores
Fórma na orgia os seus imperadores,
Destruindo a nação!

Eia, Estados-Unidos! bate a hora;
Vós, que do mundo sois a grande aurora,
A França illuminai!
Fostes-lhe luz um dia — e todos viram
Desse *noventa e dois* como bramiram
Os cumes de Sinai!

Oh dor! eterna dor que o peito nutre!
Da liberdade a aguia fez-se abutre,
Que a patria devorou!
A patria — era a republica nascente,
A rosa mystica, a esperança ardente,
Que á terra... emfim voltou!

Vamos! dizei, que é vinda a liberdade,
Falai do amor á alegre mocidade,
Pungí-lhe o coração!
Reis? — são reis de direito soberano
O virtuoso, o sabio Americano,
Do povo o filho, o irmão.

Ruge, Victor Hugô! procella homérica,
Acorda a França que reclama a America,
Reverbéro da luz!
Eia, Estados-Unidos, alentai-os!
C'rôas d'espinhos, redobrai de raios.
Sê tu por nós, Jesus!

(CERCO DE PARIZ.)

....Que a França, debaixo da Prussia,
converta-se em abysmo! Nem eu sei
mais quesou. Chamo-me patria.

V. Hugo. Proclamações.

Está-se pondo o sol de uma nação;
Faz-se neste momento o summo occaso;
Frontes inclinam-se á meditação,
Na alma a tristeza — Surgiu dia acaso,
Sem ser da escuridão?

Da França no sepulchro a humanidade
Inteira debruçou-se, a liberdade
Vendo alli se afundir.
Triste geme o universo; meteos, —
São no horizonte os abrasados choros —
Ou serpentes de labios a sorrir!

Clamam as pedras de Jerusalém;
Surgem Romas eternas dos papados;
Tomam idéas postos. Quando vem
A *boa nova*, o terremoto aos brados
Annunciado a tem.

Victor Hugô enlouqueceu; sem norte.
Vê-se ao meio do abysmo a grande estrella,
Mór a scintillação, se espedaçar!
Toda inunda-se a terra de scintellas,
Marcham em legiões, surgem da morte
Do deus... em patria a se transfigurar!

Exercitos erguei, filhos da noite,
Condensai-vos, que sois dos céus o açoite
Cingindo a França, que jazia... a rir!
Do lupanar dos reis frivola e prava,
Rompendo aurora, alevantou-se a escrava,
O anjo, a presa de infernos, a rugir!

Combaterão por ella ares e estrellas,

A republica, a idéa, os vendavaes —
Oh vel-a-heis, na frente as c'rôas bellas,
De Debbora aos cantares triumphaes!

Vel-a-heis... ireis vel-a entre os alarmas,
Dansando a *carmanhola* ao som das armas,
Aos combates levando o cidadão!
Da *marselheza* o hymno de victoria
Não ha quem ouça que não veja á gloria
Lédo inflammmar-se o eterno pavilhão!

Volvem tempos heroicos, d'oiro a idade;
Esvoaçam ao sol da liberdade
Os seraphins de luz —
As azas se lhe'esmaltam rutilantes
Desdobram-se de amor, jorram brilhantes,
Ao em torno da Cruz.

Festins de Balthazar é toda a terra;
Riem-se os ebbrios á sentença que erra
Em chammas pelo ar.
— Removam-se os banquetes! delirado
De Baccho o dithyrambo foi cantado;
Da *Patria* agora se alevanta o altar!

E a França, a França, no arrancar d'um erro,
Que profunda prendeu raiz de ferro,
Despedaça da patria o coração!
Mas... de pressa a vergasta, e sem piedade,
Do templo sacudí da liberdade
Os mercadores, que a vendendo estão!

Porém, a França... á convulsão immensa
Silenciosa treva se condensa,
Funeraria a mudez...
Abandonou-a o céu, fugiu-lhe o mundo;
Na sombra os seus heróes somno profundo
Dormiram de uma vez —

Velam todos! — dos tumulos erguidos,
Da ara ao redor, os fachos accendidos,

Que não se apagarão!
Fugiram-se os traidores á voragem;
Hostias meigas, da guerra ante a miragem,
Vém sagradas do exílio — á redempção!

Deus falou-lhes da nuvem. Salva a França,
O iris a cerca á universal alliança,
O astro da Republica em Pariz —
Por sobre o Rheno, os Alpes, o Oceano,
Mão fraterna estendendo ao gen'ro humano,
A quem quizer ser livre, ser feliz!

A'PARTIDA DOS VOLUNTARIOS MARANHENSES.

Partí, da patria meigos defensores,
Bênçãos e amores vos destina a paz;
É bella d'alma a offrenda que o guerreiro
Nobre e fagueiro sobre as aras faz.

Oh defendei a nossa patria amada —
Quanta alvorada nestes céus de anil!
Voltai co'as palmas — que formoso sonho
Deixais risonho, Guardas do Brazil!

Deus vos contempla — no verdor dos montes,
Ampla o horizonte, se restampa o sol!
Adeus de nm dia aos feiticeiros lares,
A estes palmares cheios de arrebol!

Que sol vos raia! que manhan de amores!
Que olentes flores nos sendaes da gloria!
No mar, bonança! a viração no norte!
Voz de Mavorte no hymno da victoria!

E a mão nevada que se agita, e os prantos
Risonhos, santos, e o chover da flor
Que as virgens lançam sobre vossos passos,
Bênçãos, abraços, toda a patria amor,
Oh santificam nossa causa bella!

— Voltareis vel-a, mais querida então
A mãe tão doce, quando ao filho caro,
De gloria avaro, abre o coração!

Oh! combatei por esta patria amada!
Quanta alvorada nestes céus de anil!
Voltai co'as palmas — que formoso sonho
Deixais risonho, Guardas do Brazil!

O REGRESSO.

Como sois bellos, vós,
Que das batalhas vindes!
Co'as vencedoras palmas
Como sois bellos vós!
— Mytho d'encanto fostes,
Braço e titaneo raio
Por vezes cento, centuplo
Multiplicado em nós!

Aos gritos da nação,
De liberdade tremulo
O voluntario ergueu-se —
E foi sublime então!
A cobardia pallida
Estremeceu . . . e viu-se
Que, americana, a terra
Continha um coração!

— Emmudecia o lar,
— Se abandonavam campos,
— Cobriam mães de bênçãos
Os filhos, a chorar!
— De ramos se cobriam
As sendas do guerreiro,
O céu todo de canticos,
De pavilhões o mar!

Dentro estuasse a dor
Do peito da donzella,

Que a mão, tímida e branca
Ao só beijo de amor,
Firme, a acenar á guerra
E a matizar bandeiras,
Tecia c'rôas laureas,
Prendas de um patrio ardor!

Do voluntario, após,
O *salve* delirante
De gloria, das batalhas
Repercutia em nós!
— Desadorasse a patria
De desalento e mágoa,
Tinheis-lhe mão da esp'rança —
Como sois bellos, vós!

Vós, cuja vinda traz
Esta estação de rosas
(Quanta saudade entre ellas
Ao que não voltou mais)!
Vós, que trazeis escrita
Com cicatrizes, fulgidas
D'entre o fulgor dos loiros,
Na bella fronte — paz!

GENIOS MIMOSOS

Genios mimosos, que habitais das flores
O calice luzente;
Que vos banhais no orvalho perfumado;
Que tomais a innocencia das gúcenas
E da rosa o romantico encarnado;
Que ís na aerea barca —
Levai-me o pensamento, ó lindos genios,
Ao meu astro gentil da Dinamarca!

Horas suaves, puras,
Que fechais á noitinha os meigos ollos

Ante as fórmãs risonhas
Que fluctuam no seio azul dos ares;
Horas, que amais do zephyro o susurro,
Das folhas o segredo,
Levai-me o pensamento além dos mares!

Sons de harmonia,
Que nas cordas brincais da lyra d'oiro;
Que subís pelos raios das estrellas
E rolais no crystal das ondas bellas;
Raio de luz branca,
Illuminai minha alma,
Onde a imagem eu vejo, qual dormente
No fundo de lagôa transparente!

A CAZINHA.

Como encontraste mudados
Os sitios de teu amor!
Onde os dias encantados
Se alevantavam co'a flor;

Onde a flores rescendentes
De mocidade e prazer
Em teus berços innocentes
Se debruçavam contentes,
Vivendo com teu viver. —

E que mais? — viste o deserto
E como um tumulo aberto
O que foi-te Eden de amor;
E tapando os olhos, triste
Daquella sombra fugiste,
Qual foge da noite o alvor.

Eia, formosa e mesquinha,
Enxuga o pranto do olhar!
Nem voltes ver a cazinha,
Que faz sandades deixar.

ALMEJOS.

Oh se eu pudesse contigo
Encontrar nos céus abrigo
Onde este amor esconder!
Ainda os dias felizes
Dos encantados matizes
Podiam reflorescer.

Sou teu, és minha; sómente
Por ti esta alma é ardente
E o peito ruge de amor!
— Conto da doirada infancia
Essa historia de fragrancia
De uma rosa e um beija-flor;

E como a lucida fronte
Traçando roseo horizonte
À tanta gloria e porvir,
Parou dessa vida errante
Preso ao divino semblante
O encadeiado a sorrir.

Diante delle se formaram
Todas as graças, vibraram
Os olhos seus de paixão —
Oh! por Deus! que ninguém hade
Tocar na minha saudade,
Do peito ouvir-lhe a canção!

Ninguém hade á flor dos beijos
Ir accender os desejos
Que arrebataram-me aos céus!
Ninguém á alva mão de seda
Tão pequenina e tão leda
Fiar os destinos seus!

Ninguém aos olhos sombrios,
Aos cabellos tão macios
Embalar seu coração!

Ninguém hade o virgem cinto
Que dobrei, dobrar, não mintol
Por estes zelos, que não!

Mas, se eu pudesse contigo
Encontrar nos céus o abrigo
Para este amor esconder —
Veriam dias felizes
Dos encantados matizes
O mundo reflorescer.

ANJO NEGRO.

(Imitado do francez; 1868.)

— Honey, you shall be well desir'd in Cyprus;
I have found great love amongst them. O my sweet...
— She was false as water...
— I kiss'd thee, ere I kill'd thee: —no way but this,
Killing myself, to die upon a kiss.

SHAKSPEARE. Othello.

Olhando-te eu dizia: amada minha,
Nunca eu seja sem ti por vida errante;
Vê, que soidão no mar, que uma luzinha,
Fracas e tão longe, salva ao navegante!

E então, assentada em meus joelhos,
Doce imagem de tanta adoração,
Escutavas tranquilla os meus conselhos,
Abrindo-me a sorrir teu coração.

Cresceste á ardente luz dos meus amores,
Alva de encantos, meiga de esperança, —
No Eden, quantos sons e quantas flores!
Quantos sonhos de amor nesta criança!

Deus do passado! E hoje me sepultas
N'uma dor solitaria e sem conforto;
A luz se apaga, e o desespero insultas
Ao que se afasta do adorado porto.

Porém, virás talvez ainda algum dia
A estremecer de mim, como estremeco
De ti neste momento de agonia
E de desillusões — oh, endoideço!

Crermos em nossa estrella de verdade,
Seguirmos-lhe o caminho toda a vida...
Ai! porque tu mentiste sem piedade,
Se eras a triste, a negra flor perdida!

Riram-se; eu afrontei meus inimigos!
Deixaram-me; eras minha, era o universo!
Cruel cegueira — sem os bens antigos
Fiquei eu, e tu vais rumo diverso!

Então, quem me dicesse o que ora vejo,
Maldito me quebrara o coração!
Como mudaste! e como o meu desejo
Morrer não pode! que tormento em vão!

Quanta infancia feliz! nessa existencia
Quanto sorriso e amor afortunado!
Quanta lagryma, orvalho de innocencia,
Nos mimos teus! — Porém. . . Deus do passado!

Estava na Concordia a branca e bella
Visão do luar, esplendida e formosa;
Anninhas era o alvor de Santa Rosa,
A açucena em botão, pura e singela;

Algina, a scintillante feiticeira;
Luiza a enamorada, olhos de azul;
Mais longe ainda, o amor, crença fagueira,
Sempre a ter-me voltado para o Sul —

E as minhas c'rôas? Como aos pés de Omphalia
Embrutecido Alcide, ao trovador
Ante a formosa criancinha dhalia,
Da grinalda pendeu-lhe flor e flor!

Na escravidão vivi; do teu semblante
Sorriam-se os jasmims; dos céus ao riso

Davas-te pura, solitaria, amante —
Meiga prostituição do Paraíso!

Choravas muito, quando dos teus braços
Separavam-me; e os braços teus e o pranto —
Como a serpente envolve-me em seus laços!
Como ainda tremo desse olhar ao encanto!

Triste existir do homem envenenado
Ao risonho poder, da vaga á luz —
Meu Deus, a embriaguez tinha-o tomado,
Vi-o despedaçar tua santa cruz!

“Oh Christo! Christo! abre-lhe tuas chagas!
Na dor que sangra, leva a paz á essa alma!
— Estão ouvindo? canta as canções magas
Ao novo amante que roubou-lhe a palma!”

Bom anjo meu e calix de amargura,
Aquelle enterro eterna morte foi-te —
Minha, talvez . . . eu vi-te negra e impura
Do altar descer naquella horrenda noite.

E eu vi-me pobre. Porque toda a esp'rança
Tua era, do teu sagrado amor;
Esquecendo ao te ver toda lembrança,
Berço ou tumulto. — Seja como for,

Em vão já te assentavas a meu lado;
Em ti te procurava, enlouquecido
Por não mais encontrar o bem amado
No alabastro fatal, branco, vendido.

Na umbrosa alvura estava o inferno inteiro;
Não quero ver-te mais, fallaz espectro!
Hi miasmas occultas no mysterio
De riso e seducções, que são-te o sceptro!

Ri-te! seduze os que te queiram! podes;
Sê bem feliz! Eu choro a degradada
Alma, que eu dera á noiva dos pagodes,
Crendo-a anjo dos céus — desmascarada,

Es acaso tu mesma? Na alva fronte
Matutinos fulgores se inflammaram,
A voz perdeste dos crystaes da fonte,
Eis-te sinistra — as graças te deixaram.

Que transfiguração na bella virgem
Sensitiva de amor! que visão negra
Tenho adiante de mim, que dá vertigem,
Que mata a esp'rança e os olhos desalegra!

Segue! passa nas sombras ou nas luzes,
Passa de pressa, e não me venhas mais!
Embora para o abysmo que conduzes
Penda esta alma das crenças immortaes;

Embora quasi louco e envergonhado
Desta paixão e da medonha luta —
Bello a attrahir, o honesto corpo amado;
Negra a repulsar, a alma dissoluta;

Embora eu morra — adeus. Depois, agora
Que se desfolhe a flor de adoração;
Vou peregrino, como a noite á aurora,
Beijar meu tumulto. — Ai! meu coração!

Que fazem-me estas flores de *saudade*,
Paixão ou *desespero*, em fina trança
De teus cabellos presas? Tarde, é tarde:
Para a alma assim, não ha nenhuma esp'rança.

O coração é como os céus d'encantos,
Os céus das rosas mysticas de amor:
Quem delles sae, não entra mais — em prantos
Ficam os céus; mas ao reprovado, a dor.

Por isso os anjos, que infieis caíram,
Funda saudade sentem dos irmãos,
Que choram pelos que na treva giram,
Sempre a lhes acenar de além co'as mãos.

— Se volveres atrás, deserta, umbría,
Na alma a abrolharem vividos espinhos,

Dos jardins do noivado e da alegria
Vê nosso berço — abandonadosinhos,

Pelo ar errando sempre triste imagem;
Das ondas pensarás ser a saudade . . . —
Não te perdão, não! Na voz da aragem,
Na voz dos mares ao cair da tarde,

Tu meu nome ouvirás; nas rosas puras,
Que na manhan dos annos desfolhâmos,
Que na ausencia levavam-nos venturas
A chamarem, do amor sempre aos reclamos,

Meu nome te dirão; e os sons do sino
A deshoras dobrando, ermo o luar,
A rosea brisa, o canto peregrino,
A perfida obra tua hão de alembiar —

Em vez do amor, talvez o horror estando
Ao de redor de ti. — Bella visão,
Eu não sabia que, te illuminando,
Devera eu morrer pela tua mão.

Pela tua mão, alva e pequenina,
Que desta frente a nuvem removia . . .
Recordemos ainda: — Eras menina;
Toda natura em luz resplandecia;

Tinhas vestidos curtos, tranças sôltas,
Indo em treze annos, acabavas doze;
A sinhá nessa idade aprende, cose,
Cresce como açucenas desenvoltas.

Tinhas ficado pequenita; agora
Estavas já tão grande e tão formosa,
E olhavas co'uma tal vista assombrosa,
Que preso se ficava á encantadora.

— Oh! vem a mim! “Porque não vais, querida?”
Tua adoptiva mãe com brando accento
Disse. Então, com formoso acanhamento,
Abaixando o semblante e qual perdida,

Vieste: e porque não, se vendo estavam
Tôdos o abraço e o beijo desejado?
— Dahi por diante um do outro sempre ao lado
Ficamos nós. Os dias se passavam.

Eu parti para a Côrte; ainda a bordo
Vieste despedir-me soluçando —
Porque a mágoa vai longe se apagando,
Na ausencia o que passou-se eu não recordo.

Mas o que se passou? A vida e a morte,
O amor sem crença e a febre do delirio!
Nivea cartinha, a trança, o murcho lirio,
Mandavas tudo endereçado á Côrte —

Ora me importunavam teus encantos,
Que só de trevas se alimenta o inferno;
Para o soffrer dalli, nada de termo;
E emmudecia esta alma ao riso, aos prantos.

Voltei — como um phantasma que fugisse
Dos vendavaes adiante sobre os mares,
Os Andes demandando e novos ares
Aonde me ver, que ninguem mais me visse.

Era passado um anno. Me esperavas,
Cheias as mãos de olentes rosas da ilha;
Teus braços enlaçavam qual baunilha
Ao tronco de palmeira. Me coroavas;

Feliz eu era então. Se inda tristonhos
Pensamentos voltavam, n'um instante
As sombras, aurorino beijo infante
As convertia nos doirados sonhos.

— Mas, não falemos dos edeneos gosos,
Poesia dos deuses. “Se eras louca?”
Então vem a loucura dos formosos
Seios agucenaes e a rosea boca. —

Não eras. E os teus seios a crescerem
Nas mãos do amor, luzentes de belleza,

Vivos se arredondaram, logo a terem
Cinereos bicos rindo á natureza.

Dissera-se que um leite puro e santo
D'alli corria ao viajor prostrado;
E os anjos fomos de um viver d'encanto —
Ó Raphael, vem ver o doce quadro!

Dos olhos meus teus olhos se incenderam,
Tingiram-se os teus labios dos meus beijos;
Eram horas da calma, enfraqueceram
Os corações, sorriram-se os desejos . . .

— Lembras-te? quando á tarde entristecida
Minha fronte pendia e desmaiava
Ao longo soffrer da alma compellida,
Quem sobre os meus joelhos se assentava?

Estavas branca, branca e tão sisuda,
Em mim teu negro olhar. Depois, temente,
Mas como quem de si valor transsuda,
E talvez triste causa se presente,

Co'as mãozinhas mui frias, linda crença,
Desrugavas-me a fronte cuidadosa,
Como se a nuvem negra alli suspensa
Pudesses remover — alma formosa!

“Vamos, vamos.” Eu ia, obedecia.
Da varanda levados, á janella
Amostravas-me a flor alva que abria,
E a lua além nos céus placida e bella.

AI TROVADOR.

Dobra a silencio;
Te pões a ouvir:
Desce a tristeza
Da alma ao cair —
Ai trovador!

Pela alta noite,
À voz do sino
Como a finados,
Luar divino,
Quando eu não for,
De mim se alembre
Quem tanto amei;
Diga a seu pranto:
“Correi, correi,
Por meu amor!

“Porque sua alma
Longe da aurora,
Virá no orvalho
Frio desta hora —
Ai trovador!”

A SUMACA.

Passaram-se ainda além da Taprobana,

CAM. LUZ.

É meia noite. A vasante
Virou a prôa á corveta.
“Ergue ferro?”— O Navegante.—
“Que mestre?”— Afonso Perneta.—
“Sou constante passageiro:
Ao largo, bom marinheiro!”

— Hi! hô! iça a bojarrona!
A vela grande! o traquete!—
“A por e, senhor Perneta,
Não deixo de dar-lhe a rima
Que é do poema a invocação!
Rima enfunada de lona
N'estes céus da brisa prima
E do arfar do coração!”
Ora, a sumaca veleira,
Leve, alvejante e faceira
Como sirena, se emprôa
Á Ponta-d'Areia, e vôa!

Oh! como é doce aos bramidos
Da vaga e os ventos zunidos
Vir o homem adormecer!
Doce o sentir-se embalado
N'este leito equilibrado
Pelo oceano, e se perder!
Perder da terra os rumores
E na saudade os amores,
Na solidão recordar!
Oh! como é doce nas dores
Adormecer-se no mar!
E os olhos fitos nos astros,
E os estyletes dos mastros

Seguindo errantes no céu !
E os marujos somnolentos,
Que são escravos, são lentos,
Aos assobios dos ventos
Soltando o assobio seu !

E tu, ó lua formosa,
Com teu luar de setembro,
Côando na alma saudosa,
Bem como nos brancos membros,
As açucenas mais puras
Do teu ethereo jardim;
Tu, que as grandes amarguras
Temperas de melodias,
Como as doidas alegrias
De qual tristeza sem fim,
Tua incarnação mais bella
São, os seios da donzella,
Logo depois o jasmim !

Porém o mestre do barco
Cambando na perna d'arco,
Zumbindo como Aristarcho,
Coisas, mal dictas, dizia:
— Qual luz ! qual boya ! qual nada !
Nem Pedrinho e nem *Vigiada* !
Ora adeus ! tudo dormia,
A barca ingleza quebrada,
Velando a pirataria !
— Lá está S. Marcos ! De dia
Estes pharóes pela costa
São mais visiveis ; o Lopes,
Onde aquella nuve encosta,
Fez um ôlho dos Cyclópes ;
Fez outro d'aquella banda
Por onde outra nuvem anda ;
Outro mais, não sei por onde. . .

Deixem-me ver. . . que responde ? .

— É a lua, que se esconde,

É nada, ha vento seguro —

Mas, o outro ôlho. . . procuro. . .

— Ui ! as buzinas ! os demos !

Que os pannos rasgam-se ! tombam

As vêrgas ! — Dê-m-lhe de remos !

Sonde o prumo ! os dois que bombam !

Façam virar de redondo ! . .

(Sempre a lua indo se pondo

Manda pequeno tufão) —

“Senhor Perneta, ha perigo ?”

— Não ha nada, meu amigo;

Durma, que a bicha é valente;

Por esta perna dormente

Em como ha vento á feição ! —

“Mas eu vejo tudo escuro,

As nuvens qual denso muro

Onde arrebentasse o mar.

A rajada foi soffrivel,

Que arrebatou-me o chapéu.”

— Tambem por o meu levar,

Eu nada vejo de horrivel

Nem nas aguas, nem no céu. —

“Por Vulcano ! ó perna d'arcos !

Que os seus pretos não se movem !

Rugir não sentem, não ouvem

Perto os baixos de S. Marcos

Em retumbante abrolhar !

Berrando a vaga, e sem prumo,

Na morte tudo vai dar ! .

Sombra de Gonçalves Dias !

Se te invejo as harmonias

Das tão formosas canções,

Tremo aos teus destinos feios,

De ter jazida nos seios
(Não do mar) dos tubarões !
Em seu tumulto do oceano
Ê-se immenso e soberano !
Mas dos peixes na barriga. . .”
— Homem de Deus, não prosiga ! —

“O meu *revolver* !! Se as velas
Fraldam sôltas pelos ares !
Se estes são os mesmos mares
Onde expedições tão bellas,
Depois de um tormento amargo
Por esse Atlantico largo,
Vendo já terra, caíram !
Estas mesmas ! estas vagas
Que os primeiros engoliram
E vomitaram nas plagas
Arcabouços nús ! Eu tenho
Futuro, eu, que ora venho
Da Europa toda em desordem,
Toda gryphos que se mordem,
Guerras, finanças e crises:
O Rothschild sem dinheiro,
Sem ter serralho o sultão;
Garibaldi prisioneiro
De Victor e Napoleão;
Meio-murchados os lizes,
Meio-partido o crescente:
O papa já moribundo,
Morto Francisco segundo;
A Italia se alevantando,
Como a Polonia tombando. .
E eu muita esp'rança na mente,
No peito muita alma ardente. . .
Mas. . eu começo a ter frio,
Caimbras nos joelhos. . dor. . .
Como D. João no navio

Chorando a Julia do amor,
 Fazem-me mal estes ventos;
 Desço ao porão, meus lamentos
 Soltando de trovador. . .
 E como D. João enjoado,
 Sólto meus ais, meus delirios
 D'entre um vômito entoadado
 Em dó. . . em ré. em martyrios,
 Ancias, engulhos, suor! ”

— Se todos são peccadores,
 Promessas façam-se aos sanctos!
 Carregar-lhes os andores,
 E missa cantada aos cantos
 Da Luccia toda amores
 E aos da Traviata prantos —
 “ Ao mestre outra bella cousa!
 Oiro não, nem dou-lhe esposa
 Como fructa que appetega,
 Das taes visões sem cabeça.
 Mas se dos sons crystallinos
 E os seios azues dos céus
 E um folle, nascem meninos,
 Que revoam Prometheus,
 Se *ex incongruo, ex contrario*
 Das sciencias de alambique
 Tira Wagner filho vário,
 Faremos, não se indo a pique,
 P'ra dar-te, uma perna nova
 Pela perna de dormencia.
 Oh nos salva! e guarda a prova
 D'esta esplendida sciencia,
 Que bane de sobre a terra
 A antiga moda animal. . .
 Oh! volta-me aos sons divinos!
 Voltemos do mar que berra,
 Que não engendra meninos

Negro, rouco vendaval !
Oh ! minha esp'rança da mente !
Do peito minh'alma ardente
(Deram-lhe lugar no peito,
Sendo a fronte o mais perfeito) !
Mas onde, depois do vômito,
Cansado, olhando-se á aurora,
Cáe o somno; o mar indomito,
Sumaca sem rumo embora. ”

E por findar como finda
D'Italia a musica linda,
Façamos comparações:
E esta é bem pallida e fraca —
Da patria como sumaca
Trambolhando aos vagalhões.

HARPAS SELVAGENS.

PRIMEIRAS ESTANCIAS.

DESESPERANÇA.

A. J.

Ó tarde dos meus dias!
Ó noite da minha alma!...
A vida era tão calma
Aqui na solidão!...
Sorrindo reflectias
No rio que desagua —
Pendida flor da frágua,
Que importa a viração?

Ó sol da minha infancia,
Que valem-me os teus raios?
A lua em seus desmaios
Um tumulto alvejou...
E tu, que na distancia
Me deste a dor co'a vida,
A esp'rança, alma querida,
Tambem me abandonou.

E eu, que sonhei tanto!
E eu que tanto via
Ao longe de algum dia
Talvez o amanhecer...

Nas ondas d'este pranto
 Meus annos vão passando;
 Assento-me, e cantando
 Espero o anoitecer.

Assim, rapidas flores,
 Suavissimas donzellas,
 Nas limpidas capellas
 Sem terdes amanha,
 Passais, como os amores,
 Os hymnos da belleza,
 Sonhos da natureza,
 Anjos da aurea manhan.

Vagam-me os olhos lentos
 Do plaino ao monte, aos céus:
 Eu lá vejo um só Deus,
 Em Deus sómente o amor;
 Aqui . . . levam-me os ventos,
 E eu ando ao sul, ao norte,
 Nos cumes vendo a morte,
 Nos valles morta a flor.

Na pallida orphandade
 As dores me acabaram,
 Miserias me embalarão,
 Em berços de agonia.
 A mim pranto e saudade,
 A mim funebre exilio,
 Cantando umbroso idyllio
 Da morte á sombra fria. —

E canto o adeus, saudoso
 Dos céus da rosea esp'rança,
 Dos céus de azul bonança
 Cobrindo o campo e o lar.
 Adeus ao tão queixoso
 Rio que, o sol levante,
 Levou-me . . . e andei errante
 Qual onda, mar em mar.

Adeus a ti... que ouvias
Minha harpa á sombra tua;
Tu és a voz que é sua,
E eu... tua criação.
 Ó tarde dos meus dias!
 Ó noite da minha alma!
A vida era tão calma
Aqui na solidão!

AS MANHANS.

A. J.

Na mangueira os passarinhos,
As alvoradas cantando,
Esvoaçaram dos ninhos.
S'enfloram montes; o alvor,
Mesmo as tranças desatadas
Vem, te espera, meu amor!
Á frescura repousemos,
Como as boninas amemos,
Como as auras, como a flor—
Oh! amemos, meu amor!
A borboleta estellar
Ebrios vôos desenlaça
Como folha sôlta ao ar:
Sobre as correntes de olor
Não vai ella, ó virgemzinha,
A louca, louca de amor!
Prateiado esponta o lirio;
O reizinho de delirio
Ruge em torno, o beija-flor
Em torno do lindo amor!
Perfumadas laranjeiras
Á noiva estão acenando

Com as flores feiticeiras,
Scintillantes de candor;
Frondeia o pomar; as sombras
Se estenderam, meu amor...

Doiraram-se os teus cabellos,
Luziram-te os olhos bellos
Co'o matutino fulgor...
Oh! não fujas, meu amor!

Não fujas como a ramagem
Do murmuroso espinheiro,
Ao doce beijo da aragem
Toda esquiva e pudor:
Pungem, ó bella, os espinhos
Onde ha mais flores de amor.

Que pode este sol que nasce
E este zephyro mendace,
Que pode dizer a flor?
— Que tens nos olhos amor?

Tens medo ás auras do sul?
Ao sol tens medo, surgindo
Como barca em mar de azul?
Es tão branca de pallor!
Como é tão puro e tão branco
O rosto teu, meu amor!...

Assim, risonha e confusa
Como os dez annos, a virgem,
Temendo as azas de musa
Manchar da manhan no albor,
Fechou-as; fugiu. — Passando,
Cresceram rosaes de amor.

AS TARDES.

A. J.

Vamos, virgem formosa, vamos juntos
A ver como anda errante o meu rebanho,
Como salta na relva o teu castanho
Carneirinho que tanto e tanto estimas.

Vem trazer-lhe nas mãos cheiroso trevo,
A lan mimosa lhe afagar: tremente
Virá tão manso, candido, innocente
Resvalando, teus pés lamber de amor.
A tarde se estendeu pelas campinas,
Onde a ovelha balando ajunta os filhos
Que vão, alvos cordões por verdes trilhos,
Para o círculo, tangendo-os o pastor.

O gado é todo alegre nesta quadra
Dos verdores, dos sons e as novas aguas;
Contente o peito humano esquece as mágoas,
Janeiro, almo o sorrir, florindo a serra.
Risonhos céus, na lavra as plantas nascem —
Oh! corramos os campos viridantes,
A vista a dilatar pelas distantes
Solidões melancolicas da terra !

Agora brandamente se embalançam
As folhas meneiantes da palmeira,
Mais fundo o choro se ouve da ribeira,
E mais seu canto as aves alevantam.
Subiremos os montes e as collinas
À doce fresquidão da tarde amena,
De Apollos as musas nessa cantilena
Da assombrada espessura, onde s'encantam.

Veremos do salgado a que rumina,
Nédia manada á sombra dos mangueiros,
Contemplando das ondas os cruzeiros
Quando passa a canôa a navegar.

E depois, ao serão tão doce e grato
Em pratica innocente e deleitosa,
Contarás á mãman, que ouve ditosa,
Aquillo que mais soubo te agradar.

E eu te escutarei, nessa harmonia,
Minh'alma a delirar!... presa a mão tua
Á minha mão; dos céus vaidosa lua
Vendo tanta innocencia e tanto amor.
Vem, ó virgem formosa, vem aos campos,
Verdes sitios do nosso alvo rebanho,
Onde brinca o mimoso teu castanho
Carneirinho gentil, no prado em flor!

SONHOS D'ALVA.

A. J.

Meu navio de sombras, noite,— noite,
Vais do dia nos golfos naufragar!
Remonta ao alto! os vendavaes se formam
Neste raio solar.

Quero viver nas horas somnolentas
Das estrellas, cadentes pelos montes;
Fujamos d'astro em astro, o sol perdido
Nos fundos horizontes.

Oh, maior do que um deus, dobrado escravo,
Nessa paixão meus olhos te adoravam!
Como, atterrada ao ver-me assim, teus olhos
Castos se envergonhavam!

Eu beijava teus pés, que nos meus labios
Se contrahiam fugitivos, frios,
Qual murcha-se a mimosa sensitiva
Ao calor dos estios.

Baixo o semblante, quieta, susurravas
Timidas negativas amorosas,

Luzindo-te a alma ás faces transparentes
De rubicundas rosas.

Nos seios teus uns puros lumes tremulos,
Como de estrella em fontes reflectida,
Caíam-te do olhar meigo d'esp'rança
Como d'extincta vida.

Coração que vibrava soluçando,
E coração que ouvia e tinha dó:
Eras a dor e a graça, o pranto e o riso;
Eu era... o pranto só.

Eu quiz falar; senti meus labios presos,
E escutei a calhandra, e o rouxinol
Pelas fendas dos muros, aos obreiros
Annunciando o sol.

Qual para a morte se ergue o condemnado,
Para o dia a viver eu despertava
Da tua adoração! perulea sombra
Ao longe se apagava.—

Passavas em minha alma, qual aurora
Nas ondas espelhantes do alto mar,
Qual, noites de verão, as jardas nuvens
Atravessa o luar:

E te perdeste em raios vaporosos;
Fiquei eu, como a terra, em minha dor,
Da eternidade ao meio, sem esta alma,
E de hora em hora mais sentindo amor.

TE DEUM LAUDAMUS.

Et ego, et terra, mareque
Cœlumque, tibi canticum damus!

A MR. L. DELESTRÉE.

Já longe de mim vai comprida margem
Da infancia feliz; navego ao largo,

Da barca ao leme, os gonzos ferrugentos
Rangendo e tão custoso meneiados
Pelo meu braço que os tufões caçaram.
Na pesada corrente eu vou descendo,
Tranquillo o céu; á aragem fresca e leve
Balança, entesa ou bate o eburneo panno,
Conforme á direcção, na alta ribeira
Ondulações sonoras levantando
Indolente e penosa vaga adunca
Arruinada em pedras, na fragura,
Na costa, no rochedo. — Agora eu canto...
Os rios que desaguardam, se entorpecem;
A nuvem desce mais dos céus de seda,
A escutar-me suspensa; acalma o vento,
E cae a véla; fóra d'agua os peixes
O dorso ondulam; mudamente alcyone
Do humido ninho serpenteia o collo;
Distante a voz do mar, distantes praias
Sobre si mesmas desterrando vão-se;
Acceleradas sombras, ás palmeiras
Seguindo para o extremo ás cumiadas,
Se desdobraram para trás das serras,
Lhes descobrindo o rosto — amplo deserto!
Calada a natureza, em torno esperam
Os echos minha voz. Agora eu canto:

“Deus, Senhor, Omnipotente!
Minha harpa, as harpas dos montes,
Do rio caudal, das fontes,
Da nuvem librada aos ares,
Perante ethereos altares
Se humilharam. Santo! Santo!

“Deus immenso! eterno sopro
Os labios teus fecundaram:
Azues os céus, rutilaram
Sóes; dos sóes á roda os mundos
Suspenderam-se, jocundos
Proclamando: Santo! Santo!

“ Cheio o vácuo, o espaço ondula
Do infinito; retumbante
Geme o cahos; palpitante
Começa a brilhar... viver...
E a contemplar-se e a tremer
Entre horrores — Santo! Santo!

“ E dos ventos, e das ondas,
Do universo equilibrado,
Como do sêr animado,
Como do atomo de terra,
Vai teu nome além das serras
Se elevando — Santo! Santo!

“ Erre a lua em brancas noites,
Doire o sol rubras celagens,
Vai das montanhas selvagens,
Vai das compridas palmeiras
A cantarem nas ribeiras,
Se elevando. Santo! Santo!

“ E delle ás vozes o mundo,
Infindo se renovando . .
Hontem vi-me alevantando,
Hoje me vejo a cantar,
Amanhan no meu lugar...
Talvez serei... Santo! Santo!

“ Modula-õ na areia o oceano
Manso, calmo e deleitoso,
Ruge-o o vento procelloso
D'encontro aos duros penedos:
Negros mares, mares ledos
Te amam, te amam — Santo! Santo!

“ Porque quando o filho ingrato
Sobre o pó dorme indolente,
Que renegado e descrente
Não te vê na doce esp'rança,
Deixam leitos de bonança
Motos mares. Santo! Santo!

“Como outrora, após as trevas
Do céu, revivas estrellas,
Roseas, puras manhans, bellas
Brisas, se á terra voltaram,
Não mais, não mais encontraram,
Deus, os impios! . . . Santo! Santo!

“Meu Senhor-Omnipotente!
Senhor Deus da criação!
Dos céus os cumes estalem,
Respire o meu coração,
Da terra os seios se exalem,
Te adoramos. Santo! Santo!

“Santo! Santo! Deus dos astros!
Ó Deus do Horeb, Adonai!
Minha alma, qual fogo innato
Do rubo cercar-te vai,
Camadas de um fumo grato
Circulando — Santo! Santo!”

Me obedeceram: pelos céus os coros
Vão d'encantados órgãos ondulando,
A voz dos animaes, dos elementos,
Das plantas o meu cantico entoando.

“Oh Tu, que enriqueces
Abrahão nos desertos,
Que livras da infamia
Moysés e Jacob;
Que um nome se espalhas
Em grandes decretos,
As altas muralhas
Desfaz Jericó —
Os reis tão soberbos
De ouvil-o oscillando,
As aguas voltando
Do manso Jordão;
E o sol, nesse incendio
Do meio do espaço,

Parado em seu passo,
Como um coração!

“Que sonhe David,
Que venha o Messias —
Teus filhos tu vias
Na ingratidão.
As feras, tão mansas,
E o vivido insecto,
Ferozes no aspecto
Com elles já são!

“Vingaram cidades;
As lindas deidades
Curvaram as frentes
Do diluvio aos pés.
De novo surgiram
Do iris da alliança
As rosas, da Esp'rança
Que eternas as fez.

“Festins orgulhosos
Os vasos piedosos
Dos templos profanam
De Jerusalém.
Assombram palavras,
Que traças, encravas,
Que os muros inflammam,
Que os prophetas lêem.
Desloca-se Euphrátes,
E vê Babilonia
Que Cyro lhe vem!

“Israel, que amavas,
Na idolatria está!
Rainha, que elevavas,
Tambem perdes Judá! . . .
Senhor, tão grande que és,
A terra, que não sente,
Ignora-te, a demente

Sorrindo-se a teus pés!
 Escuta a minha prece,
 Minh'alma é reinos teus :
 Na gloria me engrandece —
 Tu és minh'alma, ó Deus!"

Ao firmamento os ares se embalaram;
 Removidas as margens, se aproximam;
 Salta o peixe no mar; desprende alcyone
 Em longas vozes cantos sonorosos;
 E a barca, mobil nas argenteas azas,
 Sobre as correntes liquidas se alegra,
 Se alegra e corre os bonançosos mares.

H M E P A Σ P O Δ O N .

A MR. L. DELESTRÉE.

Timida, bella virgem, taciturna
 Pelos campos, nas zonas solitarias
 Do mar, no isolamento azul das nuvens,
 Das argenteas collinas — divagando,
 Saudosa ao silencio, ao fim da noite
 Sobresaltada, foge: os pés retira
 Da terra e vôa; aos regaçados seios
 Toma a branca roupagem; matutina
 Cair deixa a orvalhada de diamantes,
 Estrellas da grinalda, e desaparece.
 Roda o plaustro de um principe; os cavallos
 Vêm nevados nos valles do oriente;
 Cobre os ares a poeira do caminho,
 Fluctuantes vapores; da alvorada
 Brisa fresca e geral passa acordando
 O oceano, os bosques; nuvens aureas,
 De marinho coral, nuvens de perola,
 Como a face de um lago os céus abriram;
 Os passaros cantando, o collo alongam

De través dos palmares, perguntando
Aos pastores e ao gado que apascentam,
“Quem faz tanto rumor?” deslisa o orvalho
Nas flores; vem o zephyro e levanta
Ondulações d’incenso á natureza
Das barras da manhan. Sorrindo amores
Tal a noiva, indolente e prigueirosa
Como Venus das ondas espumadas,
D’entre os alvos lençóis nua se ostenta.

Ó sol! chamma da idéa e luz do templo,
Dá que arda-me a fronte, negra e gelida
Do scepticismo! dá-me, ó deus da lyra,
Um cantico de paz! que a musa, afeita
A este cantar selvagem, rude, asperrimo,
Que o vendaval da sorte ao peito ensina,
Como ao rochedo a vaga, como aos troncos
Rubro estalado raio, ave enfezada
Jamais cantou de amor. Abriu-me a boca
Esta sede eternal, que eu soffro ignaro,
De um desejar . . . que mata-me a existencia,
Que minha alma lacera, como ás iras,
De candente samûm . . . Me ouviste, sol?

Abre um lado da abobada celeste,
Amostra o rosto; e só, centóclo e bello,
Governa o mundo seu: apaga os cirios
Do umbroso altar da noite; arrasta a nuvem,
Embalança-a nos ares, sombreando
Os loiros plainos e os floridos valles;
Em pedraria e luz tremendo os bosques,
E como riso as flores entreabertas,
Espalha almo chuveiro. Sol esplendido!
Deus dos meus olhos, meu caminho franco
Á Unidade invisivel, sol, me arranca
D’este lodo da terra, onde hei manchado
A alma de meu Deus! — rios, montanhas,
Levantai minha voz! aves, favonios,

Cantai! cantai louvores, aos céus puros
Batei as azas, penetrai as nuvens,
Ao nosso pae! que os nossos campos enche
De mil dons! que derrama em nossas veias,
Como Deus em nossa alma o pensamento,
Ondas de sangue e vida! — A borboleta
Sobre as folhas dormindo, aereo esmalte
Á beira da corrente, a ti se eleva
Em turbilhões de luzes, centelhando
As bellas azas d'iris; a velhice
Arrasta para ti seus lentos passos;
Te olhando, a vista funde-se-me em lagrymas,
Que amo falar-te, á minha voz embora,
Sol, desdenhoso sol, tu não respondas!

Quantas vezes passava a contemplar-te,
Solitario no mar! longe da patria,
Os raios teus humedeci de lagrymas,
Que beberam teus raios... ai! contigo
E o mar sómente, o pensamento errando
Ante meus olhos, sem olhar, abertos!
Amigos mendiguei; meu peito aos homens,
Meus braços, minha fronte abri, minha alma...
Como os homens sorriam-me! um instante,
Logo depois, odiavam-me! eu, qual aura
Amarga, de onda á onda mentirosa...
Deixei-os, e corri mares em fóra;
Vi novos climas... sempre os mesmos homens!
Nem um só! nem um só achei, que o nome
Santo de amigo merecesse, ao menos!
— Desde então na descrença resequido
Murchou, caiu meu coração, e os homens,
Que minh'alma tão rude calcinaram,
Nunca mais pude amar... vou da existencia
Pelas sombrias praias, solitario.

Quantas vezes, pendido dos penhascos,
Creações do ideal traçando agora,
Peço virgens divinas — que me embalam,

Que me adormecem . . . mas, acordo; rujo
Contra ti, deus immovel, subalterno,
Dos esplendores vãos brutal hyperbole,
Despertador da terra! que, por estas
Doces imagens, trazes-m'os terríveis
Com a mentira ou não sei quê na frente,
Que não entendo e me repugna! . . . E torno
As minhas solidões, descendo d'elles —
Descendo do Senhor — e eis a desgraça.
Fui, mirrado na dor, pelos desertos
Buscando sombra: — as arvores murchavam,
Se esfolhavam, da frente, que eu sostinha,
Descançar pelo collo dos seus troncos,
Sob meus pés sua leiva! Aos céus exposto,
O sol fendeu-me o dorso, como açoite
Da Providencia — e amei-te, amei-te, ó sol!

Tu, ó dia primeiro em que no espaço
D'oiro a ardente fogueira o sopro eterno
Accendeu, quando a terra estremecia
Em pasmos se revendo e toda em vozes,
Vozes de amor! ó tu, dia vindouro
Em que a mão, que a ergueu, volte ápagal-a,
Denso fumo a expandir-se d'entre os dedos
Lh'esmagando o carvão, oh! perturbar-me
Nessa emoção de horror, eu só quizera
Esses dois dias vida, entre elles morte!
Sol esplendido e bello! deus visivel
E corpo do Deus uno, queima o corpo,
Arda a alma á tua alma, a Deus, ó astro!

Silencio! Foi o vento: em meus ouvidos,
“Emmudece!” disseram-me, passando.—
Rios, montanhas, incolas dos bosques,
Nascemos cegos, meus irmãos na morte,
Sem saber o que somos, aonde vamos . . .
Para cantar . . . Cantemos harmonias
Ao sol que se alevanta do arvoredado,

Lá dos cumes de além; fruto de estio,
Nutramos nossos peitos com seus raios,
Como as aras da fé — longe está Deus!

ANNINHAS.

(Alto mar.)

Tu não és como a Arabe infante
Encantada no argenteo corsel
Por desertos de areia brilhante,
Aurea adaga no cinto de annel;
Nas cabildas da noite, ondulante
Aos amores de loiro donzel;
Nos floridos kiosques saltando,
Ou na ogiva fumosa a dormir,
Coisas d'Asia amorosa sonhando,
Que, sonhadas, se fazem sentir:
Tu não és como a Arabe — amando,
Tens das santas no rosto o sorrir.
Não simelham-te a rútila estrellla
Nem as ondas doiradas do mar;
Não simelha-te, esplendida e bella,
Do deserto a miragem solar:
Brilham olhos de bronze á donzella;
Tens os teus como a oasis a olhar.

SEPARAÇÃO.

(Em Guanabara.)

Amei-te, ó dos amores rosea victima
Ao capricho dos homens vãos do mundo!
Minha voz escutaste; a voz sonora
Dos labios teus brandiu-me na alma, dentro,
Dentro a calar tão doce, tão suave . . .

Doce momento foi . . . canções da aragem
Pelos sinos da torre que dormiam. —
Passaram. Indeciso inda o silencio
Estando e bello, ouviu-se qual do inferno
Latir damnoso; descuidada amando,
Candidos seios a tremer nublaste,
Como de aurora onda que se esmalta
Por frescos ramos do verão frondoso,
Que nuvens toldam, que tufões deslócã.

Faziam-te saber que era de amores,
Que vermelha te vias, tão vaidosa
Do pensamento meu, no fundo espelho
A irradiar de formosura e encantos;
De amores, que fugias-te assaltada
Ao só bater do coração; de amores,
Que eras tu philomela, que aos primeiros
Raios do sol as azas estendias.
Ai, que o mesmo alvarar da vida trouxe
Triste occaso de amor, ambos morremos!
Já não vens para mim; teus olhos bellos
Ante os meus, vergonhosos já se apagam
Em mudo pranteiar do que passou-se.

Ella a cabeça me encostou no peito
Enamorado; a nuvem de cabellos,
De ambrosiadas noites na montanha,
Derramou em meus hombros longos crespos;
Tão pura e olente, como os doces lirios,
Os magos lirios são, cheirando a aragem
Ao luar vaporoso do crepusculo,
Beijei da vaga do seu corpo a sombra.
Eu vi fundido um seculo n'uma hora —
Hoje estas horas seculares sinto
Dos dias meus se desencadeiando.

Assim falou-lhe o pae: “Filha de nobres
E dos pagos doirados, sê maldita!
Criança vaga, pois de amores amas

O sonhador poeta, que de enlevos
Nutre-se, d'illusões! — sonhar, que vale?
Seus cofres de papel sómente aos vermes
Cheios estão, bem como os raios vergam
Dos seus armarios com volumes aridos
Dos outros seus irmãos, que assim viveram:
Raça de loucos, orgulhosos miseros,
Formando uma familia e sós se amando,
Porque um só destino é para todos,
Em todo o tempo; vôm pelas nuvens,
Leves como ellas; nós, do ouro brilhantes
Equilibrios, na terra os céus gosamos!...”

Ai! perdôa, perdôa se choravas,
O meu odio a teu pae! se eu quiz, eu louco,
Rompendo as leis da natureza, odiar-te!
Á voz d'esse delirio vi minha alma
Cair. . . que horrores! a meus pés morrendo!...
Pisei-a, a rir-me. . . Oh anjo meu, perdôa!
Que a triste imagem te não manche o peito:
Tão puro, como o achei, respire eterno!

Tambem não sei. . . não quero ver-te, e morro
Se penso que o amor d'esses treze annos,
Que primeiro acordei-te n'alma, tenha,
Como o sol no oriente que esperasse
Para á voz do Senhor surgir das trevas,
As trevas tenha de tornar. . . Deus grande!
Minha flor que eu ame! — orvalho della,
Zephyro della fui — quem arrancou-te
Dos edeneos jardins! flor transplantada,
A outros climas te vais onde floresças,
E das auras distante, flor tão pallida? . .
E em Josaphá dos prantos me abandonas,
Eleonora minha? e não me escutas,
E não vês que o Sorrento é como as cinzas
Que ora rodeiam de amargura o Aspháltito? . . .
Eu me aparto de ti, como, arrastado
Branco touro amoroso das campinas

Mugindo aos montes, a Dirceu levavam —
Eu me aparto chorando. Oh! inda te amo
Como eu te amava! esta alma a angustiar-me
Em contorções do desespero e morte,
Nesta paixão nutrida, que a desvaira,
Que sóe peito de poeta arder sem fim!
Doces harpas afino . . . escuta! escuta!
Vão-se co'o tempo os deuses; mãos do homem
Gastam o oiro; co'o tempo vão-se os marmores,
Destroçam-se alvejantes das cidades
Opulentas do vicio; os bronzes vão-se —
E não vão-se estes sons, que em prantos correm.
— Porque amaste-me? oh! tu, que és meu tormento!
Que és meu unico amor! porque vieste
Singela virgem dos salões doirados,
Como a rôla gemer em meu deserto?
Que longos dias! quão penosos foram,
Na tua adoração, perdidos! . . . no ocio . . .
E a me faltar o pão d'esta existencia! —
Oh! dêem-m'o! dêem-me o idolo sagrado,
Ou não quero viver! — Oh! quanto eu amo!
Eu amo ao longe vel-a . . . os que ella habita
Muros, roçar . . . tremer, julgando ouvil-a . . .
Levar-me de illusões . . . cantando amores . . .
Expirando nas lagrymas . . . Adeus! . . .

ETERNIDADE.

Um dia nasce a menina;
Onda de rosa e crystal,
Serpeia em terra divina —
O verme paraisal!
No outro dia desperta
Grande, bella, meiga flor

Ao pejo e graça aberta;
Começa o reino do amor.
Vôa nos ares borboleta,
Repoisa pomba do lar,
Abre os seios de violeta —
Nelles outra onda . . . no mar.
E é o mar, a eternidade;
A onda, a vida veloz,
O ente na humanidade,
Do amor ao sopro . . . e após?

CANÇÃO DE CUSSET.

(Sobre o Allier.)

Se fosses, moreninha, sempre bella,
Tão bella como és hoje nesta idade,
Quizera exp'rimentar se amor perdura,
Sempre te amando.
Eu sei que amor existe em quanto brilha
A flor da mocidade resplandente;
Porém, que morre e passa, quando os annos
A vão murchando.
O sonho que de noite nos embala
Em vagas estranhezas não sonhadas,
Apaga-se co'o sol, desfaz-se em nuvens,
Na aza dos ventos:
Assim, ó moreninha, estes amores
São astros d'estas noites lindas nossas,
São flores cujo espinho, além da aurora,
Deixa tormentos.
Não quero pois amar, sentir não quero
A dor que sempre dóe, que sempre dura
Daquillo, que passou-se tão de pressa,
Tão docemente!

Daquillo que passou-se. . e não encontro,
E não encontro mais que na saudade. . .
Ou nesses olhos teus, que assim promettem
Amor ardente.

Eu tenho inda saudades dos brinquedos,
Dos tempos festivaes da minha infancia,
Dos beijos que bebi da mãe querida,
Da bênção de meu pae;
Saudades d'esse Deus do berço amado,
Que todos, tão contentes, adorâmos;
Das luzes da capella, que vibravam
As vozes do Sinai.

Eu tenho inda saudades da donzella,
A quem dei meu amor, o amor primeiro:
E ella na paixão — deixada e morta
Longe de mim. . .
— Saudades do meu céu, da patria minha,
Dos que no bosque andavam, companheiros,
Amigos que perdi. . . bastam p'ra a vida
Levar-me ao fim.

AMELIA.

(Episodio.)

Tristes recordações! — Jardins desertos,
Como á confirmação vaga de um sonho,
As sombras do passado, e no silencio
Chorosa mãe carpindo a filha amada,
Condoendo os espaços. . . Julgou vel-a
Naquelle flor que os ventos inclinavam,
Nestas promessas, calma a natureza,
O gesto meigo, os seios palpitando;
Estende os braços — grita — corre — vôa —
E pára — e espera — ainda vai — sorriu-se. . .
“Era o susurro brando da ramagem.”

Triumpho, amor materno! alli quebrou-se
Mundano orgulho aos pés da humanidade!
Tudo a convida a lagrymas, o o mundo
Lhe é tão mesquinho, que esse amor, essa hora
O fez esvasiar! Brama e delira
Vendo a harmonia abençoada, vendo
Como o céu ri-se, como as aves amam —
Só a filha innocente a ser maldita,
Fugitiva do lar! Punge-a remorso;
Cerdosos javalis a accommettendo,
Gritando e sem lhe a voz sair dos labios,
São-lhe visões de agora. — Contra o filho
O homem, porém, mais duro, fulminava.

Cresceram outrora na ilha encantada
Esplendida virgem, formoso donzel:
Aos estos cresceram de um sol sempre ardente,
De um mar sempre aos brados d'encontro ao parcel.

Quão linda era a virgem! que palma ondulante
Aos sopros da aragem por bello luar!
Seu rosto era nota de lyra inspirada,
Seu corpo cadencia de um vago pensar.

E o moço, quão bello! da fronte no espaço,
Dos olhos na chamma, lhe ardia a paixão:
Feriam de morte, de amores vibravam,
Quaes órgãos, quaes raios — punhal e oração.

Intriga se erguera, fallaz, venenosa
Serpente que enleia, que enluta as familias:
Os velhos rugiram vingança de sangue;
Choraram os moços compridas vigílias.

Do templo nos cultos, quando elles se viam,
Na hostia, no calix, seus olhos juravam;
Distantes, as noites de insomnia veladas,
Os sonhos formosos de um dia . . . sonhavam.

Dos labios ardidos voavam suspiros,
Como aves de fogo, sem ninho, no espaço,

Alertos ouvidos, os olhos cerrados
 Dos peitos ao fremito, ao canto, ao fracasso.

E o filho, o amigo, de um pae venerando
 Á bênção já curva-se em mudo terror;
 E o mimo dos berços, a virgem tão meiga,
 Mais crua se a levam, mais nutrem-lhe amor.

Sobre os joelhos paternaes o moço
 Delirando inclinou, nas mãos sostida,
 A fronte apaixonada: “Ao innocente
 Às discordias, senhor, ao que se morre,
 Ao que vida não dais, e que é mendigo
 E filho vosso, ao que na divindade
 D'este amor, que é dos céus, a alma alevanta,—
 Que não sejais maldito nos seus labios,

Meneiai a cabeça
 Crespa de cans! . . . debalde não são ellas
 O sello da prudencia . . .”

— Jesus! tremulo o velho,
 Como um punhal ergueu-se! torvo o aspecto,
 Os olhos em clarão sinistro foram,
 Qual se gemeos não fossem, transtornados!
 E a boca, viscida a imprecar, convulsa,
 “Vai-te bastardo! vai-te! . . .”

No pranto lhe cuspiu! — Não mais se viram.

Era a virgem solitaria
 Em seu exilio de amor:
 Ao vel-a triste, gemia
 Mais triste a brisa e corria
 Levando da flor á flor
 Os mysterios namorados
 Do viver encantador.

Chegou a mãe; abraçou-a,
 Toda em lagrymas banhada:
 Trazia véus luctuosos,
 Cabellos soltos, ondeosos,
 Alma de dores cortada,

E a cruz de Christo nas brancas
Mãos de cera; e assim curvada,

O alvo seio apresentando
Que a meninice educou,
Como ondulação das vagas
De verão, desertas plagas
Arenosas, lhe falou:

“Pela nossa ilha prezada,
Por este Deus que te amou,

“Pelas flores que plantaste
Nas leivas do teu jardim,
Pelo lago tão dormente,
Pela tão azul corrente
Que cerca os pés do jasmim,
Por estes céus e estes scios,
Fruto que nasceu de mim!

“Não queiras em pranto funebre
Acabar tudo, que é teu!
Da terra são os amores,
As estações dos verdores —
Só estes prantos do céu...
Desgraçado amor, que a filha
Em fera, assim converteu!...

“Meu caminho conduziste
Para o encontro do amor;
Eu era o lirio innocente,
E bem vias a alma ardente...
Que não vias com terror
Essa paixão, que crescia
Como, para a morte, a dor!”

.....
Ficaram olhando... longe
O sol saudoso a se pôr.

E longes n'outro dia, aos dois amantes

O sol raiava da felicidade!

.....
 A relva perfumai, cobri-lhes, flores,
 Os berços da soidão! sombra das balsas,
 Embalai-os! gentis zephyreos genios,
 Vinde dos montes, das estrellas vinde
 Co'os sons da aurora, as vozes da deveza —
 Os amores cantai da natureza!

Doces então, de amores as desgraças,
 Na lembrança das lagrymas enxutas,
 Encantam horas-vagas namoradas
 Às camas d'ambrosias . . . aos preludios
 D'esse eterno gosar, que os céus ensaiam —
 Mas, os dias felizes são tão poucos! . . .

Já nada existe!

Passando os pescadores na corrente,
 Perguntam “viste?”

E os colonos cantavam:
 “Nos meus valles da Germania,
 Meu amor bem junto a mim,
 Do dia as horas voavam,
 Da noite as horas assim.

“Já para as luzes subira
 Anjo de olhares serenos,
 Raio emanado do Eterno,
 Que para si se retira
 D'estes pedestaes do inferno!”

—Voz etherea — os dois amantes
 Ao despertarem na aurora,
 Dentre sorrisos a ouviam;
 E felizes, e distantes,
 Nunca, nunca entristeciam.

— Uma noite de prazeres,
 Quando as luzes se apagaram,
 Que longinquas desmaiaram

Sonorosas vibrações
Dos dizeres, dessas vozes,
Das coplas que elles cantavam,
Dessas almas que exultavam
Aos gemidos dos violões;

Quando pelo rio á cima
Corriam ledas canôas
Com verdes ramos nas prôas,
Como phantasmas do ar,
Compridas alas d'escravos
Pelos bancos dos remeiros,
Ao silencio dos mangueiros
Melodias a entoar,

Melodias encantadas,
Melodias que choravam,
Que nas correntes boyavam
Das mansas aguas do Anil,
Dos regolfos á cadencia
Do remo nas pás tangidas,
Melodias doloridas
Do peito do homem servil;

Quando cercada de sombras
Pallida lua descia,
E como que o rosto erguia
Do horizonte occidental,
Por ver os astros ficando,
A terra ao fundo jazendo,
Por ver, as auras correndo,
Longo arfar o palmeiral,

Por ver as aguas tranquillas,
Tão sensíveis á ardência,
E natura tão sombria,
Tão indeciso o rumor;
Quando o monte adormecido,
Sobre os valles debruçado,

Alto se ergue, rodeiado
De vago e bello pavor —
Surgiu das trevas uma ave;
Pairou no tecto; feroz
Gritou no meio da noite:
Não houve um echo da voz!

Era o tempo em que os murchos campos queimam
Os bons pastores ao pacigo novo.
Um fogo occulto, da juncosa terra
Minava os seios. A cabana branca,
Ninho dos anjos, a açucena, o encanto
Do páramo espaçoso, sobre o rio
Mirando-se, dormia, e socegava.
Trepadeiras virentes das paredes
Pendiam em cortinas perfumadas,
A primavera em flor.
Entreviu-se qual chamma.—Foi o incendio!
O sataneo estridor!

E foi o altar em cinzas... delle o fumo
E a claridade aos céus se remontando..
Já nada existe!

Passando os pescadores na corrente,
Perguntam “viste?”

E o boato correu.—A triste historia,
Inda hoje á porta da choupana á noite,
Candido e crente o camponez a conta:
“ Não descambavam as estrellas, quando,
Do oriente as roseiras florescidas
Pelos rubis diurnos, duas pombas
Revoando sobre ellas, se beijando
Nos ares, puras, brancas, luminosas
Vi, ao clarão do céu, que abriu-se em luzes,
E as recolheu p'ra dentro!... ante meus olhos
Tornou a anoitecer ; e sobre as margens
A cabana das vozes archangelicas,
Qual na entrada do estio vozes cantam,

Não viu-se mais... assim desapparecem
A deshoras palacios encantados
Lá nos mares do Norte, as luas mortas."

O INVERNO.

(Entre Santa Anna e Santa Rosa.)

São lagrymas, são lagrymas fecundas
As chuvas:—o arvoredo carregado
Arrasta pelo chão flores e rumos;
Exhala o campo mádidos aromas
As borboletas esmaltadas, bellas
De azas largas, azues, aos mil confusos
Insectos d'oiro; pelo bosque, ao longe
O lago berrador. Reluz a planta
Aberta toda em rosas encarnadas,
Como um anjo-da-guarda se arripia,
Susurra ao beija-flor, que ruge as azas,
Que amoroso faz circulos nos aros,
Que delira, que geme uns pios intimos,
Que punge os seios nus, que a flor inclina
Ai! sorvendo-lhe o mel puro e balsamico
Dentre espinhos e risos, aos fulgores
Do viço esplendido e o crystal — humanas
Donzellas, que verteis na mocidade
Rubea seiva que ás faces brilha e monta!
Ao quente inverno, do equador ás chuvas
É mais sensivel, mais saudosa a terra —
Salve, felicidade melancolica,
Doce estação da sombra e dos amores!
Como á voz do senhor escravas negras,
Aqui nas serras não se despem virgens
A voz de outono desdenhoso e pallido:
Aqui nos montes não laceram-se ermos
Thronos de aves perdidas, nem do prado
Desapparece a flor. A cobra mansa,

Cor d'azougue, tardia, umbrosa e ductil,
No marfim dos caminhos arenosos
Serpenteia, como onda de cabellos
Da formosura no hombro. Á noite a lua,
Mãe da poesia, solitaria, errante,
Co'a face branca e o riso d'innocencia,
Vem, minha amante vem, doce harmonia,
Assenta-se nas palmas da montanha
E candores derrama pelo valle,
Que dissera-se arder em castas chammas.
O sol não queima os céus como os desertos,
Sympathicas manhans respira o dia.

Geme ás canções da aldeia apaixonadas
O saudoso violão; as vozes cantam
Em nautico, em celeste modulado;
Chama ás tacitas azas o silencio
Ao repouso, aos amores; as torrentes,
Trazendo a meditar, levam saudades;
Vaga contemplação descora um tanto
O adolescente e o velho; doce e triste
Eu vejo o meu sentir na natureza
Sombria do equador, bella selvagem
De olhos alados de viver, á sombra
Adormecendo da arvore espaçosa.

O touro muge; á ondulação das vozes
Ondeam-se juncaes, se embalam ermos.
A filha das soidões e dos mysterios
Do meio dia, da tarde desmaiada,
A mãe dos ais e da ternura, a rôla
Gemer se ouve,—se cala a natureza,
Tudo se despovôa e se deserta,
Entrando a revocar reminiscencias,
Que a lembrança perdida ella desperta.
Vê-se um genio a vagar por toda parte,
Pallido docemente, meigo, lento,
De mãos no rosto, de pendido collo
E os ebanos compridos em desfios —

Vem, meu amor! — o genio, que divaga,
Desce a collina pelo valle, ás praias,
E lá, perante as aguas, chora, chora . . .
Irmãs, tão bellas, que se sympathisam,
Que os prantos seus consomem pelas rochas,
Pelas encostas denegridas, brancas.

Que nuvens puras! que mavioso oceano
Os amplos ares! que verdor a terra! —
Cae a tarde, dos serros emanando
Os vermelhos vapores do occidente.
Não houve o dia sol, no ar suspendido
Das sombras por detrás, vento não houve.
Grosso orvalho se escôa da espessura;
Os céus de azul, quão vastos se evaporam!
— Sae da varanda do casal a filha,
Bella dessa amplidão que está na tarde,
Candida, pura e vaga, e tudo amando,
Chega-se ao pé da flor, afaga-a e passa,
Como quem disse “não és tu.” Se elevam
Das hervas e das flores que a rodeiam
Borboletas nevadas, estremecem
E vêm-lhe as azas comprimir nos braços,
Perder-se-lhe entre a nuvem de cabellos
Que estão dos hombros humectando a alvura:
Virgem das brenhas, eu no teu regaço
Dormirei placido? eu nesses teus olhos
D’encantada lerei meu pensamento,
A arder meu coração nos teus amores? . .
Ella não poudo ouvir-me — pensativa,
Tão distrahida, pela estrada nova,
Por entre os limoeiros florecidos
Lá se encobriu da matta silenciosa,
Onde suspira a nambu-preta e cantam
Psalmos os sabiás de harpas formosas!
Deu mais um passo a natureza. Gira
A viração mimosa do crepusculo;
Fendem-se, á luz poente, das palmeiras

Os espathos viçosos, amostrando,
Como um filho, o materno seio aberto,
Recentes cachos, donde a flor se entorna
Como a perola corre perfumada
Dos labios de uma esposa. Se desprendem,
Fazem a vibração no sólo os cocos.
A cigarra se esváe cantando, e morre,
Funda saudade ao coração trazendo.
— Deu mais um passo a natureza. Se ergue
Nocturna brisa pelos negros ramos,
E já sómente senhoreia a noite
Juncada de luar. Ao longe espasma
Os ais de dor, os gritos de desgraça,
Urutahuí, da umbahubeira pallida,
Tão abraçado e qual se alma do tronco,
Vária e funebre á lua, que irrompesse
Na gargalhada alvar pelas soidões.
— Como estrellas em pó que os céus filtraram,
Treme o horizonte de folhame argenteo,
Dorme aos piados de desagasalho
Do caboré friento. Agora estende-se
Uma nuvem de chumbo. Agora se ouve
A tororoma d'agua das montanhas
Rolando pela noite, mugibunda
De sons a encher os valles — Nesta hora
O coração do homem solitario
Suspira os aureos sonhos pela amante
Que n'outra terra está... neste retrato
Os olhos beija, os alvos braços beija
Onde ha dormido... — Quando na alta noite
Gemeu a chuva, a madrugada é bella,
Linda menina a amanhecer na fonte.
Estala a voz de uma ave; outras, ignotas
Rompem no bosque alegres alvoradas;
Enlaça o rio á jussareira languida,
Que nas ondas escuras se desenha;
Embalam-se os tucanos d'entre frutas,

S'engasgando e cantando; zumbe a abella,
A silvestre uruçú se envermelhece
Nos humidos matizes, se revolve
Na doirada resina, que destilla
O bacurí-panan de amenos balsamos
E amorenada flor. O sol se occulta.

Parado, calmo o tempo — de repente
Acorda o geniozinho que dormia
Aos cicios das folhas, aos queixumes
Da corrente sombria; doido acorda
Voando, espirito a gritar inquieto
Á natural tragedia preludiando.
Fervem os ramos, se abrigo fogem
Pela barreira os roseos trovadores;
E elle, só, tempera-se estridente
D'igneos carmes! rangem montes, cedros,
Entre os pólos vanzeia a tempestade!
Oh! como elle se alegra e se recreia!
Como voluta e luz! como scintilla!
Avezinha dos ventos balançados,
Em seu ninho de nuvens — se arremessa
Aos trovões que arrebetam! vai tenindo,
Seguindo os raios vai través dos ares,
E traço luminoso, um outro raio,
Das azas solta electricas fagulhas!
Vede-o, pequeno argueiro que delira
Na cratera a se abrir da immensidade!
Eu como elle, tambem prezo os balanços
Do vendaval; como elle entre relampagos,
Tambem minha alma aos céus se eleva e canta!
— Ouvir a chuva, adormecer scismando;
Erguer-me ao redobrar da seriquara
Nos bamburraes do rio, espriguiçar-me
Qual no monte a palmeira ao doce fluido
Do aureo dedo do sol, phenix doirada,
Da noite amo surgir — eu amo o inverno.

MENINA POLACA.

R. E. F. C.

Uns olhos da Virgem, uns olhos saudosos
De eterno prantear,
Que, ondas, vanzeiam, se elevam, se embalam
Cantando no mar;
Que, prantos, se fazem
Em luz, se desfazem,
Se encantam de amor;
Uns labios tão tintos
De sangue e pudor,
E os languidos cintos,
E a fronte de estrella,
Não vendas, donzella,
Tão bella na dor!

Embora mendiga, gemendo na terra
D'estranhos, sem paes,
Não manches tua alma nos gosos mundanos,
Que os céus valem mais!
Tyrannos opprimem-te a pobre familia,
A patria infeliz...
A França é tão bella! tão gratas as sombras
Aqui em Pariz!

Ha ninhos nas selvas gaulezas, auroras
Nos céus; e se choras,
Um Deus faz dos prantos o orvalho feliz.

E páras como pára o caminhante,
Mudo á beira do abysmo, tão sombrio:
O teu pranto e nudez são como as flores
Com que se veste o céu d'alvas do estio.

LEMBRANÇA.

(Ouvindo a voz do Sena.)

Porque choravas, Maria,
As saudades da partida?
D'esses prantos e queixumes
A voz escuto perdida.

O nosso amor educado
Nos berços da solidão,
Foi como a flor enganada
Dos risos da viração.

Crescemos; nessa innocencia
Me davas o teu amor:
Eras tu a loira espiga,
Eu o sévo ceifador.

Da flor mimosa colhida
Á grata sombra da palma,
Sinto o perfume, os encantos,
Sinto a saudade em minh'alma.

Oh! amei-te! A voz de aragem
Ainda escuto, donzella,—
Ainda te amo e te vejo.
Meiga e linda, pura e bella.

Ainda vives commigo;
Ainda, ó minha aldeião,
Verás, depois destas noites,
Quanto é formosa a manhan.

Dos olhos bellos, Maria,
A onda bella, a onda clara,
Não enxugues, não, dos olhos
Que meus eram, que eu beijara!

LENDA CHRISTÃ.

“Aonde vais, ó Judeu, torvo o semblante,
Da sombra de ti mesmo perseguido?
— Que d’entre os dedos, qual de grades negras
Ferozes risos, te reluz? Ouviste
Chorar em Geths’mani?... e foges! — foges...?”
Perguntava o plebeu. Ora, ao discípulo,
Desvairando nas trevas que o cercavam,
Qual sulphureo vapor d’em torno aos labios
Beijos formava lividos, luzentes.

“Tu disseste que eu sou” dizia o Justo.
— Timorato juiz, Pontius Pilatus
Lavando as mãos, sacrificou a victima.
E o remorso ao Traidor então varando,
Raio de fogo, a alma condemnada,
O templo resoou... moles argenteas
Os pés rodearam de Caiphaz — á córbona?
Oh não! aos campos d’Haceldama foram.
— No outro dia uma arvore encontrou-se
Pelo chão estendida, fulminada,
E a desfazer-se em cinzas pelos ventos!

De nardo ungindo-o ondas olorosas,
O calix de amargor dos céus lhe veio.
Por terra o corpo, na tristeza immensa,
As oliveiras do Horto estremeciam
Nessa noite de horror, quêdas as aguas.
— Homens... tochas... espadas nuas... — Prendem!
— Oh! levam o cordeiro immaculado
Os phariseus! — e chora Pedro — e todos,
Fogem todos, e negam a Jesus!

Se confirmava o sonho dos prophetas:
O que viste morrendo, era o Messias,
E o que viste entregal-o, a imagem pallida
Do primeiro traidor — Caim da inveja,

Do assassinio Caim, que á terra assombra
Como o phantasma do cometa os céus.

Ai! das chammias perseguido
Abriu mãos o irmão de Abel:
Vendidos foram escravos
Os teus filhos, Israel;

Por infamia foi vendido,
Foi cravejado o Messias;
E sobre os sóes a raiarem
Chorou, chorou Jeremias.

Era sol posto. Nos logares santos,
Como da vida ao fim, de pó coberto
Chegou romeiro velho soluçando:
“Vês, minha filha, aquella cruz pendente?
Estas ruínas vês e umbrosas naves?

De varas agoitado,
Por aqui se arrastava,
Manso, triste, piedoso, gemebundo,
Innocente Jesus.

E de sangue esta terra se orvalhara
Aos roseirões de um dia... e chagas vivas
A boca abriram, que a falar começa...
Aqui Maria o recebeu ao collo,
Maria a doce mãe, que beija e alenta
Frente de amor, que os phariseus cuspiam.
Fugiram seus discipulos,

E Christo ficou só, deserto, exposto
Á loucura dos homens...

Oh! eram elles como as sepulturas,
Branco no aspecto e a podridão no peito!
O escarneo, os supplicios da corôa,
A amareidão do fel davam-lhe á sede...

Oh! ainda o vento, que na cruz se enleia,
— Meu Deus! meu Deus! porque me abandonaste? —
Escuta, ainda repete
Essa voz eternal, lhe abrindo os braços...

De dor ao brado o coração partiu-se,
 E a fronte se inclinou... oh! quanto meiga
 Suspirando por nós, filha!... — A corôa,
 Fez-se sol! os espinhos, luminosos
 Lançaram raios para a eternidade!
 Rasgou-se o véu do templo!
 Terremoto amostrou golfões do abysmo!
 E os mortos se amostraram
 Vivos nos lares seus!...
 Sobre esta rocha deslocada um anjo,
 O semblante de luz, a vestia candida,
 Assentou-se, e co'o braço tão nevado
 O caminho apontou de Galiléa...
 Sorrindo á lamentosa Magdalena,
 Que de prazer chorou compridos dias,
 Encarnada visão doirando as nuvens..."

Cego em prantos, phantasma de propheta
 Pela alva mão de um lirio conduzido,
 Assim falando, como o vento engrossa
 Nas sonoras mattas, de repente
 Magoando o gemido emmudeceu.
 Os echos descaíram das ruínas,
 Por entre ellas lentos repousaram.
 — Santos sepulchros! perennal socego,
 Mysterosa paz, soidão profunda
 Suspensa em sombras — qual vapor, deixando
 Levantar-se a verdade, nua, bella,
 Que não em cornos de loquace fama!

Onde vais, gentil donzella?... "

"Ah, senhor, meu pae morreu!..." "

A todos ella abraçando

Corria doida, gritando,

Ave que o ninho perdeu:

"Vêde a luz! vêde-a, tão bella..." "

— Mas da orphã desgraçada

Sómente os echos da estrada

Ouviram, que o pac morreu.

A rouidão do occaso apenas dava
Pelas montanhas da cidade santa.
Lavada do crepúsc'lo a fronte calva
D'erme rochedo ao sol, que espumas cercam,
Sombrio o ancião, noite e silencio,
Sobre as ruinas descansou, pendido
Dos hombros divinaes da filha amada,
Onde, tumulto erguido, adormeceu . . .
E ella, alma delle, com seus dedos roscos
O pranto recolhia ao Deus chorados.
Então da noite a brisa alevantou-se
Ao em torno vertendo o frio, o somno.
Coros celestiaes cantando ouvia
Em seraphica voz por sonho vago,
Quando n'um grito despertou — de auroras
Inundada — e seu pae buscando em vão.

Ainda alguns dias, nessas mesmas horas,
Um clarão boreal se apresentara,
Formado a pouco e pouco, e se extinguindo
Tão docemente . . . Nem noticias houve
Mais da filha que o pae guiando andava.

PRIMEIRAS AGUAS.

(Do Livramento á S. Lourenço.)

Oh doce tempo das manhans da infancia!
Quadra do nascimento, da poesia,
Das c'rôas triumphaes, das frescas auras,
Quadra dos sons, dos beijos e os perfumes,
Contentes corações dão-te louvores!
Conversa com a terra a natureza,
Crescendo o vegetal, cantando o rio,
Pela corrente bonançosa e languida
Enamorados céus brando levados.

D'entre o rir de céu e terra
Brilham astros, nascem flores,
Sôam vozes na montanha —
Bella estação dos amores!

No prado co'as tenras plantas
Favonio aos beijos volteia,
Falam nayades na fonte,
Nos mares canta a sereia.

Da rez o campo esmaltado,
Mimosa cria a saltar,
Anda lisa novilhinha
Toda a manada a inquietar.

Vai, fere o touro amoroso
Co'as pontas do alvo crescente,
Vôa, berra, e docemente
Se deixa a amor abrandar.

Natureza das horas encantadas,
Da existencia e do amor primeiros dias,
Nas mãos de Deus o mundo palpitando!
Nua donzella, peregrina, candida,
A sair da espessura aos verdes campos,
Abrindo as flores, acordando os zephyros!
— Todo o horizonte embala-se, como olhos
Formosos que espriguiçam-se librando
Vagas fórmãs de amor — s'enfloram, gritam
As baixas odorantes; luzes, galas
As serranias azuladas trajam;
Em vigorosas ramas se desdobram
Aos esmaltes do sol frondosos troncos;
Bemfazejo galerno aleda o peito,
Que os ribeiros perdidos compungiram.

E dos ribeiros á margem,
No regaço da espessura,
Terno á voz da agua quebrada
Exalta o moço gentio

À tapuya os dons d'encantos,
Da caça quando voltou.
Vôam aves pelos ramos,
Chovem flores sobre a terra,
E como as ondas partidas
Já manso o peito de amores,
Olhando ao céu descansou.
Venturosos no deserto,
Estão agora brincando:
Vai elle tecer-lhe as tranças
E as recendentes grinaldas,
Que de negras vivas tintas
Ella as faces lhe pintou.

Como ao ver-te minha alma se engrandece,
Infancia do equador fagueira e bella!
Como á zona doirada, ardente, esplendida,
Tanta candura, tanto riso encantam!
Doce luz d'alvorada, alva menina
Da camponeza fúlgura aleitada,
Açucena viçosa e virgem forte
É a meiga sasão. Não arde o raio,
Não tremulam trovões azas medonhas
Anegando os espaços. Cobre a terra
Esta vegetação edenea e válida,
Aos trinares das aves, ás auroras
Exuberando amor — abrindo em flores,
Da luz aos beijos delirantes noivas,
Branças acacias, aureas do pau-d'arco,
Roxo maracujá, da estrada enlevos —
E sempre, sempre a vida dos encantos
Na terra dos verdores florescentes,
Do inverno ao verão! — quando radiosas
Dos castellos argenteos do zodiaco
Vibra as frechas o sol, fumegam campos
Calcinados, fendidos, espelhando
Branco areial aos astros retratados;
Quando dos montes para a beira descem

Ledas tropas,—eu amo ouvir as vozes,
Dormir na choça, alevantar-me cedo,
A malhada mugindo, a alvoroçar-se
Como o grupo das nuvens no oriente.

O bosque brandamente se sacode
Aos vapores da terra embalsamada;
Exhala a terra, os ares se enamoram;
Aos suspiros do zephyro as donzellas,
As palmeiras, abraçam-se tão languidas,
Tão amorosas, bellas. Bracejando
Passa o Pericumán da relva ao longo,
De vozes cheio e d'aureas caravélas
Qual serpente de prata ondula e corre.
Na harmonia geral acordam psalmos
As lagôas azues: o ganso as corta;
Vistosas jaçanans, flores solares,
A borda esmaltam estendendo as azas,
Por entre os juncos occultando os ovos
Que estalam, picam, que já estão tirando;
Volitante doirada urubarana
Vai ao bico morrer da garça branca
Além sombria; as seriemas gritam,
Canta nos ares a araponga, aos ninhos
Vôa a pomba-sem-fel. Trôa a espessura,
Lá ronca o pecorí; restruge a onça
Das entranhas da brenha — amor os leva,
Amor os mata á escuridão das sombras
Da tabóca frondosa. As feras te amam,
Innocente sorrir da natureza!

Nos curraes os vaqueiros reunidos
Estão ferrando o gado: as ancas fumam
Á chapa dos senhores; berra a aneja;
Rompem as festas; das cortinas salta,
Ferrão em punho o capataz membrudo,
Para o touro que parte, e a vacca brava
O munjoilo a zelar; parelhas correm
Nas planicies, os poldros amansando;

Percorre a baccalar o senhorio,
Os agricolas falam-lhe das lavras.

Na rustica choupana os camponezes
Aos sons da viola feiticeira e magica
Nos alegres serões entôam cantos,
Dansas formam, recontam seus amores,
Oh! quão apaixonados! quão ditosos
Na feiticeira viola sertaneja,
Que entende o coração, fala ao deserto!

—Ai do recruta que a ouviu de longe,
Que os tempos de Natal, que os verdes campos,
Que as saudades sem nome sentiu n'alma...
É no outro dia desertor, ou morre!

“Que lembranças, ó morena,
Do amor á borda do rio!
Que lembranças tão formosas
Das quentes sestas do estio!
— P'ra beira quando te foste,
Que, só, nos centros fiquei...
A ti eu digo as saudades,
Digo as mágoas que peneil
Dês que a noite escurecia,
Quando o noitibó se ouvia,
Logo eu punha-me a chorar;
Na branca lua eu te via
Pelos céus a divagar;
Acordado me encontrava
A araponga, o rouxinol
Quando a romper começava
D'entre nuvens d'oiro o sol.
Sozinho por esses rios,
Já das aguas na miragem
Eu via só tua imagem
Que não os peixes no anzol!
— Como o galheiro encalmado
Perde as veredas, sinhá,
Andei eu... entre a ramagem...

Oh! lê-lê, lê-lê, lá-lá!
Que este canto enamorado
Torna a alma afflicta e mesta —
O Natal quando é chegado
Não durmo solteiro a sesta.”

Porém, longe da vida e ás tristes tardes,
Estua o peito, o coração em mágoas
Se arrebenta, depois — quando as saudades
Tão só nos falam das primeiras aguas.

VEM, Ó NOITE!

(Sob os lilazes de Auteuil.)

Vem, ó noite esperançosa,
Vem, formosa das montanhas,
Tu que assanhas, solitaria,
Culpa vária obsconder!
Vejo a luz da cabaninha
Linda e minha; os meus amores
Como alvares, sobre o leito
Branco peito a estremecer.
Com teus mádidos halentos,
Os relentos e os perfumes,
Vem, ciumes d'este inferno,
Vem-me interno moderar!
De Deus fujo, que condemna;
Ai! sem pena do pastor,
Filha e flor, p'ra mim se foge
Quem hei de hoje sepultar!

QUADRO.

Olhando para o sul eu contemplava
Os céus ao pôr do sol. Vesper menina,
Que toda a tarde em brincos scintillara,

Ao cair do crepusculo assentou-se
Em meus joelhos, pensativa, umbrfa. —
Em meus hombros depois, adormecendo,
Deixou pender a fronte somnolenta,
Como flor de alegria, que entristeceu
Mais bella e candida ao fechar da noite.
Dorme, ó anjo de amor, somno sem sonhos;
Astro-lirio do val, pomba celeste
Sobre a terra a dormir — eis o meu peito.

Como ethereo rochedo, nuvem negra
Crescendo avulta: de através se abriam
Relampagos, relampagos vermelhos
Lacerando-a, qual, lobregas cavernas,
D'entre rocaes fogueiras de bandidos.
A noite desentrança-se em desordem,
Se obumbra a terra, os ventos furiosos
Soltos, as chuvas acoçando ao longe,
O bosque estronda como em desfilada
Mil cavalleiros nos despenhadeiros;
Repete o mar os céus — negrura e chammas-
E o bramir dos trovões repercutidos
A terra faz saltar; os ares ténebros,
Lá muito em baixo remugindo as ondas,
Lá muito em cima os raios a voarem
Sobre uma velha torre, — os bronzes rasgam,
Arruinam o templo, como os anjos
De fogo, que o Senhor, alli mandasse
Destruir seus altares profanados. —
E passou. Branqueiaram céus e lagos,
Espelhou-se o luar pelas montanhas,
Donde sae a torrente se enroscando
Para os valles sonoros.

Eu acordo,
E eu dormindo não estava; linda Vesper,
Que em friorentas sensações tremia,
Se encolhia, apertava-se ao meu peito,
Como a pedir calor de chamma occulta,

Levou-me, e fui com ella aos horizontes:
Era alli o oratorio — accesas luzes
E sua mãe rezando, os céus lembravam.

NYDAH.

(**Em Daccar de Senegambia.**)

G. R. G.

“Bella escrava de minha alma,
Já desponta a rubra aurora:
Da guerra os cantos resôam —
Mais um beijo... Adeus agora.”

“Não me deixes, não me fujas
Da sombra da tamareira!
Quando for a sesta ardente,
Quem será nesta ribeira?

Oh! como a praia é deserta!
Como é deserto o areial!
Como a juba aos céus sacodem
Ondas negras de crystal!”

“Flor do verde sycomôro,
Filha da noite, ó Nydah,
Teus olhos são como o fogo
Das areias do Saharah! —

São cento, são mil guerreiros
Que ao Senegal vão partir!
Cento e mil trarei cativos,
Que a teus pés hão de cair!

Quando a lua andar trez vezes
Que depois venha a nascer,
Dos teus braços se me aparto,
Nos meus braços te has de ver.”

“Não, ó principe, não fujas,
Não sei o que n'alma eu sinto...”

Morrerei se assim te fores,
Nos meus sonhos crê, não mintol!

A voz da abestruz na aurora,
Os soluços vãos do mar,
O vento mudo, o céu triste
Qual minha alma a retratar...

Já debaixo do baobab
O povo que adora ao sol
Accendeu sagrado fogo...
A selva é toda arrebol!

Batendo os pés em cadencia,
Brada aos teus antepassados,
Que jazem dentro do tronco
Ha dois mil annos curvados,

Que venham ver seus dominios,
Que ainda existe a nação:
Prostram-se todos gemendo,
Todos joelhos no chão!...

Acordaram... apparecem
As sombras dos velhos reis!
O povo, o reino bemdizem
Vivendo ás antigas leis...

O giro fizeram... descem
Na ordem da successão...
Dansam do tronco ao em torno,
Ruidosas palmas na mão...

Despedem o anniversario
Do que foi vivo primeiro...
Ao encérro voltam... — pende
Um braço do derradeiro!

Grita o átropos ao lado,
Fazendo voltas, zumbindo,
Craneo pallido no dorso,
Os gestos sinistros, rindo...

Oh! não vás! calamidade...
Move o braço e dá signal!
A morte vôa na guerra
Do peão ao principal...

E esse vegetal sarcophago
Onde dormem teus avós,
Nau perdida vejo em mares
Servindo de terra a nós..."

— Insensato amor de gloria
Venceu amores da escrava;
E o coração que não mente
Vingança delle bradava.

Qual ave as azas batendo,
Presa aos braços a donzella
Sua alma tem: se lhe foge,
Resistem os braços della.

Vendo ao longe uma piróga,
Mais a luta se animou:
Cedeu a vida, e no espaço
Nuvem — talvez — adejou.

Silvaram ventos agudos,
Voltaram vagas do mar,
O cavo da véla eburneo
Se veio opposto formar.

Das abas rolou do monte
Um corpo á borda arenosa,
Então as ondas vieram
Beijar-lhe a face mimosa:

Saíam do mar por vel-a,
Bergos do humor lhe faziam,
Flores da espuma, e das vozes
Cantos quaes nunca se ouviam...

— Pávidas fogem. As costas,
As fraguras sonoras,

Retumbantes repetiram
Gemer vão, queixas sandosas.

Era Yalofo ululando
D'em torno á morta de amor;
Tomou-a nos largos hombros:
“Morre o que commigo for!”

Era o elephante mordido
Do insondi no palmar.
— De novo as ondas voaram
Amedrontadas ao mar.

“As correntes do oceano
E a tempestade em furor!
Abram-se abysmos da noite
Para este inferno da dor!”

— Passa a ilha de Goréa,
Passa as terras de Daccar,
No outro dia Cabo-Verde
Ficava longe a boyar.

Da piróga á negra pôpa,
Sem rumo ás ondas levado
Vê-se um phantasma perdido,
Sobre um cadaver dobrado.

Correm prantos ao cadaver,
E cingindo-o ao coração
Vê-se o phantasma terrivel
Rir-se — que triste visão!

Vê-se nuvemzinha branca
Nos ares tardia a errar,
Sem subir aos céus, e a terra
Sem nunca poder deixar,

Alma que amou... esvoaça,
Esvoaça a nuvemzinha
Sempre, sobre a barca funebre
A nuvem branca, mesquinha.

De quando em quando lufava
O vento, a onda bramia,
E um soluçado “m’espera!”
D’entre essa orchestra se ouvia.

— Ninguém sabe onde a piróga
Fora acaso naufragar;
Como os desertos da areia
São os desertos do mar.

Ainda hoje errante vaga
Pelos valles, pelos montes
Em vão a tribu — aos gemidos
Só lhe vem dos horizontes

Com a noite ave estrangeira;
Poisa na alta penedia,
E de espaço, ao longe sólta
Fundos pios de agonia.

Depois se eleva chorando,
E se perde além do mar,
Para vir, sempre do occaso,
No outro dia ao seu logar.

— Dizem ser a alma do principe
Que futuros vem contar:
Perderão o rei e a tribu
Tristes terras de Daccar.

MAGDALENA.

(No Lupanar.)

F. J. P. L.

Nascer hontem, morrer amanha,
De hoje o dia sómente existir,
Como ao sol flor-aberta a roman
Ver-se em vida murchar e cair;

Mariposa dos lindos doidejos
Nestas noites de aurora e de luz,
Cega, cega aos encantos, aos beijos,
Aos abysmos — que a morte seduz;

Em pó d'oiro alvas azas trementes,
Cinto em chammass, delirio e gosar;
Olhos grandes de Venus humentes,
Céu profundo, astros todo a embalar;

Mais amores pedindo, famintos,
Crença e dor, vida sua e seu Deus,
Mais amores! qual lampada extinctos
Se apagando — taes olhos... são teus?

Mulher! mulher! tu não vieste ao mundo
Para a existencia impura, nessa idade
Dos annos, verde folha arremessada
Do vento sobre os tumulos — ai, morta,
Providencia, e se crendo ao sol da vida!
Em sede accesa a devorar amores,
E offegante caindo embriagada,
Voluptuosa! N'um suspiro longo
O veneno tomou-a: ella não sabe
Porque, medrosa e tremula, palpitam,
Batem-lhe fontes, lhe fulguram seios
De ardentia ao luar, porque se abraça,
Porque se enleia, toda a olhar-se inquieta,
Co'os braços brancos, e co'as tranças negras
Envolve-se, e desnua-se e resplande
Anhelante, frenetica, demente
De um gosar... que não ha, não é da terra —
Dos infernos co'os céus fusão terrivel!
Seccos labios em fogo, os olhos humidos
Lampejando fugazes. Oh! maldigo,
Maldigo o amor, que é vida... sua e minha.
Mulher! mulher celeste, que a alma pura
Prendes-me toda n'um sorrir de amores!
Não tu, que me ouves; choro-te magoado;

Porém dos teus meus labios nem meus olhos
Não se alimentam, não! — mulher amante,
Mulher consolação, mulher esp'rança,
Anjo-esposa, anjo-irmã e mãe do homem,
Seu amor e idéal, com essa eu falo.
Eterno desespero! e vel-a sempre
Nessa quêda abysmosa! o lindo fruto
Das manhans suspendido á florea rama,
Que a borrasca fatal, que a mente incende,
Agita e lança ao pó! . . . vem a poeira,
E cobre-o; vêm os vermes, e o consomem!
— E o mundo todo a escarnecel-a, quando,
Victima sua, o brilho á cor se apaga
E as faces murcham! Passa então mendiga;
E os homens, que de amor hontem nutrira,
Abelhas dos seus labios, desdenhosos
Cospem na fronte, decaida agora,
Que altiva foi, foi astro e irradiara!
— Amor material d'impuras victimas,
Nada tens de commum co'os meus amores!
Que sorte da mulher! oh que destino
Da ave sem ninho, sem voar, sem azas
Estender ás auroras esmaltadas
E alvas fechar ao pôr do sol! Quem fez-la,
Cruor das oblações dos lupanares?
Quem assim fez o candido rebanho
Pascigo immundo aos grasnadores corvos?
Riso d'alva hibernal, luz feiticeira
É tua vida, mulher, quando despontas;
Quando a dormir-te o peito, os teus sentidos
Como os lirios expandem-se, innocentes
Longes d'esse estrondar das veias tumidas
Que em chammas, a alma atordoando, correm!
Oh como os tens então teus olhos, puros,
Cheios de humor de luz, tu, flor abrindo,
Graças, perfumes, nitidez e cores,
Dos desejos enlevo!.. Não n'a toquem! —

É a doçura, a mansidão, o encanto,
É a crueza da infantil selvagem
D'inconstancia infantil, é a piedade,
Dos mendigos conforto e dos que soffrem,
É o riso, o brincar, é a esquivança,
Vergonhea ás auras e ás canções da aurora,
Seu viver em botão. Assopra o vento,
E a vergonhea resiste, grande e forte,
Para o breve estalar . . . Ventos assopram,
E já n'alma lhe aneia amor, nos olhos,
No coração amor — e o calix pende,
E a flor abre. No amor o fim vai proximo,
As folhas pelo chão se vão perdidas,
Que a vida não reha quem deu-a, loucas!
E o eunucho impostor, e o fero ignavo,
E o homem, summas creações da terra,
Insultam — nobres fronteas, a outra humilde —
Oh deixem-me escarrar no pó, nas fronteas
Dá nobreza fallaz, dos grão senhores!
E foram elles que lhe os pés beijando
Meigos, meigos e a fala sonora,
Desceram-na das nuvens da sua gloria,
Para aos céus do delirio arrebatam-os
N'azas que eram de luz . . . oh foram elles
O pranto e a seducção, o amor sataneo,
E ella a crença gentil e a flor dos anjos
Que dormia em jardins! Pallida acorda;
Solitaria se vê! tresvaira a vista
De si ao derredor — soidões vasiaas,
Abysmos — para os ais, que ninguem ouve.
Baixa então a cabeça, mudos olhos,
Parando a estremecer. Se lhe desmaiam
No alvo semblante as impressões divinas
Dos outros dias. Lhe transluz apenas
A corôa de lirios, recordando
Da virgem bella a hora formidavel
Do roseo sacrificio. Outra hora ainda,

E que está no porvir, solemne, immensa
D'esse martyrio, é na esperança eterna.
Chega o medo, o pavor, e ao bello corpo
Que como flammæ braços enlaçavam,
Ora envolve a mortalha, e a viva-morta
Chorando adeuses, tarde, tarde expira.
Onde o homem? — abutre ensanguentado
Da rapina nocturna, alça o seu canto
Sem Olhar para trás fugindo — a infame . . .
— Oh! não se riam da mulher miserrima!
O seraphim de luz, que jaz prostrado,
As lagrymas do céu virão copiosas
Redemil-o, mais bello! — E trema o hypocrita
Que a negra pedra lhe tiver lançado!

O ROUXINOL.

Nas moitas de lirio e rosas,
Findas trevas, nado o sol,
Procurava o amor, a vida,
Ou a morte, o rouxinol.
Alli deixara o seu ninho,
Os doces filhos, o amor —
E agora muge a torrente,
E nada responde a flor.
Era tudo o que no mundo
Possuia, e tanto val'
Que antes levassem-lhe as azas
As fúrias do vendaval!
Ouvii gemidos — lá vòs,
Treme e canta o rouxinol,
Aquem surge, além s'enterra,
Desenterra. Esplende o sol,
Se reflecte nos orvalhos,
Depois que a chuva estiou;

Ao peito que á dor estala
Jamaiz o sol rutilou:

Sejam d'oiro puro os ramos,
Da luz da prata o jasmim,
A terra e os ares perfume,
Os céus anil e carmim,

Fecham-se os olhos e as azas,
Das torrentes ao fragor
Se emmudece — tal, pendida
Sobre os abysmos de horror,

Houve quem viu philomela.
Depois, abriu-se o rosal;
Mas os cantos não voltaram,
Nunca, desde o vendaval.

NO MARANHÃO.

Eis o céu todo anilado,
Vivo-tremulo abrolhado
D'astro innumero! eis o prado,
Prado em flor, que eterno ri!
Andei as terras estranhas,
Do amor e da guerra ás sanhas--
E sempre nestas montanhas
Errando minh'alma, aqui!

Volto á candida capella,
Tão cheia de luz, tão bella,
Onde as salvas a donzella
Canta, e olha ao lavrador;
Volto aos cantos da harmonia,
Vaga infinda poesia,
Doce innata sympathia
Da natureza de amor!

Aqui as virgens florestas
Das fadigas e das sestas,
E o meu passado de festas,
E o meu futuro aqui estão...
 Eis o horizonte de palmas,
 O grande deserto e as calmas,
 Que são como as nossas almas
 Em seu ardente verão!

Pelas tabas e a choupana
Do ermo, ao lado da savana,
Da coberta americana
Se erguendo o fumo espiral;
 E as velinhas scintillantes
 Ao longe ás luzes levantes,
 E em torno ao mar de diamantes
 Selvagem crespo areial,

Esqueço, em marmor lavrado
Arrogante, alevantado
Como figuras do fado
Por nuvens mettendo a coma,
 Pariz, o incendio da terra;
 O gelo, altiva Inglaterra;
 E o mundo, que desenterra
 Sagrada, ruínosa Roma!

Á PARTIDA DE UM VELHO ENFERMO.

AO SR. H. LAEMMERT.

“Formoso clima! céu profundo, immenso,
De assetinado azul! floridas leivas!
Trinta annos dormi nos berços d’Eden
Desta terra encantada! Ouvia, amava
Aos saltos pelo collo dos rochedos,
Pelos valles as aguas se arrastando;
Por toda parte a grande natureza

Na ruidosa eloquência das cascatas,
Na magestade calma dos luares —
E daqui fiz a patria... Hoje estrangeiro
O filho teu verás, fria Germania,
Ave que chega e o poiso desconhece;
Meus passos não se fixam, como outrora,
Hoje ás margens do Rheno... Que saudade
Ao deixar este céu! Não vim faminto
O oiro escravo buscar dos mercadores:
Tive no peito o coração vibrado,
Engrandecida esta alma ante a harmonia
De um mundo novo — para o triste adeus!”
— Os olhos enxugando, assim falava
O tão nobre ancião, descendo as praias
Em seu enfermo andar. Embarca. A vista,
Como do occaso os raios derradeiros,
A terra presa tem. Navega ao largo.
Mudo e pendido do navio ás bordas,
É longo o seu olhar, longo o seu pranto.
— E o Rio-de-Janeiro já se esconde
Dos mares através; e os negros morros,
Onde o gigante, imagens são confusas.
— E o velho ainda se eleva e se alevanta,
Procurando o Brazil nos horizontes.

VIRGEM DE CINTRA.

C. C. C.

Oh, minha mãe, que maldade
Dessa gente do arrabalde...
Abre os teus seios e vem!
Dizem, mãe (cruel mentira),
Que evaporam-se na lyra
Amores que o bardo tem!
Inda sinto a fronte a arder-me

Ao doce beijo, a tremer-me
Toda a pobre alma... ai de mim!
Que n'um beijo vai-se a vida...
A paz da infancia perdida,
Chegou a mágoa sem fim!

Eu agora o comprehendo:
Vinha o dia amanhecendo
E elle chamou-me infeliz:
No céu desmaiava a lua...
Nojento da sorte sua,
Nem mais afagar-me quiz,

Dizendo: “qual embranquece
N'um rochedo a aerea flor,
Qual das alvas se esvaece,
Dos raios do sol no ardor,
Meiga luz, luz que annuncia
Paz e amor,

São as manhans d'esses annos
Que tens na fronte a sorrir:
E vê da sorte os enganos —
Sonho, e não posso dormir;
Amo, e p'ra sempre, Maria,
Vou partir...”

E presa a elle eu gemia
Nesse instante de agonia:
“Porque me ensinaste a amar?
Teus olhos, quando me viam,
De amorosos se extinguíam,
E te vais correr o mar!

Que queres? o que procuras
Nessa sede de loucuras,
Nesse delirar de dor?
Oh, fica, fica commigo
Nas serras de Cintra — o abrigo
De tanto, de tanto amor!

Entre os pastores, Apollo;
Das calmas á sombra, o collo
Mais puro e branco terás;
Na serra as aguas gemendo,
Ao mundo, a dor esquecendo,
Adeus sorrindo dirás!

Choras?... e falas de morte!
Sempre maldizendo a sorte!
Ficar não podes? — Irei!..
Leva ao céus americanos
Os teus amores serranos,
Eu sou a escrava, és o rei!”

Ai! o selvagem adora
Os climas que o sol devora,
A vida sôlta e o amor —
Resvalando o pensamento,
Como as lufadas do vento
Por sobre o mar em furor!

... Beijou-me... vôou... agouro
Sonhei á noite... — á meu choro
Abre os teus seios e vem!
Abre-os a amor, ao desejo,
Á frente que arde do beijo,
Á vida... e á morte também!...

— Oh minha filha adorada,
Como estás tão desgraçada,
E ao resplendor da manhan! —
O lirio do amor ao raio
Pendeu, no eterno desmaio
Aos seios que abriu-lhe a mãe!

FRAGMENTOS DO MAR.

A MR. A. DE LAMARTINE.

J'aime ces sentimens là...

PALAVRAS DO POETA.

(Pariz.)

Sagrados bosques, troncos alterosos,
Que eu amei, que o meu nome susurravam
No estrondo vegetal, soidões queridas,
Oh Luxemburgo, adeus! meu castanheiro,
Sombras, onde as lições eu meditava
Do Lévêque e Saint-Marc, senti meu peito
Abraçar-vos! — da casca, onde eu vos beijo,
Rebente um galho, e viva ahi minh'alma!
Hontem, era dos ramos d'esmeralda
A florea primavera, a doce espr'ança
A refrescar-me a fronte. Hoje, ao futuro
Voltou a noite... Oh Luxemburgo, âdeus!

— Sae da selva a pastora, archanjo armado
Da patria á voz agonizante — ó virgem,
Aonde te vais, se o teu amor divino,
A liberdade e a França, desfallecem
Hostias de dor ás mãos do rei, dos homens?
Cinges do Christo a cruz, lizes dos seios
Ao inimigo oppões — maga heroína,
Como dos roseos dedos te lampejam,
Raios d'alva, o amor, a espada, a gloria!
E déste patria á patria; ao throno a c'rôa;
E voz de Josué, tu desfizeste
Dos feros oppressores a muralha,
Resurgindo Orleans! Oh! dores da alma!
Sempre a lenda fatal! do amor da patria
Martyr, foste dos nobres cavalleiros,
Dos teus irmãos trahida! abandonada
Do teu rei! dos hypocritas malditos
A fogueira lançada! Oh! como és bella
Sobre as azas da chamma aos céus voando!

Na boreal aurora vens mostrar-te
À terra, que envermelha de rubores
Ao logiquo clarão; e ao meu reclamo,
Cantando as aves, suspirando os ventos,
“Joanna d’Arc!” aos astros repetimos.
—E de uma a uma eu percorria as alas
Destas mudas mulheres, pelo nome
Chamando-as e dizendo-lhes a historia,
Que em silencio de estatuas escutavam.

Manso casal de cysnes vai cortando
Sobre o marmoreo lago á luz da tarde,
Tão docemente iguaes, tão longos sulcos!
A Deus eu peço a vida destas aves,
Doce feliz esposa e flor celeste
Assim levando aos céus nossa existencia.

Derramam-se por entre as brandas rosas
De borboletas variegadas nuvens,
Na graça bellas, e na fôrma puras,
Calcando a relva de Diana a casta
Montanheza, e da magica Velleda:
Jardineas virgens, innocentes flores;
Flores humanas, candidas donzellas,
Minh’alma diante vós ama e revive
Em sol, em sons desfeita, orvalho, amor

Eu parto; o prazo é findo antes do tempo...
Adeus, oh Luxemburgo, adeus! — Passando,
Vou ainda beijar grátulo os muros
Da longeva Sorbona, a mãe das letras;
Vou ainda mirar-me sobre as ondas,
Como a deshoras ao luar do Sena
Sobre a Ponte-das-Artes debruçado,
Nellas a patria a ver, glorias sonhando.

(Biscaya.)

Como a terra me foge perdida,
Como vai-se, Canaan prometida,
No horizonte, oh! meu Deus, envolver

Nessas brumas da tarde nevoenta,
Qual, se n'alma rugindo a tormenta,
Descalabra o baixel a correr!

Como o sol, quando no occaso
Desfallece a palpitar,
Sumiu-se Pariz — acaso
Eu chego ás bordas do mar.

Disseram-me: "céus suaves
Tenhas, terra sempre abril!"
Como as raposas e as aves,
Não tenho um ninho, um covil .

Quantas lagrymas dás-me, ó bella França!
Abri-vos solidões; correi, meu pranto;
Brisas da noite, emmudecei; esp'rança,
Não vinde agora perturbar meu canto!

Elo vasto de vozes grasnadoras
O horizonte cingiu; enrourquecendo
O vento se elevou; gritaram aves
Ao em torno da nau; luzindo o corpo
Se erguem na treva as tintureiras negras,
Enfurecido o mar; os raios cruzam,
Laceram grenhas de suspensas nuvens,
E dos mastros nos ares serpenteiam
Em flammulas de fogo. O verde claro
O puro azul das aguas florescidas,
Sangue retinto e negridão tornou-se.
— Amo a vida nos seios compulsados
Do vendaval, assim; perdida nave
Como corvo da noite nos espaços
E á sombra fugitiva o mar uivando!
Que minha alma estremeça, muito embora,
A morte a pôr-me duras mãos nos hombros
Como abraçam-se amigos, nos desmaios
Não dorme do ocio de cansada paz.
— Encastellam-se as ondas, em cidades,
Em ricos tectos, que sombreiam valles

E humildes casas do pastor, que as luzes
Aqueciam do sol subindo os montes.

O navio, que esnorta-se e desgarrá,
Dá signal de soccorro ao mastaréo!
Librados todos vão, ninguém soccorre,
Não olha Deus á terra tumultuada
No enraivecer do temporal desfeito!
Voltou a noite. A voz do commandante,
Das trevas tem, dos ventos que falassem,
Ou do rasgar da véla, desfaldada
Antes de ser colhida. Homens cobardes,
Que fazeis nesta hora murmurando
Debaixo do convés, mudado o rosto?
— E a nau que passou desarvorada,
Qual ferido tapir salvando abysmos,
Lá quebrou-se nas pontas do rochedo
Indifferente, mudo! Alevantaram
As corsarias do mar, as negras ondas
Em desordem, caindo a presa morta,
Cantos nocturnos, gritos de triumpho!
Lamentações humanas, mal ouvidas
Abafaram alli, raro fluctuados
Restos esparsos do naufragio, tristes
Sanguinarias corôas do oceano,
Seu medonho livor mais carregando!
E as vagas tôam, tumidas se atiram
Umas ás outras — loucas desgraçadas,
Perdidos filhos e os esposos mortos.

O tempo asserenou; ri-se o semblante,
Como o mar se compondó; todos sobem
Á coberta, e se aterram dos destroços
Que, triste selva descomada, jazem.
Canta o nauta; arredondam-se alvos pannos;
Sobre as bordas á tarde os passageiros,
Vendo brincar o atúm, lédos se ajuntam.
Densas nuvens de fumo doloroso

Fazem-se em tiras, caem despregadas
Através do horizonte. A lua franca
Os seios abre de donzella, despe
Seus vestidos no mar, que se espanteja
De ardências trementes prateado:
Voam candidas pombas nos espaços,
Tecem co'as azas véus, que uma hora a occultam,
Que outra hora a descobrem, vergonhosa
Qual pondo a mão no rosto. É fresca noiva
A feminina lua: as brancas nuvens
São enxovaes de sedas ondulantes;
Illuminado templo, o céu d'estrellas
Onde o amante a espera; incensos, auras;
E do oceano os órgãos levantando
Epithalamios divinaes.

Esbrava,
Fareja e rosna e late o cão dos mares
Na batida em que vai, mordendo as ondas.
Eu só medito, a Deus eu me alevanto!
Confusa multidão nomada errando
Sobre o convés, da terra os homens falam —
Para elles é mudo o isolamento
Do mar, caindo a tarde fria e triste.
Agora se reúnem, amontoam
Oiro sanguinho, jogam; s'enraivecem
Uns contra os outros, avidos do sangue
Que sobre a meza lhes fluctua em ondas.
Ó mar, eu te amo a louca tempestade,
Mais que dos homens a bonança na alma!
Na voz da natureza a Deus não ouvem;
Com as coisas do mundo elles procuram
O Eterno esquecer! os condemnados,
Cerrando ouvidos, sacudindo a fronte,
Quando a memoria fala-lhes da victima,
Que ainda geme ensanguentada e quente!

Cinja o dia nas grinaldas
Da fronte de nivea tez

Lirio, rosa, opala e ouro;
 Ou das nuvens carregadas
 Lhe palpita o occaso aos pés,
 — Deus quem é? quem é que adoro? —

Estas vagas eloquentes
 Que os encantos são do mar,
 Que lhe são desgosto e choro,
 Quando bellas ou dementes
 Ás fraguas se vão quebrar,
 — Deus quem é? quem é que adoro? —

Perguntam, a onda aos ventos,
 E o vento ás ondas assim:
 — Onde os doces pensamentos?
 Aonde este errar sem fim? —

(Serras do Cintra.)

.....
 Oh, magestade calma do oceano!
 Vi n'um deus esta frente! eu vi sobre ella,
 Como ante o sol nevoeiro transparente,
 O pensamento em ondas infinitas
 Rolando! era o divino rei do seculo,
 O peregrino santo, o meigo velho
 Co'a triste placidez d'estatua antiga,
 Que eu contemplava alli, que me abrigava
 Com piedosa voz — que aos prisioneiros
 É um encanto ouvir — que é-lhes o orvalho,
 O halento, a luz a que pranteiam olhos,
 Deliram corações, e amor exulta!
 Eu comparava a frente e a voz ouvida
 Com a harmonia universal eterna
 D'essas *meditações*, quaes nunca o mundo,
 Mais nunca escutará! hymnos celestes,
 Hymnos de amor e unção, hymnos formosos
 Como a cúpula azul do firmamento!
 Via-se alli dos ares a pureza
 Ao de redor do astro. A mão beijei-lhe,
 Que nos gelos dos annos se resfria,

Generosa, engilhada, envelhecida
No cativeiro das insomnias bellas,
O pensamento, lume d'alta noite,
Musica d'anjos, moldurando á terra!
E o coração do poeta, sempre virgem,
Chorava o pranto que os eleitos choram.
Pensador solitario — eis o poeta —
Dos felizes proscrito, e amado apenas
Da dor ou da innocencia — estão com elle,
Tão sómente, dois cães junto á lareira,
Unica fidelidade. E os seus amigos?
Que os houve tantos! — Elles já partiram...
E os insectos, que outrora deslumbrava,
Sol, triste noite e dor hoje, o insultam.

O rodeiava a paz christã; pendiam
Das paredes os quadros dos que amara,
E da saudade todos no silencio
A pagina da vida parecendo
A elle desenrolar — co'a vista lenta
Memorando o passado. Qual se membro
Dessa familia eu fora, ha longo tempo
Perdido, ausente, aos lares meus chegado,
Nessa atmosphaera edenea, embevecida
Senti minh'almaa erguer-se ingenua e larga! —
— Um dos cães afagava-o, como vendo
Nos olhos a luzir-lhe amor paterno;
O outro vinha a mim, lambe-me as faces,
Festivo, inquieto — ao trovador santissimo
Dizendo eu: partir eu não podia,
Esta patria commun deixar, sem ver-vos —
Foram Meditações conforto e esp'rança
Ao martyrio sem nome! e vendo a imagem
De Lourença, visão eterna da alma,
Eu não cá!... — Abriu-se-lhe o semblante
Como se o coração desperto fora:
“Eu amo, eu amo todas essas cousas...
Donde as vindes dizer?... ” Eu precisava

Chorar somente — e vim chorar aqui.

.....
 Eis se expande minh'alma! Como o vento
 Livre das serras, meu irmão, me encontra,
 Me abala e espalha pela fronte ardente
 Com pedaços de nuvens meus cabellos!
 De liberdade corações vibrados,
 De entusiasmo, que offegos derramam,
 Aberta a boca, generosa chama!
 — Aqui Byron cantou. Mesmo esta pedra
 Talvez estremecera de escutal-o,
 Qual do raio ferida. Oh! me parece.
 Que ahí te vejo, ó Byron, a meu lado,
 Á minha esquerda unido a aguilhoar-me
 Co'a seducção terrível dos teus cantos
 A esta descrença imiga e negro germen
 Que se agita profundo. . . Anjo da guarda,
 Tenho-o á direita, contra a força tua,
 Me arrancando de ti — co'um dedo santo
 Aponta-me p'ra o sol que sae das serras
 Lamartine, o piedoso! Ai, o rochedo
 Já da luta ao pesar brandeia e geme!
 E d'um lado o demonio e o anjo d'outro,
 Eu no meio, minha alma despedaçam!
 — Voa commigo, ó anjo meu, nas azas
 Candidas salva-me, o demonio embora
 A verdade amostrando-me, os meus dias
 Como são desgraçados. . . antes, antes
 Fallaz esp'rança, que a descrença, o inferno!
 Voz de Deus e do amor, sol dos teus dias,
 Sol dos dias depois, de todo o tempo,
 Aqui virás tambem. E tu, penhasco,
 Has-de mover-te então ; não dos lampejos
 Da tempestade bella, nem dos pios
 Da andorinha perdida, que não sobem,
 Que nas fendas descaem; mas de ouvil-o
 Tão sonoro, tão alto, que nos montes

Embatidos, as rochas e os penedos,
Os pinheiraes e os álamos antigos
Não dobrados aos ventos, entoaram
Coros do eterno templo á voz solemne
Levantada do altar — o plaino aos valles,
O mar aos céus, a Deus a natureza
Levando ondulações d'echos ignotos!
— Oh, minh'alma se expande! ampla, se exhala
Aos céus! e o corpo que, terreno, languido
Na terra cae, ainda é bello a ver-se
Das nuvens sacudido! — Oh! como é bella!
Meus olhos inda a vêem — lá vai minha alma
Pelas torres de Mafra resvalando,
Pelo horizonte, além, no azul dos mares,
No ether puro e sem fim, a Deus — tão longe:
Á patria minha, que é de Deus tão perto!
Grandioso espectac'lo! scena immensa,
Que o pensamento extatico percorre!
Oh como a vida assim se multiplica —
Como é formosa a vida assim! revoltos,
Oco-estrandando tumultuados ventos
No arruinar da terra, a mim se lançam
Aguas ethereas lividas, co'as azas
Agitando-a, espertando-a, langue e lassa
Alma que se finava — em grandes gritos
Suspendem-me, arrancando aos céus meus cantos,
Tratos aos braços dando! — Nuvens passam,
Cobrem o valle ao gado dos pastores;
Espuma o mar além, se encruza e brama,
Nos céus perdido; se alevanta o ether.
Como se o Creador não acabasse
O edificio do mundo — que estas pedras
Fossem materiaes e estas montanhas,
Uma columna, um panno da muralha
O Corcovado americano, os Andes;
Que este mar hi ficasse á tempestade,
Devendo fonte ser deliciosa

D'alvas bonanças, perennaes amores,
Não paiz de naufragios; que estes ventos,
Que estes valles chorosos na espessura,
Que a pobre humanidade, ensaios foram
Para cousa eternal — celestes harpas
D'um só cantico e amor; que distrahido,
Ou de cansado, ou morto o Autor-Supremo,
Ficasse tudo a acaso e sem ter ordem,
Antros feios, montoadas penedias,
A perguntar-se o que é?... que vale!... tudo
Se contorcendo em dor; aves trinando
E sem saber do canto; homens gemendo;
Pelo campo a balar perdida ovelha;
Perdidos astros no ar; murchando as flores;
E nada a se entender, e a natureza,
Como a esforçar-se por falar — a triste
Que, de imperfeita, está desfallecendo —
Que bello templo, se acabado o mundo!
Toda harmonia a Deus, todos louvores,
Todo o olhar, todo o amor! não este inferno:
O bruto contra o bruto, o homem do homem
A se esconder, e a se amostrar, mentindo!
A fera amara o candido cordeiro,
Não lhe manchara morte a lan mimosa;
As aves não fugiram-se nas nuvens,
Ai, deixando ao vampiro o ninho e os bosques!
Nunca, os filhos de Christo não mataram,
Nem morreram nas lanças musulmanas;
Não veriam os seculos idolatras
Deuses de ouro banhar humano sangue;
Sempre sorriso o mar, os céus auroras,
Não voaram os raios dos negroses
Poisar no velho tronco, ave de fogo,
E fazel-o cair, bradando aos homens!
Oh grandeza sublime! oh, eu quizeria
Ver com meus olhos esse dia, quando
O echo da palavra era a existencia,

Gravitar e surgir, dos céus, da terra,
Todos seres a um tempo! oh, eu quizera
Meus ouvidos nutrir d'esses rumores
Das aguas e dos montes repoisando;
Ver o Desconhecido em sua gloria
Sobre o espaço, a rasgar-se diante d'elle
E atrás d'elle ondulando; a lua aberta
Sorrir meiga sem cor, e d'entre raios
Relampagar o sol!... E Deus dizia,
Que só hoje devera eu remontar-me
Ao nascer, ao principio, e contemplando,
Rugir de ignaro e de blasphemias vezes
Os labios escumar, fender minha alma!

— Em bando alado vão phantasmas, giram
Espalhados no ar, comosas nuvens
Que p'ra o sul Aquilão vai conduzindo.
Param, m'envolvem, querem 'star commigo,
No seio a imagem minha projectando;
Perco a terra de vista, me arrebatam
Aos espaços da luz, onde me sinto
Dos encantados reinos seus o genio!

— Está na serra a lua desmaiada,
De saudade e luar banhando os pincaros:
Sympathia e candor seu rosto inspira,
Que move a terra emmudecendo ao vel-a.
Sobre a cheirosa grama estendo o corpo;
N'um meio-somno amollecidos olhos,
Tremulos raios sobre minhas palpebras
Estão brilhando: por entre elles vejo...
Vejo as alvas do mundo — virgens, longes,
Lacteas, limpidas, candidas, nativas: . .
São as antemanhans, são os crepusculos,
É a tarde, é o dia... a vista alcança,
Muito longe, tão longe, ao claro-diaphano
De uma teia de luz, mimosa, amena
Verde relva: uma arvore a sombreia,

Bella a serpe enrolada, e frutos pendem.
Rodeiado de sol, com fórmãs de homem,
E que as perde se as buscas, que é tão grande,
Que é na unidade simples só visível,
Está do dia Espectro deslumbrante
Na dourada collina — anda-lhe ao lado
Um formoso casal, puro, indolente,
De robusto mancebo e loura moça
Redondos seios, os cabellos longos,
Brincando com as feras na innocencia,
Tão mansas, que não fazem mal... No enlevo
O crystallino Vulto, contemplando
Da creação a esplendida harmonia,
Interdiz um só fruto, os abençoã,
E volta ao seu repouso... — Porém vejo,
Do occidente ao cair, gemendo á terra
O seio lacerado, inquietas nuvens
E uma espada de fogo meneiada
Pelo archanjo de ha pouco ainda risonho,
Bradando maldições. — Horror eterno!
Que fizeram, que as flores se murcharam?
Que os animaes fugiram?... Vão banidos,
Vão, coitados! chorando d'esses Edens
Dos rosciracs do amor, das frescas sombras...
Lá se assentaram elles, tão cansados,
Olhando para trás!... Arida a terra,
Que os fartava de méis e pomos de ouro,
Pungindo a fome, de suor já regam...
Já feridos do insecto, o corpo cobrem,
D'antes tão bello ao sol!... Filhos lhes nascem
Pervertidos tambem, nascem nas dores,
E que hão-de amanhan, seios que os criam,
Partir de mágoa... De miseria os homens
Já desfazem-se! — Os céus crescem d'encantos;
Á porta da choupana ha quem m'espere,
Aos brados de Maria as serras desço
Respondendo-lhe á voz, que diz meu nome.

Oh, selvagem que sou, desesperando
Desta innocencia e doce lume d'alva
Timida, esquiva ao sol que se alevantá!
Sobresalta-se amor, os seios prende,
Como a conter co'as mãos frias e brancas
O coração que foge-lhe; enrubecem
As faces ambas, ambos labios tremem-lhe;
Ambos olhos, humor de luz vertendo,
Não fitam-se nos meus — tristes se abaixam..
Ama! ama! que foge, que suspira
Quando ao peito eu aperto-a, quando a assento
Nos meus joelhos e de beijos cubro-a,
Temendo de eu manchal-a e vendo a imagem
Talvez do amor brutal, o amor dos gosos,
Delle estremega embora — ó anjo! ó virgem!
Eu nutro-me de amar, vivo porque amo
A alma de amor, poesia a arrebatat-me,
Que não languir de torpe e de cansada
A esvaecer desmaios, que os sentidos,
Que o pensamento me embrutecem, matam!
Mas, idade feliz! ouço-a cantando
As candidas canções da doce infancia —
Oh, não cantes! se queres que eu te escute,
Vem a mim, vem a mim... — Tudo renasce,
Do amor o sentimento e da esperança
O hymno formoso, que perdido fora,
Que a lava a arder das multidões rasgara!

(Atlantico.)

Como ao beijo cora a fronte,
Todo encarnado o horizonte,
O sol se apaga no mar;
As vélas abrem-se ao beijo
Das mansas auras do Tejo,
A barca e a vida a embalar.

São muitos que á patria amante
Adeuses dizem chorando —

Aonde vão? os céus deixando
E a mãe velhinha a carpir?
Vão á fortuna inconstante,
Que está de longe a sorrir.

Quem aquella flor morena
Que, sem rir e nem chorar,
Os olhos corre serena
Por sobre as ondas do mar?
Como saudade pendente
Que s'inclina ao occidente
Olhando Europa a ficar...

Flor d'America; treze annos
Sua idade — transição;
Sua alma — a vida assaltada,
Doce e mimosa emoção.

Como são-lhe os olhos negros,
Humidos labios coral!
Quanta graça e puro enlevo
No seu modo angelical!

Os tristes órphãos da terra
Nos céus s'encontram assim...
Param meus olhos sobre ella,
Que os olhos parou em mim.

Sombras avultam, se alevantam, crescem,
Nos espaços do ar: quem sois? phantasmas,
Descobrí vosso rosto! — Cintra! Cintra!
São as montanhas, são os meus amores
Que acenam para mim!... nos céus risonhos
Vibrava a luz, as fontes suspiravam,
Saltava o coração... Eu ouço, eu vejo,
Na sombra alvo lencinho se agitando
Como alma pura, o virginal halento
Dos brandos seios que após mim voara...
Alvorçada grita... eu ouço, escuto:
"Novos amores para os teus delirios
Guardam os mares... segue o vão destino..."

Me encontrarás nos céus...” É ella, o encanto
Da primavera em flor, dos verdes valles
Que á natureza estão sorrindo... é ella!

.....

E já nos céus tu me esperas,
Branca flor de Portugal,
Que a viçar deixei nas serras
E está pendida no val.

Ante as procellas levado,
Stella maris de um dia,
Perdura o tempo nublado —
Não me abandones, Maria!

.....

Ó bella Cintra! o coração que amaste
Deixo-te sobre as serras palpitando
De dor e de saudade... Acompanhai-me,
Erguei-vos, montes! oceano umbroso,
Que as verdes cômas errigais ao vento,
Não levanteis por encobril-a os hombros,
Não derroqueis-vos, nuvens — Cintra! ó Cintra!
— Qual meus olhos no pranto, vos sepultam
No ether espaçoso os horizontes.

(Ilha de São Vicente.)

Deus evocando o mundo dos abysmos,
Apresentou-se colossal gigante!
D’homem que era, abrindo os olhos avidos
E a garganta inflammada hiante, riu-se,
Julgando um seu irmão de fronte delle —
E sobre o Creador, á humana imagem
Que a obra sua ainda contemplava,
Lançou-se! — Deús, se retirando a um lado,
Viu devorar o monstro á propria sombra,
A lhe ranger o coração medonho
Nas cavernas do peito! e mais bramindo
Quando desenganado, serpe em chammas
A lingua como espada fumegante

Que de dentro dos hombros arrancasse!
Nascia o vendaval — mas, a eubeja
Alevantando, foi-se o muro eterno
Antepondo de treva á criatura,
Que ruge em vão, que nada viu mais nunca.
— Então, contra esse filho o Deus dos astros
Seu raio d'indignado fulminando,
O fez despedaçar, dizendo “o oceano
Forme-se amargo do teu sangue e a terra
Dos membros, que apodreçam-te e produzam
Outros vermes.” E novos homens nasceem,
Novas serpentes: nasce a morte, delles.
E este mar de verdete é sangue humano
Em contínuo ferver pollutas fézes;
Aquella arida rocha, onde se quebram
Ventos e que não move-se aos naufragios,
Vem do seu coração; vem-lhe do cerebro
O ente que é, subtil e mais perfeito,
Mínimo em corpo, em ser cruel grandissimo!

Porque não repousais uma hora, oceano,
Como o espirito do homem, que não dorme
Até o fim? como echo doloroso
Pela esphera “quem sou? quem deu-me a vida?
Aonde me levam? donde vim?... ” passando.
Espera-vos tambem a morte do homem?
Oh! mais que a d'elle, mais solemne e bella,
Vossa hora hade ser — ao sol parando,
Dos céus partindo o raio luminoso,
Desmaiareis, profundo estremecendo,
Immenso a vacillar de pólo a pólo,
Levantando um gemido — e depois... nada —
Bem como o homem, sem saber que fostes!
Gelado pó, varrendo o vento leva-o
Nas infinitas solidões. Oceano,
Eterna agitação, suspiro eterno
Tendes no peito: adormeccei, amigo!
Não podeis, qual minha alma; e força occulta,

Que sempre contra mim se ergue a vergar-me
Como hastea resistente, vos domina.
Além a tempestade alevantou-se
Para açoitar-vos. Qual lutei, convulso
Rugís, lutais! Como acabei-me, haveis-de
Cair desalentado — e procurando-o
Embalde neste afan, da vida á morte!

— Erguei, erguei a voz por entre os astros,
Batei as praias, sacudí os montes,
Despertai o universo! que respondam,
Como depois do estrebuxar de um sonho
Em sublime acordar, terrível, forte,
Que somos nós, porque, Deus onde existe,
Ó que é... — Na penedia negro sulco
De fogo um raio fez! rio de fumo
Susurra e serpenteia! os céus tremeram.
Silencio! A sombra de meu pae olhava-me...
Fechou suas nuvens, e se ergueu nos ares.

Vai-se a vida como passa
Leve esquite sobre as aguas:
Adiante espumas ruidosas,
Atrás desondas e mágoas.

Norteia o rumo do occaso,
Donde a terra se alevanta;
Proximo, as alvas areias
Estão-lhe beijando a planta.

Arrasta a quilha, recontra
Fragil prôa n'um penedo:
Noite! o nauta, incauto andando,
Grita a soccorro com medo.

Respondem echos da margem:
“Pára ahi! chegaste ao porto!”
E o navegante do mundo
Baqueia na praia morto.
Donde veio? do nascente;

Para onde ia? o não soube:
Ao pôr do sol caminhando,
À noite chegar só ponde.

E nas trevas envolvido,
Somente ouviu-se-lhe a voz,
Gemido triste e profundo,
Triste, solitario, atroz.

E vai todo o mar coalhado
Dos errantes passageiros;
Cercados das ondas várias,
Em seus navios veleiros:

Abre a rosa, a azul bonança;
Ruge o negro vendaval —
Seguide á léste, ao occidente,
Bom rumo seguí... mas, qual?

À tarde, quando o sol tomba da esphera
E no horizonte, qual guerreiro, morre
D'além nuvens funereas, que suspensas
Mil bizarras figuras, de castellos,
De umbradas selvas, pelo céu desenham,
De amplas clareiras, onde a phantasia
Por solitarios campos adormece
Como em roseos setins, qual sangue fresco,
De algum combate a sombra que passara
Lá longe! sobre o sol poisa minha alma,
Juntos naufragam. Eis-me então perdido
Na soledade etherea, e divagando
À discrição da imagem minha eu érro. —
Mas, a tarde se esváe, os céus se estrellam;
A meditar cansado ora me assento,
Solitario co'o mar e a fresca brisa,
Triste, nocturno, á prôa sonora,
Ao ideal do amor o pensamento.
Ora errabundo me debruço ás bordas,
Vendo as ondas que vão brancas volvidas
Como as plumas do cysne, minha fronte

A humedecer de pó. Eu vejo-o á noite
De florestas, de sombras povoado,
De fogos de pastor, e á grande orchestra
Que é do mar a mudez, desperto, acordo . . .
Rogou meu hombro doce claridade
Meiga, de Anninhas meiga “porque vejo
Tanta tristeza e solidão? tua alma . . .
Enche-a de mim . . . queimada a fronte, aberta
Ao longo pensamento, que tens nella
Que a faz tão erma, tão piedosa e pallida
Como a luz dos crepusculos longinquos?
Oh! que frieza o coração murchou-te,
Parando como á voz d’ave agoureira . . .
Amanhan inda ha sol . . . não morres hoje . . .
Oh! desperta, brinquemos nesta idade
Das rissonhas canções, das azas puras,
Borboletas do campo a flor colhamos .
Da existencia no albor!” Como eu sonhava
A olhar o espaço embalçando estrellas!

— E os sonhos meus que eu via, aonde elles foram
Da apaixonada aurora? foi-se o dia;
E eu, que fui? amanhan quando, entre raios
Se elevando no vôo arrebatado,
Das aguas para o azul cume das nuvens,
Novos o sol trouxe-me o sonho e a esp’rança,
Que eu serei amanhan, nesse outro dia? . . .
Eu não tenho amanhan: toda a existencia
Minha acabo sempre hoje; embora triste,
Sempre mais triste o meu porvir me aterra.

E tu, esp’rança, e tu, consoladora
De todos, que me falas? oh, não venhas
Mais illudir-me; vai-te! ó inimiga,
São mui longas tuas horas — fujam ellas
Como os ais moribundos, como os gosos
Bôlhas d’ar neste abysmo vivo férvido!

A voz das vagas se embateu no occaso:

Das nuvens manga esbelta despenhou-se,
Qual braço de gigante se alongando
Da serrania etherea sobre os mares.
Esbravejam as ondas: convulsivo,
De um cheio pulso igual, indifferente
As vai colhendo elle; e se recolhe
Lento e como se ao peito se enervasse.
— A tromba se desfez; a onda elevada,
Qual seios de mulher que tumultuam
Attrahidos do amor, volta á bonança
Dos recentes rosaes. Assim da torre
O prisioneiro se debruça e pende,
Se elevando da terra a amada sombra:
Toçam-se as mãos — ou attracção, ou encanto—
E torna á treva o prisioneiro; a amante
Meiga, aos raios da aurora desaparece.

Meneia a viva cauda e as barbatanas
Limoso leviathão; cheio de conchas
O dorso de rochedo ondas lhe cercam,
Uns pendões de crystal nas ventas sopra
Que em brilhantes vapores, que em bandeiras
Desdobram iris de formoso esmalte.
—Fragata negra circuleia as azas
Sobre a nuvem dos peixes voadores.
Agora rompe a nau zonas infindas
D'ovos, que o mar aquece e n'outra aurora
Saltam-lhe criação de escamas bellas.

Vem formosa galera a largos pannos
Anciosa arquejando; silva o apito,
A cortezia nautica responde-se.
Oh como ia monotona a viagem
Nesta mortificante calmaria!
Tristes campinas d'agua, que alvoroço
A taes novas, que surgem-vos dos flancos,
Fazendo de alegria estes semblantes,
Que a tempestade torva desfizera!

— Mas, outra vez nos vamos isolando,
Todos os olhos na alvejante barca
Das ondas sob a curva se encobrindo;
Todos os olhos não... que os meus a seguem,
Como ao encanto de um abysmo os naufragos!
Tempestuoso mar eu tenho dentro,
Vaga em tormenta, se elevou minha alma!
Estes raios da noite almo-fluentes
Não afagam-me; cor das alvas, Cynthia
Atravesse o occidente matutino;
Resplenda Apollo, das auroras rosa
Em fogo de rubis; seja a hostia branca,
Ou seja o calix d'oiro sobre as aras
Pela invisivel mão alevantado
Do sacerdote rei, do Deus dos mundos —
Nem as horas do sol são minhas horas,
A noite para mim perde o seu somno,
Nem é meu, nem sou delle o mundo — eu amo!

Quem foi que t'ensinou scismas tão longas,
Ó virgem solitaria? onde vagueiam
Teus pensamentos? que um súspiro os corta
Nesse mimoso, candido, tenuissimo
Arfar dos seios, limpidos se erguendo
Igualmente — e de ti mesma esquecida,
Teus olhos aonde vão? Dos céus chegaste,
Que assim te inclines de cansaço e pendas
Na terra assim? Do claro-azul das nuvens
São teus vestidos? tua mão na face,
Tua indolencia, do anjo; o cinto aereo,
Languido d'esse enlevo da açucena,
Aromosa a manhan. Porque rugou-se
Entre os olhos tão linda fronte agora?
És como a onda que fluctua esbelta
Reflectindo o anilado firmamento —
Oh! é no oceano magestoso á tarde,
No deserto das aguas, que o semblante
Da harmonia transluz tanta doçura

Que dos céus vem ao coração! no oceano
Que este silencio, pensativo na alma,
Os sentimentos firma... E tu respiras?
É minha vida ao em torno derramada,
Que te alimenta, ó Anna... Meus delirios!
Não arrojem-se os vãos atrevidos
Das illusões... ao céu delicioso
Das phantasias magas! tenho zelos
Do meu louco ideal pensando nella;
Zelos dos sonhos meus — minh'alma agoito...
Manchei-a na minh'alma!... Oh vãos remorsos!
Sombrio abysmo, um antro! abrí-me o inferno,
Onde eu possa esconder-me do meu Deus!

(Costas do Brazil.)

Salve, pincaros frondosos!
Salve, frondoso Brazil!
Os pés na verde esmeralda,
A fronte nos céus de anil!
Requebrando-se as palmeiras
Respiram tão docemente!
Como virgens encantadas,
O regato ergue a corrente.
Como os ares me conhecem,
Que vêm, meu rosto a afagar,
Ao meu encontro correndo
Por sobre as ondas do mar!
As aves sabem que eu venho,
São ellas que estão cantando —
São as vozes das montanhas
Por estes céus realçando.
Desondeia o sol os raios
Pelo declivio dos montes,
As nuvens se purpureiam
Nos immensos horizontes.
Qual familia que, esperando

O filho de ha muito ausente,
A casa em festas ennova
Alvorogada e contente:
Ó terras que o ser me deram,
Ó patria, acolhei-me ao seio,
Como a José os irmãos
Quando d'escravo lhes veio!

Da cara patria, ó musa do crepusculo,
Ao céu azul, que está sorrindo, acorda
Os pretos olhos, os cabellos d'ebano
Aos ventos, solta aos ventos, doce amada!
D'alma os cantos desprende á voz dos montes,
Á grande voz dos rios sonorosos
Que, dos campos se erguendo, aos mares rolam!
Ó musa! ó musa! acorda do lethargo
Dos leitos d'alem-mar, gelada a Europa!
Dos desertos á sombra, erguido o vento,
As harpas se desatem! filha meiga,
De tua vez dormenta a selva antiga
Berço d'alva dos annos, que embalou-te
E acalentou vagidos! É tão doce
Nos seios maternas chorar os prantos —
Recebe aos que são teus, patria adorada!

(Rio de Janeiro.)

É isto as mãos do homem; volta os olhos
Do immundo chão. Agora, á natureza —
Falcão divino, sobre as nuvens erra,
Por sobre o golfo azul de eterno encanto,
Contempla a terra, a virgem de Colombo,
Cujos seios se entreabrem d'oiro ardente,
Cujos leitos são pedras preciosas
Onde ella dorme ao vivo sol, selvagem,
Nua, esplendida, bella, enamorada
De Amazonas ás vozes, que lhe abalam
O deserto e os sertões. Imagem sua,
Vaga-lhe livre a india Americana:

Cheia a alma de magica existencia,
Vai pender-se do rio, ouvir-lhe as vozes,
Estrellas apanhar, que se reflectem
Boyas luzentes nos espelhos da agua,
Da criação nos cantos, que se esmaltam
Aos órgãos perennaes da natureza!
— Como Chateaubriand, quando vieres
Do novo mundo ás encantadas plagas,
Torrentes de poesia, essa poesia
Que a muita dor talvez, talvez a idade
Represou em teu peito, ha de exhalar-se,
Como o fumo do cedro no horizonte
Direito a Deus na hora do crepusculo,
De amor a terra a commover saudosa
Co'o mystico poder que os céus te deram!

Este céu tão azul! o sol n'um fogo
De americana luz! este mar verde,
Subindo pela encosta ennegrecida
Dos pincares do Sul trajando galas —
Roxas c'róas de nuvens, aureos mantos
De opulenta, eternal, cheirosa e fresca
Vegetação frondeando-lhes dos cintos
Como vestidos de mulher formosa!
Toda esta virgem natureza, o peito
Ha de ao cysne, que vai partir da terra,
Ao seu canto final romper celeste!

.....
Mas, tudo isto, ó pae, dá-me só lagrymas;
Não entendo porque: parou no peito
Meu coração, minh'alma de medrosa
Sob si se recolhe e de uma noite
Tão pallida como ella envolta, morre...
É minha vida o pesadelo afflictio
De um sonhar enganoso — quando a aurora
Rajará para mim? quando este peso
Poderei sacudir, que me acabrunha,
E acordar, levantar-me d'este leito

Da terra, duro e triste e sudorado
Do peito meu que em forças se desfaz? . . .

(Bahia.)

Oh minha sorte d'hoje! oh sorte d'hontem!
Não me viste passando, mar? quão ledo
Nas azas da esperança! Os doces ares
Sem esforço levavam-me inspirado
N'um vaporoso circulo de amores,
Primaverosas graças respirando,
Rosa encarnada, ao sol nascente abrindo.

Que viagem feliz! quanta bonança!
Quanto galerno! as ondas se humilhavam,
Se debruçavam murmurando amores
Nos braços do oceano, e nós passavamos.
Cercava-a luz dos dias de innocencia . . .
Viste-a bem, ó matrona brasileira,
Ó de Paraguassú patria formosa,
Por sobre as glaucas ondas, nova alcyone,
Titubante o voar, co'as pontas da aza
Docemente roçando as tinctas laminas
Do carmim matinal, do verde-lacteo,
Respirações do dia. — Oh! meigo sonho!
Meigas rôlas azues do umbroso Norte,
Vossa irmã se perdeu, gemei nas selvas!

Não que dos raios do oiro se adornasse,
Era ella a flor nua e redolente
E de si mesma bella, o astro d'encanto
No meio a scintillar do firmamento,
E ás bonanças do mar alvoreia perola —
Vi-a eu minha noiva! o lirio branco,
Dessa idade fatal, quando enfeitiga,
Quando esmalta o pudor do rosto as rosas
Que a paixão illumina; se occultando
Mysterioso o coração, fugindo
Nessa ignorancia edenica do riso
E do enleio adoravel, peregrino,

Nesse vaivem formoso da innocencia
Do roseo verme, na attracção do abysmo,
Ai, do amor ao em torno. — Sonho meigo!
Vós, ó rêlas azues do umbroso Norte,
D'estes troncos sem flor gemei perdidas!

Novilunio da humida montanha,
Que da fronte espalhais a claridade
De azulado crystal por sobre o templo
Das compridas, das languidas palmeiras
Que estremecem, que envergam-se e deslaçam
Brandos arcos, do zephyro aos abraços,
O astro se perdeu! d'este horizonte
Vejo a terra á meus pés desfallecendo.
Agora os temporaes são meus encantos,
Mesmo o naufragio amara, em noite horrenda
Brigar co'a morte; compulsar minha alma
Quero aos sonhos do amor ou dos perigos
Á inquieta vida! — Quão mudados mares!
Oh, ella não vem mais... olhai as ondas!
Caiu a noite em mim... nem mais seus olhos
O dia me alevantam...

(Recife.)

Bella barca!

Ilha minha encantada do oceano,
Como tão triste estás! onde a deixaste?
— Á direcção do acaso, nos meus olhos
Mil vezes eu a vi, que nella eu penso...
Era tudo illusão, miragem pura
Emanando-me d'alma á diante... e sombra...
Inda a impressão dos pés mimosos guardas,
Ó barca, no convés — quando ella andava,
Distrahindo, irradiando o pensamento
Pela soidão dos mares? recolhida
E tão sozinha ás bordas inclinada,
Começassem então as tempestades,
Que ao vel-a assim, nos céus se desfaziam!
— Por entre a multidão fui como estrella

Subalterna, que livida e perdida
Do astro seu, sem luz, por trás do espaço
Fosse apagada, errante; oh, foi debalde
Que em tudo eu vi-a! que ella em nada estava...
Porque tinha deixado o azul-celeste
Vestido de menina, que inda ao longe
Conhecel-a fazia-me — qual nuvem
Dos céus estivos envolvendo a aurora.

(*Maranhão.*)

Co'a pureza da luz movem-se as ondas;
Surge dellas, risonha, os hombros brancos,
Verdejantes as tranças e olhos d'oiro,
Ao sol thessaleo americana Pallas!
A voz do maracá ruidoso e bello,
Que do passado as tabas desenterra
Cheias do canto e as festas do guerreiro,
Como ao luzir dos astros no horizonte
A vista ao de redor vaidosa corre:
Filha do céu, este é Gonçalves-Dias,
O genio, o mytho, das canções divinas
O formoso cantor; aquelle o Bekman,
Que a liberdade amando, hostia lhe viste;
Este, o Falcão; o conselheiro Serra,
Este; o Odorico-Mendes, desterrado,
Nobre, esquecido; alli, Gomes de Souza;
E o sabio velho professor Sotero;
E João-Lisboa alli, que o vês, Romano
Da raça antiga; é o Trajano aquelle,
O que gemia a sorte dos escravos;
E este, o Franco de Sá, doce esperança,
Lyra d'anjo. — Meu Deus! turbar-me sinto!
Banhar-me o peito ar... que eu não estranho,
Mas, que procuro conhecer — São lindas
Estas costas! aquelle pedregulho
É um rei da agua, sacudindo a fronte
D'entre as brancas oceanidas que o cercam!
Mais longe estende-se outra terra... Alcantara!

Negra ossada d'incognito cadaver
Em sepultura abandonada! Pallidas,
Por sobre as torres tristemente errando,
Vejo as sombras dos meus antepassados
Que dos avitos tumulos se elevam —
Ilha do Maranhão! lá está São Marcos!
Lá estão os areiaes e as verdes palmas!
Circumda-me em transporte, qual da morte
A claridade, o enlevo — Deus clemente!
Eis que minh'alma emfim se ama e se alegra
Nas ondas suas! Adormeça o corpo
Ao lado de meus paes — a patria é esta,
Este o sol do equador, esta a minha alma!

— Selvagem sou, nos montes eu nasci,
Por entre as camponezas e os pastores;
Quero a vida levar entre os louvores
Das aves do meu lar cantando a mil!

Amo os costumes em que fui criado —
Quero livre correr pelas ribeiras,
Quero amores á sombra das palmeiras,
E os somnos ás canções, brando, enlevado!

Eu amo a voz eterna das florestas
No rezumbir confuso dos insectos,
Dos lagos nos concertos incompletos
Eu amo, ás noites invernosas, mestas.

Quero ver ao trovão tremendo os montes
O tronco em lascas atirado ao raio,
Ver os astros caindo em seu desmaio,
Perdido na torrente o leito ás fontes;

Eu quero ouvir os sabiás cantando
Nas mattas, finda a chuva, e os passarinhos
Da meia noite a andarem nos caminhos,
E os tropeiros que ao longe vão passando.

Amo a voz da cigarra no horizonte,

Quando a tarde repousa tão sombria
Em presença da noite aos pés do dia,
Quando os filhos co'as mães voltam da fonte,
É esta a **minha terra!** este o meu sol!
Estes meus ares, que eu respiro n'alma!
Esta a sombra que abriga-me da calma,
Este o meu céu da tarde e do arrebol!

Suspenso d'estes cumes arenosos
Sou ave, que do ninho em torno olhando,
Que vaidosas as azas levantando,
Canta, percorre os climas tão saudosos ;

Que triumphante dorme inebriada
D'extasis, de prazer, ao som das vagas
Encantos do areial, corsas das fragas,
Flores, sons dos jardins d'agua salgada;

E acorda aos echos, ao bramir do vento
Em sensações as pennas arripia,
De amor estremecendo, na harmonia
Do amplo deserto, esvãos do pensamento!

É este o meu paiz! — deus que me fala —
A terra, se ando, os areiaes, a relva,
Ringem sob meus pés; co'o ramo a selva,
Os verdes braços seus, em mim resvala.

Os céus á **minha vista** abrem-se, **ampleiam**;
Aos meus ouvidos se annunciam hymnos
Dos ares, das soidões, dos céus divinos,
Que a alma enlevam-me, toda amor, e enleiam!

Subí, vagas, subí, vinde abraçar-me,
Vinde, não receieis do vosso irmão!
Como é bello embalar-se o coração
Nos vivos seios da onda a embalançar-me!

Como é formosa a nau, leve, offegante
Que passa a navegar, doirada pôpa,
Velas alvas, que o nauta ao vento ensopa,
Indo transverso rumo de levante!

De pescadores todo o mar se coalha,
Um concavo rumor da noite echôa,
Do remo o ronco, os fogos da canôa —
Desce o genio desta hora, a dor se espalha.

— Um nautico estrondar, margem opposta,
— Uns lamentos fataes se alevantando,
Do fundo dos desertos ululando,
De vozes a cercar toda esta costa. . .

— Longos descantes do ruidoso dia .
Em que a terra calou-se e vibra agora,
— Gemidos de mui longe, em que descora
A harpa do sol, que em vão gerner se ouvia. . .

— Encantado pavor, ethereo e mago,
— Silencio, cheio de uma voz amada,
— Voz, de silencio mystico impregnada,
— Rugir das roupas d'esse genio vago! —

Quanto tempo não faz que eu não ouvia
O *tergo* dos soldados no quartel!
Qual voz do derradeiro menestrel,
Quando do monte a harpa suspendia.

Ainda á sombra da lua na choupana
Está cantando á viola essas cantigas,
Que eu amava da infancia, tão antigas,
Tão tristemente a escrava americana!

Pelas dunas estendo-me, e de amor
Abraço-as, beijo, á face do luar!
Ao sol sentem-me ainda a delirar
Entre os raios plangentes do equador!

De um céu de negro azul tépido vello
Grosso e limpido cae, nevando a terra,
A mim, os valles, o rochedo, a serra,
E eu m'envolvo da noite e o céu tão bello!

E do dia m'envolvo — oh, eu revivo
Debaixo d'este sol de um clima ardente!

Ovento muge, empina-se a corrente,
Fende-se a encosta do abrasar estivo!

Acercaram-se a mim minhas irmãs;
Chegam-se as virgemzinhas, mais crescidas,
Mais sombrias, medrosas e queridas;
Chegam os amigos velhos d'alvas cans:

Escutam minha fala, a reconhecem;
E eu reconheço a voz das harmonias;
Oh, eu tórno a encontrar os doces dias
Dos outros tempos, que jamais se esquecem!

A vida minha recomeça agora;
Não é, não é viver, meu Deus, a ausencia!
Á doirada estação da efflorescencia
A do horror succedeu — renasce a aurora!

Qual d'um sonho desperto, eu páro, eu ólho,
Vácuo o peito d'ausencia, quero encher —
Sinto necessidade de morrer...
Na minha alma sombria me recolho.

Emmudeceram todos me revendo;
Contemplativos tocam-me, se achegam
Em apertado circulo, e me regam
De pranto o peito, ao peito me acolhendo.

A vida corre aqui tão docemente
Como a existencia dos primeiros annos,
Lhana e tão pura e limpida de enganos
Como onda azul nas voltas da corrente.

Eu tenho aqui, nascendo alegre o dia,
A andorinha no tecto, a voz do infante
Que chora e o rouxinol. — Marmorea amante,
A lua, que commigo adormecia,

Desmaiou-se e escondeu nos seus lençóes,
Fugindo, a bella adúltera; zeloso
A segue, os raios dardejando, o esposo
Todo em fogo a surgir dos arrebóes!

— E no silencio a lua vai tão bella!
Eu deixo a alma, eu deixo o pensamento
Perder-se na amplidão do isolamento —
Em quanto vou saudar minha donzella.

.....

HYMNO.

— A liberdade o canto!
— Alleluiaes a Deus!
Estalam por encanto
Os ferros! Prometheus
Aos céus subindo estão!
Que a vil hypocrisia
Proclame a tyrannia;
Nas chammas da verdade
Se eleva a divindade,
Se exalta o coração!
Dos iris se entrelaçam
As rosas d'alliança
Nos ares, que se espaçam
Em perennal bonança
Por infinito amor.
As nuvens embranquecem,
Astros os montes descem,
Abraçam-se ao rochedo
Os mares — o arvoredor,
A terra esplende em flor!
Da patria na distancia
O Indio forasteiro,
A quem o lar da infancia
Já se apagou no oiteiro,
Olhando aos céus azues,
Vê-te nessas miragens
Das tão distantes margens

Do lirio e da saudade,
— O amor e a liberdade —
Pólos de meiga luz!

Virent'aurea bandeira,
Que na apparente calma
De nuvem agoureira
Como dos ventos a alma
Te desenrolas no ar,
Tu és como innocente
Que ouviu o homem que mente.
Que, a face denegrida,
Encontra-se perdida
E põe-se a soluçar.

És a cadente estrella
Por sobre noite escura,
Azas de philomela
Cortadas na espessura,
Sem brilho e sem voar;
És onda de Mar-Morto
Que não conduz a porto,
Fazê que renuncia
Na lividez sombria
O sol d'oiro a raiar!

Sol, que d'entre arvoredos
Frandoso-verdejante
Raiando lindo e ledos
Como um sorrir d'infante,
Na aurora desmaiou.
Os céus por outros montes
Formaram horizontes,
E ao pallido astro novo
Lingua de um outro povo,
Descrente e vil, saudou.

Dos labios creadores
Tu foste, ó liberdade,
O beijo dos amores,

Da frente a claridade,
Hymnos do coração!
Tu, que ao Senhor elevas
Harpas do vento e as selvas
Roble de sciencia e vida,
Que foi da luz querida?
Que foi do aureo condão?

Terra de tanta gloria,
Os filhos teus morreram —
Como a sagrada historia
Os vivos esqueceram,
C'rôas do luto e dor!
Da patria americana,
Da virgem soberana,
Vendendo aos despotismos
Das aguias dos abysmos
Razão, virtude, amor!

Raio celeste e palma
De amor, ó liberdade,
Vem, dá ao encanto d'alma,
A morta divindade,
Ao sol, se alevantar!
— Quando altaneiro rio
Agoita ao mar sombrio,
Convulso em macaréos,
Bramindo a terra e os céus,
Se empina e estala o mar!

NOITES.

(To be or not to be.)

CYPRESTE.

“Nas horas silenciosas,
Quando a lua desmaiada
Roga os declivios celestes,
De pranto a face cortada;
“Quando arranca dos meus ramos
Trémula sombra e restampa-a
Como véu sobre o cadaver
Na fria face da campa,
“Eu sinto pelo meu tronco,
Desatadas sobre a aragem,
Leves tranças deslizando,
Caindo prantos na lagem.
“Prantos regam-me as raizes,
Beijam-me as folhas suspiros,
Abro os seios aos gemidos
Dos mais longinquos retiros.
“Os queixumes soluçados
No sepulchro maternal
Penetram-me a lança e vibro,
Phantasma pyramidal.
“Solitario e mudo e grave
No meio do cemiterio,
Pallida terra dos mortos
Envolve em fundo mysterio:

“ Dou sombra aos ossos da campa,
Aos que passam dou scismar,
Do negro bosque no inverno
Eu presido ao desfolhar;

“ De negras folhas trajado,
Tenho no gesto a tristeza . . .
Mas, aos tumulos dou sombra,
E uma voz á natureza.

“ Quando vem medrosa aos votos,
Amparo-a, virgem que chora;
Minha seiva se alimenta
Da que ella perde e a descora.

“ Ai o amante, louco envolto
Qual d'este manto fatal,
Que na campa da donzella
Deixa o corpo e um punhal,

“ Que do peito que inda bate
Arranca a alma — a coitada
Passando embala-me ao vento
N'um pensamento levada!

“ E no socego da noite,
Desde que estrellas esvoam
Até que aos raios do dia
Cantos de longe se entoam,

“ No ermo jardim dos mortos
Espectros vejo nascer
Irmãos todos; me rodeiam,
Ave nocturna a gemer;

“ Desapparecem, desmaiam
Ao mais pequeno rumor;
Voltam, vagueiam, susurram,
Talvez saudades de amor;

“ Pelas muralhas — contemplam
Acenando ao mundo, á vida . . .

Porém, tão tristes caminham
À sua eternal jazida!

“ Nas sepulturas os vejo
Sobre os ossos se estendendo,
E depois co’o véu da terra
Se encobrando, e adormecendo.

“ De cada encêrro fechado
Longo gemido se exhala.
— Acorda o mundo dos vivos
Quando o dos mortos se cala.

“ Então, da aurora ao sol posto
Plantam mortos no jardim,
Novas flores que de noite
Vingam em torno de mim.”

Ó da vida sombra mystica,
Da morte ó negra expressão —
Eu te amo, cypreste — a rosa
Não me esmalta o coração.

Encantos do afortunado,
Rosa, flor do trovador,
Minha lyra de cypreste
Suspira canções de dor.

A VELHICE.

Fria e pallida velhice
Desce, desce ao fundo valle —
Tão fundo, que não se enxerga
Nas sombras o envolto leito!
Desce; a paz leva no peito;
Como á terra a palma enverga,
Do justo a vida se exhale
Em berços da meninice.
Gemendo ao peso da idade

Fraqueia o languido passo;
E desce, e pára; e rodeia
Por toda parte seus olhos:
Adiante, tecem-se abrolhos!
Atrás, um monte se arqueia!
D'este lado, a vida, o espaço;
Mas d'este, a morte, a saudade!

E depois, n'um mar de prantos,
Naufraga em meio horizonte;
E depois... sem rumo a barca,
Não vê senão mar e céu!
Toda a esperança perdeu;
Seu pulso a vida não marca,
E o sol se apaga no monte
Por entre nocturnos cantos.

E os montes dos annos seus,
Dos seus dias tão pesados,
Erguidos tão lentamente,
Lá jazem ao pôr do sol!
Murcha ao cume o astro e a frol,
Roda a terra do occidente
Em passos mui apressados
Para o nascente de Deus!

Já lhe a fronte empallidece,
Já seus olhos se fitaram
Longe, além... riso da morte
Roçou-lhe o vello da face:
Que expressão celeste nasce
Naquelle semblante! Forte,
Qual se alma lhe arrancaram,
Olhando obliquo, estremece!

— Tende valor! mais um passo!
Da porta não recueis!
À casa de vosso pae,
Longa a jornada, chegastes!
No caminho não cansastes?

Descansando, entrai! entrai!
— Elle passou. Percebeis
Vagos sons? do echo o fracasso?

Não. — Pois tudo emmudeceu:
O pó do extenso caminho
Sobre os rastos lhe caiu;
Longe, ao través do horizonte,
Qual onda de eterna fonte
D'entre vozes se sumiu —
Voou uma ave ao seu ninho,
À terra um homem pendeu.

A ESCRAVA.

“Que triste sorte arrasta-me esta vida —
Escrava eu sou, não tenho liberdade!
Da branca eu tenho inveja, que tem suas
Todas horas do dia!

Eu sinto a me crescer vida nos annos,
E mais veloz que a vida amor eu sinto
Abrindo em flor em mim . . . eu sou escrava,
Minha fronte servil . . .

Por estes céus meus olhos se amortecem,
Lá nas plagas de anil piedosos cansam . . .
Só para o horror da escravidão perdida
Nestes céus não ha Deus!

Um Deus como o da branca e os passarinhos,
Como o da flor, como o de todo o mundo,
E só da escrava não! . . . São as etrellas
As luzes do seu templo.

Tenho amor, sinto dor, minha alma é bella
Na sua primavera a espanejar-se!
Porém nas proprias azas me recolho,
As cresta o cativoiro.

Nenhum raio do sol não me pertence,
Eu nunca o vi nascer; quando elle morro,
Ainda o roseo encarnado do occidente
Não posso á tarde olhar.

Mesmo esta hora, que furto á meia noite
Ao meu descanso do alquebrado corpo,
Quando vejo estrellinhas nos meus olhos
Como no manso rio,

Eu não tenho-a segura! o vento leve,
A lua como eu sou d'alvas camisas,
Fazem-me estremecer — raivando escuto
Meus soberbos senhores;

E escondo-me, que a gente não me veja,
Nas sombras da folhosa bananeira...
E os insectos nocturnos me parecem
Denunciar meu crime —

Oh! não digam que eu venho ao astro pallido
Minha sorte chorar! Eu tenho inveja
Da branca, porque tem todas as horas
Do dia todo inteiro!

Eu sou bella tambem; minha alma é pura,
Mais que a sua, talvez... cansam os membros
Somente o cru servir, nervosos medos
E da morte o delirio...

Tenho inveja da branca; assim como ella,
Quanto eu fora feliz! Mas onde a esp'rança?
Fugida passo a noite aos céus olhando,
E não vejo o meu Deus —

O Deus da branca, o Deus dos passarinhos,
O Deus da flor, o Deus de todo o mundo,
E só da escrava não!... São as estrellas
O adorno do seu templo.

A MALDIÇÃO DO NEGRO.

(Em Pariz.)

“Sou cativo, na cor trago a noite,
Noite eterna do escravo, tão má!
Ai as mãos que as algemas nos tecem —
São no inferno, mais negras, são lá!

“No silencio do umbroso passado
Um gemido recorda esta dor;
E o fracasso dos sóes que vierem
Serão sempre gemidos de horror!

“Ainda mesmo que mude-se a sorte
Ainda mesmo que mude a nação,
Terra, onde gememos em ferros,
Junquem flores servis — maldição!

“— Não dormido nos braços daquela.
Que por terras estranhas vendida
Nunca mais eu verei . . . oh eu vi-a
Entre as garras d’uma onça incendida!

“Tinha o collo arquejante cruzado
Pelo acoite, e uma face de dor . . .
Muito embora! mas nunca dobrada,
De mulher que era minha, ao senhor!

“ (Nos entrançam com peias na escada;
A compassos açoites sibilam,
Que da carne e do sangue na areia
Vão lavar-se e de novo scintillam;

“E á cadencia dos golpes, dos gritos,
Mais o horrivel da scena redobra;
Ruge o branco adomando seu preto
Que de dores se morde, se encobra!)

“Tinha o corpo de negras correntes
Enleiado, que o roto vestido

Bem mostrava-lhe e os ferros e o corpo,
Muito embora! mas nunca vendido!

“Lenta e muda passou, tão cansada
De um trabalho d'insano soffrer:
Os seus olhos e os meus se encontraram,
E entre pranto vi pranto correr.

“— Dura vida que amava, onde foste?
E nem mais minha filha e a mulher,
Que em labores do escravo eram brisas
Que me vinham ao seio acolher!

“A deshoras, sopito o tyranno,
Ao mortigo clarão da candeia
Minha filha afagou minha dextra
Lá no rancho palhoso da aldeia.

“— Minha filha cresceu, e formosa
Como a flor lhe nascera a feição:
Eram faces de um preto retinto,
Eram olhos de um vivo loução.

“E depois dessa ignobil vingança,
Já vendida na praça e por hi
A mulher mãe — são Deus os senhores:
Fazem a orphã, a viuva, — aí de mil!

“Já da mágoa infantil esquecido,
Que em sua mãe via o agoite a cortar...
(E eu cravei-lhe as cadeias... nós ambos
Seu amor, sua vida e seu lar.)

“Abre os olhos, ferozes, sedentos,
Amoroso da pobre filhinha,
Amoroso... e lhe a face beijando,
Diz fazel-a, rendida, rainha.

“— Porém eu, que no peito cozia
Odio ingrato de um vil coração,
Separava precauto a donzella
Da serpéa, fallaz seducção.

“ Mas a filha d’outrora tão minha,
Bem de pressa, qual vária mulher
Delirante do mundo, aos amores
Em seus braços se foi recolher —

“ Desprezou minha bênção! Perdido,
Destruil-os pensei! desgraçado,
A ambos juntos segui pelas sombras,
Como espectro d’infernos armado!

“ Não que em sangue innocente almejasse
Minha faca tingir, que ante o riso
Da filhinha a quebrara . . . coitada,
Tambem Eva peccou no Paraíso!

“ Mas nas hervas da dor, mutilado
Do tão cru meu senhor vingativo —
Cepa fertil, que frutos lhe dera
De alimento e de amor . . . oh! cativo,

“ Eu fui cão de farejos damnados
Trás da filha infeliz e o senhor!
E esta faca como inda se escorre
Em dois sangues! mas de uma só cor.

“ E eu agora por brenhas erradas,
Por invías me fujo a vagar;
Secas folhas meu leito da noite,
Negras coifas o bosque a embalar:

“ E me cercam phantasmas; medrosas
Vão-se as feras no antro esconder;
Leve aragem, passando por longe,
Sinto a gritos quebrar do descrer!

“ Tudo pasma de ver-me! natura
Treme ao monstro como ella não gera!
E eu sou homem tambem . . . e eu matara
Mais mil vezes laivada a pantera!

“ Fujo as máddidas horas da tarde,
Molles raios da lua me aterram,

E estes hymnos do sol, e estas aves
Que sibilam, cá dentro me berram!

“E no eterno da dor sombras lubricas
Vém-me a fronte d'insomnias pisar—
Se destorce meu corpo, em minh'alma
Se desfarpa o remorso a calar!

“Mas de Deus não sou reprobó, o peito
Nem malvado nem bronzeo é meu:
Embebido dos oleos do crime,
Em que folga a innocencia, accendeu:

“E d'impuro que estava, ainda sinto
Os meus ossos rangendo a tremer;
Oh são lavas que as veias me inundam,
Fébreas linguas na pelle a correr!

“—E eu matei minha filha... eu já louco...
Meu senhor... ainda sinto-lhe o travo
Do vil sangue que bebo... bebia—
E eis o fim desta vida do escravo!

“De outro dono o seu corpo, sua alma
Negra e esteril, nos crimes, nos vícios
Arruinando, esgarrada nas trevas,
D'este inferno de tantos supplicios —

“Oh! quem foi que forjou-nos os ferros?
Oh! quem fez neste mundo os escravos?
Açoitados, famintos, malditos —
Tenebrosos, traidores, ignavos?

“Vós, ó brancos, calcando soberbos,
Miserandos assombros sangrentos,
Negra relva de humildes cabeças,
Vós, alados de presa sedentos,

“Não sentis desfolhada no peito
Murcha a paz, desmaiada a virtude?
Não sentis da poesia a estalar-vos
Aureas cordas de um santo alaúde?

“Não sentis os de amor sentimentos,
Mais divinos d'enlevo e paixão,
A fugir-vos medrosos, estranhos,
Sem asylo no mau coração?

“Vossos filhos já nascem amando
As delicias do açoite brandido,
Como cães esfaimados se agarram
Pelo flanco ao tapir perseguido:

“Nascem vendo do olhar agoureiro
Despejados medonhos desolhos —
Não nos céus, vós viveis qual vivemos
Neste inferno de pragas e abrolhos!

“E mirrado da vida que eu soffro,
Quero a triste na morte acabar:
E o abysmo que a voz me sepulta,
Vá meu corpo tambem sepultar...

“Sem perdão a nenhum! vamos todos!”

.....

E estendeu-se do occaso o lençol —
Tal partiram ás sombras eternas
Filha e escravo, o senhor, mais o sol.

D'escura grotta á pedregosa borda
Lançando maldições
Negro vulto sumiu-se. Oco o fracasso,
Se embateram soidões.

Ora as aves em coro alevantaram
Triste cantar,
Monotono e carpido, quaes lamentos
De longe mar.

E na selva ululada dos fugidos
A folhagem 'strugiu;
E o vento destendeu compridas azas;
E o silencio caiu.

E eu prendendo ouvido, contra a terra

Que abre-me os seios,
 Sonora vibração ouço longinqua,
 Latidos feios:
 Ouço por pedras deslocadas lenta
 Cadeia longa
 D'elos sômbrios, que arrastada eterna
 Lá se prolonga:
 Ouço dois sons, tão desgraçados ambos!
 Um, do que manda e canta; outro, profundo
 Do que geme e corrompe — ai! que harmonia
 No novo mundo!

SOMBRAS.

(Sobre as serras de Cintra.)

Eis-me só! nem os zephyros me cercam,
 Nem ouço a voz da natureza ou do homem:
 Que para sempre os meus ouvidos percam
 Esses horrores que o meu ser consomem!
 Emfim, vejo-me emfim na solidão —
 Quanto tempo não faz que eu não respiro!
 Como treme de amor meu coração
 Se estrebuxando esta alma! Oh, eu deliro!
 Eu só! sem o meu Deus! que, desdenhoso
 Em troco de um amor do peito ardente,
 Dos ais da crença e o pranto esperançoso,
 Despede sobre mim sarcasmo algente!
 Sem esse Deus! que enchia-me de vida:
 Oh minha doce esp'rança! oh minha crença!
 Oh! desespero! oh! alma perseguida
 — Sem ter crime — quem deu-te a má sentença?
 Na miseria nascer, nella crescido
 Para nella morrer — sempre a miseria!
 Por toda parte, e sempre! vão gemido,

Choro e morte a cair da vil materia.

Que! tudo miseravel neste mundo

Onde as coisas se dão tanto valor!

Lamentei-o de o ver, o verme immundo

Se julgando feliz, se dando amor. . .

Secou meu pranto; se ainda o vou chorar,

Vem o delirio, o espasmo da risada!

Cuspo sobre meu ser; nelle pisar

O Deus eu vi, que o aleventou do nada!

Não quero a luz do sol; se apague o dia;

Eu domino na treva o mundo horrivel!

Fugí de mim, perseguição sombria,

Pensamento de um Deus, e o ser visivel!

Negra noite, eu vos amo, quando a terra

Passos d'homem não vibram, nem dos astros

Desce clarão; e quando o mocho berra,

E rói em choro o mar na praia os mastros!

Antro da fera, esconde-me, como ella

Destas pedras nas dobras mosqueadas!

Sois meu anjo do amor, desgraça bella;

Meu Eden sois, cavernas assombradas!

Aqui podem meus olhos àpagados

Se tornar a accender, se encandeiar;

Ferido o corpo, em ténebras rosnados,

Felicidade pode ainda encontrar. . .

Vida, que és tu? Destorce-se convulsa

Minh'alma e estala! O rei lá se embebeda

Na fôrça da existencia — A morte impulsa

Todos á mesma barca, á mesma quéda:

Sobre os olhos aperta a estreita fronte;

Acena escarnicando: "eil-a, embarcai."

E passa a humanidade humilde, insonte;

Do alto mar nos escolhos: "naufragai!"

E do homem, que resta? Ventos, vagas,

Astros brilhantes, não emmudecei... —
Oh, verdade fatal, que assim me trugas!
Embora ainda ficais e eu acabei,

Tendes noites também na vida évada,
Não triumphais de mim, nem vos lamento:
Todos! descemos ás soidões do nada,
Eu e o nobre, e o mendigo vil nojento.

E tu ouves acaso, Deus, tu ouves
Tal concerto do arrebentar das veias
Negras d'agro cruor? Não, não me louves;
Dá-me pallido rir, porém me creias!

SOMBRAS.

Sopra Aquilão; frondoso ethereo bosque
Despe as folhas do dia; sazonado
Cae da tarde através um fruto de oiro,
D'entre nuvens de aroma o sol vermelho.
Nocturno prado de matizes cheio
Roga a lua co'as azas prateiadas;
Encostado p'ra o sul pende o Cruzeiro;
Vai d'estrellas Urano rodeiado.

Tudo hei perdido... tenho muito amado
Todavia, e sem fim! meus dias todos,
Meus annos todos, todas minhas horas
A amor eu dei, por vezes soluçando...
Minha alma, sêcas folhas em pedaços
Partidas pelo vento, nos espaços
Perde-se, esteril som meu pensamento
De quebrado alaúde. Em teu socego,
Sombra da tarde, fugitivo guarda-me:
Só tu sabes calar-me a voz dos labios
Amargosos, descrentes, estendendo
Por sobre o desespero a branda calma.
Eu buscava do Ser a causa occulta —

Delirio, esforço vão! Sombra da tarde,
Faze cair a noite na minha alma
Para um somno sem sonhos. Como és bella
Fallecendo entre coros de suspiros,
Que estão por toda parte! é melancolico
Silencioso o bosque, o som das brisas,
Melancolico o mar em seus desertos
Embalando a canção dos marinheiros;
A montanha palmosa, os mudos rios,
Os campos, melancolicos, gemendo
A lenta voz do gado, e as vozes tristes
Dos pastores que estão pelas cortinas
Do curral assentados. Horas meigas!
Horas da tarde, quem vos fez tão frias
Para me adormecer?... Mau pesadelo,
Foge, ó noite, de mim! lacera as sombras,
Quero ver ainda o sol! Quão malfadada
Sorte do homem! quanto mais fadigas,
Quanto mais existência dolorosa,
Quanto mais dias, dias mais implora,
Para ainda soffrer sorrindo á esp'rança!

Meu destino fatal! de meu não tenho
Nem uma hora sequer; esta em que falo,
Julguei-a minha, quiz d'egoismo tel-a
Para dal-a ao meu tumulto — passou-se,
Perdeu-se. Deus! ó Deus, como eu te vejo
Presidindo ao teu orbe, e a mim no meio
Do soffrimento que me dás! E a terra
Em mil fórmãs de amor — em fruto, em homens,
Hoje a fazer-se, a desfazer-se ainda hoje,
Co'o delirio das vagas do oceano,
Da fome co'o delirio! E ao espectáculo
Da resistencia extrema d'entre vascas,
Da vida contra a terra que a revoca
Em sombria attracção, torcendo os membros
Ao ar, aos altos céus berrando a boca
E em sinistro brandear rangendo o leito,

Indifferente ris, dormindo estás!

Oh reptil creador comendo os filhos!
Quiz comparar-me a ti, sendo assassino,
Tendo no peito a dor — delicias tuas.

Amei a formosura: mansa e timida
Seguiu á minha voz — como ainda amo,
Que estremecço de ouvir-me a negra historia!
Amando por amar, amores toda
Co'os desmazelos virginaes e infantes
Do puro amor, da escrava e da senhora,
Do anjo-mãe, do anjo-filha que eu amava,
Que era-me a vida e de quem vida eu era,
Creação nossa, nós somente de ambos.
Depois que vi-me dentro dos desertos
Só com ella e contigo, Deus, ferindo
Essa corda, afinada ao som mais alto,
Que vibrava e gemia a desalmar-se
Envergando em meus braços — como fazes
Feroz, eu fiz tambem, quebrei-a ao meio!
(Eu fui seu deus, criei-a innocentissima;
Unica esphera sua, em mim te via;
Sou qual és, enlevamo-nos aos gritos
Dos filhos nossos) resoando os ares
Co'o doloroso estalo, ella espirava,
Suspirando o meu nome e pondo os olhos
Nos meus olhos sem luz! tão piedosa,
Duvidar parecendo da verdade,
Buscando-a, como em vão teus moribundos
Na voz do Deus e amante. Repudiada...
Em comprida esperanza esvaecendo,
Desfalleceu em lagrymas perdida
Pendente aos braços pallidos da morte,
Que os creadores estender não sabem,
Candido lirio vivo! Eram meus olhos
Lançando o inferno... era alma o que lançavam!
Ave branca ondulou morrendo, e a terra

Onde fria caiu foi no meu peito.

Tomo-a então nestes braços despertando-a:
“Espera! espera! agora, morre...” e escuto
Que fale dos mysterios de além vida...
E só meu nome lhe expirou nos labios!
— Bem como os teus fiéis no passamento
Bradam por ti, que mandas que elles morram.

Foi-se a minha illusão. Gelando o sangue
Sem ser mais d'este ar vivido ondulado
Nas quentes veias, sonoro o peito,
Erguendo o coração, tingindo as faces,
Eu vi! tudo arrastou seu corpo á terra,
Se consumiu com elle e... onde a alma?

Qual fui eu, és, Senhor; porém eterno,
Devastador da terra; mas terrível,
Celestial egoista d'entre nuvens!
Vem-me esta dor da victima de uma hora —
E tu quem és, que fórmulas dos suspiros
Da victima infinita o ar que respiras?
Uma só voz extincta a mim gritava,
Uns olhos só me olhavam — Deus somente
De uma só criatura, exausto eu morro.

Porém tu viverás: quando este mundo
Já não der-te alimento, creas mundos.
Pastor do agno que educas para a ceia,
O derradeiro branqueiar dos olhos
Espasmados nos teus, que dor te exprobram!
Que d'esp'ranças hi mortas! luz da vida,
Material esp'rança! — Porém, juro,
Deus, a alma eu sinto de remorsos cheia —
E tu?... Co'a vista me rodeio: as aves,
Que ao entrar da espessura nos saudaram,
Tinham fugido, ainda pelos ramos
Roto desplume ao ar circumvoando;
Os meus cabellos eriçados, grossos,
Se alisavam co'a fronte; o rio, os ventos,

O tronco vegetal parado haviam
Vendo-me!... Eu despertava em meu delirio
Ante a realidade! a virgem morta,
Pallida e fria, a reconheço! acordo!
E de homem ver-me, puz-me a solugar. —
Quiz o corpo aquecer sobre meu corpo;
Uni sua boca á minha, voz lhe dando,
Como o fazia outrora. Em chão de flores
Nua deitei-a, postas mãos, e as tranças
Ao seu longo onduladas. Dias, dias
Preso a seus pés levei a contemplal-a!
— Grandes e abertos sobre mim ficaram
Tão vidrados seus olhos, fixos, ermos,
Como a meditação de uma sentença!

E animada esta terra, decompõe-se...
Pó que da grande massa o vento arranca,
E a cair torna, ea si se envolve e perde.
Eu vi — seu corpo transparente inchando;
Sumirem-se nas faces os seus olhos;
A escoar-se humor fétido da carne
Pura, tão pura e tão cheirosa ainda hontem!
A meiga ondulação dos castos seios,
Da alva e bella cintura, desformou-se
Em repugnante, (quem a vira e amara!)
Em nojenta, esverdeada, monstruosa
Onda de podridão! Zumbiam moscas,
Voavam corvos a grasnar famintos
Triumphantes da presa! Eu defendia-a
Dos ledos vivos, que nos mortos comem.

Presenciei o mysterio a desfazer-se
Parte por parte, os céus em que eu pensava
Existir e morrer! Ougam-me todos:
De dia, vinha o sol ferir seu corpo,
No cadaver beber lucidos atomos;
De noite, como a lua rodeiada
De azulado ambiente, raios della,

Vapores levantavam-se em corôas
S'inflammando, perdendo-se; de noite,
Alva chamma pairava docemente,
Como roupas de um anjo sobre as pontas
De verdoso juncal. — Depois, os vermes,
Novas fórmas do humano corpo, nascem,
Tomam-no em si, e o vêm rompendo e abrindo...
Já sem coral, sem beijos sonorosos,
Os labios negros, podres rebentaram!
Dos seios que fendiam-se, dos olhos,
Dos castos flancos um soroso liquido
Correndo pela terra... Oh! como a terra
E o sol e os ventos, cada qual tomando
Sua porção, vorazes e terríveis
Levam da natureza a obra formosa!
— Oh! a visão dos limpidos arroios
Emanando da fonte crystallina!
— Abraça a que te fora encantadora...
Fujo enojado! com piedade eu volto...
Depois, bem como as pluvias enchentes
Quando se escôam, troncos amostrando,
Ficaram descobertos craneos, ossos!
Oh! mirrado fiquei do soffrimento,
Tanta dor a curtir! — Deus, e tu soffres?
Porque tão miseraveis nos fizeste,
Deus d'escarneio? teus filhos nós não somos!
Que sorte de alimento ou de deleites
Nesta desgraça deshumana encontras?
Da existencia o horror bello, a formosura,
Da natureza a filha engrandecida
No seu peccado e morte, o meteoro
Enganoso da noite, a flor vermelha
Em venenos banhada, a mulher bella,
Tudo, tudo alli está! — Oh mundo! mundo!...
Ainda é meu amor esse esqueleto,
Vive commigo: dou-lhe cor ás faces,
Muito sorriso á boca descarnada,

E ás orbitas sombrias meigos olhos
 Como sóes d'entre nuvens; dou-lhe errantes
 Mellifluas tranças á caveira pallida,
 E alva carne á aridez do peito que encho
 De undosos frutos, de suspiro e vozes —
 Mas... essencia immortal não saiu della;
 Embalde interroguei mudo cadaver;
 Nada respondem ossos amarellas —
 Mas... a mulher aqui não é perjura;
 Das lembranças do amor é santa a imagem,
 Aos pensamentos forma-se a belleza,
 Véstias della á saudade se derramam.

.....
 No cimo das montanhas solitarias
 Vou meditar em Deus: “Senhor dos mundos!”
 E escuto... escuto... o echo apenas surdo
 Rompendo vai-se do pendor aos valles
 Pelos rochedos, na caverna umbrosa,
 No tronco das palmeiras. Olho ao longe;
 Ara a leiva o colono, exhalam sulcos
 Cheirosa emanção tépida, humente;
 Volvendo o pó dos areiaes de prata,
 O carro cantador passa nos campos
 Entre as rusticas vozes somnolentas;
 No fundo bosque os acauans soluçam,
 E aos cantos seus lamenta-se a espessura —
 “Senhor dos mundos!” Grito ainda; escuto...
 Ninguém me respondeu! apenas o echo
 Dos ventos quando assopram mugibundos
 Como as almas dos mortos te buscando —
 Porém não posso crer, não posso crer-te,
 Que em mim não creio! Deus, dá-me outra essencia,
 Muda o meu ser, substitue minha alma
 Para poder-te amar! Senhor, liberta-a
 D'este desejo e carecer... que aspira...
 Desta morte eternal! muda-lhe o ser!
 E tu mesmo trouxeste esta descrença —

Passando a vida inteira a proclamar-te,
Da innocencia cheguei ao desespero.
Anoiteceu . . . velei aos teus sarcasmos:
N'um deserto, mui só, de terras vastas,
Sem vento ou voz, o sol, parado em cima,
Sobre minha cabeça achei batendo;
Ar não havia; em vão baldava forças
Sem desatar-me, braços me enleiyam,
Pensando em mi e em ti. O sol se apaga,
Se alcantila de trevas, rebrunindo
A face que olha á terra; e mão, que o tinha,
O largou sobre mim — negra, mais negra,
A escuridade se fazia! perto,
Mais perto vem! lá vem! sente-se o frio,
Frio vento da sombra que se espessa!
Vem! a atmosphera entrou, que estala e luz
Scentelhas vivas . . . esmagou-me em atomos!
Uma dor trespassou-me, como nuvem
Que o sol inunda, nella se escoando;
Leve fumo se ergueu; levou-o o vento:
Assustado acordei — lá ia o sol!
— Outras vezes sonhei prisões do inferno,
Por onde eu era horror, e horror é tudo.
Outras vezes sonhei na concha de oiro
Ver-me aos embalos no ar. Outras sonhava,
Então com azas de um mimoso fogo,
Meigo abraçar os pés da Eternidade,
E a ver de lá o tempo sobre o mundo
Voando, e de que eu mais não carecia.
Outras vezes sonhei morrer meu corpo
Porque morria a alma dentro delle.
Outras, que não ha morte . . . o corpo e a alma
Em constante lutar, que em fim separam-se,
Ella voltando ao ar, aos céus, ás nuvens,
Da luz ao raio, a amar novos amores,
Ou ao descanso, á liberdade ao menos;
Elle a se desfazer em outros seres,

Que se desfazem n'outros, se perdendo
 De vida em vida. E eu ainda acordava
 Nas torturas do adeus, nesses estorços,
 Para trás a cabeça, os olhos vários
 E a despejar da boca em sangue a lingua... —
 Oh! dá-me ao menos que de ti me esqueça!
 Na paz dos corações talvez tu venhas,
 Que floresçam de ti, do amor, da crença.
 — Eis no céu as manhans: alvas formosas
 São do sol o turbante; hymno encantado
 Rompem na terra ao som de órgãos ethereos
 As aves, os regatos, o arvoredor;
 Vai no horizonte a garça; pelos campos
 Saltam flores e orvalhos, e as doiradas
 Borboletas ao sol se embalando...
 “Senhor dos mundos!” mais alegre eu clamo,
 E escuto... escuto... mas, desereço ainda!

.....
 Sob um montão de ruinas, um tugurio,
 De palacio que foi, ora occultava
 Do sol do mundo uma familia; outrora
 Soberba e radiosa, dos amigos,
 Dos risos, dos incensos rodeiada,
 Da meiga adulação. Mudando a sorte,
 As ondas inconstantes da fortuna
 Sobre si refluindo, ás praias ermas
 Deixou ao desamparo o pobre naufrago:
 E os mercenarios vis, nem mal o viram
 Só, na pobreza, desapareceram?

Parando hoje somente o caminhante
 Que descansa nas sombras dos alpendres,
 Antes que ádiante siga, e pensativo
 Ao punhal da saudade errando a vista,
 Contempla: “A sala do fulgor das luzes,
 Do velludo e crystal, como tem hoje
 Desbotada a pintura, denegridos

Tectos que foram d'oiro, e umbral pendentes!
Sobre aquellas cadeiras tão quebradas
As sedas mais formosas resvalaram,
As mais brilhantes flores se espargiram
Naquelle chão, que está sujo, fendido,
E glórias fora das ruidosas dansas...
Aquelle escravo, apenas da rasoura
Ficando, lento o passo, mal coberto,
Levado ao vento, os olhos fundos, tristes,
(D'antes tão ledos nos serões cantados!)
Que anda a gemer, que magro, a mãe vendida,
Vendidos os irmãos, vai acabando
Em mudo trabalhar penosos dias...
Dias da escravidão como sois longos!
Passai, tempo, correi, sumi-lhe a historia!"
— Um echo doloroso prolongava-se
Ao través dos sombrios aposentos,
Desolação d'outrora... E fazes mais..

Do mar vanzeiam preguiçosas ondas,
Que nas praias ao longe vão quebrar-se:
Ó meu irmão do isolamento e mágoas,
Que tão profundo chôrro! Acaso triste
Lamentas meu delirio? acaso sabes
Quem deu-te voz a ti, dor á minha alma?
Prisioneiro das margens levantadas,
É qual do esp'rito no terreno encêrro
Teu despedaçamento em rochas vivas.
— Tão arido este céu com tantos astros!
Cemiterio de espectros luminosos,
Fronte de pedrarias recamada
Com ar de menosprezo cortezão,
Desprézo o teu esgar!... Descrença eterna,
Que inexgotavel calice me encheste
Nestas horas de dor que arranco ás noites,
Dias da alma—que o sol luze á materia!

VISÕES.

Aonde eu vou, Senhor, aonde me levas?
Mas isto, que me arrasta e que eu não vejo,
Se é tua mão, então leva-me, leva-me!
Tenho fome, e este sangue não me nutre;
Comer não quero em meus irmãos, repugno
Sentar-me á mesa dos humanos corvos,
Com olhos a luzir de arida chamma
Pastar sanguentas póstas de cadaver,
De filhos teus qual sou — nasci da terra.
Tenho sede, e beber não posso em vivas
Limpidas ondas, nos meus pés tão mansas!
Mas, tenho sede... á tua fonte leva-me,
Ó Deus, ás aguas onde eu beba a crença.

Porque fujo dos homens? porque eu ando
A vagar nas montanhas e nas praias,
Qual d'outra essencia, qual d'areia ou d'onda
Formado, e como espectro, e como sombra
Errante uma hora, e desaparecendo
Qual sombra hebréa que os desertos formam,
Pela arenosa face resvalando?
Eu tenho uma familia na minha alma
De irmãos, de irmãs, tamanha — e porque amo
Só tel-os na alma, e longe delles sempre?
Como a dor que Deus dá faz mais amal-o,
Nosso amor a distancia o purifica...
Depois, que encanto em ver-me a sós commigo
E a lembrança dos mortos do passado,
A sós co'a minha lagryma espontanea,
Que nem sei porque choro? e solitario
N'uma isolada solidão, que eu veja
Muito longe, que eu só viva no meio,
Por mim só, sem ninguem que dê-me a vida,
Sombra pesada e vil!...
Mas, no deserto eu vivo; nem procuro

Rama d'arvore: o sol queima-me a fronte;
Dos seus raios me visto — azas de fogo,
E irradio tambem na natureza!
São minhas virgens as manhans formosas,
Porquem morro de amores; amo a tarde,
Que minha mãe simelha; o vento, os montes
São meus amigos; minha musa a noite;
Noite minha alma e sonhos as estrellas,
Que na luz piedosa me adormecem;
Os mares são, os lagos melancolicos
O presente e o passado; o meu futuro...
Oh, meu futuro! a tempestade e o raio
Sonoras velas ao baixel rasgando
Que vai sem rumo a naufragar no golfo!

Quando cair meu corpo,
Se eu uma alma tiver que Deus não queira,
Então irei morar sobre os rochedos
Da ave do mar, que dêm somente poiso
A mim, e o mais, cercado de oceanos
Por toda parte e céus, que perca a vista;
Oceanos remotos, que passando
Alguma vela, qual fanal me veja
Suspenso no horizonte. E se mimh'alma
Deus a quizer, ó vós, que mais amastes
O peregrino das canções magoadas,
Nessa pedra isolada como a sonho,
Lançai-lhe os tristes ossos espalhados
Sobre essa pedra de soidão — á noite
Branca aurora virá trazendo orvalhos,
Cair fagueira. E se alma nós não temos...
Deixai-os ainda lá dormir tranquillos,
Tanto os cansara a vida, a sós co'as ondas,
Do sol co'o raio, a tempestade bella,
D'iris meigo a corôa os rodeiando.

Tu, essencia immortal do nosso corpo,
Que moras nelle e dellè não careces,

Poisque vais viver só mais venturosa,
Deixa-o, e vai-te! És o amor, o canto
E este vago anhelar da natureza
Olhando ao Todo, se mais luze o genio.
Só, a esperança nutre-se em desgostos
E nada a satisfaz, grosseira esp'rança!
Quer seu dia sem noite além da morte;
Se bemaventurada, mais quizera —
Que é lei do espirito: “este Deus que importa,
Se paramos aqui...” donde vem Lucifer;
Vezes donde a loucura, a aguia das nuvens
Sempre a querer subir mais solitaria;
Donde a estatua de marmore vencendo
Ao estatuario seu.
Que fórma queres tu na eternidade,
Homem vão? — a dos deuses? a dos anjos?
A de uma aza de luz, tua e distincta?
—Immortal és e eterno, como parte
D'este Universo intelligente: ficas,
Fica-te ao ar o que do ar tens, e á terra
O que for della... teu. Não morres; volves
Á terra, ao ar, a ti, ao todo, a Deus.
Do ether são os divinos sentimentos,
As idéas eternas e as imagens;
Da terra são os seios como os pomos,
As fibras como o lenho são da terra.
Assim terás a calma e serás forte,
Universo te vendo e nelle o Eterno,
Que não a embalar do engano os sonhos
De vaidosa loucura. Quanta vida,
Quanta felicidade assim no mundo!
Amor desde o nascer, amores sempre
Até nas tristes lagrymas da morte!
— Religioso terror! aquelle entêrro
Que vai pasando e os sons do sino funebres —
Avante! avante! ás nossas mãos a terra
Doira-se em frutos, toda em flores se abre;

Uma voz doce e maternal ao berço
Canta e embala o sorrir da infancia nossa;
E os amores depois; e inda a velhice
De prazer e illusão temos fagueira.
Temos da vida a imagem ante os olhos,
Das estações no circulo e dos dias,
Sombras, luzes: eu vejo sempre a esphera
Da luz ás sombras se tornar, oh sempre
Da propria sombra renascendo a vida!
Vejo instructa a terra, aos filhos varios
Hoje a dor, amanha gosos lhes dando,
Que se atenham despertos. Mas, deixemos;
Nada sei. No mysterio em que te ergueste
Irás perder-te, ó luz de teda pallida,
Que ardes emquanto o ar cerca-te a flamma;
Accenderam-te aqui, além te apagam—
E depois? E depois... Olha a teu lado,
Eis teus ossos alli. Filhos da terra,
A nós nos levantando, a eternidade
Está na successão de vida e morte,
Na ondulação das vagas animadas,
Que já vivendo neste mundo achamos.
Digam embora sabios, não sabemos
Qual foi o nascimento: vejo a tudo
Sempre na mesma idade; houve prophetas
Sempre e hão de existir; o dia é mudo
Da aurora ao pôr do sol. Giro dos ventos!
Circulo eterno que este sol descreve!
Saimos de uma noite, entramos n'outra,
Nós somos um só dia, e nós contamos
Nossos minutos pelas nossas dores!
Como cresces co'os annos da criança,
Rindo a luz do semblante aos sonhos d'oiro!
Como, se o corpo enferma, te desmaias,
Ó alma! Independente foras d'elle,
E os da Grecia e de Roma vates foram
Das faxas infantis, da mãe nos hombros,

Como quando da idade ás longas forças
Pendente a vista, o pensamento eterno!
Não tens idade, és infinita, és uma;
Momentanea a materia, — e vens seguil-a
Crescendo, engrandecendo-te com ella;
Inimiga que é tua, nella vindo
Vestir a virgem de pudor, d'encantos,
E apodrecer aos pestilentes climas
Da prostituta immunda — és a devassa,
Que as rédeas do corcel tu as governas!
Que vens aqui buscar? perdendo as azas
Que são divinas, succumbindo ás dores,
Ás torturas humanas! foras louca,
Hospede errante das regiões ethreas,
Em vir no lodo repouisar uma hora,
Descansar uma sesta, e já partida,
A presença de um Deus ir ser julgada!
Do proprio que mandou-te á terra, e dizem
O Creador, o Padre, o Omnisciente,
A quem não ha passado nem futuro,
Medindo os passos teus antes que os moves!
Que miseravel Deus, quando te fazem
Simples vontade sua! A razão morta,
O corpo vale mais. Candida filha
D'este transcoamento ethereo e calido
Do ar vivente ao través da humida terra,
Flor de gloria, teu ser fragrante e eterno
Medem teus altos vôos: vais? mais vives;
Vais do Universo á absoluta vida!

Desta arvore na seiba a vida temos;
Nos perfumes nossa alma, divindade
Sempre anhelante de nos céus perder-se;
O pensamento, o resplendor que a cinge,
Nós temos na atmosphaera que a circumda;
No tronco, o amor; nos gloriosos ramos,
O fruto, as flores, a virtude, a sombra.
Se desfazendo o corpo, a alma nos fica

Na natureza, onde era, na atmosphaera
Intelligente e viva, e que vibrava
Da materia ao través, illuminando-a.
É doce amar-se ao Deus da Natureza:
Amor, que fazes dor, que a dor confortas!
E para amar nem peço alma infinita —
Material condição do mundo aos céus.
Amemos de amor santo e sem esp'rança
(Dos vicios e ambições madre enganosa),
D'esse amor natural, que é mais divino
Que o de quando nos dizem duramente:
“Adora o que á vingança aguarda, o raio
Manda e a peste, Deus que premeia e mata!”
E a benzerem-se estão, a fronte impura
Do medo infame e do terror curvando;
Qual na espessura o cantico dos passaros,
Do homem na alma seja o amor a Deus.
O sol se apague embora, os rios sequem,
Da luz pelo interesse e o da agua limpida
Não vamos aos altares tão vilmente
Lagrymas espalhar; tristes miserias
Que de natura são, nossas e delles,
Confessar aos sagrados impostores,
E depois renovando-as na esperança
De serem delles ainda absolvidas
A troco de jejuns, de sacrificios,
Em que os céus com as almas commerciam
Ao cambio do ministro, o rei sopito
Pela alta nuvem: quando despertado
Aos latidos do crime, a festa, as preces,
Choraremos. — Choremos todo o dia,
Movidos de amor puro e pura crença;
Triumphe a consciencia, e suffocado
Estale dentro o coração perverso!

São nossos toda a terra, todo o mundo,
Os astros, o oceano, a selva e os ares,
Nossos vida e saber. E o homem pede

O salario dos céus em recompensa
De uma existencia d'azas livres, eandidas,
Que elle proprio manchou, quando gemendo
Sente do vicio as farpas! Condemnado,
O homem crea o mal -- que se ergue pallido
Contra o seu deus, oh prole generosa!
E os céus ainda, a recompensa ainda
Á morte sua e ás horas que passasse
Na adoração divina, ou Deus negando
E a justiça infinita, elle não sendo
Tambem lá pelos céus feliz e infindo!
— Os céus? na caridade e amor buscai-os,
Nas doces palmas que a vereda juncam
Da vida que é chorada e que sorrindo
Em piedosa alegria extingue os olhos.
De alma eterna a virtude não carece;
Nem por não ser eterna é que os seus crimes
Pendem da natureza. Em letras flammeas
Sobre o rosto da lua apparecesse
A verdade immortal, e as leis da terra
Não fossem mais — oh mundo desgraçado,
Eu quizera te ver! a lua fôra
Mentirosa — a verdade faz escravos:
Duvidar é viver, e é livre o homem.
— Se eu tenho eternidade, não m'o digam
Homens qual sou! no espelho do universo
Vejo uma só imagem reflectida,
E o sentimento da moral divina
Nesta religião da consciencia,
Que mudo e calmo hade levar-me ao fim.
Eu sou da terra como o vento e as ondas:
Eu vento e as ondas, e os que vêm da terra,
Dão seus cantos á prego? não são elles
Prego de amor á criação e á vida?
Ser feliz é amar, feliz eu era
Amando a doce mãe na doce infancia...
— O navegante sol passa na esphera,

Miram-se estrellas nelle, o dia traz-nos
Aos nossos olhos e o calor ao sangue.
Para o Sol d'este sol, muito além delle,
Dos raios ao redor da eternidade,
Para a etherea existencia voarei!

Não é amor divino o que na esp'rança
Ama, ao fanal da longitude olhando:
Ai delle o que disser: "os sacrificios
Ao nosso corpo, que o Senhor amansam,
Que a nós as portas das delicias abre!"
Ou se não: "dá-vos ouro e gloria a patria,
Por ella combatei, que bem vos paga!"
— De Deus o amor é esse e o patrio amor? —
Ao tal os dentes cairão, seus labios
Derramando do peito a bava infecta!
— Que aos pés da natureza os templos caiam,
É mais bello este sol de luz no espaço!
Como do moribundo á cabeceira
Parece a vela insinuar piedosa
O caminho a passar, mudo-eloquente
Elle nos diz "além!" Mais do que os echos
Deslavados, que estão se desmaiando,
Aos dizendo-se apostolos de Christo
Por dizerem: "batei! ferí os peitos!
Chorai agora! brandí forte os remos
Do baixel da esperança! além dos mares
Da vida ha porto de ineffavel goso!"

Nao ensinem-me os canticos sagrados —
Emquanto aureas abobadas resôam
Ás imagens que impuras mãos talharam,
Emquanto jorram luz terrena os cirios
Sobre a turba sonora e gemem órgãos,
Trôam bombas no ar, festejam sinos,
Vou na campina me deitar cheirosa
Debaixo d'este céu á voz dos ventos,
Á voz das aguas — cheia a natureza

De um solitario sol! soltar minha alma,
Sentir meu coração valente e novo
D'inspirações formosas; que não dessas
Phrases diarias trivial sabidas,
Na machina dos labios repetidas.

O puro amor não tem, não tem esp'rança —
E qual sem ser por gratidão do leite,
É tão feliz, embora o mundo e a sorte,
Amar naturalmente o filho os seios
Onde nascera e a mãe seu filho amando,
Amai a Deus na paz, na dura guerra,
Nas ondas do prazer amai a Deus;
Na risonha abundancia ou na miseria,
Na morte desgraçada amai, amai.
Confirma-lhe a existencia a natureza,
Nós somos-lhe a canção; cedro infinito,
Seus frutos somos nós, aos céus voltados
Elle o quiz. Se consuma a alma do ingrato!
Á crença, a natureza nos ensina
Como a corrente perennal descendo!
— Esperança do goso o amor dos homens,
E sempre esp'rança e goso! Amor da terra
Querem dar-te, Senhor; não alimenta
Delicado manjar corruptos seios.

A unidade os cegou: multiplicaram
Deuses aqui nascidos, filhos delles;
E pelos mil altares ora vagam,
Vãos incensos queimando. Eu não conheço
Nem mais que um Deus, nem deuses subalternos;
Ao primeiro me elevo, amo o primeiro.
— Idolatria eterna! as bentas aguas
Brutal gentilidade não lavaram:
A familia christã se degenera
Desde a morte de um só. Elege o mundo
Um outro agora, e dá poder divino
Das suas mãos as delle... Homens de terra,

Tão nescios, que buscais? sois como insectos
Nocturnos, que ante o dia deslumbrados,
Ao cairem se agarram pelas folhas.
— Lá se embala na praça o enforcado;
O carrasco em seus pés se dependura,
Ou salta-lhe nos hombros: quadro bello
Ao timido mancebo — a turba applaude!
Porque não choram carpideiras torres?
Ou porque não se alegam co'os anginhos
Que antes viram a morte que o baptismo?
Já levam d'este mundo o julgamento:
Miserandos pagãos aos limbos vão-se
Gemer, que não dos cherubins aos coros,
Dos que baptisam elles, ungem, benzem —
Miserrimos, eu vi monstros do incesto
Que, ungidos ao nascer, na morte o foram!
— Curvaram animaes antigamente
Ás rubras aras d'oiro a fronte do homem,
E ante os homens agora nos curvamos.
Todos um coração sangrando mordem,
Todos vivem da vida que era d'outrem,
Que para si dos seus irmãos tomaram.
Humanas feras, muito mais que os homens;
Ferinos homens, muito mais que as feras,
A natureza crea: indifferente,
A uns adorara e outros, se não fora
Meu amor todo a Deus — a Deus eterno,
E de um só sentimento irmão, piedoso
O mundo vendo — ou terra, ou bruto, ou homens
— Lia a Biblia por noite, indo os gemidos
De Christo neste dia d'endoenças,
Quando o enfado da vida adormeceu-me:
“Vôa, terra do sol que vem nascendo,
A recolher seus raios que se perdem
No arido espaço, de fecundas flores
Murchas regiões abrir...” eu sobresalto,
Caindo o livro. Pelas ruas corro,

Como por mão levado, que eu não via;
Se me engrossando o coração no peito,
Estrondava; na ardente febre a fronte
Em destroçado pensamento o cerebro
Me susurrava. Agora eu páro, eu ólho,
Do circulo em que eu fôra suspendido,
Desencantado em terra... Anna, a formosa,
Eu vi fronteira a mim! Quantos amores
Não se libravam de um sentir tão mystico
Encadeiados no infinito espaço
D'entre os meus olhos e os seus olhos! — e ella,
E eu, mau grado nosso nos fugindo,
Genio invisivel nos retendo! Eu era,
Aos raios preso que emanavam della,
O astro vencido, do meu centro em torno!
Eu sentia uma voz timida e leve
Como brisas de seda me enleando
Co'as azas vaporosas, e um perfume
De boca virginal; depois rumores,
Como do estremecer de folhas verdes
E as rôlas quando vôam. — Que me arrasta?...
Como de aurora afugentado sonho,
A alma se foi de mim! Rangeram pedras,
Bem como outrora na cidade santa —
Passava um louco atropellando as turbas.
— Mais divina que amor, oh, mais celeste
Do que o reino dos céus e o ser dos anjos,
Eu bem cansado desta morta vida
Revivi para a amar! Dentro d'um nimbo
Encantado baixei; meu aposento
Sem luz, ora uma sombra o illuminava.
Estendi-me no chão dando uns abraços,
Beijando uns pés e soluçando amante
De amor immenso e de felicidade!
Ai a sombra, que eu via nos meus olhos,
Terna de mim, chorando aos meus delirios!
— Tu me fazes um deus, tu dás-me a crença,

Tu és o signo santo dos meus labios
Quando aláuda em limpidas endechas
De ti falando a amor vem despertar-me!
Bella ave da manhan, quem o seu nome
Ensinou-te a dizer? Eis no oriente,
Nas montanhas o sol! risonhas luzes
Pelas fitaceas palmas nos pendores
Se desdobraram reflectindo orvalhos
Adiante d'elle; embalançou-se o vento;
Estremeceu a selva, como virgens
Que ao fim de um somno sem sonhar suspiram;
E pelo em torno se afinaram rusticos
Psalterios de alegria. Viste, ó Anna,
Dessa existencia dúbia a natureza
Abrir-se como a flor? assim minha alma.—
Porém, eu sonho que de mim te levam;
Meus gritos, meu chorar de nada valem...
Mesmo sombra de amor, que eu ame, eu perco!

Tudo é mentira em miseravel mundo!
Tu, que eu julguei-te dom celeste e santo,
A maldição a ti, que me enganaste,
Falsa amizade— não és mais que do homem
Hypocrisia meiga. E eu pensando
Do amor na eternidade... amaldiçoada
Seja toda a existencia!— Nuvem bella
Cobria uma hora a flor que o valle educa;
E apparecendo o sol... negra verdade!
E tudo não foi mais do que uma sombra,
Uma estação da momentanea infancia!

— Hoje, ó irmã, eu recebi tua carta,
Á flor do amanhecer me alevantando,
Como essas aves que na aurora cantam
No tecto da choupana e estão dizendo
Que o dia nasce. E eu que no meu leito
Arquejava dobrado dos maus sonhos,
Foste a lagryma d'alva, o dia d'hoje...

Encheste-me de amor todo este dia,
Minha irmã, que de nossa mãe falavas!
“Deus lhe tenha a bella alma!
Oh não gemas assim... morrer tão longe,
De dor e de saudade, onde não saibam
De ti homens e o mundo... Ó meu amigo,
Juntos sempre vivamos; sou mãe tua,
Teu consolo serei, aos céus rogando
Que o triste presentir, que o sonho afastem
Do solitario pensamento — Avante!
Não desanimes! tão esmorecido...
Estás cansado de viver? é cedo —
Oh! é tão cedo — vive mais um dia!”
Que palavras são estas! inda a terra
Dá flores que nos dêem tão grato aroma?
Oh, fala sempre della — nossa mãe —
Ha tanto tempo morta!... oh, fala sempre!
O que derrama no meu peito lagrymas,
Dor, orphandade, dá-me tambem vida:
E mimha alma existir, é na tristeza
Solitaria exilar-se; o dó dos tumulos,
Da saudade a cobril-a. Me rodeiam
Tristes sombras da noite, frias, mudas,
Quaes mysterios de morte: e tu disseras
Meu fim ser amanha, hoje chorando;
Porém, da alma é que vem-me a sombra pallida,
Nem tenho tanto amor, que a vida chore.

— São teus melhores dons prantos e dores,
Senhor, que elles mais perto a ti nos levam;
Por isso eu amo a noite e amo o deserto:
Lá se desatam as prisões magoadas,
E contigo se fica a sós scismando.
Alli vens, qual dos mares ao naufragio
E ao moribundo que se estorce e dobra,
Que seus dias passou salteando montes,
Rompendo vidas; vens luz das estrellas,
E nessa hora, piedosa mão estendes

Cheia de graças, donde a crença, o amor —
Horas felizes do perigo e dores,
Solemnes horas, do Senhor tão bellas!
E os naufragos do mundo nas tormentas,
São teus filhos eleitos, e esses bardos
Que pela terra gemem sem ter patria,
Rodeiados da morte, aos céus olhando.

—Sobre o mar, procurando os céus, se eleva
Em columnas de sombra e de vapores
Um templo — nelle a claridade eterna;
Brandeiam as columnas e se arqueia
Humildemente o mar, o mar indomito!
Do que a noite diaphana, mais pura...
Do que o sol... mal enxergo-a... não tem fórma
Nem de aureo disco e nem de humano aspecto —
Como a eternal essência do infinito...
Como se fôra uma ave transparente
Que as azas estendesse á immensidade...
Como luz, concentrando-se a extinguir-se,
Dando mais claridade ao pensamento,
Quanto tire aos sentidos, clara e viva
Irradiando d'alli p'ra toda parte,
Á terra, aos astros, aos celestes ares...
Sem refração seus raios trespassando
E de vida embebendo este universo,
Animando-o, e a dar amor tão santo,
Que de um só pulso harmonioso e válido,
De uma respiração, della partindo,
A ella voltando, libra-se... palpita...
A ella os montes estão sempre cantando,
O mar sempre mugindo, errando o zephyro,
Vivo o homem — feliz, nella vivendo.

Sae minha alma de mim; ante os altares
Não subiu, filho ingrato, arrependido,
Que do pae se aproxima e tardo e timido;
Cão que mordera no seu dono e triste

Se arrasta, esconde-se em logar sozinho,
Co'a vista lenta e doce o acompanhando,
Tal piedosa por detrás das ondas
In minha alma, quando... oh! a miragem!
O templo se desfez á voz do mundo!
— Geme a festa nos flancos do castello,
Impura ondulação d'infrenes vozes
Tolda o espaço: minha alma recolheu-se
Trémula e fria a emmudecer no peito;
Da emanação sonora em vão buscando
Além ver através meus olhos turvos.

E depois outras vozes me perguntam:
“Indo por um caminho, se encontrasses
Salteadores mil e um prisioneiro,
Que te dissessem: vai morrer este homem:
Queres livre passar? mata-o: ou morres!
És simples instrumento. Que farias?”
Respondi: livre sou; eu não matara;
Me perseguira a sombra do assassino;
Morresse embora. Riram-se de mim.
Perguntei-lhes: — se fosse o prisioneiro
Vosso amigo mais intimo? “Matavamos;
Porque elle ia morrer, e nós somente
Nossa vida salvavamos, podendo
Ser uteis inda a elle e aos que ficassem.”
Se fosse vossa amante? vossa filha?
Se fosse vossa mãe? “O mesmo caso,
Assassinos sem sermos, nós da morte
Sendo o punhal por mãos d'outrem vibrado.”
Ri-me delles então. Vossa mãe velha,
Com celeste semblante e rosto amigo,
Com olhos tão de lagrymas olhando
Ao filho seu e amor, a quem na infancia
Com seu canto da tarde e os doces beijos
Ella embalou e adormeceu... o filho
A quem abençoava ao sol nascente,
As estrellas da noite e á flor do campo!

Sua alma de existencia, ora o seu filho
Ia matal-a, ia romper-lhe os seios,
Os seios, donde a vida em lacteas ondas
Correra-lhe, quaes rios espontaneos
Dos céus por climas divinaes passando!
Ai! piedosa vos pedira a morte,
Sim, p'ra vida ainda dar-vos... leopardos,
Que á feminina maternal doçura
O peito d'homem não brandiram! vermes,
Vis egoistas de um mal-seguro dia,
Que se passa a dormir, que nada vale,
Um cão já vi morrer salvando um homem!
Philosophos sublimes, homens fortes,
Deixai-me co'os meus sonhos, co'a minha alma,
Não vinde perturba-la; diferentes,
Nós não somos irmãos, horror vos tenho!
Naquelles ares, vede, ha pouco estava
Edificado um templo. Eu socgado
Á sombra do meu Deus parava esta hora:
Falastes; foi-se tudo! homens, deixai-me,
Co'a minha noite e as minhas ondas; tendes
O dia para vós e o mundo e as festas.

— Vem, ó musa, modesta divindade,
Em perfumes esta alma da poesia
Toda exhalar-me, que eu respire — eu te amo,
Tão descorada! quem das faces humidas
A doçura celeste, as matutinas,
As rosas virginaes tão cedo esfolha?
Tambem á dor se apagam, como á onda
O doirado fulgor da branca areia,
As faces. Já nos olhos teus se extingue
A esperanza — mulher enganadora,
Por quem morrem os homens illudidos,
E clamando por ella ainda do tumulto
Co'os esmirrados braços! e ella foge,
E sorrindo e voando na inconstancia —
Ó esperanza, ó terrivel inimiga,

Que os meus jardins secaste e as minhas *lymphas*,
Eu morra ao menos sem te ouvir longinquo
O canto sirenal; sem tuas vestias
Crepitantes roçarem minha palpebra
Na morte se estendendo; deusa falsa,
Vá tranquilla minha alma d'este inferno,
Onde á voz tua andava a errar! e a pobre
Cansada desta vida, outra não pede;
E porém viverá, se Deus o manda.
Nem para os céus, nem para a terra, esp'rança,
Não careço de ti, mulher perdida!

— Pelos valles do espaço a vista eu sóto
Por detrás do horizonte, quando as nuvens
Ao céu limpo não traçam mais limites;
Quando o vasio, o amplo firmamento
Ou adormece, ou eleva: então me sinto,
Tumido o cerebro, a esquecer no peito
Meu coração; de uma alma entorpecida
E de um pesado pensamento, as sombras
A abaterem-me! Deus, dá vida e força
Que eu possa comprehender-te para amar-te!
Dizem-m'o os homens... ai a voz dos homens,
Que esteril para mim, ouvir mal posso!
Como elles sou; que eu ouça, ouça a ti mesmo:

— Vens tu no galopar da tempestade?
Vens no pavor da noite? vens nos astros?
No tempo vens ao derribar passando
Gerações, gerações? tu vens terrível
Nos furacões de fogo as verdejantes
Terras tornando adustas, e os imperios,
E as cidades, pedaços e ruínas? —
Mas os meus olhos materiaes não bastam;
Vem tu mesmo, o que está desconhecido
Reflectir em minh'alma, que se esmaga
Sob o impossivel no estupor que fazes!
— Oh como fazes delirar, perder-se
O que invio arrasta-se ás tuas portas!

Oh! que pae que tu és! maldito sejas!
E pudesse eu dormir somno de um morto,
Por não sonhar em ti dera esta vida,
Este humilde balar da vaga aos ermos!

E aquelle sol cobarde vai fugindo
A voltar-me seu rosto! se eu pudesse
Lá, pelos raios o arrancar ao occaso,
D'estes meus braços o sustar immovel
Lá no meio das nuvens, frente a frente,
Fender-lhe o peito, que uma voz soltasse
Em fumo envolta!... A lua desmaiando,
Se encobrendo por trás dos arvoredos,
Com olhos timoratos de donzella
Que dissimula idéas, detenciosa
Fez dois passos nos céus, de mim tremendo...
E o proprio vento, que em meus hombros rijo
As elasticas azas meneiava,
Escapou-se tambem, me ouvindo — eu só!

.....
Mas, o rio que azul passa e vermelho,
Conforme á cor do céu, quem fez o rio?
Quem foi que do despenho alcantilado
Levou-o aos campos e aos saudosos valles?
Mas, o vento que açoita-me estas faces
De condemnado e arranca-me os cabellos?
Mas, este coro florestal da terra,
Solemne e cheio, como dos altares
Vozes, órgãos, incenso e amor o templo?
Mas, o meu pensamento pressuroso
Rolando dentro em mim? Mas, o meu corpo
Ninho desta ave de tão vastas azas?...
— Como é sublime todo este universo!
Quem te negara o ser? quando houve tempo
Em que nada existiu, que tudo fez-se!
Ai o infinito comprehender não posso —
Donde saiste, Deus? onde vivias?
Rodeiado do espaço? elle gerou-te?

Mais elle fora. Não. Acaso o cahos
Revolvido incessante ás tempestades,
Estalados lascões, uns resplendentes,
Terreos outros, librando-se embalados
Nas azas da attracção, todos accordes,
Qual presos pelas mãos na treva eterna
Ordenou-se por si? ou fora acaso
A criação fatal, tudo se erguendo
Segundo ás circumstancias? — Oh, inferno
Desta obscura razão! mofa, ludibrio
Com que Deus pisa ao homem! Deus? . . . que é *Isto*?
Um Deus . . . palavra abstracta, impr'ensivel
E que eu sinto tão ampla, que me perde!
Elle será quem d'estes marcs turgidos
A verdura defende, e que não vão-se
Uns astros sobre os outros? elle mesmo
Que ao sol dá sceptro e luz, azas ao vento,
Leito ás aguas dormir, delirio ao homem
Quando o queira abraçar? O infante dorme
Da mãe aos pés, aos pés da natureza
Ao Creador se humilhe a criatura,
A orgulhosa infinita, porém cega
A verdade immortal . . . Eu sou bastardo?
Não sei quem são meus paes — se amar não posso
A existencia me enfada; enjeito-a, e morro!

— Eu estava n'um mar de calmaria
Amplamente cheio de sol, meu peito esquife
Mudo arquejando; as velas, a minha alma,
Os ventos não arredondavam, pallidas,
Qual pelo coração caíam. Durmo
No meio da soidão de minhas mágoas.
Roçando minha face a um doce halento
Senti os meus cabellos; fria e tímida
Mão seraphica a testa a alevantar-me
Com liberdade fraternal. Meus olhos
De pranto escuros não puderam vel-a.
Mal se ouvia-lhe a voz, de sensitiva

Ao frescor do luar, longinqua, incerta,
Que era de amante e virgem; mas, ousada
Como a piedade e o amor: “Que tens? eu tenho
Muito oiro p’ra dar-te: ergue os teus olhos
Da terra! qual meditas que ella guarda
Riquezas tantas, denegando escassa
O teu pão de amanha... vem, vem commigo,
Além desta alma, além d’estes amores,
Além, muito oiro para dar-te eu tenho!”

— Não; pesados de morte descaíam
Meus olhos; nem dei nunca o pensamento
Ao sanguineo motor, ao ser mundano.
Eu andava bem longe! Se errigava
A longas dobras, de um espanto bello
E de nervosas commoções, minha alma
Sobre as bordas do nada: lá, nascendo
O mundo, campos se estendiam, montes
Sobrepunham-se, e logo o bosque e as flores
Coroando-os, e as sombras desdobradas;
Eu sentia a embaterem-se na esphera
Os astros, que os caminhos procuravam
Como rebanho alvoroçado, e logo
Depois se harmonisando; o sol lançara
Os raios primogenitos; mais fracas
Estrellas ás mais fortes rodeiadas,
Como os reis do Oriente estão no meio
De odaliscas, tão brancas, tão mimosas,
Sem luz de amor. Eu choro, virgem bella,
Eu choro á dor que não conhece o corpo
Nem teu oiro não cura. — De repente
O mar tremeu; as ondas sepultavam-se
Assim, perto de nós, como se a terra
Se rompesse debaixo, as devorando;
Surdo estrondo echoou pelo horizonte,
Submarino passando o terremoto.

— As mãos presas aos seios assustados,
Imploravam perdão seus olhos bellos

Eu rosto meia-cor: as pousalousas
Tal as azas ao sol voando esmaltam,
Brando e innocente e azul o céu formoso.
Não te aterres de mim; fula um defunto
À virgem longos braços amorosos.
Eu já não vivo mais: vês, como eu fujo
De ti, mugindo ás solidões e ás noites,
De monte em monte, como a fera errante?
Amo abraçar a rocha sonora,
Quanto amava a mulher hontem, ainda hontem!
Meu peito aquece a pedra, e destas mãos
Afago as ondas suas que me cercam!
O bardo d'illusões, que ia cantando
Pelas risonhas margens da esperança
Mimosos carmes do equador esplendido,
Acabou: tenho odio aos céus, aos homens,
Tróco a luz pela sombra, e só respiro
Destruição e tempestade e morte!

Oh! como ia tão fresca a primavera!
E eu me sinto cair dos verdes cumes,
Qual fruto apodrecido pelo inverno,
Qual velho de alvas cans d'embira branca
Se de viver cansou; nem tenho inveja
Ao homem que em seus calidos estios
Contempla o vasto da existencia. Ai delle
O que desesperou d'este mysterio,
D'este silencio estúpido nos astros,
Ao pavoroso assombro de natura
Em vago e nescio susurrar! Ai delle..
Desprézo ao mundo e maldição a esta alma
Que os olhos abre para ser mais cega!

Qual onda que ao mar vai levando os echos,
Meu coração é campá solitaria
Errante pelas naves ruínas
Dos tumulos desfeitos e das sombras
Do peito meu; é como ave ferida,

Que se estrebuxa e dilacera as azas
Entre gemidos no estertor da morte;
Nem Libano sagrado elle é. A gleba
Da eternidade os cedros meus não plantam,
Nem ólho para o longe; a fronte pallida
Nos braços de ataúde inclino e durmo.

Cansado viajor, descanso á base
Do monte que desci — frondosos campos,
Onde as imagens duvidosas, bellas,
Vão errar da minha alma! Eu estremeço
De que a nuvem que ao sol branca se estende
Contenha o raio da desgraça, e as flores
De petalos rosados não destillem
No mel negro veneno. Oh! doce aurora! —

Era phantasma; a voz de escuridão
Na carreira dos ventos misturou-se:
“Que faço, que inda existo? a morte! a morte!
E os theologos dizem: nossa vida
Pertence a Deus, que a dá... sophistas loucos!
Mendigos vãos de dias de existencia!
E eu inutil do mundo, e lasso delles,
Minha vida n’um ai, não quero os dias...
Que espinhados cabellos se amolleçam,
Que a fronte alise-se aos que me ouvem, mudos
Em seu fixo terror, passar nas sombras
Pela esphera a gritar das minhas noites!”

— Sonho, sonho de amor, que me adormeces
Tumultuosa, amotinada esta alma!
Uma ineffável ambição me leva —
Possuir a mulher, que eu vejo... vejo...
Em cujo seio eu derramasse todo
Este amor que me anceia, vaga viva
A querer-se perder. Feliz da virgem
Que nasceu para mim, a que eu acorde
Ao meio dia do amor, como essas flores
Que abrem á força do calor do sol!

Flores, que ainda mortas vertem cheiro,
E do escarlate o brilho não descoram
Quaes os de aurora e de favonio mimos;
Virgem que sobre mim primeiro os olhos
Accenda de paixão, que ainda estivessem
Sob as capellas virginaes fechados;
Essa, em quem o candor de um riso infante
Se envergonhou primeiro ao gesto ameno,
Que de mimosa o coração reprenda
E busque em vão de si tirar minha alma;
Essa dormindo o somno da existencia
Desde os seios da mãe té ao meu peito,
Que alto o sol, viu-se nua adiante d'elle,
Não em volupias sensuaes desfeita
Descamisando-se e espasmando o corpo,
Mas, ao encantado amar silenciosa,
Púdica rosa em flor, — oh! minha noiva!...
Lá das partes do céu a vejo... vindo...
Vós podeis começar os nossos dias,
Lacteas manhans e occasos cor de purpura!
Casal ditoso, nós não peccaremos;
Aqui não ha serpente. A minha fronte
Dormirá no regaço mysterioso;
Ao doce afago da mão alva, ó bella!
Nosso universo em nós, nossos amores
Em nossos corações, aonde iremos?...
Ao cume das montanhas, entre os lirios,
Das estrellas á luz, do vento ás vozes
Sacrificar aos céus e á natureza
O bello corpo nú... anjos selvagens!
Os bergos de roseiras perfumadas
Não murcharão neste Eden; sol formoso,
Incendiando de raios o horizonte,
Sempre flores terá, sempre esmeraldas
Com que á relva doirar cintos de enlevos;
Nestes jardins ha Deus, sobre estes climas
Ondula o firmamento dos amores;

À sesta o sol, pela alva noite a lua
Nos serões de luar a sós nos viram
Longes do mundo, os céus sempre evocando
Nesse viver de eterno goso! esta alma,
Errante ave perdida então somente.
Ao ninho conhecido, ao ninho amado
Vôos levantará; do que passou-se
Sem lei nem crença, não terá saudades.
Vel-a, mui longamente o olhar saudoso
Por onde eu fui, a voz meiga lhe ouvindo
“Adeus, vem cedo” e vel-a ainda sozinha,
Qual presa á minha imagem que a circumda
Pensativa e tão triste; e quando, bella
Qual nuvem do relampago assaltada,
Voando a me encontrar e a dar-me linda,
Linda face de amor ao beijo; e sempre,
Oh sempre como no primeiro dia,
Doce dizer lá da alma “como podes
Essas horas passar sem mim tamanhas? . . .

Embora o sonho nos mentisse, eu vi-a;
Chamei-a anjo dos mares — salva! oh salva!
Porto onde eu tenho de ancorar, ou morro
Nos escolhos, sem rumo a nau perdida!
Chamei-a estrella do pastor; chamei-a
A flor dos céus, que eu vejo solitaria
Minha irmã, como eu sou por entre os homens;
E nada foi! Debalde nos meus olhos,
Como a luz, eu julguei tudo sendo ella —
Mas, as brancas imagens se formando
Á minha voz, luzentes se perderam
Quaes vaporosas pombas no horizonte
Quando a esperança é a felicidade;
Quando na sombra das nevadas roupas,
Dos cabellos nos magicos perfumes,
Dos pés argenteos nos mimosos traços,
Ama-se o anjo — ai tu mulher não eras!

.....

Ao descermos á tarde aquelle morro,
Dizias, meu amigo: nestas virgens,
Ó meu poeta, amor não ha; somente
Os paes lhes mostram oiro, e te desdenham,
Se és pobre; nada vales; lhes importam
Bem pouco almas de amor, celestes musas;
Chegas — és pobre, nada vales. Olha,
O homem que lá vês, que ellas rodeiam,
É vil traficador; mas, potentado,
Que ás salas vai do rei, brilhando o peito.
Bénção de mãe não teve; órfãos, mendigos
O nome seu maldizem; mas, tem oiro
E tanto, á vista perturbar! As filhas,
Presentes que outros ricos paes lhe levam,
De menosprezo olhar a ti, são suas...

— Te respondia eu: então lamento
O oiro seu co'os amores seus; nesta alma
Cessa a razão — a timidez dos campos,
Ou a filha dos príncipes soberbos
Ha de ser minha se eu morrer por ella,
Mau grado este destino! á indiferença,
Ao desprezo o que possa a terra dar-me!

A uma criança outrora amei; com ella
Ao brincar innocente, á doce infancia
Eu sentia voltar-me a vida inteira,
Com ella á doce aurora dos meus dias
Em cada amanhecer se enrubecendo!
Nem já corriam mudos de tristeza
E de orphandade — tudo era alegria
Della ao em torno; matutinos raios,
Aragem susurrante, afugentando
Os primeiros negrumes da minha alma;
Borboleta do prado, a mim voava
Com azas puro-esmalte; branco lirio
Do candor virginal nevado e puro,
Nus os bracinhos, nus os pés de rosas,
Do leito alevantava-se correndo,

Mimosa e ledamente como a cria.
Na campina orvalhosa salta, e vinha
Com beijos matinaes cobrir-me a fronte,
Que eu lhe encostava ao seio perfumado
Dessa innocencia angelica — divinas
Emanações de amar que exhalam anjos!
E vinha ao pôr do sol, d'entre a saudade
Dos hymnos vesperaes cantando os passaros
Pelos desterrados da montanha e o valle,
Cadentes as palmeiras no horizonte
Quaes lampadas ethereas; vinha á noite,
Os estrellosos campos alvejando
Como frota no mar; e vinha exacta
Linda abelha que em mim seu mel formava,
Raio meu, sombra minha, me seguindo
No cativeiro em que a prendia amor!
Caminhando o céu d'astros, nos cobrimos
Dos seus loiros clarões, tremulos, brandos,
Como das barras da manha vermelha
Do formoso equador — e eu lhe amostrava
A natureza esplendida da terra!

Ouve-me; eu disse um dia (era na infancia):
“Vamos vel-a — desponta alva açucena!”
E foi commigo o companheiro ledo,
Taful da moda, correntões doirados,
Nas salas uma flor de mocidade
E na lyra cantando os seus amores.
— Olhou-nos a menina,
E d'entre os meus joelhos, desdenhosa,
Foi-se ao gentil, ao festival mancebo;
E os annéis lhe afagando, que pendiam,
Fez um ar de mulher e desprezou-me.
Eu senti meus cabellos se entesarem,
Se empedernir meu coração no peito!
— Mofou da minha voz desconcertada,
De que o luto e a tristeza me cobrissem,
E nunca mais amou-me.

— Oh! Deus, que fazes a mulher tão linda
Desde o berço, e tão vã! pobre innocente,
Que má sorte é a tua, que tuas veias
Sangue tão mau banhou! e eu só te amava,
De que amor, eu não sei... te amava muito!
— Eu della separei-me soluçando,
E sem nunca esquecer... Voltei mais tarde;
De formosura os annos a coroavam —
E eu sem nunca esquecer... Amor voltando,
Ai foi a morte que voltou com ella!...

SOMBRAS.

Ó noites infernaes da minha vida!
— Desespero e descrença os céus e a terra!
Lá não ouço uma voz que diga — esp'rança;
Não vejo aqui sorrir que diga — amor!

Uma lua cansada sempre e morta
Dormindo pelos cumes das montanhas;
Uma hyperbole bruta, uns pyrilampos
Na abobada celeste pendurados —

Aridos mudos campos mysteriosos,
Não vejo a aurora mais do que um semblante
D'escarneo á humanidade, e o feio occaso
Que os olhos a fechar só lembra a morte!

A terra faz-se em homens — vivos sonhos
Do cerebro dormente: algumas horas
O espectro zumba; e vai-se desfazendo,
Sonho qual é, que não viveu — sonhava.

Passou-se tudo! os sonhos mais felizes
Todos me abandonaram! Os céus abertos,
Ouvi — eu te amo! — Foi mentira. O inferno
Hoje m'envolve, me envolvendo o amor!

De esperança em esperança corre a vida —
Existir é esperar: porque eu morri
Desde que as velas d'alma erguendo a acaso
O meu canto entoei desta desgraça!

Mar sem praias! — seus ventos me diziam:
Não vês lá no horizonte os verdes cumes
Juntos ao céu? — Andei! fagueiro e ledó:
E tão cansado, e sem chegar mais nunca,

Vi caindo a verdade! Eis porque eu morro:
Vive quem dorme e sonha. A dor me uivando
Eu quiz aniquilar minha existencia,
Que era phantasma o ser, mentira a vida!

E os echos delirantes retumbaram
Nest'alma ás proprias chammas consumida,
Em vão!... Quero viver — vem, vem, ó noite,
Banhar-me do teu somno! Eu durmo, eu vivo.

Demonio da alma, septicismo horrendo,
Philosophia cega, oh, vai-te! vaite!
Das oppressoras escarnadas garras
Solta-me — aos valles da obscura crença —

Esquece-te de mim; fechem-se as azas
Sinistras de sombrio noitibó!
Eu quero amar a Deus e amar os homens:
Vai-te, deixa-me em paz — feliz eu sou!

Consumiste minha alma ennegrecida;
Tu diceste, que um Deus não me acompanha;
Que é vã fumaça esta alma, que o meu corpo
Em cinzas perderá, passando o vento.-

Negaste-me um repouso na amizade;
E nem pude mais crer no amor da virgem:
E murcho e frio me recolho ás sombras
Da minha vida a me abraçar co'a morte.

Olhei... os dias meus do sol caindo;
Escutei... os meus labios estalando

Em maldições ao ser desta existencia,
E ao Ser que sobre o sol conta os meus dias!

E eu, que me assentava ao pé da serra,
Vendo as estrellas como nymphas d'oiro
Subindo lá do fundo da corrente,
Começando-se a noite a encher de sombras;

Esperando que a lua atravessasse
No valle, por saudal-a dos dois nomes
"De Anna e de minha mãe"—achei só tumulos:
Pallido o amor, pallida a amizade!

Achei a minha vida ser tão longa
Como o passar da eternidade! Em tanto
Dormia as horas... e nas dores de hoje
Meus dias de depois eu descontei.

SOMBRAS.

A. M. ODORICO MENDES.

Dos rubros flancos do redondo oceano,
Com as azas de luz prendendo a terra
O sol eu vi nascer, joven formoso
Co'as faces do calor que amor accende,
Desordenando pelos hombros d'oiro
As perfumadas cômas luminosas —
Em torno a mim não tragas os teus raios,
Sol de fogo, suspende! tu, que outrora
Em candidas canções eu saudava
Nos dias da esperança, ergue-te e passa
Sem ouvir minha lyra! Quando infante
Ao pé dos laranjaes, adormecido
E orvalhado das flores que choviam
D'entre o ramo cheiroso e os bellos frutos,
Na terra de meus paes eu despertava,
Minhas irmãs sorrindo, o canto, o aroma

Das rubidas mangueiras no oriente,
Eram teus raios que primeiro vinham
Rogar-me as brandas cordas do alaude
Nos meus joelhos tímido vagando.
Ouviste, sol, minh'alma d'annos tenue,
Toda innocente e tua, como arroio
Em pedras estendido soluçando,
Andando á natureza; e me cercavas,
Sim, de piedosa luz a fronte bella.
Ainda appareces como antigamente,
Mas o mesmo eu não sou: hoje me encontras
Á beira do meu tumulto assentado
Co'a maldição no labio embranquecido
E amargo o peito, resfriadas cinzas
Por onde te resvalas, tristes, lobregas.
Oh! escurece a esphera! os raios quebra,
Apaga-te p'ra mim! não mais me canses!
A flor que lá nos valles levantaste,
Subindo o monte, á terra já se inclina.

Eu vi caindo o sol. Como relevos
Dos ethereos salões, nuvens bordaram
As cintas do horizonte, e nas paredes,
Mudas estatuas para mim voltadas,
Que eram sombras daquelles que morreram —
Logo depois em funeraes cobriu-se
Toda a amplidão do céu, que recolheu-me.

As flores da trindade se fecharam,
Abriram-se nos céus tímidos astros,
Apenas se amostrou marmorea deusa —
Que socêgo! me deito nesta lagem,
Meus ouvidos eu curvo; o pensamento
Penetra a sepultura: o caminhante
Assim vai pernoitar em fóra de horas,
E bate ao poiso, e descansando espera.
Bellos tumulos! verde cyparisso,
Dai-me um berço e uma sombra! Como invejo
Esta vegetação dos mortos! — rosas

Meu corpo tambem pode alimentar. —
Passa além o susurro da cidade;
E nem quero dormir neste retiro
Pelo amor do ocio; mais feliz o julgo
Quem faz este mysterio que me enleva. .
Quem alumia estes caminhos? — Deus.

Nasce de mim, prolonga-se qual sombra
Negra serpe crescendo e se annelando,
Cadeia horrivell! sonoro e lento
Um elo cada dia vem co'a noite
Rolando dessas fraguas da existencia
Prender-se lá no fim — a morte d'hoje
Que a d'hontem procurava; a ella unir-se
A de amanha virá. . . como vai longa!
Como palpita! E eu d'este principio,
Mudo e sem mais poder fugir-me delle,
Estou traçando com dormentes olhos
Lá diante o meu logar — oh, dores tristes!
Todos então ao nada cairemos!
E esses annéis, do crime o arruido
Não, não hão-de fazer: n'um só gemido
Fundo, emmudecerão, somno da paz.

Oh, este chôro natural dos tumulos
Onde dormem os paes, indica, amigos,
Perda — nem eu as azas ao futuro,
Não sei voar: a dor é do passado
Que esvaece na vista enfraquecida,
Como fica o deserto umbroso, longe.
Senão a morte, me trazendo a noite,
Nada mais se aproxima. Solitario
Às bordas me debruço do horizonte;
Nutro o abysmo de mágoas e miserias.
Porto de salvação não ha na vida;
Desmaia o céu d'estrellas arenoso —
Eu fui amado . . . e hoje me abandonam. .
Meiões do nada, desaparecei-me!

.....
.....
Quando nessas horas vagas
Docemente me encantavas
O pensamento de amor,
Por tantas delicias magas
Novo sol me illuminavas
Campos formados de flor.

E eram minhas horas vagas
O feliz passar contigo —
Meigo á voz de murmurio
Como de fonte entre fragas,
Como de mar sem perigo,
Como de folhas do estio.

Seguimos sol da vida até o occaso;
Co'os annos e o passado o tempo eterno
Seguindo os nossos passos nos desperta
Em repetidos gritos: morrem echos
No latejante abysmo e flores murcham;
Nas florestas do horror a alma se ennoita,
Vai gemendo a rasgar-se pelas çarças;
A vida está minada de desgostos,
Do pão da vil miseria alimentada.
Na mesa da desgraça, a sede amansa
Nas aguas da amargura. Vem a morte,
Piedosa a embalar-lhe o leito, estende
A mão que alveja d'ossos amarellos
E entôa a canção pallida, qual chôro
Que em moribundos labios adormece:

“ Ainda tens de ver a aurora,
Ver o occidente a cair,
Ainda do mundo ao sorrir
Tens de soffrer, de gemer;
“ Ainda verão teus olhos
Odio e sangue os céus de Deus,

Mentira dos labios seus
No teu ouvido a vibrar:
“Dorme, filho da desgraça,
Somno da pobre innocencia,
Dorme, dorme — na existencia
Tens amanha de acordar.”

Bem cedo eu despertei; antes quizera
Dormir eternamente. Era a verdade
Só na morte, o porvir estremecendo,
Apagando o que passa, o dia d'hoje
Por trás das costas sacudindo ao nada,
E, por desprezo, ao sol somente ossadas!
Dei um passo; escutei; voltaudo os olhos,
Era um festim: as luzes se apagaram
Subitamente á exhalção da turba:
Confusão infernal! Na escuridade
Batendo os dentes, homens se mordiam...
Se veio nova luz mostrando o sangue,
Nenhum vivia para envergonhar-se!
— Nem olho ao mundo sem me rir de vel-os,
Saltadores delphins ledos de vida,
Que abraçando-se á morte, dançam. Homem,
Pela senda mais doce e mais florida
Os passos mais risinhos, vão ao nada
Pelas mãos do destino te levando;
As luzes do prazer, por trás dos prismas
Jogando da illusão, mentem que ha céus —
Olha sobre ti mesmo, homem que espertas:
Desde ti, a perder-se aonde bem queiras,
Tudo é miseria, o amor como a desgraça!

SOLIDÕES.

(Dii Penates.)

À MINHA IRMÃ MARIA-JOSÉ.

V.

Quando fores mais crescida,
Quando souberes falar,
Quando mudares os dentes,
Deixaremos o palmar;
E este frondoso mangueiro,
Prado e relva a sombreiar,
Verão cair as saudades
Sobre estas aguas do mar.

Na leiva de terra estranha
Cae do bico d'ave errante
O grão, que preso levava
No revoar inconstante;
Perguntam todos que passam:
Quem deu vida á flor infante,
Que das urzes entre as moitas
Desmaia engeitada? — Avante —

Nem da quadra cultivada
Do zeloso lavrador?
Nem da semente aquecida
Em seios fortes de amor?
Não foi, não foi — desfallece
Co'os mysterios em que a flor
D'innocencia aos céus olhando
Na mudez pende e na dor.

Aos seus banquetes o mundo
Espera a filha sem pae;
Os homens lançam-lhe o preço;
Em vil miseria, descae;
Volvendo os olhos mendigos
Nada encontra a flor do ai,
A presa que a morte arrasta,
Se ninguém diz-lhe: esperai!

Mas, ao sol que além desponta,
A fronte humilde se ergueu,
Da liberdade ao encanto
Murmurando: o sol é meu!
Então, já surdo e tranquillo
A voz que o inferno accendeu,
Do coração á voz meiga
Eu dei-lhe a bênção do céu.

Ai orphã da mãe perdida,
Que nem és filha do amor,
Que o fogo da alva dos annos
Queima, e passa e deixa a flor;
Nesse qual vago saudoso,
Nesse qual perder da cor
Bem dizes que és debil fruto
De adolescente candor:

Desanimado crepusculo
Em teu semblante esmorece,
És botão mysterioso
Que demanhan desfallece;
Nem das rosas a brancura
A face tua encandece;
Dos palores das campinas
O teu collo se esmaece.

És a irmã da parda rôla
Solitaria e só donzella,
Que com a voz despovôa
A tarde assombrada e bella:

Como ao genio da tristeza,
O ar se cala em torno della;
Se passa, a terra se exila —
Coitada a flor amarella!

Corça morena dos montes,
Bastarda cor de anajá,
Todo o mundo te despreza—
Que sorte, que sorte má!
Não, do mundo eu nada quero;
Filha, amor, tudo aqui 'stá!
Vivamos como as correntes
Do tortuoso Mapá,

Escondido na espessura
Da Victoria já deserta:
Que eu seja tudo o que tenhas,
Teu astro da vida incerta;
Tu, minha doce existencia,
Que eu sinto que em ti desperta,
Canto meu de inambú-preta,
Flor nos meus jardins aberta!

Ai filha da escrava negra,
Como tens tanta poesia!
Mesmo no teu nascimento
Do crepusculo do dia,
E dos brancos no abandono
Que te faz tão triste e fria!
Quem da lyra aos sons desperta,
Não morre á noite sombria.

Quando fores mais crescida,
Quando souberes falar,
Quando mudares os dentes
Deixaremos o palmar:
Iremos ver o Vesuvio
As lavas aos céus lançar,
Iremos á França e á patria
Das loiras filhas do mar.

Tu, perfume dos meus dias,
Que dar somente quiz Deus —
Elle o soube . . . que na terra
Eu nada tenho dos céus,
Além dos vagos delirios
Que vejo nos sonhos meus:
Sonhos são os meus amores,
Sonhos ainda eu julgo os teus.

Tu serás a companheira
Da minha triste existencia;
Te amostrarei das estrellas
A harmoniosa cadencia;
Das harpas mysteriosas
A virginal confidencia,
Ouvirás meus sons nocturnos
Da noite na alta dormencia.

E as tristes aves da tarde,
E as tristes terras do lar
Chorarão longas saudades
Ao deixarmos o palmar.
— Como anjo d'azas abertas,
Aos céus a criança a olhar;
O vento e a sombra ao em torno,
E ao longe as aguas do mar;

Aos pés do velho mangueiro
Minha fronte estristecia,
E minha filha brincando
Era qual mimosa cria
Na relva dos praturás.
Longe a tarde se esvaía —
As noites do Marianno
Pelos meus olhos eu via.

DIA DE NATAL.

(Rio de Janeiro, 1853.)

AOS MEUS CONTEMPORANEOS DO PERICUMAN.

Tudo passa e vai co'o tempo,
Nossa vida e nosso amor;
Á doce quadra dos gosos
Succede a do pranto e dor.

Fazem annos que na aldeia,
Patria nossa, onde nascemos,
A gente se reunia—
Em ledas festas vivemos.

Nossas familias estavam
Na varanda do casal:
Ai! a harmonia das brenhas
Nesses dias de Natal!

Cheirava á murta o presepio,
Nascia o menino-Deus,
Davam as festas os velhos
Aos moços, encantos seus.

E as virgens, encanto e graças;
E a terra, verdura e flor;
Gemia o vento nas palmas,
Qual se gemesse de amor.

E dos tambores alpestres
No terreiro dos cativos
A rude toada ás danças
Das crioulas d'olhos vivos;

E as violas nas senzalas,
E os chorados da aldeia,
E os lélês que adormeciam
Com as barras da manhan;

Tode o horizonte sonoro;
Longe, a frauta pastoril;
No campo, a esteira de relva;
Nos céus, o tecto de anil,
Noites e dias voavam
Na alegria tão singela!
—Meus olhos não se fitavam
Na minha infante donzella.

.....

“Anjo do céu, flor do campo,
Que me disseste que eu sou;
Estrella d'alva, á luz tua
A treva em raios brilhou!

“E disse eu: juntos seremos,
Na paz ou na adversidade,
Juntos se eu for — e teus sejam
Os loiros da eternidade!

“Hei de ao inferno arrancar-te
Para os meus climas dos céus,
Arrancar-te á morte, ao nada;
Se possível fosse, a Deus!

“Beatriz silenciosa,
Açucena de candor —
Quanta innocencia aos nove annos
Que te estão sorrindo a amor!”

Porém hoje no desterro,
Longe e saudoso a chorar,
Minh'alma perde-se e vai-se
Como estas brisas do mar.

Minhas horas vão penadas
Como tarde a anoitecer;
Vasia sinto a existencia —
E não vejo-a apparecer:
Oh ella, que appareceu-me
De formosura radiante!

Que trouxe o dia á minha alma,
Que era como a noite errante!

Ella, o canto d'alvorada,
O sonho d'anjo que amou —
Oh ella, que despertou-me,
E que me disse que eu sou!

MUSA.

A. A. GONSALVES DIAS.

É noite e solidão! noite e silencio!
Noite e minh'alma! noite e meus amores!
Limpidas alvas não respira a lua,
Nem d'harpa eolia as vozes não suspiram,
Não vagam: desce e cobre a sombra os valles,
Erma de flores a verdura umbrosa.
Recolhe-me em teu seio, nos teus hombros
Deixa cair-me a fronte mutilada
Do triste pensamento e da tristeza;
Deixa correr meu pranto e os meus soluços,
Filha da noite, minha musa, oh deixa!
Meiga e coitada mãe, por toda parte,
Da vida no caminho se enfraqueço,
Erguendo-me piedosa, me enxugando
O suor co'os cabellos, com voz doce
"Coragem!" a dizer-me, e a consolar-me.
— Qual será meu destino? porque eu choro,
Como quem vai morrer na alva dos dias,
Deixando a patria e toda esta existencia
Que eu tinha no meu genio, e toda esta alma
Que aos céus me embala quando acordo e sonho?
Solitario nas plagas do deserto,
Na sepultura de meus paes chorando;
Errante como o vento, ou pelos mares;
De sombra em sombra, procurando o abrigo

Dos ramos do cypreste; filha e amores,
O'mãe, que minha mãe deu-me em morrendo,
Sempre contigo só tenho-me achado,
Musa, fiel a mim sempre te encontro,
Sempre tu, sempre tu — saudosa olhando
Para trás ao passado; olhando a diante
O astro de amanha longinquo, pallido,
Duvidoso na luz. Oh! quanta vida,
Quanta poesia, quanto amor eu tinha,
Qual em noite de ferro o sol fechado,
De voz divina á espera! E sinto esta alma
Que se ha de apagar voltando a aurora,
Logo no amanhecer! Perdido Cygnus,
Não mais, não te ouvirão... flores do orvalho,
Não, aos raios solares perfumadas,
Não hão de se ostentar puras e abertas...

Melancolica noite, oh! minha musa,
Como eu amo-te assim — sombras nos campos,
Sombras nos montes, as estrellas pallidas,
E o vento no deserto, e o mar nas costas
Longe bramindo, e um tépido susurro
Exhalando a folhagem — Horas tristes!
Meu corpo de cansado se desmembra;
E o dia não passei rasgando a terra.
Meus cabellos sombreiam minha fronte,
Que está pendida sobre o peito, e vibra.
Fundos rios de mágoa e de tristeza
Nas ondas levam-me. Eis a morte... vejo-a,
Sinto-a que vem andando... eu abro os olhos
De sua mão ao tacto... oh! um sepulchro
Aonde eu vou cair! Como está cheio!...
As cinzas de meus paes, dos meus amigos,
Dos meus amores, todo o amor perdido,
Coros, incensos, luzes do meu templo,
Que do meu peito além já se extinguiram --
Hiantes para mim, não vos fecheis,
Sepulturas queridas da minha alma!

Quero ver minha mãe! . . . Porém, me aterra,
Tenho medo da morte, nesta idade;
Porque, nem sei . . . os tempos não m'esperam;
A gloria tambem não — á flor dos valles
C'róa os orvalhos têm. Porém á patria,
Porém ás virgens que eu amei, que eu amo,
Porém á minha mãe deixar quizera
Suspendida ao seu tumulto uma lampada
De luz, de oleos eterna; aos tristes ramos,
Que dão-lhe sombra, uma harpa que gemesse
Passando o vento, ao homem que sozinho
Parasse, a dor no peito, e meditando.
Dos musgos temporãos, do pó do tempo,
Claridade nocturna e piedosa
O leito do anjo alumíara: foram
Por ella corações peregrinando,
Doces levar-lhe beijos, roxas flores,
Dorido pranto suffocando na alma.
Oh, não apagues, Deus, o astro nascente!
Mais um dia tão só! dá mais um dia
Á minha vida como a flor — tão pouco
Te pede um filho, dá! na eternidade
Um dia o que é? Senhor! “Adiante! a hora
Do destino fatal está soando:
Ai do que chega de manhan!” Ó musa,
Filha da noite, abraça-me e morramos!
Adeus, bello universo de poesia,
Cahos vivo da mente incendiada!
— Amas o sol, Senhor, como os arroios;
Raios daquelle, d'estes o gemido;
Tambem se eleva o fumo da choupana,
Embora os turbilhões, que o céu aturvam
Dos castellos dos reis: é tudo incensos —
O insecto, o homem, são teus filhos, te amam;
Valem tanto p'ra ti zumbido incerto
Como os hymnos — o mesmo amor os move.
Porém, a hora fatal está soando . . .

Nós, que por nós só temos neste mundo
A virgem pura e os doces innocentes,
Limpido coro dos que amar não sabem,
Por isso rindo e amando, rindo ignaros,
Que o outro amor são prantos — nossas rosas,
Anjos nossos, então vemos errantes
Bradando por um nome; e em vão bradando
Desentrançam-se e choram pelas margens
Do rio, indo, por onde já descemos...
Nós, que por nós só temos neste mundo
Ao desamparo os céus, nós então vemos
Do passado a miragem, nossos tectos,
Os louros da Victoria, qu'inda esperam,
Estendendo ao abrigo larga sombra,
Que inda esperam co'os passaros calados
Quem longa ausencia faz. — Eis porque hei medo.
Porém dos anjos rodeiado, eu morra
Do estio nas manhans como a palmeira
Cobrem voando argenteas borboletas,
Que fogem, quando aos golpes do colono
Cae o tronco; que as azas scintillando
Voltam depois, e já nos ares erram
Onde as ramas sonoras ondeiavam;
Que a ir tornam-se; que a vir tornam-se ainda,
Já poucas, raras; que inda vão-se; voltam,
Duas, uma por fim, tardia, lenta
No horizonte a vagar... Como a palmeira
Assim quero morrer; todo o horizonte
Em trepida candura, as azas brancas
Inda então meu cadaver abraçando!
— E minha alma viera tão saudosa
Cantar o ultimo adeus, nessa tristeza
Do soluçar solemne dos sepulchros,
Traçando sobre a pagina das campas
Mysterios seus, mysterios desta vida,
Que eu não pude entender e o Deus que adoro!

O TRONCO DE PALMEIRA.

(Na antiga fortaleza de Alcantara.)

Oh eu sou como a palma sem folhas
Solitaria nas praias do mar,
Tal os ventos romperam-me a fronte
Pura e branca da infancia a doirar!

Os que passam, áquella fontinha,
Quando outrora ruidosa corria,
Todos iam beber: hoje sêca,
Dizem tristes olhando “um só dia!”

A verdura perdeu-se co’as aves
D’este monte coberto de relva,
Nem as sombras por elle se estendem
Como vagas dos ramos da selva;

Pelas fendas que o raio fizera
Zunem ventos que saltam do mar;
Lisas pedras da encosta lhe rolam,
Pó dos cumes volvendo no ar.

Debruçadas no roto penhasco,
Longas ondas seu canto entristecem
Pelas sombras da tarde; e co’os echos
Do horizonte, selvaticas descem,

Lentas filhas dos pallidos ermos,
Tristes rôlas que ao ninho se vão,
Que repoisam na palma sem folhas,
Mudos seios que abrigo lhes dão.

Rodeiada de areias immensas,
Mar amargo susurra-lhe aos pés:
Tal o homem, da vida no meio,
Vê que em torno o deserto se fez.

Surja aurora das nuvens de prata,
Caia noite dos crepes de umbrôr.

Mágoas geme a palmeira aos halentos
Que suspira-lhe a brisa ao redor.

Ai então, vós, que amigos houvestes,
Que não tendes no mundo ninguém,
Vede como s'inclina a palmeira
Ao jazigo da terra também. —

Resequidas raizes lhe estalam,
Envergar-se disseras de dor,
Descrevendo nas ondas os arcos
Ante os raios do sol do equador.

Sem as fontes que o pé lhe regavam,
Triste mumia pelo ar suspendida,
Qual da foice do incola negro,
Só, no campo queimado, esquecida,
A gemer aos tufões, ainda é bella,
Rama a rama perdendo a murchar —
Oh eu sou como a palma sem folhas
Solitaria nas praias do mar!

TRISTEZA.

Noite silenciosa! unico abrigo
Que ficou-me no mundo! Nesta praia
Tão solitaria me lançaram! triste,
Indifferente, mudo, nada encontra
Minha vista por longe — murchas hervas
E desfolhados troncos me rodeiam.
Não sae deste rochedo veia d'agua
Para o valle sem flor, e o mar mugindo
Seu choro esteril a meus pés derrama;
E o cypreste fatal dá-me somente
Mão de tumulo, tumulo piedoso
E sombra frouxa, moribunda á fronte
Pendida minha branca e sem esp'rança!
Pelo deserto della eu sinto errante

Da alma a nuvem... desventurada minha,
Apagam-se meus olhos na tristeza,
Sem uma onda de luz, sem raio extremo,
Em fundo occaso pallido; minha alma
Nem mais sorri de amor, do amor os gritos
Nem mais a chamma do meu peito espertam!
Minhas azas caíram; qual outomno
Despindo-me dos dias, folhas mortas
A crepitar se escôam... Ólho ao largo,
E nada vejo meu! dorme o silencio
No caminho deserto onde palpitam
Se apagando meus rastos;
E gemebundo ao longe o mar contando
Desgostos seus ás sonoras plagas,
Como meu coração que em vão convulsa,
Que estala em vão de dor. — Eu sou cadaver
À mão divina estremecendo: “chora!”
E minha alma começa nos meus olhos
Desfazer-se, a chorar, se esvaecendo.

Silenciosa noite! aquella aurora
Que eu vi raiando livida amostrou-me,
Dos meus pedaços espalhada, a terra.
Contrahiu-me esta dor. Oh! como é longo
O meu caminho! como é alto o monte
Que tenho de subir! á cada pedra
Que eu alevanto e para trás atiro,
Um passo dou — de menos este dia
Me deixa respirar. Cansado e morto,
Na minha tumba eu já me deito: ó noite,
Em tua sombra occulta-me!... Branqueia
Aurora abertas margens do horizonte —
Ave do Juno desplumando estrellas
Das sayas ondulantes, tu mentiste!
O perfumado mel que dás á abelha,
Co’a mão d’oiro espremendo-o dos cabellos;
O mimoso sorrir de que te inundas
E poesia dás á natureza,

Que valem para mim? Na terra onde
Não ha vegetação, luz de luares
Que vem fazer? Nasci perto da morte,
Prendeu-se o meu nascente ao meu occaso.
Pensei na noite eterna! e desdenhosos
Os céus mostram-me ainda o dia d'hoge,
Que mata-me de novo em cada dia. . .
A noite do infeliz não tem manhan. —
Leito da vida, ó morte, ó leito da alma,
Sêca a fonte de mim, que inda esperais?
Acabei de viver — nem soube-o o mundo!
— Meu lamentoso adeus somente á noite,
Com quem tenho vivido, ao monte, ás praias!
Na aurora — espero que descaia a tarde;
Mal fecha a noite — já procuro o dia:
Quem me dera esquecer dormindo as horas,
Consumil-as! . . . Desperto, e vejo o tempo
Em seu lento cair: avancei pouco
Em querer apressar minha existencia —
O tempo d'azas para mim não vòa;
Falta muito p'ra noite, oh! muito! muito!
Chega tremulo velho suspirando
Á beira do seu tumulto, co'a vistã
Mede-lhe o fundo e foge horrorisado;
Volta ainda, e vacilla: ó tempo, e olha
Distante o mundo com saudade immensa!
Espanta-se da fria e leve brisa
Quando os cabellos move-lhe na fronte
Sombreada de idades; quando um echo
Vago e longe crê perto; elle aos rumores
Treme de um nada: a mortè (que está nelle)
De todas coisas surde, da florzinha
Que no ramo viçoso se meneia,
Da corrente que deita-se nos valles,
Da voz da mocidade que escutou:
“Como eras toda morte, ó natureza,
Debaixo dessas fórmãs bem fagueiras

Com que tu me illudias, te escondendo
Em vestidos de amor, ledice e cantos!
Hoje, porque essas nuvens desfizeste
Que em outros tempos vi te embellezavam ?
N'uma flor occultavas o phantasma
Desta verdade? n'um sorriso amigo
A visão negra do desconhecido ?
A bondade de Deus não se revela
Na mágoa a perturbar da vida o fim ...
E volta-se; e de novo, arripiado,
Estremece; correr tenta, debalde:
Para onde? — bem chega em toda parte
Quem se partira ao porto do infinito !
O mundo todo é sepultura aberta,
Lousa silenciosa o céu; da esp'rança
Não reverdecem ramos que murcharam.
E o pensamento tímido afrouxado,
Da vista pelos raios lhe fugindo.
— Que tens, velho? inda queres vida? ainda?...
Como és feliz, que tanto vives? quando
Outros, cansados dos primeiros dias,
Olhos cerrando atiram-se contentes
À eternidade, a socegar — ao Nada!
Troquemos os logares, dás-me a noite,
Dou-te a manhan — teus annos recomeça.
— É tempo! á quéda apenas destas horas
Quebras teu coração, que não quebrou-se
Passando os annos. Cá deixaras a alma
Na saudade do mundo e dos amores,
Se primeiro não viesses descarnadas
Mentirosas feições da natureza,
Serpe co'as faces da mulher sorrindo.
Barbara a doce morte, antes das dores,
Na alegria não salva, ella assassina.
Quando amores não tens, não tens amigos,
Não olhes mais atrás deixando o mundo:
Nas dores está Deus, como entre as noites

A manhan bella, o orvalho da existencia.
 Amor, felicidade é toda a terra,
 O infeliz sou eu: em circ'lo estreito
 Rodeia-me o prazer e a vida; e triste,
 D'uma outra natureza, em mi me encérro;
 Nem digo a minha dor, que homens a sintam —
 Os homens não me podem consolar.

VICTORIA.

(O casal paterno.)

Tectos, que o vagido ouviram
 Quando despertou-me o mundo!
 Montes, que abaixei subindo!
 Valles, que descendo ergui!
 Troncos, meus contemporaneos,
 Julguei que estivesseis mortos!
 Lua, que correndo eu via
 Ama a segurar meus passos!
 Ó sol, que meu pae mostrou-me,
 Eu venho viver convosco!

.....
 Eu era o Benjamin destes logares!
 Sítios da minha infancia! Então qual concha
 Pelas auras tangida ao mar da aurora,
 Candidos annos foram-me, ó infancia!
 Ó arvores, que vistes-me em seus hombros
 Qual vosso fruto balançais ao vento,
 Aos embalos da voz adormecido
 De minha mãe! depois crescendo ao lado
 Pela mão de meu pae, que me ensinava
 Dos céus o nome e o vosso, ó bellas arvores,
 Eu vos saúdo! não desconheçais
 Hei medo de estar só com estas sombras...

Cobri-me deste ramo — a calma é forte...
 Ó meu casal, ó meu casal querido!
 — Como está repetindo a natureza
 Tudo o que se passou!... fala, que existes!
 Como as flores adiante della se erguem!
 Como crescem nas folhas! — Enganosas
 Imagens através das minhas lagrymas —
 Depois que o pranto cae, vê-se a tristeza.

.....
 Acorda, ó minha mãe, que tanto dormes
 Lá na pallida campa! vem ouvir-me
 O lacerado canto das ruínas,
 Do ermo assombrado o solitario canto!
 — Tudo silencio, solidões profundas;
 Apenas o echo magoado e lento
 Da minha voz expira no fracasso
 Da folhagem cadente, nos rumores
 Do vento amortecido e nas musgosas
 Fendas e nos destroços espalhados
 Da fazenda, que foi, que assola o tempo!

.....
 Meus roseos dias matinaes da infancia,
 Os meus dias de amor,
 Como a onda que brinca entre a fragrancia
 Dos roseiraeas em flor,
 Aonde elles foram ? despontando a vida
 Do aureo nascente a rir,
 A noite veio umbrosa e denegrida
 Por sobre elles cair.
 Nem mais os lindos verdores
 Da alegria da manhan;
 Nem mais os doces penhores
 Da formosa alma christã.

Ó mãe, ó minha mãe, quanta saudade
 Sinto no coração !
 Foi-me teu nome o canto da trindade,

Do anoitecer benção.
 E perdeu-se para sempre
 Do meu peito o meu amor,
 Como nos céus ennuclados
 A estrella perde o fulgor.
 Como os floeos ramos d'oiro
 Brilhando á luz vespéral,
 Cercado de aves cantando
 Pelas tardes de Natal;
 Nos tristes céus ennuclados
 A minha estrella perdi —
 E os meus floeos ramos d'oiro
 Pelo chão murchos eu vi.

.....
 Seus olhos se apagando, pelas faces
 Lhe errava a claridade que espalhavam —
 Vós, que pequenos vossa mãe perdestes,
 Da sandade os meus prantos escutai:
 — As arvores viuvias se despiram
 Do verdemar esplendido e frondoso;
 E no silencio mystico sombrio
 São domesticos velhos que divagam
 Pelos salões desertos dos senhores,
 Sentinellas fiéis que estão guardando
 Os tumulos sagrados de seus reis —
 Eu venho acompanhar-vos, neste portico
 Tomo o meu posto, aqui fico encostado;
 Choremos juntos, companheiras minhas;
 Chorai, amigas, eu tambem falleço.

Na fronte o repouso, a calma
 Do amor santo e da piedade,
 O riso lhe illuminava
 Da divina claridade —
 Corôas de resplandores
 Ao mudo cadaver, flores.
 Eu beijei seus frios labios,

E os olhos fechados seus:
Inda amor seus labios tinham,
E os olhos pranto, meu Deus!
Ella já morta e chorando,
Pelos seus órphãos clamando.

A escravidão toda errrante,
Que sonho inquieto inspirava,
Por meio da noite andando,
Nocturnamente ululava;
Mesmo os cedros pareciam
Que soluçando se erguiam.

As laranjeiras do sitio
Arderam, outras murcharam;
Da criação fugitiva
Os pombaes se abandonaram;
Estava no ar a agonia,
E o valle fundo gemia.

Viu-se o Olho-d'agua secando,
Perdendo o trilho os caminhos,
Deixando as folhas os troncos,
Deixando as aves os ninhos:
Porque o mundo se acabava,
Todo o horizonte chorava.

Tudo o que a viu nestes sitios,
A flor, as aves, o gado,
Se perdendo, se perdendo
Foi com ella e se acabou:
Murcharam selvas e prados,
Todo o casal desabou.

.....
E eu penetro os annos que passaram,
De minha mãe aos pés aqui me assento;
Ouço tocando a acampa *ave-Maria*,
E de meu pae o religioso *accento*.
Como é triste o *espectac'lo* da tapéra!
No fundo do deserto ondeia o vento!

— O echo de uma pedra... se esmoronam
Antigos torreões onde eu nasci!
— Um gemido... suspira moribundo
O confidente, o Africano velho,
O amigo de meus paes — ouvide... ouvi...

Fala do Zaire ou de Zeyla,
Fala do supremo Ser,
E dos amigos melhores
Que poudes no mundo ter —
Escravo dizendo o nome
Dos senhores ao morrer!

Volvamos aos doces tempos
Do ledos e alegre brincar,
Quando os astros não me viam.
Nos grandes valles do mar;
Quando aos sonhos d'ouros amores
Não me viam delirar —
E eis-me só na soledade
Dos desertos do palmar.

Debaixo destas fruteiras
Renasce todo o passado;
Responde a rôla ao suspiro
Do meu pranto magoado;
De meus paes a Deus eu falo
No oratorio; e além no prado
Eu vejo as imagens mortas...
Ai do malaventurado!

Minha mãe, pede que eu morra,
Pede que eu morra, meu pae;
Pede ao Deus descido aos cumes
Da montanha do Sinai
Quando, a lei gravada em táboas,
Disse ao propheta: “espalhai!”

FRONDOSOS CEDROS D'OUTRORA.

(VICTORIA.)

Frondosos cedros d'outrora,
Que déstes sombra a meu gado,
Quando na calma do estio
Andava errante no prado;
 Fontes de limpida prata,
 Bebedoiro em que eu bebia,
 Casa de palha e retiro
 Onde o vaqueiro dormia;

Meus campos de antigamente
Que longas hollas cercavam,
Bella collina e penhascos
Que no occaso se enrouxavam,
 Salve! — salve, ó natureza
 Só viva para chorar!
 —Foste agigantada virgem,
 Es outomno hoje a murchar.

Ó dias dos outros tempos!
Ó dias da minha aurora!
Como vistes-me encantado,
Frondosos cedros d'outrora!
 Brada a noite; despovôa
 Seus negros cumes o céu;
 Vossos vestidos tão novos,
 Cedros, a noite os rompeu. .

Era o sol meu companheiro
Das montanhas e da selva,
Juntos brincavamos ambos
Nestas campinas de relva:
 As mesmas horas dormimos,
 As mesmas nos despertaram,
 A mesma fonte banhou-nos,
 E as mesmas aves cantaram.

Eu e a palma eramos gêmeos
Crescendo livres ao ar —
Um dia eu era o mais grande,
E ella no outro a me passar.
E como os ventos que passam,
Ai tudo passou, passou, —
E ainda, ó cedros d'outrora,
Á sombra vossa, aqui estou.

MEUS NOVE ANNOS N'ALDEIA.

(Sob os lilazes de Auteuil.)

Aos nove annos crescendo na selva
Dos desertos á vida aldeiaã,
Ante a Biblia meu pae me ensinava
Os preceitos da egreja christã.

E meu pae educando minh'alma
Nos desertos da grande soidão;
Minha mãe, qual de flores o enchendo,
Era a gloria do meu coração.

Quanto eu era feliz nesses tempos
Em que a vida é sem dias de horror!
Em que os olhos, que aos risos nos riem,
Espontaneos nos choram á dor!
Então, vezes na pedra assentado
Quando o sol se ia ao longe perder,
Triste, triste a meu pae eu dizia:
Como o sol, quem me dera morrer!

Entre as mãos o meu rosto escondido,
Crendo imagens, que eu via, apagar,
Minha fronte estalava e batia,
Turbilhão dentro della a rolar!

Abysmavam-me os astros da noite,
Aos luares sozinho eu vagava;

Das manhans a alegria em minh'alma
Qual meu pae, não sei quê me animava!

E pensando que o mundo estivesse
Todo aquem das montanhas da aldeia,
Que só Deus fosse além do horizonte -
Me perdia á visão dessa idéa.

— Eu amava do velho Africano
O ar mudez, cans a atremula fronte;
Longa historia lhe ouvia saudosa
Como a chuva descendo do monte.

Eu achava-o á tarde assentado
No batente da porta e na mão,
Pobre e limpa senzala guardando,
Loura palma á gentil criação.

Eu amava dos Indios o chefe,
Arco e frecha, aurea pluma o trajar;
Dos siganos o bando esmaltado
Lá no meio do sitio a parar.

E eu tremia ao pensar que outros mundos,
Que outras gentes creara o meu Deus,
Mais que a nós, mais que os valles floridos,
Mais que os astros que brilham nos céus!

Que alegria porém nas crianças
Quando á rez conduzia o vaqueiro,
Ao pascer o rebanho, á chegada
Quasi á noite de um cavalleiro!

— Santas festas, as salvas do sabbado
Quão feliz eu amava, oh Maria!
Lento o sino dobrando, tão lento
Aos cantares da sacra harmonia!

E propinquas vizinhas familias
Juntas ledó passando o serão,
Exultava de amores a infancia,
E d'infancia exultava o ancião!

N'alva o sino tocando a matinas,
Ria vida ao domingo no céu,
Bella, accesa, fumosa a capella
Aos harpejos do cantico hebreu.

Derramavam-se pela montanha
Longas ondas de um sol tão formoso
Como os sons, como as harpas ethereas
Que vibrassem no ar vaporoso!

Calmo o tempo, de Deus o descanso
Amplas horas faziam lembrar,
Muito ao longe uma pomba arrulhando,
Longe o gallo na eira a cantar:

Tinha o dia mais echos, nas arvores
Balançavam-se os ventos mais brando,
Doce e mesta canção das senzalas
Á hora calma o silencio escutando:

Era a casa mais linda, mais nova;
Mais os trilhos abertos, nitentes;
Mais alegre o semblante do escravo;
Mais as flores ao sol reluzentes.

Eu amava dos raios do occaso
O oiro vivo no campo vestir;
Ainda a noite me achava esperando
Pyrilampo nos valles luzir.

— O inverno passavamos juntos
Reunidos no grande casal,
No verão nossos paes nos levavam
Aos retiros, á roça, ao curral.

Nos diziamos lirios da lua
Recolhidos no seio de um'aza;
Indo o sol para a tarde, brincamos
Pelas sombras da beira da casa.

Sobre o monte as palmeiras suspensas
Pelas bordas de um céu todo cor,

Quaes campanulas eram de fogo
Nas vermelhas manhans do equador.

Me estendia amoroso na relva
Das campinas cobertas d'enfeite,
Ou nas toscas fumantes ramadas
Dos pastores das vaccas de leite.

Amoroso eu nos pés me deitava
Da cheirosa laranja florida,
Como a cria que a sombra procura,
Que sozinha se encontra perdida.

Escutava a cantar philomela,
Que suspira nas moitas do matto,
E as palmeiras sonoras que erguiam
Bellos órgãos á voz do regato.

Perto o vento, passava longinquo
E o solar de sensível tremia,
Como a fonte que vai modulada,
Que entre as humidas hervas corria.

Tinha areia de prata o Olho-d'agua,
Tinha conchas e encantos sem fim,
Redolentes as margens, os peixes
Vinham mansos em torno de mim!

— Conheciam-na as rôlas do sitio
Em seus hombros descendo a pousar,
Revoavam os pombos sobre ella,
Minha mãe vindo a aurora saudar:

Leda escolta das aves domesticas
A seguia n'um côro selvagem,
Se ella andava nos ricos pomares
Que envergavam do fruto a ramagem.

Lhes cobria de grãos o terreiro —
Onde fervem quaes folhas na serra,
E depois a aza larga estendendo
Ficam lá se lavando na terra.

Levantavam-se as rôlas aos galhos,
E passavam as calmas alli;
E ao dorso descia dos mansos
Bois de carro, a piar bemtevi:

E dizer parecia ás crianças,
Longa a voz qual dos ermos os trilhos:
“Só as azas da mãe vos aquecem —
E dos ninhos roubastes-me os filhos:

Onde os beijos agora que abrandem
Sede e fome e a garganta a bater?
Oh, que nunca da mãe vos separem,
Nem jamais ouçais filhos gemer!”

Fundo o meu coração apertou-se
Aos pezares que essa ave cantou,
Tristes como suspira a ribeira
Que a torrente passando deixou.

A abraçar minha mãe eu corria —
Rodeiou-me o temor de perdê-la:
E vendo ella o agoiro, aos meus olhos
Triste olhava, tão triste e tão bella!

— Ide hoje á Victoria, e vereis . . .
Cae o dia formoso do sol,
Porém sobre a ruina, os vestígios
Do que foi tanto amor e arrebol!

Uma só larangeira não resta,
O olho-d’agua na baixa secou!
Cardo agreste cresceu no terreiro,
Todo o grande casal desabou!

— Oh quem dêsse voltar ao deserto!
Quem me dêsse voltar ao passado!
Quando estava na gloria ao presente;
Ao porvir, dava um passo apressado.

Lirio meigo do valle obscuro,
Raio eu era de candida estrella —

Aonde fostes, meus bellos nove annos?
Aonde fostes, aldeia tão bella?
Oh descansos ao collo materno!
Oh desertos da vida aldeiã!
E meu pae me ensinava na Biblia
Os preceitos da egreja christã.

RECORDAÇÕES.

(Centro e Oiteiro.)

Ó tu, que dos teus olhos aos relampagos
Embalavas minha alma, vaga incerta
Caida nos teus pés, e a um céu de amores
Por encanto levada e convulsosa,
De ti tão avida, ampla como as nuvens,
Ó tu, que á vida eterna a enlouqueceste,
Aonde foste? onde estás? virgem co'as fórmãs
Das aureas nuvens, dos risonhos anjos
Da alvacenta manhan, porque morreste?
Tu, que aos meus beijos presa, tão amante,
Tão mimosa de amor, te deslisavas
Por sobre mim, tremendo e palpitando
Como a flor em pendão abrindo ao zephyro;
Tu, que nos seios, tão feliz sentias
Candente o latejar da fronte pallida,
Dos labios o pungir, e que piedosa
Aos delirios de amor, a esses delirios
Meus, os teus olhos tão apaixonados
Em pranteiada luz p'ra mim volvias,
Teus braços indolentes se enleando
Pelos meus hombros. . . onde estás?— Ainda amo!
Amo-te, eu sinto-o: destas sombras fujo,
Das gratas sombras que eu contigo amava;
Fujo dos cantos ao luar á noite,

Poesia nossa e harmonicos enlevos
Quando, teu peito a tresbordar d'esta alma,
Emmudecias ao pensar tão longo
De sentimentos ignorados; fujo,
Nem quero ouvir a musica das harpas
Que no meu coração notas coavam;
Nem quero os cantos ao tremor dos bosques,
Da fonte as vozes ao clarão da lua!
Sonhos tão bellos que o amor geravam,
Como já do passado tristes vindes
Desta sombria morte a rodeiar-me,
Roçando-me a passar! Eu estremeço,
Mas, resignado espero a minha sorte;
Como a ignorante ovelha d'entre çarças,
Que pasma ao céu que relampeia e estala
Negro ao pestanejar do deus das sombras,
Que sacode a cabeça e nada entende
E solta ermo balido, assim eu sou.
— Ó vida desgraçada, ó minha vida,
Que mortal te vivera se eu não fora?
Dos homens longe, a sós, assim na terra,
Do meu ser a rugir á dor que eu sinto
Lá dentro d'alma a remorder-me! os vivos
Aterrando de mim, persigo os mortos!
Eu careço de amar, viver careço
Nos montes do Brazil, no Maranhão,
Dormir aos berros da arenosa praia
Da ruínosa Alcantara, evocando
Amor... quero volver á solidão!
Quero fugir d'Europa, e nem meus ossos
Descansar em Pariz, não quero, não!
— Oh! porque a vida desprezei dos lares,
Onde minh'alma sempre forças tinha
Para elevar-se á natureza e aos astros?
Aqui tenho somente uma janella
E uma geira de céu, que uma só nuvem
A seu grado me tira; e o sol me passa

Ave rápida, ou como um cavalleiro.—
Lá, era a terra toda, era o sol todo,
E em meu céu anilado eu m'envolia,
Como as aguias se perdem dentro delle!

Ingrato o filho que não ama os berços
Do seu primeiro sol. Eu se algum dia
Tiver de descansar a vida errante,
Caminhos de Pariz não hão de ver-me;
Através dos meus valles solitarios
Eu irei me assentar; e as brisas tépidas
Que os meus cabellos pretos perfumavam,
Os meus cabellos brancos na aza tremula
Gemendo volverão: quando eu nascia,
O halento primeiro ellas me deram;
Meu ultimo suspiro eu lhes darei.

Quando eu for navegando á minha terra,
A viração mareira no meu rosto,
S'espanejando esta alma no oceano,
Começarei amar! e o sol co'os raios,
Como braços de amante, as mariposas,
As ondas inconstantes afagando,
Amansando-as, de amor em rebeldia;
E a lua alva formosa, como a rosa
Que as petalas vai todas desdobrando,
Como virgem de amor descamisada
Que o seio a arregaçar dormindo eleva,
Que em seus leitos de azul resvala, ondula;
E as longinquas montanhas fumarentas
A balançarem na agua; e o nevoeiro
Désrolado dos céus, diffuso ao longe
No horizonte; e quando ás floreas margens
Da patria o meu baixel ledo enlevado,
Ginete inquieto aos sitios conhecidos
Eu vir, sob os meus olhos que uma lagrymia
Partem, partem de alegres, as palmeiras,
Os rios meus, os campos meus saudosos,

Tudo que eu amo,—então, então morrer.
— Cheias de raios e trovões as nuvens
Arrastam pelos céus elos pesados
De cadeia inequal. Me despertaram.
O céu estremeceu: de azul, prescito
Contrahe as faces, negrejante fumo
Corre, e a terra em densa vestia cae.
Eu dormia o meu somno de acordado,
Quando amortece a dor — olhos desvairados,
Deslavados das lagrymas, não olham.
Minha alma errante, de voar nas trevas
Fecha as cansadas escorridas azas;
Meu pensar afadiga-me: do mundo
Fugitivo eu serei... oh, minha sorte!
Minha mãe, pelos céus, abandonou-me
Ainda infante; meu pae também morreu;
Minhas doces irmãs, não sei mais dellas;
Os companheiros meus da meninice
Nos prados; as gentis adolescentulas
Meigas, celestes, que os encantos eram
Da minha aurora e causas de amargura,
Os meus lirios cheirosos, se perderam!
Perdi tudo que amei; tudo me foge,
E nem a morte eu sou — quanto hei tocado
Tem-se desfeito! as flores do meu berço,
Os anjos do meu sonho, o meu sol d'oiro,
O ancião com fronte de meu pae sisuda,
E os meus amores... Não! — quando sonhando
Anguram-me abandono, e solitario
Como o Job piedoso eu sou, a vejo
Gêmea do mesmo amor, em nós nascido,
Por nós creado, que ella quiz primeiro,
E que eu primeiro amei, que amemos tanto!
Vejo-a correndo não sei donde, e louca
Seus vestidos ao vento desatados
E o humido cabello; abrindo os braços,
Chorando de alegria ou de piedade,

Tremendo por ditosa ou de tristeza,
Ao ver-me como o Job, dos céus, do mundo
Exulado e faminto e sem abrigo
À ventania, aos vermes! pobre filha,
Pobre escrava de amor, porque inda o amas?...
Traz a consolação e o salvamento,
Como frescor da tarde me alentando;
Com seus cabellos a nudez cobrindo-me,
Onda de amor, o coração me embala;
Palma ao sol, sobre mim seu corpo inclina,
E eu sinto a sombra e o murmúrio brando —
Quando eu acordo! E que me importa o mundo?
E que me importa o céu que me abandona?
— O poeta, unidade absoluta,
Sem depender da terra nem dos astros,
Ou ama, ou canta, ou lagrymas derrama
Dos homens á miseria, ou na desgraça
Curte saudades do que vai passando
Levado pelo tempo, e que elle amara;
Amor, de que se nutre, e farto nunca,
Seu alimento devorando, morre;
Ignorado do Ser, qual delirante,
Qual sem saber de si, do que sentira,
Tão fundo, que ninguem não lhe entendeu,
Phantasma que sumiu-se espavorido,
Bello voando á noitidão do abysmo,
Donde viera: “passa, e vai co’os echos
Da tua voz, ó sombra mysteriosa,
Que nós, filhos da crença, não sabemos
Teus latidos ouvir, delirios torvos
Em candentes marasmos revezados.”
— Se cava, se ergue e se embalança a onda
Em seus tremulos pés sobre o oceano:
Filho dos mares, filho das estrellas,
Errante como a onda, ao pólo eu sigo.
— A sombra da palhoça americana,
Ao lado de sua mãe vede-a tão linda

Aprendendo a tecer na alva almofada,
Pobreinnocente! Eis-me abandonado
No meio da Victoria, entre as ruinas,
E os murchos laranjaes sem flor, sem frutos.
Por mãos do furacão postos por terra!
Corro a abraçar os seios consagrados,
Beijar tão ampla, tão piedosa fronte,
Que de um filho nos olhos se mirando
A Deus eleva o pensamento — os labios
Feridos hei contra o longo tronco
Ai! do bacurizeiro, em vez da boca
Tão doce e á voz divina perfumada,
Em vez do collo amorenado e fresco,
De vibrações tão puras, tão pacificas,
De minha mãe!

Eu na infancia, lá longe debruçava-me
Ao clarão matinal de meiga aurora —
Como arido é o pranto que eu espalho!

A herva, o musgo não estavam nella —
Eu vejo a sala em chão ennegrecido
E liso pelo tempo, alegre e limpa,
Com seus rusticos móveis de angelim;
Atada a branca rede neste canto,
Rainha minha mãe do throno argenteo
Repartindo suas ordens brandamente.
Amiga escravidão contente a escuta,
Basta matta derriba e montes queima:
Da quente e humida terra pelo fogo
Emanam das entranhas os vapores,
Do lavrador aos céus o sacrificio
Innócuo, a cada passo repetido,
Ao cair de uma enxada, e lenta e lenta,
A voz saudosa e nautica da escrava
Acompanhando no eito os cavadores,
Ao braço a cêsta de pindoba verde
Co'a semente do outro anno conservada
Melhor á plantação; e o vento ondula,

Leva e balança as oblações divinas
Do tronco a fumegar. Loureia o milho,
Verdeja o arrozal na baixa, e esmaltam
A ladeira viçosa o algodoeiro
E a vermelha maniva — leda esp'rança
De colheita mui rica. Oh, tão felizes!
E Deus tudo nos dava! largas eiras,
Ampos terreiros abundante enchia!

— Na lavra a Padroeira se festeja
Com festas, com selvaticos cantares,
Porque invernada copiosa dera
Ao lago, aos rios, ás fecundas plantas;
Verão formoso aos campos, ás colheitas,
Ás pingues pescas e ubertosos bosques.
— Por fresca madrugada nós partiamos,
Gratos dias a estar na roça nova
Paraíso de um anno ou dois; a lua
Nos raios da manhan sua luz perdia.
Na volta do caminho se encobrando,
Gritando por seus paes, que cedo abraçam,
Vão saltando os crioulos; vão nos mansos,
Nos esbeltos corcéis branco-mimosos
Meu pae, minhas irmãs; atrás os servos,
E os cães ladrando á corça fugitiva
Que ao pôr da lua vem passar na estrada;
No meio minha mãe, eu ao seu collo,
No carro cantador, sonoro e lento,
Por formosa parelha igual tirado,
Fumante o dorso, a fronte sacudindo
De ramos enfeitada, lacteo bafo
Exhalando saudavel; pelos ares
Poenta nuvem de marfim voando
Da fita dos caminhos. As confusas,
As vozes alvoraes á hora formosa
Da leda caravana matinavam
Harmonia selvagem, mas quão bella!
— Que encantado paiz! que imagens novas

Assaltavam minha alma! Alto horizonte
O tujupar domina, — se amontôa
Aurea colheita pelo em torno; as aves
Cantam no meio do arrozal que ondeia
Ao vento estivo; serpenteia o rio
Turvo, placido, além, além perdido,
À sombra espessa do algodão plumoso
Que das margens entrança os floeos ramos;
Cortado, além, da ponte que debruço
Formou na derribada o piquizeiro;
E pela riba as verdes cabaceiras
Em floridos cordões dependuradas.
Divagando pelo ar nuvens se esmaltam
De papagayos, larga sombra errante
Passageira estendendo nas collinas,
No valle, no terreiro, qual folhagem
Rugidora que as selvas enviassem
Dos ventos na aza, manto de existencia,
Negra nudez cobrir de irmãs queimadas,
Tristes mortas, e em pé; sobre ellas poisam,
Reverdejam, florescem, gritam, grasnam,
Ou transvoando ao largo, as abandonam.
Voltavamos, passada uma semana,
Mui saudosos da lavra. Nos traziam
Nossa mãe-preta e todos os escravos
Mil presentes d'infancia: a cuja nova
Tingida e resinosa; o cará roxo;
Os ovos de perdiz ou tonna glauca;
A berradora leda saracura
De pés e olhos vermelhos, verdoengos
Longo bico e a plumagem; os filhinhos
De coráo viridante em quentes plumas.
Os cumes do occidente se extinguindo
Á tarde, quando a lua no horizonte
Descobria de prata o humido rosto
No mar de um céu azul brando agitado,
Como o casal do Eden se assentavam

Meus paes, da porta ao tropical batente
Vendo o nosso brincar.—Angelus-Ave!
Por nós chamava o sino da capella,
Da trindade á oração.— Caindo a noite,
Lá chegava o feitor; depunha a foice,
E da queima falava, porque as chuvas
Ameaçando via:

“ Mais abundante corre susurrando
Tortuoso Mapá, subindo a margem
Das lustrosas cantans; pelo caminho
Alastram-se taócas doidamente
Que subterraneas vão; n’alta floresta
Cantaram acauans — e echos de longe
Levando ainda mais longe os outros echos;
Acimam-se nos céus os sete-estrellos,
Acentrada n’um forno a lua — muitos
Outros signaes eu vi — todos os astros
Majores são, mais luzem; são mais fundos
Os campos; perto os mattos da outra banda;
É mais amplo o horizonte; á madrugada
Passando para o sul gritavam gansos;
E á tarde viram todos bando infindo
De colhereiras roscas; e vermelho
O sol ponente, annunciando chuvas.”

— Nos braços maternas que me embalavam,
Em ondas de alegria derramando
O cansaço infantil, me atiro um dia.
Já mudo e descansado olhando ás outras
Crianças a folgar, na minha fronte
Caiu gottas de pranto; eu estremeço...
Minha mãe me abraçava, e como alegre
Triste dizendo: “brincas, ao meu collo,
Qual na patria depois da vida errante,
Vens hoje descansar... destino occulto
Vezes vos leva d’estes seios almos,
Delicias da mãe terna e os doces filhos,
Para os seios da dor! dos rosaes puros,

Dos céus da infancia, para o mundo e as mágoas,
Longo penar, morrer!”
Nada entendi; mas, fundo commoveu-me
A voz dorida lhe escutar do pranto;
E assim como progne ainda implume
Se encolhendo tremente sob as azas
Estendidas da pomba, se na torre
Quebrou-se a tempestade, eu a seu lado
Ignaro emmudeci tambem chorando.
— Induziu-me a voltar aos meus brinquedos,
Feliz emquanto eu era e pequenino:
Ai nunca mais contente eu ver-me pude,
Minha mãe nunca mais me olhou contente,
Risonha a esp’rança! um não sei quê piedoso,
Não sei quê de tristeza em seu semblante
Olhando para mim, me consternava!
Comecei a passar todos meus dias
Junto della, onde quer que ella estivesse,
Ou na rede da sala, ou passeiando -
Nos laranjaes olentes aos luares;
Eu dormia em seu leito, a voz lhe ouvindo,
Temendo adormecer — e quando n’alva
Cantava o gallo, eu despertando e a vendo,
Dessa noite salvar, beijei-lhe a fronte!
Não podia perdel-a um só momento,
Temia não sei quê, porque nem sei... —
E morreu minha mãe, morreu meu pae;
E a Victoria nas selvas não existe;
Sou orphã, sou perdida ave dos montes,
Que do ninho arrancada pelos ventos
Nem sabe aonde vai... murchando a vida
Que despontava ao sol da primavera.
Assim, meu Deus, no mundo os justos passam,
Sem arruido — as sombras solitarias
Em quem te reflectias. Se eu pudesse
Voltar ao meu paiz!... oh! se eu pudesse,
Passando, resgatar á liberdade

Esses vendidos, miserandos velhos
Da Victoria felizes! meigos servos
De minha mãe, por hi tristes morrendo!
Dar-lhes a respirar no fim da vida
Os ares do palmar onde nasceram —
Como aves da saudade erguendo o coto,
Curvando o collo na hora do crepusculo,
Ao encanto da terra tão amada
Então adormecerem... mas, ouvindo
Das rôlas o gemido, os sons dos bosques,
Do lago mugidor por muda noite
Harmonioso, e o canto d'alvoradas
A que uniam outrora o canto seu!
Ainda a solidão nos conhecera,
Echoara o deserto, aos pés sensível
Sentiramos a terra estremecer —
Qual mysteriosa campa que resôa
Em prantos, quando mãos de amor a tocam.
Nossa casa ergueríamos co'as mesmas
Ruínas do casal; a mesma porta,
O batente, os esteios de pau-santo,
Os desmoronamentos redivivos
Falando do passado — oh quantas lagrymas!
Quão fagueiro o chorar por muitos olhos,
Por muitos corações o mesmo pranto
Dos tempos que já foram! — Se eu pudesse,
Meus amigos vendidos já libertos,
Ainda ver passando a colhereira,
O ganso á madrugada, os meus palmares
E a rôla da Victoria!
Ai! a dor muda me consome esta alma
Dos verdes annos, como verde fruto
Em rijos dentes a estalar vorado!
Mas, não se quebre o fio da existencia,
Deus no peito, no olhar o amor, eu longe
Do mundo, e a doce musa companheira
Na harpa sonora — venceremos!

Qual triste cria desleitada que uma
Gotta de vida a mendigar, ao em torno
Balandando vai de todas as ovelhas
Que abanam-lhe a cabeça, eu não sou filho.
Andorinha dos mares sou, nas ondas
Perdida, que a aza de cansada arrasta;
Qual cidade, alvejando passe a frota,
Aos mastros vò de um, d'outro navio;
Os marinheiros gritam, e ella volta
De tímida a outro bordo, e d'este áquelle:
Ai de ti coitadinha, fecha as azas,
Sóla o gemido e dessas nuvens lança-te,
Vai na morte poisar. — Se eu mãe houvera...
Nem como a ave do mar, nem como a ovelha;
A seu lado feliz, bem junto della,
Meus braços enlaçando-lhe o pescoço,
Dos olhos seus a luz, dos doces labios
A meiga voz bebendo e o brando riso
Que halentou minha vida e eterno fora,
Vivendo nella só, toda minha alma
Della, só della, ao mundo todo, ao tempo
Mostrara o meu amor! — Ó vós, que a tendes,
Amai a vossa mãe! amai-a muito!
Amai sempre, quanto eu amei, quanto amo,
Minha mãe!... minha mãe!... tu, divindade,
Meu Deus da infancia que este amor me dêste!
— Senti meu pranto como triste corre;
Vede meus dias, solitarios, aridos,
Frutos que não vingaram, morta a selva!
Oh como lentos são, longos, pesados
Os dias d'este mundo! como custa
Arrastar este arado de existencia,
Rompendo leiva pedregosa e safara
Que não dá uma flor! — Tu me abandonas,
Senhor, na terra ingrata? Hei de seguir-te,
Se inda depois da morte azas me derdes!

SAUDADE E ESPERANÇA.

V. C. F. S.

Cantando, ó mãe, o berço me embalavas,
 E eu adormecia como a flor;
 Hoje venho cantar, enquanto dormes,
 Do tumulto a saudade, meu amor!
 —Sombria morte me acompanha; eu sinto
 Seu faminto halentar; cada um meu passo
 Abre um sepulchro, e eu desapareço.
 A luz me aterra, desconheço o dia;
 Noite, eu tremo de ao sol apresentar-me,
 Antes da aurora eu morro. E eu olhava .
 Para a terra de vastos horizontes —
 Os olhos cambaleiam-me nas faces,
 Como o occaso despede-se dos cumes.
 Nascem echos distante . . . um só minuto,
 Echos meus, esperai-me — eu vou cair!

Não me vês, minha mãe, neste deserto,
 Sem patria, como a nuvem desgarrada
 Resvalando por céus de noite pallida?
 A onda crystallina, por amores;
 Por amores a cúpula palmosa,
 Sombria e mui sonora, do folheto
 Os aromas e os canticos das aves
 Sobre mim derramando em casto leito
 De val cheiroso; do penhasco ao seio
 Descansada a cabeça, e o junco e as flores
 Do páramo por virgens do meu sonho, •
 E por meu tecto os céus; candida lua
 D'entre a etherea cerulea cabelleira
 Exhalando o alvo rosto de donzella,
 E co'o manto de sedas perfumadas

Cobrindo-me da noite, e toda esta alma
Me embevecendo d'orvalhoso effluvio;
Dormindo o somno placido da crença,
A afagar-te em meus doces pensamentos,
Infante nos teus braços, tua fronte
Juncar, juncar de beijos... minha mãe!
Não me vês, minha mãe, neste deserto?

— E o jardineiro sol da madrugada
Doirando as flores, reluzindo o orvalho,
Ou quando da palmeira aos pés arroja
A imagem meneiante, ou no occidente
Carminizando o mar, e a natureza
Entre mysticas sombras, rosea tarde
Quanto eu amara! que esta vida enchera
De todo este universo, oh! minha mãe!

Nenhum amigo eu tenho;
Que vejo um mundo... ninguém sabe ao menos;
Sombrio o olhar e a fronte taciturna
Não vão co'o ledo romanesco em galas:
Oh, quem pudesse penetrar-lhe o exílio,
Sondar-lhe os reinos d'illusões e abysmos
E os arcanos sondar á alma do bardo!
Indifferente a andar por entre os homens,
Das noites na soidão a alma lhe irraia!
Sem gemer sua dor, chora-a comsigo;
Ao mundo que sorri, sorriso empresta;
E vai dilacerar-se ás horas pallidas,
Da lagryma espontanea humedecendo
As flores de tristeza e insomnia e morte.

Errante pelas ondas do oceano,
O som das vagas temperou-me a lyra,
Que os echos repetiu-lhes suspirando.
Dos homens solitario, forasteiro,
Na soledade ouvi-as, tão sympathicas
Me ensinando aos soluços — ai! com ellas
Errou a mente na amplidão calada;

Gemeu com ellas na canção do nauta,
Que realça na prôa sonora
Ao silencio, a deshoras, quando a lua
Bella no céu azul, bella nos mares,
Da longa vêrga as vélas se embalançam;
Chorou com ellas na extensão profunda
Do ether anilado, onde se escuta
Talvez ave piando, ou das estrellas
O gemido talvez pela alta noite;
Ensinarão-me a voz rude e selvagem,
Arando o vendaval rouco e ruinoso;
Na calma eu vi-as açoitando as rochas
De Marrocos e Hespanha, e quaes mulheres
Vestidas de ardentia, debruçadas,
Pelo Mediterraneo, ao pensamento
Perdidas descantando; nas formosas
Alvoradas eu vi-as pelos mares
De nautilus rubentes esmaltados,
Tão mansas e tão languidas, dormindo
Desfallecidos ventos nos seus braços —
Porém, no undivagar da vida errante
Não busco a natureza; amo-a: nos homens
Encontrar meus irmãos... oh! minha mãe,
Que ao meu amor só tu! Quando te foste,
Espirito, ou o que d'immortal houveste,
Ficou-me — triste musa do crepusculo
Na lyra da saudade, e eu solitario
No meu pranto por ti, no amor a Deus.
Balbo flebil infante ao desamparo
Senti necessidade, e quiz vibrar-a
Por meu consolo; e timido, aos meus olhos
Envolveu-me pudor, fugi de crel-a.
E a companhia unica e formosa,
Meiga de amor, ás noites foi commigo
Do mundo esquivo á sombra dos sepulchros.
Em pallida orphandade eu fui qual folha
Nas azas dos tufões ludibriada,

Que da selva arrancaram verde ainda
Doirada pelo sol sorrindo aos beijos
Dos favonios ás flores, quando as aves
No argentino trinar, que infancia enleva . .
Que amanhecer, ó mãe! quanto infortunio!
Colocado me achei *nesse* horizonte
De que o vicio queimara a terra, os lirios
Risos dos valles e do amor encantos,
Do monte a prágana aureando ao sol!
Era uma terra negra e rebugada
Em camadas de cinzas, e alvacentos
Como esp'rança vapores se elevando —
Céus meus, que não me deram fresco orvalho!
— Chorei! perdidas lagrymas de um orphão.
Pedi consolações! porém, á terra.
E os meus gemidos as soidões perderam;
Banhou meu pranto resfriada cinza:
E ninguém me entendeu. Transvago ignoto.

Leviano baixel das ondas todas,
Vergontea êxile ao frescor movida,
Amei, oh, quanto amei! anjos da infancia,
Que os annos meus na aurora matizaram!
Ondas azues, que lindas s'infiltravam
Como em praia sonora, no meu peito!
Meus suspiros piedosas escutavam,
Cantos de amor travessos, qual da serpe
Desalentada mansidão. Foi quando
Um sorriso divino á flor dos labios
Eu vi nascer tingindo as rosas puras,
Candidissimo effluvio desprendendo
Do coração o albor . . e o sonho d'alva
Que me deu acordar, a aza seraphica
Da lampada do amor sagrado em torno,
Ai tambem, apagando a luz, ardeu!
Seus olhos pranteiados se embalavam
Como em sereno manso firmamento,
Como sobre alvas conchas seus cabellos

Ondas nocturnas no hombro d'harmonia
Em luz lhe derramavam. — Eu lhe disse:
“Ó meiga virgem minha e linda noiva,
De cuja graça divinaes exhalam-se
Creações de azas d'oiro, tu, que és musa,
Tu, que alvoreces entre os coros d'harpas
Da natureza das montanhas nossas,
E que te inclinas á florida sombra
Da tarde, como tépida lembrança
De saudoso passado, oh! noiva minha,
Vê nos mysterios teus meu coração!” —
Ella não respondeu; confusa e bella,
Subiu-lhe aos olhos melindroso assomo.
Porque não respondeu? — Meus olhos baixos
Lampejavam-lhe aos pés, doces mendigos
Ante os altares da esperança. O halento
Se lhe sentia de mimosa flamma
Da aromosa boca; assim na calma
Arbêna alpina amedrontada escuta.

Vaguei por sobre as pallidas ruinas,
Á rota sombra do espinheiro agreste:
Nem ouvi mais a rôla solitaria
Do meio dia ao silencio; pela noite
Taciturno acauan se lamentando,
E aves no canto seu desconcertadas
A tarde e o amanhecer solemnisavam.
Percorri as campinas... quão mudadas!
Como tanta illusão da rosea infancia
Se desfizera! Então chorou minha alma;
Regou meu pranto os cardos do alpestrio
Que na fonte de prata eram crescidos;
Do pateo os bugaris estavam mortos,
Mortos os laranjaes... — Mas, adoremos —
A capella era alli... Oh! Deus, quem ponde
O casal da Victoria interdizer-me?
Os esteios vacillam, as paredes
Laceradas, abate o tecto inteiro...

O frígido sibilo das serpentes
Lá volteiando; os funebres gemidos
Da coruja agoureira, das ruínas
Presidindo ao caír... nocturno esvoaça
Morcego e pende, rumoreia o vento.

Sem abrigo me vi! pecoreando
Ao relento passei noite infinita,
No meio das soidões abandonado,
Em pedras estendido. Quantas dores!
As sombras me abafavam; meus gemidos,
Ouvia-os eu na noite se perdendo,
Até que adormeci. Vieram sonhos:
Eu era o teu sepulchro mysterioso,
Mãe — a esvoar-me n'alma o pensamento
Teu, e meu peito a loisa do epitaphio:
Ora visões, que os tumulos rodeiam,
Fugitivas roçavam-me qual vento,
Fria mudez; imagens dolorosas
Me acenavam, quaes azas muito lívidas
Caíam do ar convulsas me abraçando
Co'um choro rouco. Então me despertaram,
Em ondas de suor espectro errante
Descabellado e pallido entre as arvores —
Despovoados céus. — Oh minha mãe!

.....
Porque a mataste, Deus? porque baniste
Os encantos formosos d'estes sitios?
Como a gloria murchou d'este arvoredor!
Como tantas ruínas se amontoam!
Qual se o fogo passara sobre o tempo,
Com semblante feroz encara-o a terra,
Donde em sinistro vôo tristes aves
Levantam-se ás collinas do horizonte
Ennegrecidas, aridas. Quem dera
Vivesses ainda aqui! doce velhice
Apoiada aos meus hombros, titubante
Nosso passo, eu feliz te conduzira

Da tua fonte ás odorantes margens,
Sorrindo as lymphas gárrulas, aos montes
À tarde, vagarosa em teu passeio
Aos perfumados brasileiros bosques,
Ar tépido e saudavel respirando;
Sobre mim descansada, a vista ao longe
Como esses cantos vesperaes desmaiam,
Nessa historia sem fim, quão agradável
Fita de mel, que as mães aos filhos contam;
E depois, quando a sombra já caida
Dos laranjaes, raiando os grandes astros,
Á branda claridade pelos trivios
Andando virmos para o tecto amado
Onde já passam as primeiras luzes;
À porta do casal ora assentados,
Disseras: “ahi tuas irmãs contigo
Ha vinte annos brincavam;
O loureiro que vês alli crescendo,
De ti esperançoso
Foi teu pae que o plantou quando nasceste.”
E no terreiro os pretos se ajuntando,
Começam-se accender os fogos rusticos
Aos cantados serões... — E se passaram
Ai os dias formosos da Victoria!

— Eu fui á sombra do palmar atlante
Nos éstos de outra quadra da existencia,
Quando á sorte minguada ouvia a morte...
Triste sonho! Açoitado do destino
Fugi da terra, que eu amava, ingrata!
Minha dor comprimi, pranto de sangue
Eu sobre ella chorei! chorei saudades,
Do peito a fronte a alevantar gravosa
Vergada ao pensamento, errando os olhos
Do gigante de pedra sobre o vulto
Rebuçado em seu manto de penhascos,
Entre os céus a cabeça e lh’entoucando
Silencioso nevoeiro a grenha;

Errando pelo azul das serranias
Dos Órgãos endentados, qual miragem
De espelhoso deserto ao sol candente,
No remanso das aguas desenhados
Do Rio de Janeiro — oh, meus encantos!
E a patria me negaram . . .
Senti murchar meus annos da esperanza,
Minha vida pender extenuada
De suspiros e dores, e minha alma
Aos turbilhões ardentes compellida.

Eu vou subindo o rio da existencia,
Contra as correntes:
Estendo a vista pelo esteiro e busco
Deter co'as mãos as ondas, que me fogem;
Eu grito, que não perca-se o passado —
E perde-se co'os echos . . . pelas margens
Apagam-se os pharóes, as minhas torres
No ar se desfizeram.
Então audaz me volto para adiante:
O tempo se aproxima, e passa; eu digo,
O futuro, lá vejo-o trás da nuvem —
Porém rareia a nuvem! peço ainda
Á noite, que me espere emquanto ha dia —
E o sol desaparece, e cae a noite!
— E minh'alma qual noite se lacera
Em vivas chagas de funestos astros,
Raios viventes, sanguenos metéoros,
Que em sua tempestade serpenteiam!

E ouvi o tempo a segundar-me ás pressas:
“Corre! corre! que eu passo!” Eu corri tanto,
Que da vida o caminho todo andara
Em poucos annos — e cheguei aqui . . .
Ainda as frescas purpuras me cercam;
E esta desgraça, que irradio, as cresta!
Seguir . . . não posso mais; em desalento
Cáio, á sombra do marco me arrastando;

Meus olhos apagados não demoram-se
Nos palpitantes rastos meus, que aturvam-se
No valle; o sol vacilla a contemplar-me...
Volto as costas ao astro desprezível,
Que não é mais p'ra mim qual para a noiva
O crystallino banho perfumado,
Porém banho ao cadaver. Eu expiro
No leito do abandono, sem voz meiga
De prece ou pranto, e sem amigos braços.
Mas da vida no enfado eu diga ao menos:
Bebeu a dor até ao fim minh'alma,
E nutriu-me e matou-me, e tão somente
Nella a verdade eu encontrei no mundo.
Eu não colhi a flor; as vozes mortas,
Na montanha vibradas, me illudiram...
Creação desgraçada — nasce o bardo
Para soffrer, e amaldiçoar os céus.

Dos amores nos gosos embalada
A infancia minha eu cri—tão leda e bella!
Meu corpo da doença corrompido,
A noite trouxe-me as sombrias fórmãs,
E nunca mais amanheceu. Eu morro,
E nem os dias para o mundo eu choro;
Donzella vacillante, minha patria,
Nova e rica d'encantos, e tão pobre
Orphã qual sou de paes, qual sou de amores,
De todo o peito meu quizera amar...
Vão meus dias na aurora atropellados
Dos pendores da sorte ao fundo abysmo!
Oh porque, Deus, creaste o homem louco,
A ave sem ninho que, de vôo em vôo,
D'alpestres serras olha aos céus d'encantos?
Porém, como é tão doce nesta idade
Do poeta o morrer! cysne mimoso
Pelo céu dentro as azas candidissimas
De sem mancha plumagem, qual no espelho
De lago azul sereno desdobrando!

— Não, os descobridores não morreram;
Não, que o candido povo, o povo infante
Não cessou de gemer. Oh! contra o débil
O forte não triumphá, elle envilece!
Igual espaço tem a alma no peito
Do mesquinho senhor, do escravo fraco:
Cobardia é pisar o choro humilde,
Cobardia é chorar nos pés tyrannos;
A sorte commutada, se assimelham;
Não tem sorte o magnanimo, tão alto
Está no throno ou no servil grabato.
— Rapina simulada, a fronte clara
Perante o dia, se ao favor das sombras
Delisando ao través te insulta e passa,
Com ar d'escravidão tu te distrahes?
— Tão indolente, quem te tem piedade
Vendo os teus campos se esterilisarem?
O proprio Deus se offende e vinga, e manda
Pestes, desolações, miserias, sêcas,
Gritos de cativo e maldições!
— Em torpe estagno te olham desprezível
A resomnar, em gula engurgitada
Da tão pesada tradição retrógrada!
Olham-te, e só vistosa como a limace
Que na concha arrastando o fatuo egoismo
Debruça-se mui lenta sobre as praias
De um vasto mar, em camas d'oiro — d'oiro! —
Se alimentando alli do limo e as hervas
Que as ondas trazem das oppostas margens,
Das margens todas que não sejam suas,
Move a cabeça apenas; e um dos cornos,
Onde os olhos se lhe arredondam, se ergue
As cápreas zonas, e no Prata o banha;
O outro, ao norte pelas nuvens dentro,
Por entre os signos, no equador se inflamma
E nas aguas os iris esverdeia
Do Amazonas, do oceano o primo-nato;

E o corpo aos pés dos Andes se estendendo;
E além dos Andes, lhe abraçando as plantas,
Com voz reclama que ao futuro abala
O Pacifico mar ao mar Atlantico!

.....

— Te ergue! te move! senhoreia! impera!

Estende as azas! vôa ao sol formoso!

Campeia sobranceira pelas nuvens,

Imagem do condor das serranias!

Da força da justica arma o teu braço:

Lava a tua frente que os estranhos cospem —

Saliva invida, mas desprezo ha nella!

— A onde é viva a riqueza o homem corre,

Todos amam viver, e patria encontram;

No dormente jazer, não são amigos,

Exauril-a só vêm, só vêm bandidos,

Qu'imbelle victima inda insultam quando

Em seus congressos da montanha bailam.

— Oh, desperta! dormindo em pleno dia!...

O bruto pesadelo da politica

Sem dar sonhos — te afoga e cansa e mata —

Pisando sob os pés a Liberdade!

E a Liberdade nos teus seios geme!

Pelo amor a si mesma... nuvem presa

Que verás arrojarse na tormenta,

De que após os destroços miserandos

A bonança virá... mas ai, tão tarde!...

— Sê briosa, prepara á natureza

Templos, á eterna luz! — na superficie

Vem rolando do globo: eil-a bem perto,

Saudam nossas plagas os primeiros

Clarões e o crepitar! Vejo o Oriente

Cinza vasta, por onde a luz passara,

De um fumo branco se perdendo e leve;

Abarbarando vão-se os que ella deixa,

O tempo embora lhe não lave os traços,

E o barbaro Occidente então resplende!

As ondas transporá: — já lá se espelha
Sobre Colombia, a filha dos dois mares;
E a sombra então, que já de nós se eleva,
Irá longe de nós; além da noite,
O dia aqui 'stará — por lei do sol.

INDICE.

MEMORABILIA.....	Pag. I a V.
------------------	----------------

Guesa Errante:

Canto I.....	1
Canto II.....	22
Canto III.....	47

Eollas:

Crescente.....	1
<i>Lilium convallium</i>	3
Ave-Maria.....	4
Carmen, a Colombiana.....	5
Flor das ruínas.....	6
Maria.....	8
Donde vens?.....	9
Tardes na ilha.....	10
<i>Mademoiselle</i>	11
Desertos.....	13
Leila.....	14
Morta de amor.....	15
Crepusculares.....	16
Limbo.....	17
Noiva.....	19
Estancias.....	“
Voar.....	21
Saudades no porvir.....	22
Sedução.....	23
Arrependimento.....	24
Casuarinas.....	25
Flores do ar.....	27
<i>Myosotis</i>	31
Sultana do rouxinol.....	32
Elos quebrados.....	34
Vascas do justo.....	“
Luiza.....	35
Limões cheirosos.....	36
Esperar.....	“
Dá mela noite.....	37
Eu vi a flor do céu.....	38
Beber eu ia ás fontes.....	“
Morreres?.....	39
Sons e aromas.....	41
Izabel d'Hespanha.....	43
Vinte e oito de Julho.....	44
<i>To Inez</i>	45
Meus 100 annos.....	46
As dunas.....	47
Aos Americanos.....	50
A' partida dos voluntarios maranhenses.....	53
O regresso.....	54
Genios mimosos.....	55

	Pag.
A cozinha.....	56
Almejos.....	57
Anjo negro.....	58
Ai Trovador.....	64

Harpas Selvagens:

—Primeiras estancias:	
Desesperança.....	1
As manhãs.....	3
As tardes.....	5
Sonhos d'alva.....	6
<i>Te-Deum-laudamus</i>	7
* <i>Huipaz dódon</i>	12
Anninhas.....	16
Separação.....	19
Eternidade.....	20
Canção.....	21
Amelia (episodio).....	28
O inverno.....	33
Menina polaca.....	34
Lembrança.....	35
Lenda christã.....	38
Primeiras aguas.....	43
Vem, ó noite!.....	43
Quadro.....	45
Nydah.....	49
Magdalena.....	53
O rouxinol.....	54
No Maranhão.....	55
A' partida de um velho enfermo.....	56
Virgem de Cintra.....	59
Fragmentos do mar.....	90
Hymno.....	
—Noites:	
O cypreste.....	93
A velhice.....	95
A escrava.....	97
A maldição do negro.....	99
Sombras.....	104
Sombras.....	106
Visões.....	116
Sombras.....	142
Sombras.....	144
—Solidões:	
A' minha irmã Maria-José.....	149
Dia de Natal.....	153
Musa.....	155
O tronco de palmeira.....	159
Tristeza.....	160
Victoria.....	164
Frondosos cedros d'outrora.....	169
Mens nove annos n'aldeia.....	170
Recordações.....	175
Sandade e Esperança.....	187

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).